



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem – IEL
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – LABJOR

ANDRÉ LUIS GOBI

**A HISTÓRIA NOTICIADA: HISTORIADORES E A
HISTÓRIA NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O
ESTADO DE S. PAULO**

CAMPINAS
2024

ANDRÉ LUIS GOBI

A HISTÓRIA NOTICIADA: HISTORIADORES E A HISTÓRIA
NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S.
PAULO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem e do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Sabine Righetti

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO ANDRÉ LUIS
GOBI, SOB ORIENTAÇÃO DA PROF. DRA.
SABINE RIGHETTI.

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

G537h Gobi, André Luis, 1984-
A História noticiada : historiadores e a História nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo / André Luis Gobi. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Sabine Righetti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Jornalismo. 2. História. 3. Divulgação científica. 4. Ciência. 5. Revisionismo. I. Righetti, Sabine, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: History on the News : historians and the History on the pages of the newspapers Folha de S. Paulo and O Estado de S. Paulo.

Palavras-chave em inglês:

Journalism
History
Scientific dissemination
Science
Revisionism

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Sabine Righetti [Orientador]
Cristina de Campos
Simone Pallone de Figueiredo

Data de defesa: 24-06-2024

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-9406-0332>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6486212549927900>



BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sabine Righetti
(Presidente da Comissão Examinadora)

Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo

Profa. Dra. Cristina de Campos

IEL/UNICAMP
2024

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

“O artesão do conhecimento histórico é, excluindo-se os demais, a classe oprimida que luta [...] que aparece como a última das oprimidas, como a classe vingadora que, em nome de tantas gerações vencidas, terminará a grande obra de libertação”.

Walter Benjamin

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Sabine Righetti, professora que aceitou orientar este trabalho com entusiasmo desde o primeiro momento. Sabine foi fundamental para que este trabalho tomasse forma e fosse finalizado, com incentivos contínuos, apoio e compreensão nobre nos momentos de instabilidade ao longo deste período, exercendo a orientação e a condução de formas magistrais, traços característicos que não se limitam apenas a uma grande profissional, mas também uma enorme pessoa, que inspira aqueles que têm a sorte de poder contar com sua orientação.

A Lívia Escudeiro, minha companheira, que acompanhou o desenvolvimento desta pesquisa e minha jornada no mestrado desde o início, ainda como uma ideia, com incansável e inabalável apoio, especialmente nos momentos de turbulência.

A todos os colegas e amigos do Labjor, tanto os que entraram comigo no mestrado, quanto os que se juntaram ao longo do caminho e os que estão há mais tempo nessa jornada. Não citarei nomes porque não quero esquecer o nome de ninguém neste momento, mas todos são indispensáveis, auxiliando com indicação de leituras, dados, informações, ferramentas, companheirismo, memes e figurinhas. Também a todos os professores que estiveram envolvidos no meu processo de formação, e, claro, a todo o pessoal da secretaria e de todos os departamentos do Laboratório. Também deixo meus sinceros agradecimentos às professoras que, gentilmente, aceitaram estar presentes nas bancas de qualificação e defesa deste trabalho, contribuindo para a melhoria deste trabalho.

Agradeço aos quatro jornalistas (Clara Balbi, Naief Haddad, José Tomazela e Priscila Mengue) que contribuíram, gentilmente, com suas ideias e pontos de vista, enriquecendo ainda mais este trabalho e, principalmente, contribuindo para minha reflexão e aprendizado. A ajuda destes caros profissionais foi essencial para a solidez desta pesquisa e acredito que tenha sido proveitosa para ambas as partes.

Devo agradecer também a todos os meus amigos, geograficamente próximos ou não (no mundo pós-Covid ninguém mais é tão próximo), que, de forma voluntária ou não, também foram importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Aqui seria impossível ainda citar nomes, pois o risco do esquecimento de algum pode levar a dissabores inimagináveis – porém, com o silêncio, perfeitamente evitáveis.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, Amadeu e Lúdia, por terem sempre me proporcionado um ambiente familiar repleto de livros, cultura e saberes, e por permitirem, desta forma, que eu não me tornasse uma pessoa indiferente às lutas de todas as pessoas e, desta forma, contribuíram para que despertasse em mim um sentimento de indignação com as injustiças e as opressões às quais somos submetidos cotidianamente.

Todas essas pessoas foram as responsáveis para que este trabalho pudesse existir e fosse feito da melhor forma possível.

Obrigado e boa leitura!

RESUMO

As pesquisas recentes de percepção pública da ciência e da tecnologia têm na mídia um importante campo de análise para entender como a sociedade compreende uma determinada área do conhecimento. O presente trabalho analisou a cobertura jornalística do conhecimento histórico nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo no ano de 2020 por meio de palavras-chave. A partir da análise de 645 materiais, em diálogo com a literatura de estudos sociais da ciência, a pesquisa buscou esclarecer: i) de que forma o conhecimento histórico é noticiado pela imprensa, ii) as formas como a História é pautada, iii) quem fala sobre temas históricos e iv) os tipos de abordagem desses conteúdos. A pesquisa mostrou uma predominância masculina de profissionais da História citados ou consultados (73,4% de homens ante 26,6% de mulheres), assim como as instituições de pesquisa mais citadas nas matérias estão concentradas na região Sudeste, com especial destaque a USP. A esse respeito, também foi averiguado que o “renome” das instituições tem influência na escolha das fontes para compor uma matéria. Esta pesquisa também revelou que mais da metade dos conteúdos de História são publicados em editoriais voltadas para temas culturais. O trabalho tem o potencial de aprimorar a discussão sobre a disseminação do conhecimento histórico na imprensa, o que impacta diretamente a percepção social sobre a História.

Palavras-chave: Jornalismo; História; Divulgação Científica; Ciência; Negacionismo.

ABSTRACT

Some recent researches on public understand of science and technology indicates that the press are an important analysis field to understand how the society faces a certain area of knowledge. The present work analyzed the journalistic coverage of the historical knowledge in the newspapers Folha de S. Paulo and O Estado de S. Paulo in the year of 2020. Based on the analysis of 645 contents, in dialogue with the literature on social studies of science, the research sheds light on how historical knowledge is reported by the press, who are the professionals speaking about historical themes and the ways of approach of these contents. The research presents a male predominance of History professionals named or consulted by journalists (73.4% of men compared to 26.6% of women), just as the research institutions most named in the articles are concentrated in the Southeast region of Brazil, highlighting USP (University of São Paulo). In this regard, it was also found that the “renown” of the institutions plays an important role on the choice for “qualified sources” to compose an article. This research revealed as well that more than half of History content is published in sections focused on cultural themes. This work hopes to contribute and help journalists and historians to improve how the historical knowledge is reported in the press, once it shall directly impacts the social understanding of History.

Key-words: Journalism; History; Science communication; Science; Negationism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição dos conteúdos de História nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo em 2020 na amostra analisada.....	72
Gráfico 2. Distribuição dos conteúdos sobre História por categorias ao longo do ano de 2020 nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.....	76
Gráfico 3. Distribuição de conteúdos sobre História por categorias nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo em 2020.....	77
Gráfico 4. Historiadores mais citados no jornal Folha de S. Paulo em 2020 na amostra analisada.....	92
Gráfico 5. Historiadores mais citados no jornal O Estado de S. Paulo em 2020 na amostra analisada.....	93
Gráfico 6. Universidades brasileiras mais citadas no jornal Folha de S. Paulo em 2020 na amostra analisada.....	96
Gráfico 7. Universidades brasileiras mais citadas no jornal O Estado de S. Paulo em 2020 na amostra analisada.....	97
Gráfico 8. Origem dos conteúdos reproduzidos pelos dois veículos em 2020 na amostra analisada.....	100
Gráfico 9. Distribuição por gênero das fontes consultadas para falar sobre História nos dois veículos.....	102
Gráfico 10. Distribuição por gênero das fontes de História por categorias nos dois veículos, na amostra analisada.....	105

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1. Trecho da reportagem “Há 100 anos, era editada ‘O Mystério’, primeira história policial do Brasil”, publicada pelo O Estado de S. Paulo creditando como historiador um profissional que não possui essa formação.....85
- Figura 2. Trecho da coluna “Tudo o que eu nunca soube sobre o Amapá”, publicada pelo O Estado de S. Paulo em 19/11/2020, na qual o jornalista Eduardo Bueno é creditado como historiador.....86
- Figura 3. Trecho da reportagem “Borba Gato não foi caçador de índios, queimaram a estátua errada, diz Eduardo Bueno”, publicada pela Folha de S. Paulo em 29/07/2021, na qual o jornalista Laurentino Gomes é creditado como historiador.....86
- Figura 4. Nuvem de palavras com os nomes mais citados nos dois veículos em 2020, na amostra analisada.....94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Estrutura da URL de busca.....	33
Quadro 2. Categorias para classificação dos conteúdos analisados.....	35
Quadro 3. Principais profissionais de outras áreas creditados como historiadore(a)s nos dois veículos em 2020, na amostra analisada.....	87
Quadro 4. Cursos de pós-graduação em História distribuídos por região do Brasil.....	98
Quadro 5. Distribuição por gênero das fontes de História por categorias nos dois veículos em 2020, na amostra analisada.....	105
Quadro 6. Alternativas que melhor se enquadram nas matérias sobre História escritas pelos jornalistas entrevistados.....	113
Quadro 7. Alternativas sobre percepção de História dos jornalistas entrevistados.....	136
Quadro 8. Principais resultados da análise de conteúdo na amostra verificada.....	143
Quadro 9. Principais resultados das entrevistas com jornalistas.....	145

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1. INTRODUÇÃO.....	17
2. METODOLOGIA.....	28
3. A HISTÓRIA ENQUANTO CONHECIMENTO.....	43
3.1A História ensinada nas salas de aula no Brasil.....	47
3.2 Uma História Pública – mídia e ações de divulgação.....	54
3.3 Considerações finais sobre o capítulo.....	65
4. A HISTÓRIA E O/A HISTORIADOR/A NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DOS VEÍCULOS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO.....	67
4.1. A História, historiadores e historiadoras na imprensa.....	70
4.2. Distribuição dos conteúdos pelas editorias e sua classificação.....	75
4.3. Reflexão sobre História em “cultura e curiosidades.....	79
4.4 As fontes consultadas: quem está falando sobre História.....	82
4.5. Um problema de gênero: patriarcado histórico.....	101
4.6. Considerações finais sobre o capítulo.....	106
5. PERCEPÇÃO DE HISTÓRIA POR JORNALISTAS: ENTREVISTAS.....	110
5.1 As entrevistas com os jornalistas.....	111
5.1.1. Eixo I. Informações gerais sobre os profissionais entrevistados.....	111
5.1.2. Eixo II. Cobertura jornalística de História.....	113
5.1.3. Eixo III. Percepção dos jornalistas sobre História.....	125
5.2 – Considerações finais sobre o capítulo.....	137
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149
NOTÍCIAS CONSULTADAS.....	154
ANEXO I – Questionário aplicado nas entrevistas.....	160
ANEXO II – Projeto aprovado pelo CEP.....	162
ANEXO III – Transcrição da entrevista com José Maria Tomazella.....	166
ANEXO IV – Transcrição da entrevista com Priscila Mengue.....	179
ANEXO V – Transcrição da entrevista com Naief Haddad.....	193
ANEXO VI – Transcrição da entrevista com Clara Balbi.....	202

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa, que integra o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) da Unicamp, é uma continuação de trabalhos já realizados pelo seu autor, historiador interessado em jornalismo, que desenvolveu, entre agosto de 2019 e agosto de 2020, a divulgação científica do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT) da Unicamp na condição de bolsista FAPESP do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico - Mídia Ciência. O trabalho realizado no CECULT teve como foco divulgar sua produção científica para que esta atinja também o público não especialista, a fim de que o conhecimento histórico gerado na universidade não fique restrito ao meio acadêmico. Esta atividade e outros trabalhos já desenvolvidos pelo autor, que tem formação de historiador pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e especialização em jornalismo científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR) da Unicamp, originaram os questionamentos e reflexões que dão forma a este projeto.

Um dos pontos principais na divulgação das pesquisas realizadas pelo CECULT, centro de excelência em pesquisa histórica, é a necessidade de apresentar a um público amplo a História como conhecimento resultante da pesquisa científica, visando enfrentar a crescente onda de desinformação revisionista que é espalhada em plataformas que divulgam o negacionismo histórico – principalmente em portais na internet e em livros de linguagem não acadêmica com grande alcance –, que influenciam diretamente a percepção do que é a História ou, ainda, de como atua e quem é o historiador profissional, i.e., aquele que se dedica à pesquisa e à produção do conhecimento histórico. Ponto importante a destacar é que, neste trabalho, trataremos a História com “H” maiúsculo quando estivermos tratando da área de conhecimento histórico, sua pesquisa e ensino; ao passo que, em situações fora deste contexto, sua grafia será com “h” minúsculo.

Também entra nesse contexto a percepção do próprio autor deste trabalho em relação aos conteúdos veiculados na mídia que têm, de alguma forma, a História como cerne, e que o inspiraram e incentivaram a desenvolver a presente pesquisa. Tal interesse foi instigado, principalmente, pelo jornal O Estado de S. Paulo, em textos assinados pelo experiente repórter José Maria Tomazela, que desenvolve muitas reportagens sobre temas históricos, entre elas, efemérides, como vem ocorrendo na data de 09 de julho, quando em São Paulo é comemorado o feriado em razão da Revolução Constitucionalista de 1932. As matérias escritas pelo repórter

sobre temas históricos chamavam a atenção pois eram ricas em detalhes e feitas com esmero, trazendo fontes diversas com registros fotográficos bem executados, que ilustravam bem o que era reportado pelo texto. No entanto, ao ler as matérias, também intrigava o fato de que muitas vezes não havia nenhum historiador consultado como fonte. Uma reportagem especial se destacou por apresentar todos os aspectos citados acima: esteve em destaque na homepage do jornal, é muito bem escrita, com fontes interessantes, belos registros fotográficos o que a torna envolvente para o público. Contudo, nessas reportagens não há nenhum historiador citado ou consultado. A reportagem “Mogi Mirim vai restaurar ‘bunker’ paulista da Revolução de 32”, de 09 de julho de 2020, foi a principal motivadora para essa pesquisa (Mogi Mirim [...], 2020). As observações realizadas na reportagem passaram a ser feitas também em matérias escritas por outros repórteres e em outros veículos, e o fato se repetia, já que profissionais de outras áreas eram consultados para falar sobre História, mas não um historiador. Por vezes, até era creditado como historiador ou historiadora um profissional que, primeiramente, não o é.

A partir desse cenário, surge uma reflexão sobre como a História é retratada em meios de comunicação tradicionais na imprensa nacional que são referências, com grande alcance e que possuem editorias destinadas à cobertura de Ciência. Diante do que foi exposto, surgiram as seguintes questões: Esses veículos entendem e tratam a História como uma área do conhecimento científico? O que o jornalista que escreve sobre temas históricos entende e pensa a respeito desse conhecimento? Será que o entende como um resultado de um processo que envolve método e avaliação? Em quais editorias são publicadas matérias sobre temas históricos? Quando historiadores são consultados no desenvolvimento de uma reportagem? Quem são os historiadores consultados pela imprensa?

A compreensão desses fatores é fundamental para entender como o público leitor – a sociedade – assimilará as notícias acerca desses temas e como elas afetarão a percepção pública da História como área do conhecimento científico, uma vez que, de acordo com Vogt *et al.* (2012, p. 400), a maneira como a ciência é percebida pelo público é fundamental nas sociedades democráticas e influenciam no processo de tomadas de decisões, além do que muitas decisões tomadas no desenvolvimento do trabalho científico são tomadas com participação da sociedade civil. Entender como o jornalista, enquanto sujeito, humano, compreende determinada área do conhecimento também é importante porque isso também refletirá na forma como essa área será retratada em seu trabalho. É necessário ressaltar, como lembra a jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes, que “há sempre um jornalista e suas opiniões mediando um mundo também permeado pela subjetividade” (Moraes, 2022, p. 14).

Esse interesse, especificamente, levou o proponente deste projeto ao curso de percepção pública da ciência e da tecnologia, oferecido regularmente no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Labjor-Unicamp, ministrado, no segundo semestre de 2019, pelos professores Dr. Marcelo Knobel, Dra. Simone Pallone Figueiredo e Dra. Sabine Righetti, a orientadora deste projeto. O curso trouxe um diálogo entre os campos da História, de sua comunicação à sociedade pela imprensa e de sua percepção social, que tomou forma neste projeto de pesquisa. Vale destacar que os três pesquisadores que ministraram o referido curso assinam pesquisas importantes sobre percepção pública da ciência e da tecnologia, que alavancaram a área no país e, mais especificamente, em São Paulo.

Analisar a História na mídia parece ainda mais importante no contexto de crescente negacionismo histórico, que se mistura com desinformação sobre essa área científica, sob constante campanha difamatória de que aqueles que a professam pratiquem “doutrinação ideológica”. Este tipo de ataque é encampado por projetos como “Escola sem partido” e grupos políticos (Campanha “anti-doutrinação” [...], 2019). Afirmações recentes de, até então, autoridades governamentais de que o “nazismo foi um movimento de esquerda” (Bolsonaro diz [...], 2019) ou que “não existiu ditadura no Brasil”, assim como o desprezo pelo patrimônio histórico e a memória, evidenciam a necessidade de análise e reflexão sobre como o conhecimento histórico é tratado na imprensa e como a área é apresentada à sociedade.

1. INTRODUÇÃO

O negacionismo científico tem ganhado força nos últimos anos com a propagação de mentiras e pseudociências com ares de erudição, que são ventiladas, principalmente, via internet e redes sociais. O Brasil não passou ileso a esse fenômeno, note que a quantidade de desinformação em relação às vacinas contra Covid-19 são um exemplo disso, assim como a negação do desmatamento na Amazônia ou do aquecimento global. Podemos resumir o negacionismo, conforme definiram dois notórios combatentes da desinformação, Natália Pasternak e Carlos Orsi, como “a negação de um fato bem estabelecido ou um consenso científico” (Pasternak e Orsi, 2021, p.08).

O próprio conceito de desinformação pode ser confuso, uma vez que pode ser confundido com negacionismo ou até mesmo com *fake news* (notícias falsas). Por desinformação, nos fundamentamos na ideia da “desordem da informação”, proposta no manual para educação e treinamento em jornalismo da UNESCO intitulado “Jornalismo, Fake News e Desinformação”, no qual o termo “desinformação” é definido como o fato do compartilhamento de uma informação falsa quando uma pessoa a divulga sabendo que é falsa, criando ou alimentando uma mentira de forma intencional e deliberada (Wardle e Derakhshan, 2018). Ela é diferente da “informação incorreta”, que é repassada na crença de que seja verdadeira. Ambas são diferentes, ainda, a partir de uma terceira categoria: a “má-informação”, que seria baseada em uma informação verídica, porém usada para prejudicar um indivíduo, um grupo, uma organização ou um país. Um exemplo de “má-informação” é a divulgação sem necessidade – ou interesse público – de informações que violem a privacidade de uma pessoa, de forma que sejam mencionadas ainda que contraponham aos padrões éticos do jornalismo.

Uma área do conhecimento que é alvo do crescente negacionismo é a História. Um exemplo desses discursos negacionistas é de que o Holocausto não teria acontecido ou que teria sido superdimensionado, afirmando que o número de judeus mortos pelo regime nazista seria muito menor que o contabilizado oficialmente, cerca de seis milhões, segundo o Museu do Holocausto, ou negando a existência das câmaras de gás e dos fornos nos campos de concentração, responsáveis, respectivamente, por matar os prisioneiros judeus e eliminar as provas de suas mortes. Esse fato foi um dos principais motores para que o movimento do revisionismo histórico fizesse decolar o fenômeno da negação histórica, que tem, de modo usual, como principais alvos, determinados grupos que, em geral, são minorias. Tal movimento, de acordo com os historiadores Michael Shermer e Alex Grobman, iniciou-se

ainda na década de 1930, quando nasceu um processo de questionamento e negação de determinados acontecimentos ligados à Primeira Guerra Mundial (Shermer & Grobman, 2000, p.40). O movimento cresceu após os julgamentos de Nuremberg e decolou nos anos 1960 e 1970, tomando principalmente os judeus como grupo alvo e fez do Holocausto seu cerne de discussão. Nesse caso, é bastante clara a negação de um fato histórico, mesmo sendo comprovado por testemunhas, registros e historiadores. De forma mais específica, o negacionismo histórico pode ser compreendido como “um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis” (Valim *et al.*, 2021, p. 15).

O Brasil não ficou fora dos atuais movimentos negacionistas, com exemplos de dessas manifestações, pode-se citar: grupos antivacinas, negacionistas do aquecimento global e dos desmatamentos são alguns exemplos, que inclusive foram endossados pelo então presidente Jair Bolsonaro (2019-2022). Tal cenário foi um ambiente propício para que o negacionismo histórico encontrasse campo fértil para se proliferar. Como mencionado, o Holocausto e o povo judeu foram os principais materiais para fomentar o campo do negacionismo décadas atrás, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. No caso do Brasil, o principal tema de revisionismo negacionista tem sido a Ditadura Militar, que durou entre 1964 e 1985. Note que o revisionismo negacionista também se estende a temas que, de alguma forma, atingem minorias historicamente oprimidas, como o genocídio de povos indígenas e a escravidão, por exemplo.

A historiadora Sônia Meneses, do departamento de História da Universidade Federal do Cariri, é assertiva sobre os principais alvos do negacionismo histórico no Brasil.

Na história, observamos questões relacionadas à escravidão, ao extermínio indígena, ou mesmo a personagens históricos – que têm sido retirados de documentos oficiais e de instituições cujas funções principais são o trabalho de salvaguarda do passado, sendo objetos constantes da negação. (Meneses, 2021, p. 63)

Negacionismos e relativizações da História têm se tornado populares e endossados por indivíduos na grande imprensa, como é o caso da coluna do jornalista e escritor Leandro Narloch, na Folha de S. Paulo,¹ nome conhecidamente negacionista, que chegou a indignar

¹ A coluna foi descontinuada em 2023.

historiadores e colegas jornalistas do próprio jornal (Leandro Narloch tem [...], 2021). Como apontado pelo veículo Jornalistas Livres, "Narloch se apresenta no texto como denunciador das mentiras que teriam sido contadas pelos "historiadores marxistas". É como se estivesse sussurrando no ouvido de seus leitores: "Venham que vou contar pra vocês a história verdadeira" (O negacionismo histórico [...], 2021).

Escravidados que escravizaram e acumulavam riquezas, indígenas mineradores ou que enganavam jesuítas, traficando produtos naturais e/ou ateando fogo à floresta, são os personagens da história politicamente incorreta, e ideologicamente orientada, narrada por Narloch, que poderia tanto se enquadrar no perfil de negacionista histórico, já que conta a História de forma a legitimar violência contra grupos vulneráveis, quanto no perfil de quem, segundo manual da UNESCO, se utiliza da má-informação, pois usa determinadas informações de uma forma que pode causar danos a um grupo de indivíduos. Um exemplo é sua coluna intitulada "Líderes indígenas defendem mineração em suas terras" (Líderes indígenas [...], 2022), em que baseia o argumento na opinião de três homens indígenas, de forma a fazer crer que a mineração nas reservas é defendida pelos povos indígenas em sua totalidade, ignorando as mazelas causadas a esses grupos. A prática negacionista, no entanto, é empregada com frequência para legitimar ou atenuar o genocídio causado aos povos originários da América, como na crise humanitária que acometeu os Yanomami (Gobi, 2023).

O revisionismo negacionista também se mostra na forma de documentário histórico em obras audiovisuais produzidas pela produtora Brasil Paralelo, que processou o historiador Carlos Zacarias de Sena Júnior após este criticar suas produções (Professor de história[...], 2021). Note que Zacarias é professor do departamento de História da Universidade Federal da Bahia e Sena Júnior, além de ser escritor e colunista de jornais e revistas.

A situação se mostra ainda mais grave e perturbadora quando essas teorias são endossadas por autoridades como o Presidente da República, Jair Bolsonaro (PSL)². Não é raro que o ex-presidente e seus apoiadores reproduzam negacionismos em público – de fato, Bolsonaro foi eleito presidente apesar desse discurso. Uma de suas principais pautas negacionistas se relaciona à Ditadura Militar no Brasil, defendendo a ideia de que os governos militares foram somente uma resposta a uma ameaça comunista. Já em seus primeiros meses de governo, Bolsonaro enviou um telegrama à ONU (Organização das Nações Unidas) negando qualquer Golpe de Estado em março de 1964 e que os anos

² Presidiu a república do Brasil entre 2019 e 2022.

seguintes sob governos militares teriam sido necessários "para afastar a crescente ameaça de uma tomada comunista do Brasil e garantir a preservação das instituições nacionais, no contexto da Guerra Fria"(Brasil diz à ONI [...], 2019).

Diante do contexto apresentado, um dos questionamentos deste trabalho é: por que a História pode ser tão facilmente revista? É comum ver profissionais da História, que dedicam anos de suas vidas à pesquisa séria e metodológica, serem depreciados por aqueles que creem fervorosamente em teorias da conspiração. No decorrer dos últimos anos, a História e o historiador, aquele profissional dedicado à pesquisa histórica, têm sofrido constantemente com perseguições e com processos de desinformação. Como Shermer e Grobman (2000, p.40) mostram, o fenômeno negacionista já tem quase cem anos. Campos da ciência como a Química e a Física, por exemplo, não são questionadas pelo público não especialista como são as Humanidades.

As Humanidades sempre buscaram o reconhecimento como ciência. A História, em especial, desenvolveu sua sistematização moderna de pesquisa ainda no século XIX. Mesmo sendo capaz de formular problemas, apresentar respostas e dialogar com outras áreas do conhecimento, como Arqueologia, Biologia, Linguística, Economia, entre outras, a História ainda é vista com desconfiança enquanto ciência, uma vez que o método de produção de conhecimento não se dá a partir da experimentação, mas com a análise das fontes, que é auxiliada pelas Ciências Sociais e pela Arqueologia, e, portanto, as pesquisas dessa área podem ser influenciadas pela posição ideológica de um historiador. Para Meneses (2021, p.73), “o ofício profissional de um historiador é uma ferramenta eficaz para mediar e posicionar fontes e memória, ou mesmo narrativas advindas do campo jornalístico, em patamares mais seguros de interpretação”, pois, para ele, “existem peculiaridades adquiridas na formação e na experiência de trabalho do historiador que o qualificam para oferecer contribuição peculiar ao estudo dos temas recentes”.

Não raro, a ciência é somente associada a pesquisas que “sejam úteis” e tenham aplicação prática direta, tal como um estudo na área de medicina que possa gerar um novo medicamento, ou, ainda, estudos físicos e químicos que tenham como objetivo desenvolver novas fontes energéticas, como mostram os dados de pesquisas recentes do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos CGEE (CGEEE, 2019). Marc Bloch, um dos principais historiadores franceses e um dos criadores do que seria conhecida como *Escola dos Annales*, já refletia sobre a dificuldade de mostrar a importância da História como Ciência, justamente pelo método de pesquisa aplicado para construir o conhecimento histórico.

O historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos precederam, só poderíamos (portanto) falar segundo testemunhas. Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu; do físico, que, retido no quarto pela gripe, só conhecesse os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente ‘indireto’. (Bloch, 2002, p.69)

Esta preocupação de Bloch reflete um dos pilares pelo qual se tem alimentado o negacionismo histórico por viés ideológico, neste caso, em especial no Brasil, daqueles que querem distorcer a História ao afirmar que a mesma é construída e propagada a partir de um suposto “marxismo cultural”. Esse tema já foi pauta de coluna na própria Folha de S.Paulo, quando Kátia Abreu, então senadora (PMDB/TO) e presidente da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), era colunista do jornal e usou seu espaço em um dos maiores diários do Brasil para defender sua categoria e acusar o sistema educacional brasileiro de estar dominado por uma suposta doutrinação marxista (Doutrinação e demonização[...], 2013). Faz sentido considerar que tal argumentação tem servido de motor para que a História, enquanto área do conhecimento, tenha sido amplamente desacreditada nos últimos anos, assim como os historiadores.

No entanto, a construção do conhecimento histórico não é uma prática recente que se possa reduzir a ataques baseados em argumentos simplórios como uma “atividade de esquerda”, ou acusar, como destaca Bloch (2002), que o historiador, por não ter vivido os fatos históricos, não esteja apto a escrever sobre eles. O ofício do historiador é baseado em fontes diversas e, embora seu método de pesquisa tenha se modernizado no século XIX, sua atividade é anterior ao surgimento dos termos “direita” e “esquerda”, como mostra o historiador Jacques Le Goff, que ressalta, ainda, como as tecnologias atuais contribuem para que o trabalho do historiador seja ainda mais acurado, com a preservação das fontes.

[...] desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores como testemunhas oculares do passado [...] Foram elaborados métodos de crítica científica, conferindo à história um de seus aspectos de ciência em sentido técnico, a partir dos primeiros e incertos passos da Idade Média (Guenée), mas sobretudo depois do final do século XVII [...] Ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia, de uma arqueologia muitas

vezes separada da história. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais: são coletados etnotextos. Enfim, o próprio processo de arquivar os documentos foi revolucionado pelo computador. A história quantitativa, da demografia à economia, passando pela história cultural, está ligada aos progressos dos métodos estatísticos e da informática aplicada às ciências sociais. (Le Goff, 2013, p.11)

Como exposto acima, o crescente negacionismo e descrédito público pelos quais esta área do conhecimento vem passando nos últimos anos pode refletir como o público a enxerga, e se a enxerga como uma área científica ou não. Para uma visão mais ampla sobre fatores que podem influenciar este fenômeno, é fundamental entender o que o brasileiro entende por ciência e como a percebe. Por isso, este trabalho é fortemente motivado pela reflexão sobre como as pesquisas recentes de percepção pública da ciência e da tecnologia podem nos fornecer um panorama para essa questão. Sendo assim, este é um trabalho de percepção pública do conhecimento histórico, de forma que as pesquisas de percepção são fundamentais, em especial, aquelas conduzidas pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), que vem realizando sistematicamente pesquisas de percepção pública sobre ciência e tecnologia – cujos resultados fornecem dados substanciais que foram utilizados neste trabalho –, a fim de apresentarem um panorama acerca do que pensa e entende o público a respeito do conhecimento científico.

É comum o saber científico ser associado a temas e profissionais ligados às áreas de saúde e alta tecnologia. Segundo dados de uma recente pesquisa sobre Percepção Pública da Ciência realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), de 2019, os temas de maior interesse da população são: medicina e saúde, 79%; e meio-ambiente, 76%, revelando como as principais preocupações do público em relação a temas científicos está intrinsecamente ligado a questões “palpáveis” ou de grande repercussão midiática (CGEE, 2019). O mesmo estudo mostra que a maioria dos brasileiros se mostra preocupada com as consequências do desmatamento e com o uso de agrotóxicos na agricultura, por exemplo, que é um tema em alta nos últimos anos.

Cenário parecido se constata especificamente no Estado de São Paulo, em pesquisa anterior, de 2010, nos indicadores de CT&I da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), no capítulo 12, o qual é dedicado à Percepção Pública de CT&I (CGEE, 2019). Nesse relatório, o maior percentual do interesse público se dá em Alimentação e Consumo (37,5%), seguido por Medicina e Saúde (34,9%). Assuntos relacionados a Cinema, Arte e Cultura – que podem conter estudos de Humanidades –, despertam interesse de apenas 20,3% dos entrevistados, enquanto assuntos ligados à Política – que também pode se encaixar

em Humanidades –, estão em último lugar com apenas 5%, atrás, inclusive, de campos não científicos, como Astrologia e Esoterismo (7,5%).

Esses dados mostram que o público, de forma geral, demonstra ter menos interesse em temas que podem ser entendidos como subjetivos do que em assuntos, novamente, mais “palpáveis” como os supracitados. No entanto, esse possível desinteresse também pode estar ligado à falta de acesso que do público a esses temas, como revelam dados da pesquisa “O que os jovens brasileiros pensam da Ciência e da Tecnologia?” realizada em 2019 pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Segundo a pesquisa, somente 35% dos jovens tinha visitado uma biblioteca nos últimos doze meses, e apenas 14% tinha visitado um museu de arte (Massarari *et al.*, 2019).

Embora não tenha sido localizada uma pesquisa específica sobre percepção pública que monitore o interesse pelo campo da História em português, e apenas uma em inglês³, podemos nos pautar pelo que as pesquisas mostram quanto a temas ligados às Humanidades, onde a História se insere. Vemos que uma possível falta de interesse do brasileiro por essa área, em vista de outras tidas como mais úteis, já aparece em levantamentos anteriores. A pesquisa “A Ciência e a Tecnologia no olhar dos brasileiros”, realizada em 2017 pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), revelou que temas ligados às Humanidades, como política, arte e cultura, obtiveram a menor porcentagem dentre os muito interessados – 10% para política e 21% para arte e cultura – e ficou entre as maiores dentre os nada interessados nesses temas – 38% e 15%, respectivamente (CGEE, 2019).

No mais recente estudo do CGEE (2019), mencionado anteriormente, ainda que não traga a porcentagem dos temas relacionados às Humanidades, é possível perceber uma queda de interesse em atividades que remontem a essas áreas, como a visita a museus de arte, por exemplo. Na mesma pesquisa, na versão publicada em 2015, a média de público entrevistado que visitou um museu estava na faixa dos 15% aos 20%, já em 2019, caiu para a faixa dos 5% aos 10%. Assim como os dados fornecidos pela pesquisa do INCT-CPCT (Massarari *et al.*, 2023), vemos que há uma evidente desinteresse no público por temas, aparentemente, mais abstratos e subjetivos, que parecem não ser tão urgentes quanto outros assuntos que possam impactar na saúde e bem-estar.

As causas para esse desinteresse e para as essas quedas são variadas. Como mostra a pesquisa do INCT-CPCT, mencionada anteriormente, 26% do público entrevistado disse que

³ Foram realizadas buscas apenas nesses dois idiomas.

não foi a um museu por não ter acesso a este tipo de local em sua região. Outros 17% alegam não terem tido tempo para isso, 9% diziam não saber onde existe um local deste tipo, 9% dizem que os locais ficam muito longe de suas residências e 6% alegam não ter recursos financeiros para frequentar. Apenas 11% alegaram não ter interesse em visitar um museu, mostrando que o desinteresse por esses temas pode ser mais um reflexo da falta de acesso a esses conteúdos, do que desprezo por parte do público.

No entanto, esta não é uma patologia de única causa. Muito do que o público entende por ciência é reflexo do que lhe é transmitido como sendo conteúdo científico. E o jornalismo tem um papel fundamental nesse processo. Embora a imprensa tradicional esteja passando por um período de ataques orquestrados pelos mesmos grupos que atacam o conhecimento científico, uma pesquisa da Reuters Institute mostrava, em 2017, que 60% da população confiava nas informações transmitidas pela mídia tradicional (Reuters Institute, 2017). Um número alto, se comparado com outros países, onde a confiança não chegava a 50%.

De acordo com dados de 2019 sobre Percepção Pública da Ciência & Tecnologia, disponibilizados pelo CGEE (CGEEE, 2019), os jornalistas são a segunda fonte de maior confiança do público (38% dos entrevistados), apenas atrás de médicos (49%). Esses dados confirmam o que a pesquisa realizada pelo CGEE em 2015 já mostrava que entre o grupo “Muito Interessado” em Ciência e Tecnologia, 47% faz uso do jornal impresso com muita frequência para se informar sobre assuntos científicos. Já no grupo “Interessado”, a porcentagem dos que leem com muita frequência também é bem relevante, constituindo 35%. Esses dados reforçam a importância da imprensa e do jornalista, assim como seu prestígio em transmitir informações de ciência ao público geral (CGEEE, 2015).

Os pesquisadores Massarani e Amorim (2008), em um trabalho de análise de mídia, explicam a importância da imprensa para o conhecimento coletivo acerca de assuntos científicos:

As informações cobertas pela imprensa fazem-se cada vez mais necessárias para que todos tenham direito a opinar conscientemente sobre assuntos que a cada dia têm maior importância em nosso cotidiano, como transgênicos, clonagem terapêutica, energia nuclear etc. (p. 74)

A partir do panorama apresentado, este trabalho se dedica a uma reflexão sobre como a História é retratada em dois dos principais jornais diários do Brasil, Folha de S. Paulo e O

Estado de S. Paulo⁴. Assim, esta pesquisa foi direcionada a partir das seguintes perguntas: como os dois veículos cobrem a História? e o que o jornalista que escreve sobre temas históricos pensa a respeito desse conhecimento?

Diante da argumentação apresentada, este trabalho parte da hipótese de que o conhecimento histórico não é compreendido pelo público-geral como uma ciência capaz de responder perguntas por meio de uma metodologia própria, mas sim como um tema cultural e até mesmo, de curiosidade. Essa percepção da História enquanto mera curiosidade parece ser fomentada pela forma como esse conhecimento é apresentado pela imprensa: predominantemente em editoriais voltados para temas culturais, e não como um conhecimento científico. Um dos motivos para essa percepção é a ausência de historiadores ou historiadoras como porta-vozes desse conhecimento na grande imprensa, já que, muitas vezes, esse papel é assumido por outros profissionais. Um exemplo são jornalistas que se tornaram célebres por escreverem livros sobre temas históricos, o que reforça a noção de que historiadores seriam “jornalistas do passado”.

Nesse sentido, o ofício do historiador, por vezes, é confundido com uma atividade que não passa de um passatempo para pessoas que se interessam em eventos do passado, como mostra a pesquisa “Communicating about history: Challenges, opportunities, and emerging recommendations”, realizada pelo FrameWorks Institute (EUA, 2020), que traz um panorama interessante sobre o tema, que ainda é pouco explorado por pesquisadores tanto do campo da História, quanto da Comunicação (Communicating about history[...], 2020).

O estudo mostra, por exemplo, que o público entende a história como uma série de eventos cronológicos marcados por datas e fatos realizados individualmente por pessoas “importantes”, e não como um trabalho de pensamento crítico, análise e interpretação realizado por pesquisadores dessa área. O estudo mostrou também que datas e eventos são compreendidos mais pelo fato do que pelo que significam. É importante lembrar que a maioria dos brasileiros jovens não sabe o nome de um cientista (93% dos jovens[...], 2019) fato que pode afetar ainda mais o conhecimento acerca de um profissional da História, se pensarmos pela perspectiva de que esse profissional tem uma menor exposição midiática.

Tais questões são substanciais para entender como o público leitor, i.e., parte da a sociedade, assimilará as notícias acerca desses temas e como elas afetarão a percepção pública da História como área do conhecimento científico, uma vez que, de acordo com Vogt *et al.* (2012), a maneira como a ciência é percebida pelo público é fundamental nas sociedades

⁴ Neste trabalho, usaremos "Folha" como sinônimo de Folha de S. Paulo e "Estadão" como sinônimo de O Estado de S. Paulo.

democráticas e influenciam no processo de tomadas de decisões. Além disso, muitas decisões tomadas no desenvolvimento do trabalho científico são feitas com participação da sociedade civil.

Sendo assim, esta dissertação olha para o lugar da história e do historiador(a) nos dois veículos citados por meio de dois caminhos: i) levantamento quantitativo em Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e ii) análise qualitativa de matérias jornalísticas que tratam de temas históricos no ano de 2020. A escolha desse recorte temporal se deu por ser o ano de início desta pesquisa, permitindo que fosse desenvolvida acompanhando notícias atuais no momento das análises; b) entrevista com seis jornalistas (três de cada veículo) que tenham escrito matérias sobre temas históricos a fim de entender suas percepções sobre essa área do conhecimento e como é o processo de elaboração dessas matérias.

Em síntese, a coleta de dados resultou em 1.282 conteúdos – 591 conteúdos na Folha e 691 conteúdos no Estadão – que abordaram, de alguma forma, temas históricos analisados nesta pesquisa. As entrevistas com os jornalistas, por sua vez, foram feitas por meio de um questionário previamente definido dividido em três eixos: i) Informações gerais sobre o profissional, ii) Cobertura de História, iii) Percepção sobre o que é História (ver Anexos). Optou-se pela entrevista como forma de obtenção de informações por conta de sua eficiência no alcance de dados qualitativos, uma vez que esse método possibilita a criação de uma atmosfera amistosa e de confiança entre entrevistador e entrevistado, como orientam Boni e Quaresmo (2015).

É importante salientar que os/as jornalistas escolhidos/as não são especialistas na cobertura de ciência. A escolha priorizou por jornalistas generalistas por se tratar de uma pesquisa de percepção pública sobre ciência, então, por exemplo, Reinaldo José Lopes, jornalista e colunista da Folha de S. Paulo, especialista em Biologia e Arqueologia, não foi um profissional escolhido para essa coleta de dados. A exemplo da pesquisa de Cruz (2018), que resultou na dissertação “Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo”, que foi defendida na Fundação Oswaldo Cruz, muitos dos jornalistas que cobrem ciência são generalistas, ou seja, cobrem editorias diversas e, também, escrevem matérias sobre ciência. A presença, ou ausência, de jornalistas de ciência em redações, em si, já é uma questão importante que foi levantada por Oliveira (2007), essa pesquisadora aponta para uma crise nas redações dos jornais brasileiros, que ocorre desde meados da década de 1990, que resultou em um enxugamento do número de profissionais. Massarani *et al.* (2013) também chama a atenção para a imprecisão do número de jornalistas

especializados na cobertura de ciência. Embora conduzida majoritariamente no Reino Unido e Estados Unidos, a pesquisa “The Sense of Crisis among Science Journalists” destaca as queixas de jornalistas sobre as pressões do aumento de trabalho, com notícias no estilo *hard news* e reprodução de *press-releases*, e como isso afetava a qualidade do trabalho, devido ao curto tempo disponível para investigação jornalística (Bauer & Howard, 2009). Esses são pontos de atenção na análise dos conteúdos jornalísticos, especialmente quando tratamos de temas científicos e, em especial, de temas históricos e daí a necessidade de se estudar como os jornalistas compreendem a História.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos: 1. Introdução; 2. Metodologia; 3. “A História enquanto conhecimento, um resumo”, dedicado a uma abordagem teórica sobre a História, explicitando como se dá sua produção de conhecimento e qual seu papel social; 4. O segundo capítulo se dedica a explorar o que mostram os resultados do levantamento de conteúdo realizado em 2020.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia empregada por esta pesquisa. Para tanto, apresentaremos a escolha do objeto de estudo e os procedimentos de pesquisa e análise dos dados, que incluem: revisão de literatura, levantamento do material a ser analisado, análise do material levantado, entrevistas com jornalistas e análise das entrevistas e cruzamento do material.

2.1. A escolha dos objetos de estudo

A Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo estão no pódio dos jornais de maior circulação no país, em primeiro e terceiro lugar, respectivamente, assim, a seleção dos dois veículos se deu pela importância de ambos no cenário nacional. Em junho de 2022⁵, a Folha de S. Paulo teve uma circulação média de 352.400 exemplares diários, de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)⁶, sendo considerado um jornal "nacional" porque alcança todos os estados do país (Jornais no [...], 2022). De acordo com essa pesquisa, o jornal tinha cerca de 5,3 milhões de seguidores na mídia social Facebook em julho de 2023, enquanto, no Instagram, contava com 3,5 milhões no mesmo período, com publicações diversas ao longo do dia. Já O Estado de S. Paulo, de acordo com o portal Poder 360, teve uma circulação média diária de 209.100. Na mídia social Facebook, teve 3,6 milhões de seguidores e, no Instagram, 2,3 milhões no mesmo período. Outro motivo para a escolha dos objetos de pesquisa o fato de serem dois veículos baseados na cidade de São Paulo, a mais populosa e principal centro financeiro do País.

Quando nos debruçamos sobre as notícias relacionadas às Humanidades nesses dois veículos, verificamos que, comumente, elas são publicadas nos cadernos destinados à cultura, como a Ilustrada da Folha, e entretenimento, como o Caderno 2, do Estado de S. Paulo. Veja

⁵ Esses são os dados mais recentes em agosto de 2022: Jornais no 1º semestre: impresso cai 7,7% e digital tem alta tímida..., Poder 360, 01/08/2022. Disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-no-1o-semester-impresso-cai-77-e-digital-tem-alta-timida/>. No entanto, se considerarmos o ano de recorte dessa pesquisa, os números de circulação eram ainda maiores. A Folha tinha circulação diária de 358.23 e o Estadão 227.914. Dados disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-tem-alta-de-64-no-digital-e-queda-de-136-no-impresso-em-2021/>. Dados colhidos do veículo Poder 360, uma vez que o IVC disponibiliza os dados somente para seus afiliados. Acessados em 08/08/2022.

⁶ O IVC Brasil é uma entidade nacional sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia. Seu objetivo é fornecer ao mercado dados isentos e detalhados sobre comunicação, incluindo tráfego web, tanto de desktops quanto de smartphones, tablets e aplicativos, bem como circulação, eventos, e inventário e campanhas de mídia out of home. Informações fornecidas pelo próprio IVC, disponíveis em: <https://ivcbrasil.org.br/#auditorias>. Acessado em 08/08/2022.

que o Estado de S. Paulo conta também com o caderno dominical, no qual resenhas de livros de História (e outras Ciências Humanas) são publicadas. A Folha, por sua vez, publica este tipo de material no caderno Ilustríssima. Normalmente, assuntos mais cotidianos relacionados à História, como restaurações de obras históricas, são publicados nos cadernos de assuntos gerais, como Cidades.

Esta forma de publicação, que trata a História como mera “curiosidade”, implica diretamente em como as pessoas entendem esse campo da ciência, pois na maioria das vezes são publicações superficiais e que não abordam como determinada pesquisa pode ter influência na vida cotidiana das pessoas ou, ainda, como a pesquisa pode se relacionar e contribuir com outros campos. Por exemplo, uma pesquisa histórica relacionada ao uso de medicamentos no Brasil dos tempos coloniais, ou, então, uma pesquisa histórica acerca da vegetação de determinada região e como ela está, atualmente, evidenciando o impacto ambiental sofrido, ou, ainda, analisando casos passados de pandemias.

Como mencionado, os números de circulação destes dois veículos justificam a escolha, além de ressaltarem sua importância no papel educacional da população, como apontam Massarani e Amorim (2008).

O jornalismo científico [...] tem um importante papel na educação da população. Como o ensino formal é muitas vezes insuficiente para a educação de toda a população, o jornalismo científico exerce papel significativo na difusão de conhecimento sobre as novidades, importância e incertezas da ciência. (p.74)

Para a obtenção de uma visão crítica do papel da divulgação científica do campo da História, é importante analisar como o público está recebendo e percebendo esta área do conhecimento como uma ciência. Ademais, caso o público esteja percebendo o campo como uma ciência, ou não, é preciso buscar entender as razões para isso acontecer.

Por meio das pesquisas e dos estudos na área de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia, é possível identificar alguns aspectos comportamentais da sociedade. Portanto, analisar a História na mídia parece ainda mais importante no contexto de crescente negacionismo histórico, que se mistura com desinformação sobre essa área científica, sob constante campanha difamatória de que seus professores pratiquem “doutrinação ideológica”. Esse tipo de ataque é encampado por projetos como “Escola sem partido” e grupos políticos (Campanha[...], 2019). Afirmações de, então, autoridades governamentais, como “os portugueses nem pisaram na África” a fim de negar uma dívida histórica com o povo africano

escravizado, principalmente, nas Américas, evidenciam a necessidade de análise do conhecimento histórico tratado na imprensa e como a área é apresentada à sociedade.

2.2.Procedimentos de pesquisa e análise dos dados

Este trabalho se desenvolveu a partir de análises quantitativa e qualitativa de conteúdos extraídos dos veículos Folha de S. Paulo e de O Estado de S. Paulo, que devido à sua ampla circulação, exercem um papel importante na opinião pública, pautam demais veículos noticiosos do país e impactam a compreensão sobre os temas noticiados.

A metodologia de pesquisa se divide em cinco frentes de trabalho: i) revisão da literatura, ii) levantamento dos materiais jornalísticos nos dois veículos mencionados a partir de palavras-chave pré-definidas; iii) análise do material levantado, inserção e categorização em banco de dados; iv) entrevista com jornalistas que escrevem matérias que se enquadrem no escopo definido; v) análise das entrevistas e conclusão. Seguindo essa ordem, as frentes de pesquisa são detalhadas a seguir.

2.2.1 Revisão da literatura

Em um primeiro momento, a pesquisa se baseou em uma revisão de literatura acadêmica nas áreas de Percepção Pública de Ciência e da Tecnologia, de Jornalismo Científico e da História, além de pesquisas de percepção realizadas nessa área. Um dos principais esforços deste trabalho foi propor uma análise qualitativa amparada, primeiramente, em uma extensa análise de conteúdo, a fim de tentar compreender de que forma a História se apresentava nas páginas dos jornais.

Para tanto, foi necessário criar categorias para separar esse material em campos que fizessem sentido, e não limitar a categorização apenas às editoriais dos veículos que, embora possam tratar de pautas semelhantes, tem nomenclaturas diferentes. Neste sentido, esta pesquisa se apoiou principalmente no trabalho de Laurence Bardin como aporte teórico para a categorização dos conteúdos. Outra fase da pesquisa foi a condução de entrevistas, que contou com o auxílio de leitura de trabalhos de Carla Leitão, Valdete Boni e Silvia Jurema Quaresma, que têm se dedicado a traduzir de forma didática e prática a aplicação de entrevistas em pesquisas qualitativas. Como principais referências na área de comunicação de ciência e

percepção pública de Ciência e Tecnologia, destacam-se neste trabalho autores como Carlos Vogt, Luisa Massarani e Martin Bauer, enquanto as pesquisas de percepção pública de Ciência e Tecnologia, tomadas como principais referências, foram são aquelas realizadas pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), que têm como foco o público brasileiro.

No entanto, também foram fundamentais a leitura de outros autores e recorrer a outras pesquisas realizadas em outras praças, a fim de uma discussão mais efetiva sobre o tema tratado. No campo da História, especialmente, recorreu-se a autores caros à historiografia, como Jacques Le Goff, Marc Bloch, Michel de Certeau e Peter Burke, além de outros historiadores que se dedicam ao campo da História Pública no Brasil e ao negacionismo histórico, com destaque para Juliana Sayuri Ogassawara – historiadora e jornalista –, que tem se dedicado ao papel da mídia no fomento do revisionismo histórico com viés negacionista.

Como a pesquisa também usa elementos factuais, muitas matérias jornalísticas serviram como embasamento para justificar determinadas abordagens, principalmente aquelas que contém falas e posicionamentos negacionistas ou que relativizem temas caros à História. Finalmente, também serviram como importantes balizadores outras duas pesquisas que dialogam com este trabalho: i) “Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo”, uma dissertação defendida por Rayane Saraiva da Cruz na Fundação Oswaldo Cruz, em 2018; e ii) “A divulgação da história nos livros de Eduardo Bueno e Laurentino Gomes”, dissertação defendida por Leonardo Paiva do Monte Rodrigues na Universidade de São Paulo, em 2016.

2.2.2 Levantamento do material a ser analisado

Na segunda frente, foi realizada uma busca nos sites dos dois veículos trabalhados, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, a partir de duas palavras-chave: "historiador" e "historiadora" apenas no ano de 2020. A extração dos dados de 2020 nos dois veículos foi realizada no dia 16 de fevereiro de 2021. Por meio da URL – endereço de um website –, um código no Google Sheets – planilha online – extraiu os elementos da notícia apresentados na página: título, URL, trecho do resumo e data de publicação do material.

O código utilizado foi escrito em linguagem de programação Python, com pacotes BeautifulSoup⁷ e Pandas⁸, e cumpria as seguintes tarefas: i) montava-se uma URL de pesquisa

⁷ Disponível em: <https://beautiful-soup-4.readthedocs.io/en/latest/>. Acessado em 04/02/2023.

⁸ Disponível em: <https://pandas.pydata.org/>. Acessado em 04/02/2023.

com as palavras-chave, as datas de delimitação, a saber: 01/01/2020 a 31/12/2020, e espaço para o número da página de resultados; ii) visita à página, busca pela seção do código HTML referente a cada notícia e coletados os dados básicos das nove notícias apresentadas: URL, título, autor e data; iii) da URL, era extraído o nome da editoria; iv) esses dados foram adicionados a uma estrutura de DataFrame, do Pandas, organizada de maneira semelhante à de uma planilha comum; v) repetia-se a operação com a página seguinte; v) após coletar os dados da última página da busca, os dados foram exportados para uma planilha Google Sheets. O mesmo procedimento pode ser realizado manualmente, com a busca pelas palavras-chave nas páginas de busca dos veículos, usando a mesma delimitação de datas.

Também foram realizadas outras quatro buscas nos dois veículos analisados, usando os termos “História AND Ciência” e “História AND Pesquisa”. Essas buscas, no entanto, foram realizadas de forma manual nos sites dos dois veículos. Por meio dos buscadores de conteúdo de cada um, foram inseridas as palavras-chave supracitadas e foi realizada uma busca com datas delimitadas entre 01 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2020. Os resultados foram inseridos em uma planilha do Google Sheets e analisados individualmente. Na Folha, “História AND Ciência” resultou em 33 conteúdos, dos quais apenas cinco se enquadravam nos critérios desta pesquisa e, desses cinco, três já haviam sido mapeados no levantamento inicial (busca por “historiador” e “historiadora”). Os outros 28 resultados eram genéricos e continham um desses termos buscados em algum parágrafo, não servindo aos propósitos deste trabalho. Já a busca “História AND Pesquisa” resultou em 44 resultados, dos quais apenas cinco serviam aos propósitos da pesquisa, e desses cinco, quatro já haviam sido mapeados no levantamento inicial.

No Estadão, a busca “História AND Ciência” resultou em 61 conteúdos, dos quais apenas dois se enquadram na pesquisa e já haviam sido mapeados no primeiro levantamento; enquanto a busca “História AND Pesquisa” trouxe 72 conteúdos, dos quais apenas um se adequava à pesquisa e, também, já havia sido mapeado no primeiro levantamento. Assim, ao final, foram encontrados apenas dois conteúdos inéditos, dois da Folha, que se enquadram na categoria de Saúde e outro de Diversos Assuntos. Por ser uma amostragem muito baixa, esses dois conteúdos não foram inseridos no montante analisado previamente. Essas quatro buscas distintas atestam a eficácia do primeiro mapeamento dos conteúdos, realizado com as palavras-chave “historiador” e “historiadora”.

Abaixo, é apresentado um quadro que ilustra estruturas das URL de busca que foram utilizadas.

Quadro 1: Estrutura da URL de busca

Elemento	Significado
<p>https://busca.estadao.com.br/?tipo_conteudo=Todos&quando=01%2F01%2F2020-31%2F12%2F2020&q=historiador%20%26%20historiadora</p> <p>https://search.folha.uol.com.br/search?q=historiador%3B+historiadora&periodo=personalizado&sd=01%2F01%2F2020&ed=31%2F12%2F2020&site=todos</p>	URL dos sites onde foram realizadas as buscas.
<p>https://busca.estadao.com.br/?</p> <p>https://search.folha.uol.com.br/search?</p>	Áreas de busca dos sites.
<p>q=historiador%20%26%20historiadora</p> <p>q=historiador%3B+historiadora</p>	(q=) palavras-chave buscadas.
<p>tipo_conteudo=Todos&</p> <p>&site=todos</p>	Nos sites dos jornais, é possível buscar por editorias específicas e em todas as editorias, aqui representado pela palavra “todos”.
<p>quando=01%2F01%2F2020-31%2F12%2F2020&</p> <p>&periodo=personalizado&sd=01%2F01%2F2020&ed=31%2F12%2F2020</p>	Os sites oferecem a opção de buscar por períodos personalizados. Aqui, buscamos por 01/01/2020 até 31/12/2020.

Fonte: Elaboração própria (2023)

Esses dados foram armazenados em um banco de dados via tabelas específicas para cada veículo. Em um primeiro momento, a busca também foi realizada com base na palavra-chave “história”, porém os resultados fugiam muito da proposta desta pesquisa,⁹ uma vez que o termo “história” é muito empregado em diversas ocasiões que não têm relação com notícias

⁹ A opção de realizar buscas pelas palavras-chave “historiador” e “historiadora” se mostrou mais eficaz do que buscar pelo termo “História”, que gerou resultados fora dos propósitos desta pesquisa, como matérias que tinham a palavra “história” fora do contexto pretendido, com resultados que iam desde “história em quadrinhos”, até “história de amor”, entre outros. Uma vez que a pesquisa também pretende mapear onde os historiadores e historiadoras estão presentes, e sua presença é um dos critérios para avaliação dos conteúdos buscados, essa opção de busca se mostrou mais direcionada e assertiva para os propósitos da pesquisa.

sobre temas históricos, como mostram Vogt *et al.* (2006, p. 37) a respeito da busca por textos em jornais que falem sobre “ciência”. O levantamento resultou em 1282 conteúdos, com 591 na Folha de S. Paulo e 691 em O Estado de S. Paulo. Após a análise de todo o conteúdo restaram 392 e 253 em cada um, respectivamente, totalizando 645 que se encaixavam nos propósitos do trabalho.

2.2.3 Análise do material levantado

Para essa frente de pesquisa, foi criada uma planilha preenchida manualmente e com base de dados com uma série de categorias, a saber: título, URL, trecho do resumo e data de publicação do material. Trata-se de campos preenchidos manualmente no banco de dados do Google Drive a partir da análise individual de cada notícia. São eles:

- a) Título da notícia
- b) Data de publicação
- c) Jornalista / autor do texto;
- d) Material se baseia em uma pesquisa científica? (sim/não);
- e) Autor da pesquisa científica (se for o caso) comenta/analisa os resultados? (sim/não);
- f) Categoria (ver abaixo);
- g) Material entrevista um/a historiador/a? (sim/não)
- h) Nome do historiador ou historiadora (se citado/a);
- i) O historiador ou historiadora é citado como tal? (sim/não);
- j) Cita nome da instituição de pesquisa à qual é afiliado? (sim/não) Se sim, nome da instituição;
- k) URL da notícia;
- l) Observação (campo usado para inserção de comentários pertinentes para análise do material¹⁰).

O campo “Categoria”, acima, refere-se às formas como esta pesquisa escolheu para classificar os conteúdos analisados de acordo com os propósitos estabelecidos. A categorização se deu como forma de analisar o conteúdo levantado na busca e mapear em quais tipos de matérias, a figura de um historiador ou historiadora tem sido consultada. É importante ressaltar que esta pesquisa nasceu já tendo em vista que alguns conteúdos se encaixariam em determinados “quadros”, como temas culturais. Isso se deve a um conhecimento prévio do pesquisador responsável sobre os veículos de comunicação que estão sendo analisados. Para a criação das categorias, portanto, foram seguidos dois caminhos. Primeiramente, foram criadas

¹⁰ Como, por exemplo, um historiador ou historiadora que foram creditados de outra forma na reportagem; ou quando profissional de outra área do conhecimento foi equivocadamente creditado como historiador; ou para destacar que a matéria é original de outro veículo.

categorias sobre as quais a pesquisa pretendia encontrar conteúdo, como “Pesquisa”, “Política” e “Cultura – Curiosidade”.

Em um segundo momento, foram criadas categorias a partir de uma avaliação prévia dos materiais, nos quais editoriais dos jornais se encontravam, e como eles poderiam ser alocados na categorização. Foram as categorias de “pertinência”, como chamou a especialista em análise de conteúdo, Laurence Bardin, que, em suas palavras, descreve esta classe como “pertinente quando está adequada ao material de análise escolhido (...) quando há uma ideia de adequação ótima” (Bardim, 2002, p. 120). Por exemplo, observou-se que muitos conteúdos eram relativos, de alguma forma, à pandemia de Covid-19, então criou-se a categoria “Saúde” para alocar os materiais que se enquadrassem. O mesmo procedimento foi aplicado para a criação das categorias “Lançamento de livro” e “Diversos assuntos”. Todas as categorias podem ser conferidas de forma detalhada no Quadro 1, que segue abaixo.

Quadro 2: Categorias para classificação dos conteúdos analisados

Tipo	Descrição
Pesquisa	Trata, de alguma forma, de uma pesquisa científica. Livros, por exemplo, são enquadrados nesta categoria desde que tragam novas pesquisas. Se encaixam nessa categoria teses, dissertações, obras historiográficas e biográficas.
Diversos assuntos	Entrevista ou opinião de um historiador sobre assuntos diversos que tenham a ver com história, como uma restauração, demolição, esporte. São assuntos do dia a dia que tragam a opinião ou entrevista com um historiador ou historiadora. Exemplo "a restauração deste prédio é muito importante", diz historiadora; ou "os negros tiveram papel determinante no futebol brasileiro", diz historiador. Conteúdos que não se encaixam nas outras categorias.
Política	Relacionado a fatos essencialmente políticos. Entrevista, fala ou opinião de um historiador sobre política. Notícias relacionadas ao governo Bolsonaro (ou governo estrangeiro), como posicionamentos, polêmicas, dia a dia do governo.
Saúde	Matérias que tenham como cerne a Covid-19 ou outras epidemias (tema em alta devido ao coronavírus).
Cultura - Curiosidade	Temas culturais (arte, museus, por exemplo) ou fatos onde a opinião de um historiador está mais para confirmar um caso, como "D. Pedro era muito culto"; ou determinado profissional é citado como historiador para dar chancela e credibilidade em um texto, exemplo: "Como certa vez, falou o historiador Eric Hobsbawm"; ou historiador comentando algum assunto que tenha caráter de curiosidade na matéria, exemplo uma matéria sobre superstições: "Na Idade Média, as pessoas temiam fantasmas porque...". São conteúdos que não se enquadram em Pesquisa e nem são referentes a notícias diárias que tenham a ver com História.
Lançamento de livro - outro autor	Notícia sobre lançamento de uma obra que não seja pesquisa. Exemplo: Crítica de um livro em que um historiador é citado pelo autor da obra retratada na notícia ou pelo resenhista da obra.

Fonte: Elaboração própria (2023)

Durante o processo de criação das categorias, tomou-se cuidado para que cada enquadramento se desse de forma única e exclusiva, processo que Bardin chama de “qualidade da exclusão mútua”, cuja “condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão” (Bardin, 2002, p.120). Dessa forma, foi importante categorizar os conteúdos para que se pudesse chegar a uma amostragem mais condizente com o que este trabalho busca, ou seja, um panorama de quais tipos de conteúdos contam com opiniões de historiadores ou historiadoras. Logo, a categorização é importante para sanar alguns possíveis equívocos, como, por exemplo, o fato de uma matéria pertencente à amostra estar publicada na editoria “Política” do jornal. A publicação da matéria em tal editoria não necessariamente a enquadraria na categoria “Política”, pois o cerne da matéria pode ser, por exemplo, a ineficiência do governo brasileiro, à época, no combate ao coronavírus. Nesse caso, o conteúdo deve ser classificado na categoria “Saúde”. Assim, a partir do quadro com as categorias explicadas de forma objetiva, os conteúdos se autoexcluem das categorias às quais não se encaixam.

Para a análise do conteúdo foi feita uma leitura completa do texto e, depois, foi acionado o comando Control+F – de pesquisa automática – com a palavra “historiador”, que detectará quantas vezes esse termo aparece neste determinado texto e em qual contexto, note que, nesse modelo de busca, a palavra “historiador” também detectará automaticamente a palavra “historiadora”. Após uma análise inicial, foi julgado se o conteúdo se encaixa ou não aos propósitos deste trabalho. Foram descartados conteúdos que não se enquadraram nas categorias supracitadas, como textos em que um sujeito de interesse é descrito como historiador ou historiadora apenas para descrever sua ocupação em uma coluna social ou outra situação aleatória. Exemplo: “o historiador Leandro Karnal (...) e o professor de criatividade Murilo Gun, fundador da Keep Learning School, estão entre os participantes do ‘Primeiro Fórum de Líderes Santillana’” (Karim Aïnouz e Kleber Mendonça participam [...], 2020).

Após esse processo inicial, no caso dos conteúdos que se encaixaram nos parâmetros estipulados, o texto passou por uma leitura analítica para identificar em qual das categorias definidas ele se enquadra e, então, foi passado pela tabulação, gerando um novo banco de dados, onde cada conteúdo é categorizado em uma planilha na plataforma Google Drive. Ao final desse processo, dos 1.282 conteúdos, restaram 392 na Folha de S. Paulo e 253 em O Estado de S. Paulo, totalizando 645 conteúdos. Isso significa que aproximadamente metade do conteúdo foi descartado.

Uma vez que essa análise foi realizada um ano após as notícias serem publicadas nas páginas eletrônicas dos jornais, alguns dos links de acesso já não estavam mais disponíveis no site dos jornais, em especial, no Estadão – provavelmente por conta de atualizações no mesmo.

Nesses casos, o processo foi feito buscando o título da notícia no buscador Google. A partir da sua localização, foi iniciado o mesmo processo de análise descrito acima. Uma inconveniência ocorreu durante a análise de conteúdos do Estadão. Com o decorrer das análises, foi possível identificar que diversas matérias eram reproduções do jornal norte-americano The New York Times e nem sempre eram creditadas como tal.

Para que fosse identificada de forma correta a origem da matéria, foram realizadas buscas no Google utilizando os títulos ou algumas frases das matérias traduzidas para o inglês e os resultados levavam a páginas do jornal norte-americano. A fim de uma acuracidade maior na identificação do conteúdo, a página do The New York Times foi visitada para conferir se realmente se tratava da mesma matéria. No entanto, o The New York Times oferece um número limitado de leituras gratuitas de seus conteúdos e, a fim de que a conferência fosse realizada de forma plena, foi necessário comprar uma assinatura do jornal para acesso à sua edição virtual. Dessa forma, a conferência pôde ser realizada de forma satisfatória. Ainda, em relação ao acesso aos conteúdos, foi necessário realizar a assinatura também dos dois veículos analisados, uma vez que muitos dos conteúdos eram exclusivos para assinantes.

Essas fases preliminares da pesquisa são fundamentais para se saber se existem historiadores mais consultados que outros, quais são as universidades mais citadas, se há uma predominância de gênero ou demográfica, além de ser essencial para o mapeamento de jornalistas que escrevem ou já escreveram reportagens cujos temas fossem relacionados à História. Esta atividade se revela também importante, uma vez que, segundo Massarani *et al.* (2013, p.117), a população de jornalistas brasileiros que cobre ciência ainda é desconhecida, com muitos dados imprecisos, principalmente se quando nos debruçamos sobre nosso campo de conhecimento analisado, a História.

2.2.4 Entrevistas com jornalistas

A quarta frente de pesquisa consistiu em entrevistar seis jornalistas mapeados na fase preliminar desta pesquisa. O mapeamento levou a optar somente por jornalistas que não são especialistas em cobertura de temas científicos, ou com formação na área de História e de alguma outra ciência humana que dialogasse diretamente com essa área. Uma vez que temos os jornalistas como agentes divulgadores de temas históricos em suas matérias, optou-se por realizar entrevista individual com cada um desses jornalistas, uma vez que, como explicam Simões e Machado Pereira (2009, p.245), uma entrevista “inevitavelmente leva à busca de

informações acerca de como as pessoas compreendem o mundo à volta delas e de como elas se comunicam umas com as outras”.

A escolha dessa modalidade, a entrevista, se deu especialmente pela forma de condução e pelo grau de confiança que pode ser gerado entre o entrevistador e o entrevistado, que vai se construindo desde o primeiro contato de apresentação da pesquisa e convite para participação, de conversas posteriores para agendamento de uma data adequada para a realização e de possíveis mudanças com imprevistos e necessidade de reagendamento. Todas essas etapas criam um laço de confiança e respeito entre entrevistador e entrevistado. A entrevista individual também permite uma condução de questionário sem restringir as respostas, como no caso de um *survey*, e nem confere pressão ou influência de terceiros como no caso da aplicação de um questionário a um grupo focal. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas individualmente e de forma remota, por meio da plataforma Zoom, criando um ambiente mais confortável para o entrevistado, permitindo ao entrevistador solicitar mais detalhes, exemplos e aprofundamentos. Por fim, a entrevista permite obter, segundo Leitão, “material minucioso e profundo sobre uma questão de estudo, em particular sobre aspectos que não são capturáveis pela observação direta do fenômeno” (Leitão, 2021).

Também foi levado em conta o fato de que entrevistador e entrevistado estarão um na presença do outro, facilitando uma relação de segurança e credibilidade entre as duas partes, com o pesquisador mostrando interesse e atenção ao que o entrevistado tem a dizer. O pesquisador deve demonstrar interesse pelo que o entrevistado tem a dizer, e segundo Boni e Quaresma (2005, p. 77, isso deve ser deixado claro “com gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais [...] de agradecimento, de incentivo. Isto irá facilitar muito essa troca, essa relação. O pesquisado deve notar que o pesquisador está atento escutando a sua narrativa”.

Outro motivador para a escolha da entrevista como instrumento de pesquisa foi a possibilidade de o entrevistador fazer apontamentos e questionamentos ao entrevistado entre as perguntas, de forma a esclarecer eventuais dúvidas e obter informações mais subjetivas. A entrevista individual também se mostra mais adequada aos propósitos deste trabalho, uma vez que permite o entrevistado a refletir com mais profundidade e fornecer respostas e pontos de vistas mais precisos a respeito de seu ofício.

O questionário fechado do tipo *survey* limitaria as respostas da perspectiva do tipo de investigação desejada neste trabalho. Como o que é buscado nesta pesquisa se relaciona com a visão de mundo do jornalista – sua subjetividade –, um questionário que limitasse as respostas, mesmo com algumas opções de respostas, não atenderia de forma adequada aos questionamentos levantados. O grupo focal, embora muito útil para pesquisas com grupos

específicos de profissionais, foi descartado para evitar que as respostas e posições de um entrevistado pudessem influenciar as repostas de outros, interferindo na naturalidade das respostas e prejudicando os resultados. No grupo focal, “os significados são construídos coletivamente e não representam redes individuais de sentidos. Isto porque nem sempre o que falamos em grupo é o mesmo que falamos mais privadamente”, como afirma Leitão (2021, p. 06). Desta forma, o modelo que mais se adequou às necessidades da pesquisa foi a entrevista individual aberta com um questionário estruturado.

As entrevistas seguem um questionário elaborado previamente e têm como objetivo compreender como é elaborada uma pauta para cobrir um tema de História e como essa área do conhecimento é percebida pelo jornalista e tratada para a produção de um conteúdo jornalístico. Essa etapa da pesquisa está diretamente ligada à anterior e é a mais importante desta pesquisa, pois permite compreender como pensam os profissionais que transmitem o conhecimento histórico para o grande público.

O questionário para a entrevista foi dividido em três eixos, distribuídos da seguinte forma: Eixo I – Informações gerais sobre o profissional; Eixo II – Cobertura de História; Eixo III – Percepção sobre o que é História, e encontra-se completo e disponível nos Anexos ao final desta dissertação. Como mencionado anteriormente, as entrevistas têm sido realizadas de forma on-line, gravadas, transcritas e disponibilizadas para aprovação dos entrevistados.

O questionário, assim como toda a documentação necessária para a realização de pesquisa com seres humanos no Brasil, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP por meio da Plataforma Brasil em janeiro de 2022 e foi aprovado por meio de Parecer Consubstanciado em 16 de julho de 2022, sob CAAE número 56630322.0.0000.8142. O projeto CEP pode ser conferido no Anexos.

Para a entrevista, foram selecionados quatro jornalistas dos dois veículos,¹¹ sendo dois de cada veículo, que tenham escrito matérias sobre temas históricos no período do recorte temporal e que não sejam especialistas em cobertura de temas científicos ou que tivessem alguma formação em História ou alguma ciência humana que dialogasse diretamente com essa área,¹² como a Sociologia ou Arqueologia, em um total de três profissionais homens e três mulheres. A escolha dos jornalistas priorizou jornalistas generalistas por se tratar de uma

¹¹ A princípio, a ideia era entrevistar seis jornalistas (três de cada veículo). A amostragem foi reduzida a quatro, posteriormente, por incompatibilidade de agenda dos entrevistados.

¹² Foi comum encontrar, ao longo da pesquisa, conteúdos que continham temas históricos escritos por historiadores.

pesquisa de percepção pública sobre ciência, então por exemplo Reinaldo José Lopes¹³, jornalista e colunista da Folha de S. Paulo, especialista em Biologia e Arqueologia, não foi selecionado para este trabalho. Os escolhidos são:

1) Folha de S. Paulo: -

- a) Naieff Haddad é repórter especial da Folha, onde trabalha desde 1997. Já foi editor de Projetos Especiais, Esporte, Turismo, Comida e Guia. Em 2021, coordenou os projetos do centenário do jornal.¹⁴

Motivo da escolha: jornalista experiente com passagens por diversas editorias e escreveu sobre temas históricos no período do recorte, portanto, se encaixa no perfil de interesse desta pesquisa.

- b) Clara Balbi é editora-assistente do caderno Ilustrada. Na Folha desde 2018, já foi repórter de artes plásticas, cinema e teatro.¹⁵

Motivo da escolha: além de ter escrito sobre temas históricos no período do recorte analisado, à época, estava ligada à editoria que mais publica matérias sobre temas históricos.

2) O Estado de S. Paulo:

- a) José Maria Tomazela é correspondente do Estadão em Sorocaba e cobre o interior de São Paulo desde maio de 1985. Em busca de notícias, já esteve em quase todos os 645 municípios do estado de São Paulo.^{16,17}

¹³ Informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldojoselopes/>. Acessado em 20/02/2023.

¹⁴ Informações disponibilizadas pelo jornal. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/autores/naief-haddad.shtml>. Acessado em 20/02/2023.

¹⁵ Informações disponibilizadas pelo jornal. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/autores/clara-balbi.shtml>. Acessado em 20/02/2023.

¹⁶ Informações disponibilizadas pelo jornal. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/pelo-interior/>. Acessado em 20/02/2023.

¹⁷ Como apresentado, José Maria Tomazela, desenvolve muitas reportagens sobre temas históricos, entre elas, efemérides, como vem ocorrendo na data de 09 de julho, quando em São Paulo é comemorado o feriado em razão da Revolução Constitucionalista de 1932. As matérias escritas pelo repórter sobre temas históricos chamaram à atenção pois são ricas em detalhes e feitas com esmero, trazendo fontes diversas com registros fotográficos bem executados, que ilustram bem o que era reportado pelo texto. No entanto, ao ler as matérias, também intriga o fato de que, muitas vezes, não havia nenhum historiador consultado como fonte. Uma reportagem especial se destacou

Motivo da escolha: escreve diversas matérias sobre temas históricos, especialmente efemérides. Em alguns casos não foram consultados historiadores – dentro do período de recorte – e foi a leitura dessas reportagens especiais que inspiraram a realização desta pesquisa.

- b) Priscila Mengue é repórter do jornal O Estado de S. Paulo desde 2016. Possui experiência tanto em reportagens factuais, quanto especiais. Participação em grandes coberturas in loco, como o aparecimento de manchas de óleo na costa brasileira e a queda do Edifício Wilton Paes de Almeida, dentre outras. É jornalista formada pela UFRGS e pós-graduanda em arquitetura na UnB.¹⁸

Motivo da escolha: perfil de interesse da pesquisa, pois cobre assuntos diversos e escreveu sobre temas caros à História do Brasil no período analisado. Além disso, por conta de sua formação em arquitetura, costuma escrever sobre patrimônio histórico.

Esses profissionais foram considerados perfis de interesse da pesquisa por terem escrito matérias que traziam temas históricos no período definido como recorte, e por apresentarem um escopo de temas cobertos variado, fato que pode trazer uma maior variabilidade na forma como enxergam o objeto deste trabalho, a História. A escolha por José Maria Tomazela, do Estadão, em especial, se deu pelo fato de que as matérias escritas pelo repórter foram grandes motivadoras para a realização desta pesquisa, conforme mencionado na Introdução. As entrevistas foram realizadas de forma online por meio da plataforma Zoom e, como definido no projeto enviado à Plataforma Brasil, foram gravadas. Após a realização de testes prévios, foi definido que a aplicação do questionário seria em forma de entrevista falada e as questões em que fosse necessário responder com VERDADEIRO ou FALSO ou preencher algum campo, seriam coladas no campo de mensagens escritas na plataforma para que o entrevistado as respondesse. Após respondidas, as respostas foram coletadas e armazenadas no questionário. Essas respostas acompanham a transcrição das entrevistas (ver Anexos).

por apresentar todos os aspectos citados acima: esteve em destaque na homepage do jornal, é muito bem escrita, tem fontes interessantes, belos registros fotográficos, o que a torna envolvente. Porém, não há nenhum historiador citado ou consultado.

¹⁸ Informações disponíveis no perfil da repórter na plataforma LinkedIn. Disponíveis em: <https://www.linkedin.com/in/priscilamengue/?originalSubdomain=br>. Acessado em 20/02/2023.

A pesquisa foi identificada, portanto, não anônima, e as informações coletadas foram publicadas na versão final da dissertação, sendo, portanto, de acesso público a outros pesquisadores ou interessados neste estudo. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e submetidas para aprovação dos entrevistados. Após a aprovação, os dados coletados foram tabulados em uma planilha desenvolvida no Excel e serão armazenados em pasta protegida por senha no computador do pesquisador e em um HD externo por até cinco anos. A tabulação será baseada nas perguntas contidas no questionário. A fim de melhorar a fluência e minimizar desconfortos durante a entrevista, foram realizados testes com outros jornalistas antes das entrevistas com os jornalistas selecionados, assim evitando eventuais dificuldades de compreensão das questões.

Análise das entrevistas e cruzamento do material

A última frente de pesquisa deste trabalho se deu pelo cruzamento das entrevistas com os dados obtidos na primeira frente, a fim de verificar se as respostas concedidas pelos jornalistas nas entrevistas se alinham com as práticas evidenciadas nas matérias analisadas. Desta forma, espera-se que os resultados auxiliem a compreensão da percepção que esses profissionais têm da História enquanto conhecimento e, também, como esta é compreendida e abordada pelos meios de comunicação analisados, contribuindo com as pesquisas do campo e trazendo inspirações e aperfeiçoamentos sobre como o conhecimento histórico pode ser disseminado na imprensa.

3. A HISTÓRIA ENQUANTO CONHECIMENTO, UM RESUMO

“Se você for ver a história, realmente, o português não pisava na África, era [sic] os próprios negros que entregavam os escravos”, Jair Bolsonaro em entrevista, em 2018, ao programa Roda-Viva (TV Cultura)

A ideia de olhar para o passado, e até mesmo de contemplá-lo, acompanha as civilizações e tem sido importante para o desenvolvimento das mais variadas culturas. Dificilmente encontraremos uma sociedade cujos traços culturais não evoquem vozes do passado para justificar ou guiar os discursos adotados no seu presente.

Não raro esses olhares para o passado são baseados em uma ideia mítica do outrora, de um tempo glorioso. Os homens que escreviam sobre o período renascentista buscavam uma imagem idealizada da chamada Antiguidade Clássica como estética ideal, ao mesmo tempo em que condenavam o aquilo que estava no meio, resultando no período que seria conhecido como Idade Média, um período de barbarismo e quase nula atividade intelectual, onde uma grande “noite de mil anos” que teria coberto o Ocidente. Historiadores se dedicaram, posteriormente, a desmistificar essa ideia, que seria baseada numa concepção derivada mais na memória coletiva, do que no trabalho historiográfico.

O historiador e teórico da História francês Jacques Le Goff chegou a defender a existência de pelo menos duas Histórias: a da memória coletiva e a dos historiadores. Para Le Goff (2013), a memória coletiva seria essencialmente mítica, deformada e anacrônica, constituindo uma relação nunca acabada entre o presente e o passado. Enquanto, por outro lado, argumenta que a História deve ser feita pelos historiadores de ofício, de forma que “a informação histórica, vulgarizada pela escola e pelos *mass media*, corrija esta história falseada. A História deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros” (p.32).

Enquanto conhecimento, a História sempre recebeu atenção especial de cronistas de tempos passados. Narrar de forma escrita fatos vivenciados, ou que foram transmitidos pela tradição oral, possibilitou que as histórias de episódios grandiosos da jornada humana atravessassem o tempo e chegassem às mãos das sociedades pósteras. E por muito tempo, a História foi o relato dos grandes feitos, dos grandes governantes, das grandes batalhas.

Nesse sentido, a historiografia se apresenta como novas leituras do passado. Essas leituras, segundo Michel de Certeau, são complexas, pois são organizadas e influenciadas pelo lugar social ao qual o historiador pertence. Os historiadores não seriam meros relatores neutros dos eventos históricos, mas interlocutores ativos que constroem narrativas baseadas em suas próprias interpretações pessoais, e em suas relações de poder dentro da sociedade, inclusive com os leitores.

A escrita da história é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, assim, uma lição [...] cria estes relatos do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades; exorcisa e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos. (Certeau, 1982, p.95)

A escrita da História deve ser feita, no entanto, de forma criteriosa e crítica em relação às fontes utilizadas, com questionamentos a vieses e contextos. Ora, não é porque um documento escrito no século 18 alega que um grupo de mulheres foi queimado na fogueira por praticar bruxaria, que as bruxas realmente existiram. A História não deve ser encarada como uma simples narrativa dos eventos passados, mas como uma ciência em busca de compreender as causas e eventuais consequências dos acontecimentos históricos. Nesse sentido, o conceito de “mentalidades”, de Marc Bloch, olha para as crenças, valores e comportamentos das pessoas que viveram nas épocas estudadas a fim de entender as causas de eventos históricos, permitindo uma maior compreensão do passado (Bloch, 2002). Essa foi uma nova perspectiva e uma forma inovadora de olhar para o passado e pensar o conhecimento histórico com novas abordagens, inserindo também as pessoas “comuns” como agentes históricos, ao invés de somente as figuras com proeminência política e fatos históricos tidos como “importantes”, como guerras, por exemplo.

Essa nova perspectiva historiográfica traz contribuições de outras disciplinas, como a Sociologia e a Arqueologia, e foi fundamental para o surgimento de uma História que olha para grupos oprimidos historicamente, como camponeses, operários, mulheres, crianças, para além de olhar para influência de aspectos culturais e econômicos na sociedade, permitindo uma melhor compreensão do passado também por meio de grupos antes tidos como irrelevantes.

A historiografia desenvolvida até então gerava insatisfação tanto em novos historiadores, que já se atentavam para a contribuição de outras áreas do conhecimento para o “fazer histórico”, quanto em intelectuais de outras áreas, que tinham os historiadores como meros narradores de acontecimentos políticos. Ao mesmo tempo em que Augusto Comte ironizava o que considerava “insignificantes detalhes estudados infantilmente pela curiosidade

irracional de compiladores cegos de anedotas inúteis” (Burke, 1990, p.20), outro sociólogo, Émile Durkheim, atacava o que chamava de “ídolos da tribo dos historiadores”. Esses ídolos, que deveriam ser derrubados, seriam três:

O ídolo político, a eterna preocupação com a história política, os fatos políticos, as guerras etc., que conferem a esses eventos uma exagerada importância; o ídolo individual, isto é, a ênfase excessiva nos chamados grandes homens; e, finalmente, o ídolo cronológico, ou seja, o hábito de perder-se nos estudos das origens. (Burke, 1990, p. 22)

Por volta dos 1900, começa-se a desenhar o novo panorama para a ciência histórica, que passa a desenvolver um conhecimento mais em oposição à “História política” vigente, agora mais focado em construir uma “História do povo”. Iniciava-se uma ruptura com a narrativa dos grandes acontecimentos e nascia uma “nova História”, que deveria se utilizar de “todas as descobertas sobre a humanidade, que estão sendo feitas por antropólogos, economistas, psicólogos e sociólogos” (Burke, 1990, p.21).

Essa nova perspectiva de abordagem da História deu novo vigor à disciplina e ganhou força nos debates intelectuais na França, inspirando diversos historiadores e resultando no movimento que ficaria conhecido como “Annales”, ou “Escola dos Annales”, por conta da revista “Annales d'histoire économique et sociale”,¹⁹ fundada pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929. A publicação ganhou notoriedade e foi um importante veículo para a disseminação das ideias deste movimento historiográfico. O movimento dos Annales teve três fases, sendo a primeira de 1929 a 1945, lideradas pelos supracitados Bloch²⁰ e Febvre que introduziram novas abordagens e disciplinas no pensamento e produção historiográfica. A segunda fase, pós-guerra, entre 1945 e 1968 teve um foco maior na história cultural e nas mentalidades, destacando trabalhos, principalmente, de Jacques Le Goff e Georges Duby, dois medievalistas. Após 1968, se inicia a terceira fase da Escola dos Annales, quando lideraram principalmente Michel Foucault e Fernand Braudel, e foram introduzidos pensamentos da linguagem e da Antropologia à produção historiográfica.

¹⁹ Publicada originalmente entre 1929 a 1938. É possível acessar as edições deste período pela página <https://www.jstor.org/stable/i27572038>. Acessado em 23/01/2024.

²⁰ Marc Bloch fez parte da resistência francesa na Segunda Guerra Mundial, tendo sido aprisionado pela Gestapo (Polícia Secreta do Estado Nazista) e fuzilado em 1944. Uma de suas obras mais importantes para o estudo da História, “Apologia da História – ou o ofício do historiador”, foi publicada postumamente, tendo sido redigida durante seu tempo na resistência e inacabada por conta de sua prisão e assassinato.

O movimento da nova História contou com diferentes abordagens, como a influência do marxismo, senão de forma dogmática, mas no que se refere à abordagem econômica da História e também das classes sociais. As histórias dos camponeses, da escravidão, dos trabalhadores, das mulheres, entre outros grupos que até então não contavam com o cuidado da pesquisa histórica passaram a ser objetos de estudos e debates. Autores como Eric Hobsbawm e Edward Thompson se dedicaram com vigor à questão operária inglesa, enquanto Michelle Perrot desenvolveu importantes trabalhos sobre a História das mulheres e do feminismo. Duby, junto de Perrot, organizou a grande coleção História da Vida Privada, que inspirou a coleção História da Vida Privada no Brasil, organizada pelo historiador Fernando Novais. A influência dos Annales chegou à historiografia brasileira, com trabalhos que analisaram a sociedade brasileira tanto em termos econômicos quanto culturais, que foram importantes para a compreensão de temas como escravidão, questões religiosas, desenvolvimento econômico, crises políticas, entre outras. São muitas as referências, mas podemos citar, além de Novais, Emília Viotti da Costa, Luiz Felipe de Alencastro, Sérgio Buarque de Holanda e Laura de Mello e Souza.

Uma vez que abordamos o que é História, devemos nos atentar para sua diferença em relação à Memória, que muitas vezes podem ser confundidas. Enquanto a História, como conhecimento, tenta reconstruir o passado baseando-se em evidências, documentos e métodos de pesquisa de forma crítica e considerando múltiplas perspectivas, a Memória seria mais subjetiva e sob influência das experiências e emoções pessoais e coletivas, com interpretações próprias de quem a transmite. Para Le Goff (2019, p.387), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Os dois conceitos são complementares, a História olha para os eventos passados e tenta compreendê-los, assim como suas causas e conseqüências. Por outro lado, a Memória busca preservar identidades, tradições e experiências pessoais ou coletivas, fornecendo um senso de continuidade e pertencimento com laços sociais e culturais. Podemos tomar como exemplos de Memória alguns aspectos nacionais ou culturais, como datas históricas que se tornaram feriados, celebrações a figuras locais do passado tomadas como heroicas ou algum evento importante para determinada comunidade. Como diz Le Goff:

Entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida à Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum. O segundo é a fotografia: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (Le Goff, 2019, p.426)

Embora conceitualmente diferentes, a Memória e a História se complementam, uma vez que a primeira é elemento vital para a identidade coletiva e individual e na formação das sociedades. E como afirma o autor, “A Memória, na qual cresce a História, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (Le Goff, 2019, p.437).

Para Walter Benjamin (2020), a História não deve ser encarada como um apanhado de eventos lineares capitaneada por uma visão de progresso e evolução, mas como acontecimentos conectados que fazem o passado ser revisto e reinterpretado no presente, assim muitas histórias que eram ignoradas podem ser trazidas à luz e ressignificar socialmente diferentes grupos. Ela não é uma “construção cujo lugar é constituído não pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele que vem preenchido pelo tempo-agora” (p. 83).

Se a História tem um papel na sociedade, nos apoiamos nas palavras de Lima (2009), para quem esse conhecimento deve

(...)desenvolver a criticidade e mostrar possibilidades de melhoramentos no presente através do passado, não é regra trazermos à tona objetos nunca vistos até então, seja do presente, do passado ou especulações futuras, mas, devemos refletir sobre como, onde e porque se vê. (p. 05)

3.1 A História ensinada nas salas de aula no Brasil

Embora não seja necessariamente na escola o primeiro contato que as pessoas têm com os temas históricos, é na sala de aula que podemos ter o primeiro contato com uma forma de História sistematizada e transmitida em forma de conhecimento. Conhecimento compreendido, e ensinado, muitas vezes como uma disciplina onde são memorizados “fatos importantes” do passado que não costuma ser das mais populares entre os alunos, talvez devido à ênfase nas

datas, fatos, lugares e personagens que fogem do cotidiano dos alunos (Oliveira *et al.*, 2010). Pesquisa realizada em uma escola no estado do Espírito Santo mostrou que, entre as matérias que os alunos mais se interessam, apenas 9% deles citavam a História (Lorenzoni *et al.*, 2012).

O ensino de História no Brasil teve início em 1838, seguindo a fundação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Seguindo as diretrizes do colégio, a educação pretendida seria “conservadora e reprodutora de modelos já consagrados” (Manoel, 2012). Eram adotados métodos educacionais, segundo o então Ministro da Justiça, Bernardo Pereira de Vasconcelos – fundador do colégio –, que priorizavam um ensino com visão mais positivista, em contraponto ao um ensino com abordagem pedagógica voltada a novos experimentos. A ideia de Vasconcelos, segundo Manoel (2012), se apoiava em um modelo pedagógico jesuíta, seguindo a Regra 6 dos Professores das Faculdades Superiores.

Ainda em assuntos que não apresentem perigo algum para a fé e a piedade, ninguém introduza questões novas em matéria de certa importância nem opiniões não abonadas por nenhum autor idôneo; nem ensine coisa alguma contra os princípios fundamentais dos doutores e o sentir comum das escolas. Sigam todos de preferência os mestres aprovados e as doutrinas que, pela experiência dos anos, são mais adotadas nas escolas. (Franca, 1952, p. 02)

Em relação ao ensino de História, propriamente dito, é importante pontuar que, segundo Manoel, havia dois pontos cruciais neste momento de fundação do Pedro II: a estreita relação com o recém-fundado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a proximidade com a Igreja Católica. Se, por um lado, o aspecto religioso exercia influência sobre o ensino, a ponto de seu primeiro diretor ter sido o padre Manuel do Sacramento Nunes da Fonseca, por outro lado, a influência dos pesquisadores do IHGB também eram professores do Colégio, e esses pesquisadores eram os responsáveis pela construção da identidade nacional por meio de sua história, que resultava no conteúdo ensinado em sala de aula e nas “vinculações políticas que determinavam a própria direção a ser seguida no estudo da História Universal, conforme a nomenclatura da época, e no estudo da História do Brasil” (Manoel, 2012, p.151).

Ora, é necessário lembrar que o acesso ao ensino por muito tempo ficou restrito à uma elite da sociedade, portanto, os alunos que estudavam no Colégio Pedro II nesse período eram principalmente jovens do sexo masculino pertencentes às elites sociais e econômicas do Império brasileiro, embora também possa ter havido, em escala muito menor, a presença de estudantes de origens sociais mais modestas, que tivessem talento acadêmico ou recebessem algum tipo de bolsa de estudos.

Contando com uma herança jesuíta, o programa de conteúdos ensinados nas aulas de História basicamente era “assentado em temas históricos da Antiguidade Clássica, apreendidos por meio da leitura de autores como Ovídio, Cícero, César, Virgílio, Horácio, Homero” (Manoel, 2012, p.152). Bittencourt (1990) ressalta o direcionamento filosófico e político seguido pelo Colégio Pedro II, com a introdução de “uma cadeira especial para o ensino e educação religiosa. Ao lado, portanto, das disciplinas de História, a Antiguidade foi tema de estudos nas diversas disciplinas literárias e de religião” (p.60).

Na passagem para o século 20, foi-se desenvolvendo uma tentativa de implementação de projeto educacional para além do Rio de Janeiro, que não atendesse somente filhos das elites locais. Naquele momento, “era necessário educar o cidadão, ainda que, naqueles momentos iniciais dos tempos republicanos, se limitasse aos filhos da classe média e acima” (Manoel, 2012, p. 151). No entanto, o projeto educador sentiria a falta de profissionais especializados no ensino de História, uma vez que não existiam cursos superiores para a formação de historiadores e professores de História. Assim, a disciplina recaiu sobre bacharéis de Direito, o curso superior vigente no país na época que era mais “próximo”, digamos, da História. Talvez um indício de que a História não exija uma especialização.

Os professores de história dos ginásios e escolas normais secundárias oficiais eram, de acordo com os dados de 1919, majoritariamente oriundos do corpo de bacharéis da Faculdade de Direito. O autodidatismo prevaleceu, ao que se deduz, entre os professores de História, havendo catedráticos das escolas oficiais que se destacaram como historiadores, especialmente os professores do Colégio Pedro II, como... Jonathas Serrano, João Ribeiro e Delgado de Carvalho. (Bittencourt, 1990, p. 73)

Um dos principais artifícios para o ensino de qualquer disciplina é o livro didático, importante auxílio tanto para o professor quanto para o aluno, e sem dúvida um dos principais influenciadores na forma como determinados conhecimentos são apreendidos. E é justamente pela forma como a História é apresentada nos livros didáticos que se criou uma ideia de que esta disciplina fosse algo distante, sem conexão ou sem implicação no presente, tendo sido, o livro didático, uma plataforma onde a História foi apresentada como um reviver memórias de grandes figuras, ou palco de histórias aventurescas e personagens heroicas na construção de uma ideia de pátria.

Esse tipo de abordagem da História, em certo ponto falseada, se mostra mais acentuada em épocas de regimes autoritários, mas que pode permanecer mesmo após esses regimes, já em

período de redemocratização. Mesmo após a queda de Getúlio Vargas em 1945, foi reeditada Lei de 1938, que regulamentava a publicação dos livros didáticos, impedindo publicação de livro didático que

(...)despreze ou escureça as tradições nacionais ou tente deslustrar as figuras que se bateram ou se sacrificaram pela pátria”...ou então, aquele que...“encerre qualquer afirmação ou sugestão que induza pessimismo quanto ao valor e ao destino do povo brasileiro. (Manoel, 2012, p.154)

Vemos, então, o papel notório do livro didático no processo de aprendizagem, especialmente como norteador para o professor em sala de aula. Como já abordamos, a historiografia é influenciada pelo contexto em que é desenvolvida, devemos, portanto, ter em mente que a mesma visão crítica se aplica ao livro didático. Entre o professor e o aluno que fazem uso deste material, há o autor e todo um contexto político e editorial que o influencia e, por conseguinte, influencia os receptores deste material.

O livro didático é, em primeiro lugar, o portador dos saberes escolares, um dos componentes explícitos da cultura escolar. De modo geral o livro didático é a transcrição do que era ensinado, ou que deveria ser ensinado, em cada momento da história da escolarização. (Munakata, 2016, p.123)

A História nos livros didáticos brasileiros esteve, durante muito tempo, envolta em uma mistura de herança jesuítica e influência da historiografia francesa. Muitos dos professores de História e autores de materiais didáticos brasileiros eram católicos e viam a História sob a ótica romântica e conservadoramente religiosa do século 19. Mesmo que tenha havido autores que tentavam se desvincular da predominância religiosa, a Igreja católica fazia valer sua influência no ensino.

A presença da Igreja Católica, conciliada com o Estado a partir de 1931, foi significativa na formação dos anos trinta em diante. A produção didática dos autores católicos foi consumida por um mercado crescente de adolescentes, indicando a esfera de atuação da Igreja mesmo nos colégios leigos. Alguns dos grupos que se opunha ao domínio da Igreja, realizavam seus projetos, mas pelas repercussões de suas obras, a força de penetração de suas ideias deve ter sido menor em relação aos educadores católicos. (Bittencourt, 1990, p.82)

O ensino de História tomaria novos rumos a partir do final da década de 1930, quando começaram a se formar as primeiras turmas do curso de História e Geografia – criado em 1934

e separados posteriormente – da Universidade de São Paulo (USP), fortemente influenciadas pela historiografia francesa. Fernand Braudel, à época um jovem historiador e que se tornaria um dos mais influentes historiadores do século 20, foi um dos implementadores e norteadores do curso.

O que predominava nos programas de ensino de História era demonstrar que o Brasil tinha uma história nacional e que rumava ao progresso. Cabia aos professores e aos autores de materiais didáticos de História, a tarefa de construir uma imagem de nação moderna, industrializada, republicana, forte e solidificada em espírito cívico, com esforços no sentido de se criar uma história unificada, com a criação de mitos, rituais e cerimônias, a fim de que haja uma tradição com identidade nacional, fortalecendo o sentimento de pertencimento e lealdade à nação, como argumenta Hobsbawm (2012). Segundo o próprio IHGB em suas revistas, o ensino de História tinha “o alto intuito de favorecer cada vez mais o espírito de brasilidade, isto é, a formação da alma nacional e do caráter nacional. Ao brasileiro cumpre conhecer bem, isto é, profundamente e carinhosamente, a evolução e as tradições de sua pátria” (Manoel, 2012, p. 162). Essa atitude de caráter nacionalista, de forte apelo cívico e assentada em tendências autoritárias se inseriu nas escolas sob o lema de “Deus, Pátria e Família”, que seria repetido em novas ondas da direita autoritária no Brasil, tanto nos anos em que o país esteve sob o regime de uma Ditadura Militar (1964-1985), até pelos asseclas de Jair Bolsonaro.

Sob essa atmosfera, o ensino de História se abraçava à proposta de formar o cidadão a partir das diretrizes do Estado. Seriam ensinados os “grandes acontecimentos”, as “grandes descobertas”, a história dos “heróis da República”. A História ensinada era a de um Brasil “pacífico”, onde europeus e nativos, os indígenas, conviviam harmoniosamente com um ou outro entrevero; das Bandeiras que desbravaram o país e do papel do africano como auxiliador neste processo de desenvolvimento, sem que fossem abordados os horrores e implicações do processo escravocrata. Era uma História de contar histórias, não de exercício do pensamento crítico. Era a invenção de um passado heroico, mitológico e excludente, em que histórias, conflitos e povos foram apagados. Até mesmo em meados do século 20, “o direcionamento do ensino da História foi no sentido de formar, antes, a nobreza da Corte do Rio de Janeiro, depois, o cidadão, conforme os preceitos do Estado republicano” (Manoel, 2012, p.164).

O período sob a Ditadura Militar foi penoso para o ensino de História, nesse período foi enfatizado o ensino de uma história nacionalista, dos feitos dos "heróis" brasileiros, de modo a promover a identidade nacional e fortalecer o sentimento de patriotismo. Nos livros didáticos, havia limitação de diversidade de pensamento e os materiais refletiam essa abordagem, focando

em uma narrativa positivista de um passado glorioso dos períodos coloniais e imperialistas, privilegiando a história política, militar e econômica. Outros aspectos sociais, culturais e populares eram ignorados ou tratados de forma superficial, sem aprofundamento ou reflexão. O período foi marcado por uma redução nas grades de aulas de História em vista de inserir aulas de disciplinas “mais úteis”, como Matemática e Física.²¹

É a partir da década de 1980, com a redemocratização, que os currículos escolares passam por uma revisão e novas abordagens são incluídas. Assim, a História deveria ser ensinada sob um novo prisma, dando ênfase a outros aspectos da sociedade “que explicitassem a luta do homem, particularmente dos homens oprimidos, para a construção da cidadania” (Manoel, 2012). As propostas curriculares feitas nos anos 1990 objetivavam fazer do ensino da História um instrumento de consolidação da cidadania e, quanto às suas bases humanistas, foram incorporados ao currículo de estudos outros fatores, como o cotidiano que foi inserido no ensino médio, como as festas e os hábitos dos povos.

Observa-se uma mudança na concepção tanto do ensino quanto da compreensão da História na formação dos cidadãos. É inegável que o ensino crítico da História está atrelado ao aspecto político, uma vez que o conhecimento histórico traz questionamentos sobre as estruturas imperativas na sociedade e levanta demandas sobre rupturas. Grupos, antes marginalizados e ignorados pela História, agora se fazem presentes e querem ser ouvidos. A contestação de figuras heroicas tem ocorrido em diversas partes do mundo democrático e esses levantes são vistos como insubordinação e vandalismo pelas alas conservadoras, que novamente estão em situação política favorável, como demonstram casos no Brasil, Argentina, Estados Unidos e diversos países na Europa que enfrentam levantes da extrema-direita, como Itália, França, Alemanha, Portugal, entre outros.

A relação entre História e política chegou ao ponto de professores de História serem atacados nos últimos anos no Brasil, não por coincidência, mas com a ascensão de políticos de extrema-direita que nutrem desprezo pela ciência e pela produção de conhecimento e, em especial, a disciplinas que sejam mais contestadoras, das quais seus docentes são acusados de serem “doutrinadores marxistas”, ou “esquerdistas”. O historiador deixa de ser um contador de histórias e de batalhas épicas do passado, e se torna um agente de importância no presente, à medida que o passado opera para uma melhor compreensão do presente. O professor deve ter

²¹ Ver LDB 5692/71: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em 24/01/2024.

autonomia de ensino em sala, garantia dada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC),²² que enfatiza:

(...) um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. (Brasil, 2017, p.400)

Além do caráter negacionismo de grupos extremistas, a História para a compreensão e formação política pode afrontar os valores de superioridade dessas alas da sociedade, dado o “repúdio da História política e o desprezo do passado, obscurecido pela prioridade da atualidade cotidiana” (Janotti, 2021, p. 42). Outro fator pode ser a incompreensão ou desprezo desses grupos à figura do historiador como profissional da produção de conhecimento. Embora historiadores já atuassem tanto em universidades quanto em outras instituições, como museus e empresas diversas, sua profissão só foi reconhecida em 17 de agosto de 2020, quando o então presidente Jair Bolsonaro, após vetar anteriormente – e ter o veto derrubado –, promulgou a Lei 14.038²³, regulamentando a profissão (Bolsonaro veta projeto[...], 2020). O projeto já tramitava desde 2009, mas foi aprovado somente onze anos depois. Um ponto que chama à atenção é a mudança a qual o texto foi submetido para ser aprovado: o texto original dizia que: “O exercício da profissão de Historiador, em todo o território nacional, é *privativo* aos...” profissionais com formação em História, graduação, mestrado e doutorado. O termo *privativo* foi trocado por “assegurado”. Novamente nos deparamos com uma inclinação à ideia de que a formação não é necessariamente uma exigência para o desempenho do ofício.

O ensino de História no Brasil tem enfrentado desafios que ultrapassam seus currículos programáticos e os conteúdos dos livros didáticos. Docentes precisam enfrentar também uma histeria fomentada pelo desconhecimento desta disciplina por uma parcela da sociedade que não se importa em “fazer barulho”, mesmo que isso revele mais um desprezo por este conhecimento do que um suposto patriotismo. É pouco provável que professores tenham mais poder de doutrinação, como alegam os críticos, do que as dezenas de mensagens recebidas diariamente em grupos na internet e mídias sociais.

²² A Base Nacional Comum Curricular foi instituída por meio da Resolução CNE/CP nº 2 de dezembro de 2017, que orienta sua implantação obrigatória ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.

²³ Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.038-de-17-de-agosto-de-2020-272747785>. Acessado em 24/01/2024.

3.2 Uma história pública – mídia e ações de divulgação

A História é uma área do conhecimento que faz parte da “cultura pop”. Ou, pelo menos, muitos temas históricos são populares e geram produtos comercializáveis. Normalmente, as pessoas têm contato com temas históricos desde muito cedo, que são difundidos em diversos tipos de obras, não raro estão misturados com fantasia e ficção, especialmente no cinema – uma poderosa ferramenta na formação do imaginário popular. Elementos históricos são encontrados em jogos de tabuleiros, videogames, literatura, histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes, brinquedos e em outros tipos de plataformas.

Olhando para o Brasil, onde a televisão é uma plataforma de grande apelo e “têm grande audiência, incontáveis minisséries de sucesso tiveram como enredo questões de fundo histórico” (Malerba, 2014, p.29). Uma ferramenta importante para a difusão de temas históricos é o cinema, que desde seus primórdios dedicou películas a temas históricos como, por exemplo, a época clássica Romana, a Idade Média e os filmes de faroeste. Pensando em um recorte mais recente, na década de 2000, o cinema trouxe muitas obras de grande orçamento do tipo histórica-aventuresca, inspiradas, em especial, na Idade Média, com temas ligados às Cruzadas, ou a personagens como Robin Hood e o Rei Arthur, além do best-seller O Código Da Vinci, que virou filme, também baseado em uma conspiração histórica iniciada no período medieval. Obras desse tipo contribuem para uma ideia do passado como um local de grandes acontecimentos épicos, grandes heróis, mistérios e civilizações míticas – e místicas –, resultado de uma grande amálgama midiática entre fantasia, personagens, eventos e locais históricos.

Embora todo esse tipo de contato com temas históricos possa despertar interesse pelo tema, isso não é um tipo, propriamente dito, de divulgação de História. Para pensarmos em uma divulgação do conhecimento histórico, é importante abordar um pouco do conceito de História Pública, que pode ser definido como comunicação da História para amplas audiências ou o engajamento do público na prática e na produção do conhecimento histórico. O conceito, surgido na Inglaterra na década de 1970, não consistia, entretanto, “na eliminação da ciência histórica, mas estimular(ia) reflexões sobre a atuação do profissional capaz de motivar a consciência histórica para um público amplo, não exclusivamente acadêmico”, como apontam Almeida e Rovai (2013, p.02), mas em uma ideia de democratização do saber histórico para fins políticos, incluindo grupos como trabalhadores diversos, movimento feminista, estudantes, entre outros. Nos Estados Unidos, embora sem perder o aspecto mais participativo, houve uma abordagem mais ampla, pensando na transmissão do conhecimento produzido na academia fora

do ambiente acadêmico, atendendo demandas sociais e tecnológicas, considerando um público diverso e o uso de mídias. A partir da década de 1990, as dimensões da História Pública começaram a ser discutidas também no Brasil, principalmente com o recente processo de redemocratização e a memória da Ditadura Militar.

Outra questão fundamental passou a ser não apenas o contato com a comunidade ou a preservação de fontes, mas a construção de um ambiente virtual, por meio da televisão, do cinema, dos museus, da gestão e conservação de arquivos e centros de memória, da fotografia e da internet. La storia siamo noi, programa produzido pela RAI, ou o History Channel, na Inglaterra, são alguns exemplos de como os meios de comunicação podem popularizar a história. (Almeida e Rovai, 2012, p.2)

É importante ressaltar que muitas produções audiovisuais tanto no cinema quanto na televisão, como documentários encenados com representações de períodos ou eventos históricos, não são necessariamente peças de divulgação histórica, mas sim obras com foco no entretenimento da audiência. Pegaremos como exemplo óbvio, o History Channel, que faz parte do grupo de produções A+E Networks, cuja visão, em seu site oficial, deixa claro ser “a empresa líder de entretenimento”²⁴. Nas seções de crenças, missões, ética e valores, não há nenhuma menção de compromisso com a Ciência ou com a pesquisa histórica. Na seção de categorias da programação, História Geral é seguida por Ovnis e Mistérios, Religião, Ciência, Motor, Sobrevivência, numa mistura que pode facilmente confundir um visitante desavisado, e criar uma percepção no público de que a História talvez seja uma grande busca por alienígenas que construíram pirâmides ou uma grande conspiração mundial na qual cavaleiros Templários esconderam o Santo Graal na Nova Escócia. Uma solução sensata e irrelevante à emissora poderia ser a singela troca de nome para “Mystery Channel”, o que faria muito mais sentido.

Embora o recurso audiovisual seja uma ferramenta poderosa para a divulgação científica, principalmente devido à sua linguagem que é capaz de atingir praticamente todos os públicos, considerando recursos como legenda, audiodescrição e libras, o History poderia desenvolver conteúdos de forma mais educativa, ainda que priorizasse o entretenimento. O documentário com encenações é muito rico pela sua capacidade de criar ambientações e diálogos que, se roteirizados de forma apropriada e com a supervisão técnica de educadores e historiadores, pode gerar resultados com valor educativo e contribuir para o aprendizado sobre a História.

²⁴ Ver: www.canalhistory.com.br/sobre-o-history. Acessado em 25/01/2024.

A despeito da ampliação das audiências, tais produções muitas vezes são alvos de diversas críticas, especialmente feitas por acadêmicos, em relação a imprecisões factuais e abordagens amiúde superficiais da história. Entretanto, é preciso pontuar, outros autores criticam as tentativas de distinção entre uma história “séria” (produzida por historiadores de ofício) e uma história como mera forma de entretenimento, encontrada nos filmes históricos, mesmo que diagnosticados como representações fantasiosas ou ideológicas em determinados casos, afetam a maneira como vemos o passado. (Ogassawara e Borges, 2019, p.39)

Já que este trabalho olha para uma forma de mídia tradicional, quando consideramos formas de ampliação de públicos e diferentes mídias, devemos levar em consideração publicações específicas que têm a História como objeto central. Se, atualmente, as revistas impressas têm cada vez menos espaço em decorrência dos novos formatos de mídia e acesso à informação, durante décadas, e até mesmo séculos, a forma de se transmitir qualquer tipo de conhecimento foi através de materiais impressos, especialmente livros e revistas. Já no início do século 19, publicações sobre temas científicos começaram a mirar um público não especialista (Sheets-Pyenson, 1985). Esses periódicos populares de Ciência se destacaram principalmente na França e na Inglaterra durante a década de 1820, quando as máquinas de impressão permitiram o crescimento do mercado editorial. Os temas abordados nas publicações inglesas eram geralmente divididos em três categorias: ciência geral, história natural e mecânica. Na França, a ciência popular aparecia em jornais de “conhecimentos úteis”, semanários e anuários. Nesse período, na França, tinham destaque as publicações de conhecimentos úteis, enquanto, na Inglaterra, destacavam-se história natural e ciências mecânicas.

No Brasil, as revistas também começam a circular no início do século 19, pois a chegada da família real portuguesa, que se muda para o Rio de Janeiro em 1808, realiza a instalação da imprensa régia e “a primeira revista de que se tem conhecimento, *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, surgiu em Salvador no ano de 1812, seguindo os modelos de revistas utilizados no mundo editorial da época” (Baptista e Abreu, 2010, p.02). Assim, como em diversas partes do mundo, muitas publicações em formato de revistas foram bem-sucedidas, principalmente por mesclarem textos informativos, opinativos e muitas imagens, criando um especial atrativo visual, sendo que, entre 1960 e 1975, a produção de revistas dobrou no país, saltando de 104 para 202 milhões de unidades (Mira, 1998). A partir da década de 1980, a segmentação das mídias se consolidou ainda mais, a ponto da Editora Abril, uma das maiores

no Brasil, criar uma editora, a Azul, somente para com revistas segmentadas, em um mercado que se expandia com inúmeras outras editoras e títulos focados em diversos temas, desde crochê até pescaria.

Publicações voltadas para Ciências e curiosidades também foram introduzidas ao portfólio das editoras e títulos como *Galileu* (Editora Globo), *Superinteressante* e *Mundo Estranho* (ambas da Editora Abril), por exemplo, surgiram destinadas a um público geral, em especial os leitores jovens, com uma abordagem de temas científicos com uma linguagem de curiosidade e de maravilhas científicas.²⁵ Nessa linha também foram surgindo revistas que tinham como foco abordar a História com uma linguagem mais acessível e destinada a um leitor mais amplo.

Seguindo a moda estrangeira, inúmeras revistas de história com fim de divulgação científica circulam hoje no país. Em suas mais diversas formas de apresentação popular, também aqui o passado nos cerca. Editores, publicitários e homens de mídia em geral descobriram que o passado pode representar bons negócios. (Malerba, 2014, p.29)

Aqui nos referimos a revistas de grande circulação e com foco no público geral, e não a revistas acadêmicas, editadas por institutos de pesquisa e universidades, que são destinadas à divulgação de pesquisas aos pares. Algumas dessas revistas, que eram vendidas nas prateleiras das bancas de jornais ou por meio de assinaturas, se destacaram pelo aspecto comercial e editorial. Uma dessas revistas foi a *Nossa História*, lançada em 2003 em um esforço da Biblioteca Nacional com a editora Vera Cruz com tiragem de 50 mil exemplares. Em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo no dia do lançamento da publicação, o historiador José Murilo de Carvalho disse que “o escritor da história precisa [...] ser capaz de se comunicar com o grande público, sem abrir mão, bem entendido, da qualidade e da seriedade de seu trabalho” (Revista “Nossa História” [...], 2003). A revista foi cancelada em 2006, com um total de 38 publicações.

Com o fim da *Nossa História*, a Biblioteca Nacional passou a editar sua própria revista, intitulada *Revista de História da Biblioteca Nacional*, que foi publicada pela Sociedade Amigos da Biblioteca Nacional (Sabin) até 2017. A publicação foi bem-sucedida comercialmente e chegou a ter venda superior às demais revistas de popularização de História em sua época. As edições de junho, julho e agosto de 2011 cujas capas traziam temas como "Sociedades Secretas, Batalhas e Arqueologia ajudaram a revista a ultrapassar a média de 8.500 exemplares vendidos

²⁵ Criada em 2001 com o slogan "Para Quem É Louco Por Curiosidades!", a *Mundo Estranho* parou de circular em 2018.

em bancas de todo o país”,²⁶ reforçando o apelo que essas temáticas de histórias aventurescas têm entre o público. Apesar do sucesso comercial que obteve, a publicação passou a enfrentar dificuldades financeiras nos anos seguintes, deixando de ser impressa em 2016 e sendo mantida apenas de forma digital, tendo sido totalmente descontinuada em 2017. À época, chegou a ser criada uma iniciativa para arrecadação de fundos para dar uma sobrevida à revista, mas não foi suficiente e até mesmo o site da publicação com todo seu acervo foi deletado.²⁷ De forma melancólica e cruelmente contraditória, todo o acervo de uma publicação destinada à História teve sua memória negligenciada e apagada.

Outras duas revistas temáticas importantes que circularam no Brasil foram *História Viva* e *Aventuras na História*. A primeira foi publicada com periodicidade mensal entre 2003 e 2015 pela editora Duetto e mesclava conteúdos próprios com outros traduzidos da revista francesa *Historia*. Também se apoiando em temas que são populares e capas chamativas e apelativas, a revista tinha edições especiais dedicadas ao nazismo, ao cristianismo, lendas arturianas, gladiadores romanos, guerras gregas e outros temas populares e com grande circulação também no cinema. Apesar do sucesso de algumas edições, como o número 06, dedicada à lendária cidade de Troia, que vendeu 45 mil exemplares e foi lançada com a estreia do filme homônimo de 2004. A publicação sofreu com a grande concorrência, inflada pela oportunidade de mercado identificada na década de 2000, quando revistas impressas ainda eram um produto vendável. Segundo o então editor da revista, Alfredo Nastari, em entrevista ao Observatório da Imprensa, em 2006, se dependesse apenas de edições regulares, a revista não teria resistido, pois havia

(...)uma overdose e uma queda-de-braço no mercado, que não comporta tantos títulos. Além das três revistas profissionais, há quatro ou cinco feitas por franco-atiradores. Alguns chegam a baixar textos da internet, dar um tapinha e tocar em frente”. (Mundo digital atropela[...], 2006)

A principal concorrente foi a *Aventuras na História*, título lançado pela editora Abril em 2003 primeiramente como um especial da revista *Superinteressante*, com foco no público jovem. A partir de 2014, passou a ser produzida e publicada pela editora Caras, do grupo Perfil, que também publica títulos como *Ana Maria*, *Caras*, *Contigo*, *Recreio*, entre outros voltados a públicos bem diversos. Em 2024 ainda está em circulação impressa e com possibilidade de

²⁶ Arquivos ANPUH. Disponível em: <http://www.site.anpuh.org/index.php/2015-01-20-00-01-55/eventos/item/1441-revista-de-historia-da-biblioteca-nacional>. Acessado em 25/01/2024.

²⁷ Existem formas de acessar o acervo da revista na internet. Ver: <https://www.cafehistoria.com.br/rhbn-site/>. Acessado em 25/01/2024.

assinaturas. Além das revistas mensais, também publica edições especiais e livros temáticos que levam o tema da revista. Atualmente, também conta com um site com conteúdos de temas históricos e perfis nas mídias sociais, onde é bem atuante, especialmente na plataforma Instagram, em que tem 159 mil seguidores.²⁸ A natureza do conteúdo na internet é o mesmo proposto pela publicação, visando atingir um público amplo, com temas que vão desde curiosidades até notícias, em sua maioria reproduzidas de outras fontes, e efemérides.

Nesta pesquisa, destacamos esses títulos porque foram duradouros e com grande circulação, mas várias outras publicações sobre História circularam, principalmente, nos anos 2000, especialmente aquelas cujas temáticas que garantiam o interesse público. A *Revista de História da BBC* foi publicada no Brasil pela editora Tríada traduzindo materiais das edições originais – com tradução literal da *BBC History* – e era composta por artigos escritos por diversos profissionais considerados especialistas nos temas – não necessariamente historiadores. A publicação teve doze edições temáticas no Brasil na década de 2000 e tem sido publicada periodicamente no Reino Unido desde o ano 2000, ainda com possibilidade de assinatura para os britânicos.

Um ponto peculiar em relação à revista *Aventuras na História* é o fato de ela ter tido como editor chefe o jornalista Leandro Narloch, autor do best-seller “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, considerado por especialistas como um dos maiores desserviços no campo da divulgação de História, devido à descontextualização de elementos históricos e da visão particularmente preconceituosa e anacrônica sobre temas históricos que são sensíveis e caros a grupos historicamente marginalizados, como negros e indígenas. A obra, assim como o autor, se vendia como se guardasse um segredo que professores de História – acusados pelo autor de serem doutrinadores marxistas – não queriam ensinar, e que seria revelado no livro, como a “verdadeira história”.

Sob a bandeira do “politicamente correto”, mal se disfarça uma visão altamente conservadora, quando não reacionária, retrógrada, eurocêntrica e preconceituosa da/sobre a história do Brasil. Por exemplo, em relação a negros e índios, Narloch reproduz uma interpretação típica das classes senhoriais brasileiras do século XIX segundo a qual a construção do Brasil foi obra de europeus (portugueses) e o Brasil fez-se quase que apesar da existência de negros e índios. (Malerba, 2014, p.38)

²⁸ Verificado em março de 2024.

Esse tipo de visão superficial, e até mesmo tendenciosa e manipuladora da História, levanta questionamentos sobre o tipo de abordagem que seria veiculado em uma revista de grande tiragem, teoricamente pensada para divulgação de História, e que muito provavelmente moldou a imagem que muitos leitores têm do que é a História. A capitalização dos temas históricos estariam, segundo o próprio Narloch, acima do rigor científico da historiografia, como ele deixa claro quando diz: "O livro (Guia politicamente incorreto) foi desenhado para ser um best-seller. Se fosse para não ganhar dinheiro com ele, eu ficaria em casa jogando videogame", declarou, à época, o jornalista e escritor (História é coisa[...], 2011).

O nicho de best-sellers com enfoque em temas históricos é, no entanto, anterior ao "Guia" de Narloch, e livros com temáticas históricas, ao contrário da historiografia tradicional, são publicados com sucesso há séculos. *Le Morte d'Arthur*, de Thomas Malory, publicado no século XV sobre o rei Artur e os cavaleiros da tábua redonda, é um dos primeiros grandes sucessos do gênero a ficar mundialmente conhecido e inspirar autores, historiadores e produtores de cinema até os dias atuais. Essa abordagem no estilo "capa e espada", com a dualidade entre heróis e vilões, tem grande influência em obras com temas históricos de grande sucesso comercial no Brasil nas últimas décadas, de acordo com Malerba (2014).

São muitos os livros que tratam da História escritos por profissionais de outras áreas, mas aqui vamos destacar outros dois exemplos que foram best-sellers: as obras de Eduardo Bueno e de Laurentino Gomes, dois jornalistas. Antes mesmo de Narloch, Eduardo Bueno, que por muito tempo foi jornalista de esportes, havia evidenciado o grande apreço que leitores têm por obras de temas históricos com uma abordagem mais vibrante e aventureira. Ainda em finais da década de 1990, em vias do país completar 500 anos do "descobrimento", o jornalista idealizou a coleção "Terra Brasilis", publicada pela editora Objetiva, que é composta por três obras: *A viagem do Descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral* (1998); *Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil* (1998); e *Capitães do Brasil: a verdadeira história da expedição de Cabral* (1999). Bueno tem lançado uma série de livros sobre temas históricos ao longo das últimas duas décadas e se consolidou, para muitos, como uma referência em História, principalmente do Brasil, e é frequentemente creditado como historiador por veículos de imprensa.²⁹

Observamos que tanto Narloch quanto Bueno vendem uma ideia de verdadeira História, como se fossem guardiões de um conhecimento negado à população, mas que seria revelado por eles, que são detentores deste saber e, até mesmo, antissistemas, pois se o

²⁹ Isso será tratado mais profundamente no capítulo seguinte.

conhecimento é negado ao povo, é porque também lhe é negado poder, portanto, a “verdade” deve ser revelada. Cabe lembrar que essa postura de detentor da verdade também é observada em Jair Bolsonaro, célebre negacionista científico. Embora os dois autores citados digam ser opositores do ex-presidente, a obra de Narloch alimenta muitos dos discursos usados por seus apoiadores, como relativização da escravidão africana ou do genocídio indígena. Isso não quer dizer, entretanto, que os escritos de Bueno sejam mais progressistas.

Politicamente, a obra de Bueno é muito conservadora, pois sua narrativa linear não comporta crítica nem análise; por outro lado, sua perspectiva compartilha com a historiografia do século XIX o fato de ser marcadamente eurocêntrica, como quando discute a exploração dos índios ou a mão de obra escrava. Já se apontou também a grande dívida que o autor tem para com a historiografia acadêmica, nem sempre devidamente creditada. Talvez até por estratégia de marketing, Bueno adora dizer que escreve diferente e melhor que os historiadores acadêmicos e já protagonizou diversos embates diretos contra eles.¹⁷ Bueno faz questão de referir-se desdenhosamente aos historiadores acadêmicos, a quem chama de historiadores oficiais ou de “facções mumificadas da classe acadêmica. (Malerba, 2014, p. 35)

Efemérides também foram o gancho perfeito para que o jornalista Laurentino Gomes se tornasse best-seller e fenômeno editorial. Em 2008, quando se completavam 200 anos da mudança de toda corte portuguesa para o Rio de Janeiro, o autor lançou, pela editora Globo Livros, a obra *1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. O nome em si já traz um ar de revelação, que vai apresentar algo que não se aprende, ou não querem ensinar, nas aulas de História. O livro foi premiado e alçou Gomes a um status de referência em temas relacionados à História do Brasil. Posteriormente lançou, pela mesma editora, mais duas obras aproveitando datas que são ensinadas em aulas de História, novamente usando títulos que indicam um conhecimento “privilegiado”, como *1822 – Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado*, lançado em 2010; e *1889 – Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil*, lançado em 2013.

Além do sucesso comercial, suas obras têm outros aspectos em comum com os livros de Eduardo Bueno. A história é tratada como uma grande saga aventuresca, de grandes personagens, numa dualidade entre o bem e o mal, mocinhos e bandidos, sem maiores abordagens críticas, focando mais na apresentação de curiosidades. O sucesso das obras pode

ser explicado pelo “gosto popular, como uma narrativa linear de lutas, romances e dramas, a presença de heróis e de uma aventura. Instigam-se a curiosidade e a imaginação dos leitores” (Rodrigues, 2016, p.32). É uma leitura prazerosa, mais fácil do que uma obra acadêmica, sem contar também com o poder de publicidade de grandes editoras, que precisam faturar com a venda desses livros.

A retórica dos livros mais vendidos seria efeito de uma ação capitalista sobre o conhecimento, em que deve haver um rápido consumo. Alguns mecanismos constituem os livros mais vendidos de literatura, os quais encontramos nos best-sellers em história: como a presença do herói dotado de contornos românticos (como o “aventureiro e namorado” D. Pedro I dos livros de Laurentino Gomes); atualidade informativo-jornalística, com intuito de atrair a atenção do leitor (análogo à história da corrupção no Brasil feita por Eduardo Bueno durante as investigações do Mensalão); um constante jogo de oposições: o bem contra o mal, a guerra e a paz (por exemplo, os constantes conflitos entre portugueses e grupos indígenas descritos nas obras de Eduardo Bueno). (Rodrigues, 2016, p.32)

Vemos que, para além da função de criar uma consciência histórica através do conhecimento do passado, a história também é um produto. Em 2023, foram vendidos 4,99 milhões de livros no Brasil, gerando um faturamento de mais de R\$ 263 milhões de reais, como mostra a pesquisa do Sindicato Nacional de Editores de Livros do ano 2023. Esse setor tem passado por uma crise e queda de faturamento, especialmente se compararmos com cerca de dez anos atrás, quando as obras citadas como exemplo neste trabalho foram lançadas (Em 2013[...], 2014), e renderam bons frutos. É necessário lembrar que grandes editoras, como as que publicaram e distribuíram as obras mencionadas, têm um poder financeiro e midiático que faz grande diferença na exposição e venda de seus produtos.

São feitos elogios à linguagem e a fácil compreensão. Ou ainda, a incitação da necessidade em adquirir uma dada obra. Atrai-se o leitor pela sua curiosidade em descobrir as origens e o desconhecido no passado. Além disso, o conhecimento proporciona certo status para seus detentores. Os significados e expectativas criados em torno dos livros são expostos para uma audiência. Enfatizam-se as estratégias e os valores invocados na composição desse trabalho editorial. Captamos uma das facetas das relações em que estão envolvidas as obras de história escritas por não acadêmicos: as ligações de um entretenimento baseado na leitura e um conhecimento que é apresentado como necessário. (Rodrigues, 2016, p.28)

Em suma, não necessariamente é preciso ter uma pesquisa relevante sobre um tema para que ela seja um sucesso editorial. É preciso, contudo, que o conteúdo tenha apelo junto ao público e, dentro de um contexto em que o ensino de Humanidades já é precário, confundir

História com um apanhado de histórias é uma receita perigosa, especialmente em uma sociedade onde há uma complexa relação com seu passado, especialmente quando esse passado é constantemente negado e idealizado.

No entanto, para além de revistas de nicho, produções audiovisuais e livros, a História também tem espaço, assim como seus profissionais, nos jornais diários que são generalistas, isto é, não especializados em temas históricos, cobrindo temas que vão desde crimes até economia, esportes e ciência. Os grandes jornais diários são umas das mais importantes fontes a partir das quais o público busca informações sobre temas científicos, assim como os jornalistas estão entre as fontes mais confiáveis do público neste quesito,³⁰ e aqui podemos inserir a História. Assim como nas produções de nicho, a forma como temas históricos são noticiados pelos jornais generalistas terá, inegavelmente, uma influência na forma como o público perceberá essa área, assim como quem são os principais profissionais e porta-vozes desse conhecimento.

Uma vez que estamos abordando aspectos da História Pública, é importante lembrar também de historiadores que têm feito contato com um público mais abrangente, além dos meios acadêmicos, e dos jornais que são uma plataforma de grande alcance, principalmente com sua forte presença digital. Assim, esta pesquisa se dedica à cobertura noticiosa da História em jornais. Os próximos capítulos são dedicados à forma como a História é noticiada nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e quem são os profissionais que estão ocupando o lugar de fala do historiador(a).

Se a História precisou se desenvolver como campo científico, o mesmo aconteceu com o ensino da disciplina no Brasil e, nesse caso especial, com a sua divulgação. Essa área do conhecimento suscitou críticas de outras áreas pela forma como era conduzida, sem criticidade e romantizada. Foi, inclusive, muito associada a um tipo de escrita ficcional, uma narrativa de grandes acontecimentos e de grandes figuras. Uma maior profissionalização com rigor crítico e metodologia própria, de cuidado com as fontes, elevou a História a uma disciplina de reconhecido valor, que dialoga com demais áreas, como a Geografia, Economia, Sociologia, entre outras.

No entanto, ao mesmo tempo em que a História se desenvolvia como um campo científico, os conhecimentos gerados no campo não chegaram de forma efetiva ao público mais amplo, que não tem acesso aos periódicos acadêmicos ou aos congressos, que são, de forma

³⁰ Os capítulos seguintes deste trabalho trazem um maior detalhamento a esse respeito.

quase majoritária, destinados aos pares, sem um projeto amplo de divulgação. A relação do público com o profissional da História se deu, em grande parte, no período escolar, ainda que de forma insuficiente e nem sempre com aulas ministradas, de fato, por um historiador, que poderia compartilhar os novos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores. Mas, como lembra o historiador e professor Bruno Leal,³¹ as pessoas continuam tendo contato com temas históricos e aprendendo sobre o tema após o período escolar e a formar consciência histórica (Teixeira e Carvalho, 2019, p.15).

Este contato com temas históricos se deu, especialmente e por muito tempo, através das revistas de nicho focadas na História. Não é nenhum exagero deduzir que as abordagens que as publicações deram à História influenciaram a percepção do público leitor a respeito do que seria essa área do conhecimento, de como seria produzida e de quem a produzia. O tratamento da História como um passado aventureiro, de grandes acontecimentos encabeçados por grandes figuras iluminadas liderando as civilizações rumo ao progresso, certamente moldou uma ideia de que o conhecimento histórico realmente seja um grande mistério, uma verdade empoeirada em algum arquivo ou em algum baú secreto aguardando para ser descoberto. Isso infere diretamente na percepção ou entendimento que as pessoas terão do historiador(a). Ora, se a História está aí, apenas esperando que alguém lhe traga à luz, por que esse alguém não poderia ser Leandro Narloch? Por que não poderia ser um apresentador de programa televisivo vestido como Indiana Jones?

Note, inclusive, que isso ilustra muito bem a ideia que as pessoas podem ter sobre o que seria a História ou, nesse caso mais específico, a Arqueologia. Indiana Jones é um arqueólogo fictício do cinema que, de forma totalmente contraditória ao que rege o ofício, destrói sítios arqueológicos inteiros para saquear uma peça – que pode, inclusive, ser “alienígena”. A figura do Indiana Jones ilustra a ideia que a maioria tem do que é a Arqueologia que, infelizmente, por muito tempo nada mais foi que a pilhagem cultural de países subjugados pelas nações imperialistas sob a narrativa de preservação de bens e relíquias do passado, uma vez que países não europeus não teriam, segundo essa perspectiva, capacidade para tal. O mesmo pode ser aplicado à História se pensarmos que muitas narrativas partem do princípio de justificar atrocidades, como a escravidão ou o genocídio indígena, em prol de um pretense progresso civilizatório europeu, que saqueou, matou e dizimou culturas inteiras no que

³¹ Bruno Leal é membro do departamento de História da Universidade de Brasília. Entre outras iniciativas, é o fundador e editor do portal Café História, dedicado à divulgação científica de História. Ver: <https://www.cafehistoria.com.br/>. Acessado em 26/01/2024.

chamaram de “Novo Mundo”, com uma perda irreparável, não apenas humana, mas também de conhecimento ancestral.

A História possui um papel crucial no processo de formação de cidadãos críticos e socialmente responsáveis, daí a importância do papel dos profissionais da História se posicionarem publicamente e buscarem locais de fala. Se o historiador ou a historiadora não ocuparem os espaços públicos na divulgação de um conhecimento histórico crítico ao passado na formação do presente, outros ocuparão. Novamente, é importante ressaltar que não se trata de monopólio sobre quem deve produzir ou falar sobre a História, muito menos de acirrar uma disputa entre historiadores versus jornalistas. Assim, deve-se atentar para os sentidos das narrativas históricas que são divulgadas, como um tipo de

(...)história (que) não recorre a questões ou a problemas; é uma história que quase sempre relaxa, estabiliza; uma história que fornece referências identitárias em conformidade com a expectativa do leitor, uma história reconfortante e que elimina a tensão inerente às relações sociais. (Teixeira e Carvalho, 2019, p.15)

Por muito tempo, os historiadores, em especial se tratando do caso brasileiro, renunciaram a um diálogo com o grande público, aquele não especialista, mantendo, assim, uma comunicação focada na divulgação de suas pesquisas apenas entre seus pares acadêmicos, e de forma eficaz por meio de congressos e uma sólida rede de intercâmbio universitário. Essa lacuna na comunicação com o grande público foi preenchida por profissionais de outras áreas, em especial jornalistas que, com uma escrita mais “aprazível”, aplicam técnicas mais dinâmicas da escrita jornalística e literária. Dessa forma, conseguem atingir um público ávido por esses materiais que, muitas vezes, retratam uma história aventuresca e, na maioria das vezes, nada crítica.

3.3 Conclusão do capítulo

Uma vez que a História é uma área em que a disputa de narrativas é intensa e grupos tentam reescrever e ressignificar o passado de acordo com interesses próprios para silenciar reivindicações sociais, é determinante que os historiadores profissionais ocupem os lugares de fala e divulguem uma História alicerçada em reflexão crítica e que considere como agentes sociais todos aqueles que foram marginalizados e explorados a fim de lhes dar voz. Dessa forma, pode-se combater o falseamento da História, assim como a negação de fatos que incomodem grupos que têm sido privilegiados pela exploração e pelo genocídio.

Este capítulo se encerra lembrando que os profissionais da História têm cada vez mais criado iniciativas e ocupado os locais de fala nas mídias digitais buscando atingir um público amplo. Embora essas mídias não sejam o foco deste trabalho, fazemos algumas menções honrosas a iniciativas idealizadas e comandadas por historiadores, como o portal Café História, dedicado à divulgação de História; o podcast História Preta, focado na História da população negra; o podcast ObrigaHistória; no YouTube, o Canal do Sorrilha, focado em História política dos Estados Unidos; o Comer História, canal no qual uma historiadora faz receitas típicas de época, usando os mesmos ingredientes e explicando hábitos alimentares do passado.

Destacam-se também alguns historiadores que são mais conhecidos pelo público não especialista e contam com grande visibilidade e presença constante na imprensa. Talvez os exemplos mais evidentes, atualmente, sejam os de Lília Schwarcz – professora da USP – e Leandro Karnal – que foi professor da UNICAMP até 2020, quando pediu exoneração. Ambos frequentemente são convidados por programas televisivos e são autores de livros de grande êxito comercial. Outro historiador com presença frequente na televisão, especialmente como comentarista de política no Jornal da TV Cultura, é Marco Antonio Villa, que ganhou projeção após publicar o livro “Mensalão – O Julgamento do Maior Caso de Corrupção da História Política Brasileira”, embora conte com outras obras anteriores, e se tornar uma das principais vozes críticas ao governo do Partido dos Trabalhadores nos primeiros anos da década de 2010, em momento chave de crescimento da extrema-direita no Brasil. Mary Del Priore é outra renomada historiadora e escritora cujos livros têm grande êxito comercial, entre eles, obras destinadas à história das intimidades e relações amorosas de figuras históricas, publicados pela Editora Planeta, que foi a editora responsável pelas obras de Laurentino Gomes entre 2007 a 2014.

São várias as iniciativas que mostram que, antes tarde do que nunca, os historiadores, especialmente os da nova geração, estão percebendo a necessidade de se comunicar de forma eficaz e em mídias digitais, com linguagem acessível para um público que não se enquadra no perfil acadêmico. Talvez essas iniciativas tenham sido aceleradas pelos recentes ataques que esses profissionais têm sofrido na última década, mas, de qualquer forma, mostram uma atenção com os novos públicos e dialogam com eles com as ferramentas adequadas, e não somente nos colóquios e nas revistas indexadas.

4. A HISTÓRIA E O/A HISTORIADOR/A NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DOS VEÍCULOS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO

“Precisamos da História, mas precisamos dela de modo diferente do que o daquele ocioso mimado andando pelos jardins do conhecimento”, Nietzsche.

Uma forma de tentar entender como um conhecimento é compreendido pelo público é olhar para os meios que o difundem. A forma como se dá a circulação do conhecimento impactará a forma como o conhecimento histórico é compreendido no cotidiano, uma vez que, como defendem Vogt e Morales (2018), quando a comunicação do conhecimento científico é voltada para o público que não participa deste processo, ela age como elemento transformador e se insere em sua cultura.

Quando olhamos para a difusão de Ciência, neste caso a História, em um veículo jornalístico, devemos nos atentar para alguns limites que encontramos, especialmente quando os veículos não são especializados neste tema, tal como as revistas citadas no capítulo anterior. Ainda há de se levar em conta outros aspectos fundamentais, como: a mediação, i.e., a fala de um historiador em uma matéria passa pela mediação de um jornalista ou de um editor; a linguagem, i.e., como a matéria trata determinado tema histórico; e o papel do historiador na matéria, ou seja, entender se: ele é consultado para explicar algo a fim de cancelar intelectualmente e legitimar uma narrativa? Para se contrapor a uma narrativa? Quem é este profissional? Lembremos que, para os fins deste trabalho, o historiador estaria na condição de entrevistado, portanto, em uma condição de autoridade sobre determinado tema para, em tese, auxiliar o jornalista na compreensão de um problema, uma vez que, para o jornalista e professor Nilson Lage, a entrevista seria um “procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo [...] uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (Lage, 2009, p. 32).

A questão da escolha da fonte jornalística é particularmente interessante porque ela pode depender de diversos fatores, como será apresentado em capítulo posterior dedicado às entrevistas com jornalistas. Mas uma característica dos profissionais da História como fontes jornalísticas é que estão na condição de “experts”, segundo o professor Lage. São aqueles que os jornalistas “procuram em busca de versões ou interpretações de eventos” (Lage, 2009, p.30). Lage, no entanto, recomenda que essas fontes devem ser variadas, a fim de que o depoimento

da fonte não venha a enviesar o conteúdo da reportagem. Um exemplo, nas palavras do próprio Lage: “evitar, por exemplo, que a interpretação de matérias sobre direito tributário seja sempre a de um assessor de grandes empresas, do governo ou de um grupo de sindicatos” (p.30). Esses aspectos são determinantes para definir como o conteúdo chegará ao leitor e qual será seu efeito na compreensão sobre o assunto tratado, principalmente quando pensamos em História Pública, aquela que, segundo o historiador Ricardo Santhiago, é voltada para a difusão do conhecimento histórico para além da academia, com foco na ampliação de audiências, temos que olhar atentamente para como ela é apresentada nos meios de difusão (Santhiago, 2016).

Primeiramente, é preciso partir do ponto de que nem na Folha de S. Paulo e nem em O Estado de S. Paulo há uma editoria dedicada à História. No Estadão também não existe editoria de Ciências.³² Durante a execução desta pesquisa, não foram encontradas editorias próprias de História em jornais do Brasil ou do exterior, no entanto, não é possível dizer que elas não existam, mas seria necessária uma pesquisa específica para um diagnóstico mais preciso. Embora essa ausência não implique em prejuízo editorial, talvez possa gerar maior dificuldade para o leitor em identificar o tema nas páginas, diferentemente de outras áreas que contam com editoriais próprias, como Economia, Literatura e Saúde. No entanto, a Folha tinha um blog chamado “A História é a Seguinte”,³³ dedicado exclusivamente ao conhecimento histórico, como pesquisas, arquivos e achados da historiografia. Sua manutenção não contava com uma periodicidade específica, passando meses sem a inserção de novos conteúdos até aparentemente ter sido descontinuado.³⁴

No decorrer deste trabalho não foram encontrados registros de que História seja tema de uma editoria específica em algum veículo jornalístico, uma vez que tal empreendimento necessitaria de uma pesquisa específica para esse fim. Verificou-se, no entanto, que o tema ganha páginas especiais, como o caso da Folha já mencionado, que requer um pouco mais de trabalho manual para ser encontrado, uma vez que não consta nos menus principais. É preciso percorrer as páginas destinadas a Blogs para encontrá-lo. Um caso interessante, porém raro, é observado no jornal norte-americano The Washington Post, onde há uma página intitulada “History” que é atualizada diariamente e com fácil acesso no menu de navegação lateral, junto às principais editorias.³⁵ O mesmo acontece com o francês Le Figaro, que dedica uma página

³² Conteúdos com foco em temas de Ciência foram incorporados à editoria Metrôpoles.

³³ Disponível em: <https://ahistoriaeaseguite.blogfolha.uol.com.br/>. Acessado em 20/11/2022.

³⁴ Nas consultas realizadas para este trabalho, entre agosto e novembro de 2022, a última atualização na página “A História é a Seguinte” era de 10 de agosto de 2021.

³⁵ Disponível em: https://www.washingtonpost.com/history/?itid=nb_history. 20/11/2022.

especial para o conhecimento histórico e tem fácil acesso.³⁶ Esses são alguns exemplos de que é possível dedicar algum espaço a essa temática.

Importante destacar que a História tampouco figura em conteúdos da editoria de ciências nos dois veículos que analisamos, que se limitam a pouca variação de temas. Ao navegar pela editoria de Ciência na versão digital do jornal da Folha de S. Paulo, abrem-se quatro abas: “Ambiente”, dedicada a pautas sobre meio-ambiente, climáticos e natureza, sendo que muitas envolvem temas políticos; “Saúde”, dedicada a assuntos da área médica;³⁷ “Equilíbrio”, que mescla matérias sobre saúde mental e física; e “Crise do Clima”, dedicada a temas ligados ao aquecimento global, uma pauta cada vez mais em alta devido às Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP) e às pesquisas e ações desenvolvidas em virtude das mudanças climáticas como os relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU.

Se a editoria de Ciência na Folha se manteve sem mudanças no período analisado, no Estadão verificou-se uma situação diferente, com mudanças constantes no site. Realizando o mesmo percurso na versão digital de O Estado de S. Paulo, a editoria de Ciência nos levava às seguintes abas: “Últimas”, que funciona como uma espécie de homepage desta editoria, com as notícias mais recentes; “Blogs”, seção em que não havia nenhuma notícia publicada; “Colunas” cujo único colunista destacado é o biólogo Fernando Reinach; “Saúde e Ciência”, que traz uma temática sazonal. A página passou por reformulação em seu layout e apresenta apenas as notícias mais recentes que se enquadram no que o veículo considera um tema científico. As demais abas foram retiradas e realocadas para outras páginas. “Saúde e Ciência” ganhou uma página própria chamada apenas “Saúde” no menu lateral. A coluna do biólogo Fernando Reinach foi realocada para a seção “Colunas”, no menu principal do site, na aba lateral.

Mas, como já mencionado, a ciência não está somente nas editorias que levam seu nome, mas distribuída pelas diversas páginas de uma publicação (Vogt *et al.*, 2012). Temas científicos estão dispostos ao longo dos veículos de comunicação ao longo de colunas de opinião, seções voltadas a assuntos tecnológicos e colunas e artigos sobre política, economia, entre outros temas, seja este jornal impresso ou digital, ou em ambos os casos. No entanto, essa limitação do que os dois jornais consideram “ciência”, “meio-ambiente” e “saúde” se alinha aos

³⁶ Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/histoire>. Acessado em 20/11/2022.

³⁷ Em consultas realizadas entre abril e novembro de 2022, essa página encontrava-se indisponível pela editoria de Ciência. Para acessá-la, é preciso percorrer outro caminho, acessando o menu principal e descer o cursor até a página “Saúde”. Desta forma, é possível acessar os conteúdos.

interesses científicos coletados nas Pesquisas de Percepção Pública de C&T citadas previamente (CGEEE, 2019), e até mesmo podem influenciar nesses resultados.

Nesta dissertação, é considerado conhecimento científico aquele resultante de um método científico validado capaz de, como sugere Karl Popper, um dos maiores filósofos da ciência do século XX, “encontrar explicações satisfatórias para aquilo que consideramos precisar de uma explicação” (Popper, 1968, p.27), ampliado ao que Vogt chamaria de “cultura científica”, um “amplo ecossistema de símbolos, ideias, histórias, fatos e noções que circulam e agitam a sociedade e têm, portanto, uma reflexão extremamente forte da mídia”(Vogt *et al.*, 2012, p.401). Temas científicos como, por exemplo, a notícia sobre um buraco negro, pauta de astronomia, podem ser publicados na editoria de assuntos internacionais (Na busca por[...], 2021), ou até mesmo uma notícia sobre vacinação (Promessa de vacinação[...], 2021) pode ser publicada na editoria Internacional. Recentemente, pesquisadores do Labjor-Unicamp mostraram que, por exemplo, em análise da Folha de S.Paulo só 10% do conteúdo sobre Covid-19 na Folha de S.Paulo se tratava de novas pesquisas científicas na área – apesar de a doença causada pelo coronavírus ser iminentemente científico.

E o mesmo acontece com a História, distribuída em praticamente todas as editorias, segmentada em maior volume em algumas do que em outras. Não é raro que a História ou historiador/a sejam citados como artifícios legitimadores de opiniões de articulistas em ambos jornais e também em reportagens, mesmo que esses profissionais não tenham sido consultados para a formulação do texto, como por exemplo o texto “Cinco lições que a pandemia do coronavírus já ofereceu aos mortais”, publicada pela Folha, no qual o articulista emula um historiador do futuro falando sobre os acontecimentos da pandemia, ou em “Aos 488 anos, São Vicente defende título de cidade mais antiga do Brasil”, texto publicado no Estadão que também usa historiadores como balizadores do conhecimento (Hafiz *et al.*, 2023).

4.1.História e os/as historiadore(a)s na imprensa

Segundo o levantamento de material para esta pesquisa, de acordo com a metodologia estabelecida, em 2020 os dois veículos contabilizavam juntos 1.282 conteúdos que traziam, de alguma forma, um historiador ou historiadora abordando temas históricos. Dividem-se em 591 na Folha, com uma média mensal de 49 conteúdos, e 691 no Estadão, com uma média mensal de 57 conteúdos. Não foi verificada grande disparidade na média mensal entre os dois veículos,

com exceção do mês de novembro, quando a Folha publicou 53 notícias com uma das palavras-chave e o Estadão publicou 86.

O *boom* de conteúdos em novembro de 2020 no Estadão se deu na editoria “Internacional” por conta da corrida eleitoral para presidência nos Estados Unidos: foram 14 resultados, o dobro do mês seguinte, dezembro, por exemplo, quando foram sete. Destes 14 de novembro, nove são referentes às eleições americanas. O mesmo motivo rendeu mais notícias com as palavras-chave aplicadas à editoria de “Política”: apareceram 22 vezes, também o dobro comparado com dezembro, 11 vezes. Dessas 22, três são sobre as eleições dos norte-americanos e oito sobre as eleições para prefeitos no Brasil. Para ilustrar essa influência das eleições, apenas o nome “Trump” – em referência ao então presidente dos EUA, Donald Trump, que concorria à reeleição – aparece em 11 resultados de títulos diferentes nessas editorias. Logo, é importante destacar que o noticiário factual pode alterar os resultados encontrados, mas não de maneira homogênea na imprensa.

Por sua vez, quando olhamos para os dados do mesmo período na Folha, tomando como referência as palavras-chave “historiador” e “historiadora”, a abordagem foi bem menos focada nos processos eleitorais. Das 53 matérias, apenas nove tinham relação com as corridas eleitorais americana ou brasileira, e apenas oito matérias são da editoria “Poder”, dedicada a temas políticos. Para efeito de comparação, Trump aparece apenas duas vezes nos títulos das matérias, que estão alocadas na editoria “Mundo”, dedicada a assuntos internacionais.

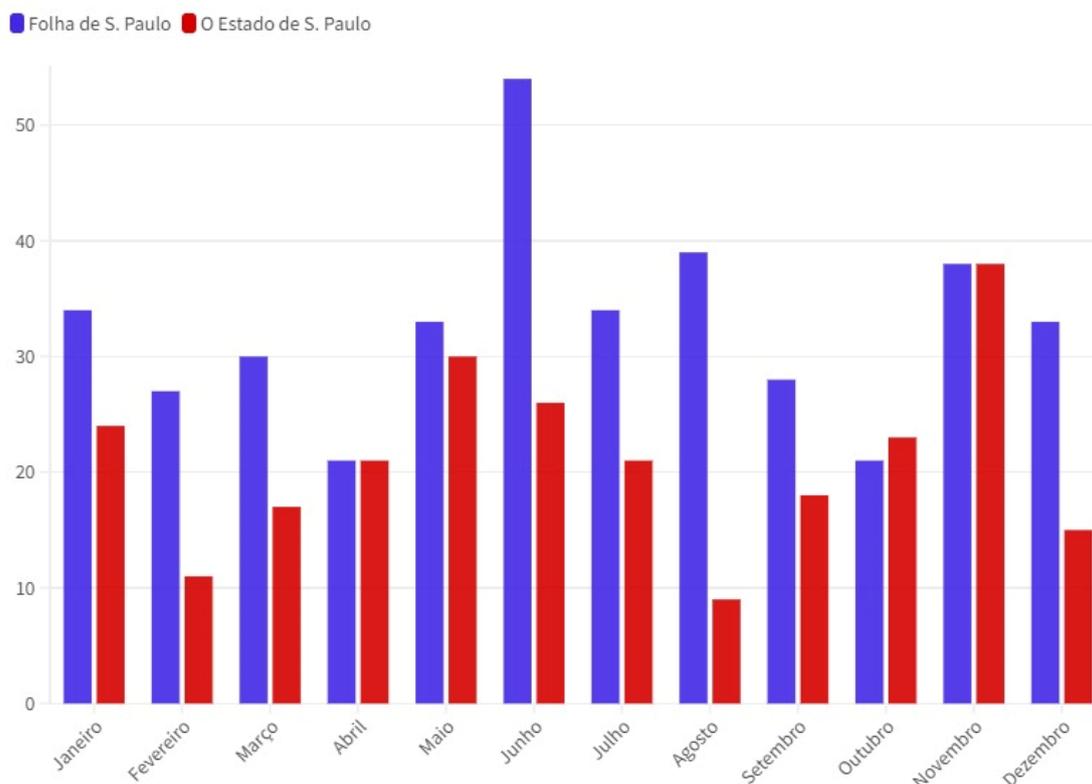
Os dados obtidos podem indicar que O Estado de S. Paulo priorizou mais que a Folha de S. Paulo a opinião de historiadores para analisar os fatos políticos relacionados às eleições daquele ano, uma vez que, como defendem as historiadoras Juliana Sayuri Ogassawara, que tem também formação de jornalista, e Viviane Trindade Borges, o historiador pode ser consultado como fonte para reportagens a fim de ocupar o papel de referência intelectual para fomentar discussões relevantes ou para que sua análise ou opinião seja o argumento de autoridade à reportagem produzida (Ogassawara e Borges, 2019).

Após a leitura e análise de todo o conteúdo levantado, com a eliminação daqueles que não se enquadravam nos propósitos do trabalho,³⁸ a divisão de materiais ficou da seguinte forma: 392 conteúdos na Folha de S. Paulo e 253 conteúdos no O Estado de S. Paulo, totalizando 645, praticamente metade de todo o montante levantado previamente – 1282 conteúdos–, que foram distribuídos nas categorias definidas na metodologia. É interessante ressaltar que no primeiro recorte quantitativo, eram 591 na Folha e 691 no Estadão. Após a

³⁸ Como descrito previamente na metodologia.

análise e eliminação, a situação se inverteu, com mais conteúdos na Folha. A distribuição mensal desses conteúdos nos dois veículos pode ser observada nos gráficos abaixo.

Gráfico 1. Distribuição dos conteúdos da Folha e Estadão por mês em 2020 – na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2023)

Verificamos uma predominância de historiadores e historiadoras na Folha em comparação com o Estadão. Em quase todo o decorrer de 2020, a Folha trouxe mais profissionais da história do que o Estadão, com exceção dos meses de abril, onde tiveram o mesmo número de profissionais, e novembro, em que a diferença foi de apenas um a mais na Folha – mesmo com o pente fino da análise, o Estadão manteve um alto número em vista das reportagens sobre as eleições. Outubro foi o único mês em que o Estadão teve mais historiadores, mas foram apenas dois a mais em relação à Folha. Ao contrário de novembro, onde o *boom* da presença de historiadores no Estadão se deu por conta da cobertura das eleições nos EUA, não há um fator determinante para a discrepância constatada em favor da Folha nos meses de junho e agosto, em que a diferença foi de mais que o dobro e mais que o quádruplo, respectivamente.

Como apresentado na introdução deste trabalho, é levantada a hipótese de que o conhecimento histórico não seja compreendido pelo público-geral como uma ciência capaz de responder perguntas por meio de uma metodologia própria, mas sim como um tema mais cultural e, até mesmo, de curiosidade. Essa percepção seria decorrente da forma como esse conhecimento é apresentado na imprensa. Outro motivo é o fato de que historiadores seriam, aos olhos do público, encarados como “jornalistas do passado”, ou praticantes de uma atividade que não seria mais do que um passatempo para algumas pessoas interessadas em eventos do passado (Communicating about history[...], 2020).

Talvez essa percepção tenha sido reforçada pela presença da História em diversas mídias, como filmes e documentários, principalmente a partir dos anos 1970 e, mais recentemente, com o avanço da internet, como destacam Ogassawara e Borges (2019), quando novas tecnologias permitiram alavancar as produções audiovisuais com temáticas históricas. Embora essas produções tenham auxiliado na difusão de uma história pública, aproximando temas de uma audiência muito mais ampla, elas muitas vezes são alvos de críticas por transmitirem imprecisões factuais, abordagens superficiais e muitas vezes tomam uma posição de verdade absoluta. Vale lembrar que muitas dessas produções são obras meramente ficcionais e outras são documentários chamados de “docuficção”, em que são mesclados elementos fictícios, factuais e acadêmicos são usados para chancelarem a produção e o ponto de vista defendido pelo seu diretor. Embora os fins dessas produções sejam voltados para o entretenimento, e não para a divulgação científica de História, é inegável que elas têm uma expressiva influência no público sobre como esses percebem o conhecimento histórico.

Ogassawara e Borges (2019) chamam a atenção para como os usos irresponsáveis do passado por meio das mídias podem gerar impressões equivocadas ou erradas a respeito de como o conhecimento histórico é produzido e sobre o papel do historiador, e apontam como exemplo a série *Guia Politicamente Incorreto*, realizada pelo History Channel junto da produtora Studio Fly no Brasil no ano de 2017. A série foi baseada no livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, do jornalista Leandro Narloch, que já foi editor da revista *Aventuras na História*³⁹ e atualmente assina uma coluna no jornal Folha de S. Paulo, onde já foi criticado tanto por historiadores quanto por colegas do diário (Narloch distorce[...], 2021). A série consistiu em uma versão audiovisual do livro, que foi criticado por acadêmicos da área por fazer afirmações polêmicas a respeito da História do Brasil com argumentações simplistas e sem fundamentações que relativizam temas caros à História, principalmente aqueles

³⁹ Publicação voltada para conteúdos históricos criada em 2003 pela Editora Abril, primeiramente como um especial da revista Superinteressante. A partir de 2014 passou a ser produzida e publicada pela editora Caras.

relacionados a povos marginalizados, como por exemplo, a escravidão (O incorreto no[...], 2018).

Escritores e historiadores renomados, como Lira Neto – jornalista e escritor de obras sobre História –; Mary Del Priore – historiadora, com pós-doutorado pela École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, autora de mais de 50 livros de História do Brasil e formada pela FFLCH/USP, pela PUC/RJ e pela Universidade Salgado de Oliveira –; a antropóloga Lilia Schwarcz – graduada em História pela USP, mestre em Antropologia Social pela Unicamp, doutora pela USP, onde é livre docente e titular –; e o jornalista Laurentino Gomes – autor de livros sobre a História do Brasil –⁴⁰ que haviam concedido entrevista para “um documentário sobre a História do Brasil”, pediram publicamente para que seus depoimentos fossem retirados do programa quando souberam de que se tratava.

A princípio, a produtora omitiu qual seria o nome e o teor da série, que mescla depoimentos de historiadores e jornalistas, como Eduardo Bueno, jornalista e escritor, famoso por escrever livros sobre História e que possui o canal no YouTube “Buenas Ideias”, onde fala de temas históricos e que, até o fechamento deste capítulo, contava com 1.340.000 inscritos. O programa também contava com opiniões do autor, Narloch, e do (possivelmente roteirizadas), YouTuber Felipe Castanhari, cujo canal no YouTube, “Canal Nostalgia”, voltado ao público jovem, tem mais de 14 milhões de inscritos até o fechamento deste capítulo, em 30/01/2023.⁴¹ Sob a ideia de “desmistificar” a História da universidade, que seria “empoeirada”, “chata”, “antiquada” e feita por historiadores “enviesados pela esquerda”, a série e o livro trazem uma visão antiquada e elitista da História, calcada em um viés de direita, e não, como pretensamente se propõem, livre de ideologias.

Esse tipo de abordagem da História, sem compromisso ou rigor historiográfico, com ênfase em um pretense “politicamente incorreto” pode causar um efeito de descrédito e desvalorização ao trabalho dos profissionais da História. Ogassawara e Borges (2019) ainda trazem um exemplo do quão danoso esse tipo de conteúdo pode ser, principalmente em jovens ainda em formação escolar, mostrando o resultado de uma pesquisa em que jovens de uma escola em Londrina (PR) concordam com as teses defendidas no livro.

Em estudo realizado com 138 estudantes de um colégio de Londrina (PR), a historiadora Márcia Elisa Teté Ramos diagnosticou que um número

⁴⁰ Informações obtidas sites pessoais ou acadêmicos. Disponíveis em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/5101/lilia-katri-moritz-schwarcz>; <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/6068/mary-lucy-murray-del-priore>; <http://www.laurentinogomes.com.br/>. Acessados em 21/11/2022. <https://www.liraneto.net/o-autor>;

⁴¹ Consultas realizadas em 30/01/2023.

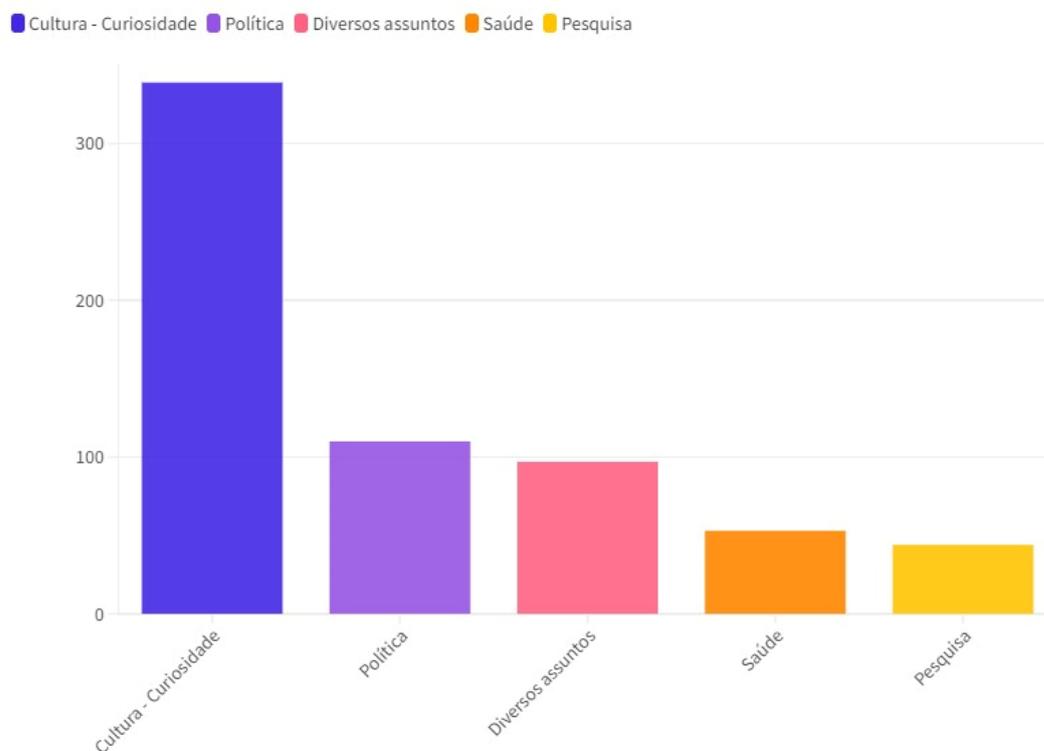
significativo de alunos concordou com as teses do livro de Leandro Narloch sobre a época da colonização, reforçando as representações do indígena como atrasado, indolente e inadequado à civilização capitalista. Uma das conclusões do estudo indica que o livro (um produto da cultura midiática moldado ao universo cultural dos jovens) é mais aceito pelos alunos e, principalmente, mais convincente a eles, do que o conhecimento histórico tradicionalmente transmitido pelos professores nas salas de aula. Nesse contexto, vale lançar uma questão ainda mais inquietante: que perspectivas teriam os jovens diante da série, uma produção mais dinâmica e visualmente mais atraente do que o livro? (Ogassawara e Borges, 2019, p. 50)

Por fim, vimos que é necessário considerar contexto para nos ajudar a olhar de forma mais ampla e crítica como o conhecimento histórico tem sido apresentado para audiência mais amplas. A noção de que a História é uma área mais voltada para a área de curiosidades ou temas culturais não é uma exclusividade de obras literárias ou das produções audiovisuais. Como foi levantado por esta pesquisa, a distribuição nas editorias dos jornais nos mostra que conteúdos que, de alguma forma, tenham um historiador(a) e/ou tratem de temas históricos estão presentes em praticamente todas as páginas dos jornais. Como esperado, algumas editorias concentram mais do que outras, com destaque para páginas dedicadas a temas culturais, que concentram a maior parte, e algumas outras que têm uma ou outra presença.

4.2. Distribuição dos conteúdos e sua classificação

A primeira amostragem do total do material bruto revelou que os conteúdos com historiadores ou historiadoras se concentravam em editorias voltadas para temas culturais, como prevíamos nas hipóteses desta pesquisa, correspondendo a 36% do total do conteúdo. Após a análise e exclusão dos conteúdos que não se encaixavam nos parâmetros estabelecidos, foi constatada uma manutenção da predominância dos profissionais de História em conteúdos ligados a temas culturais, totalizando cerca de 53% de todo o conteúdo (340 de 645), enquadrados na categoria “Cultura – Curiosidade”. Esse ranqueamento é seguido por “Política” (17%), “Diversos assuntos” (15%), “Saúde” (8%) e “Pesquisa” (7%), como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2. Distribuição por categorias em Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo em 2020 na amostra analisada

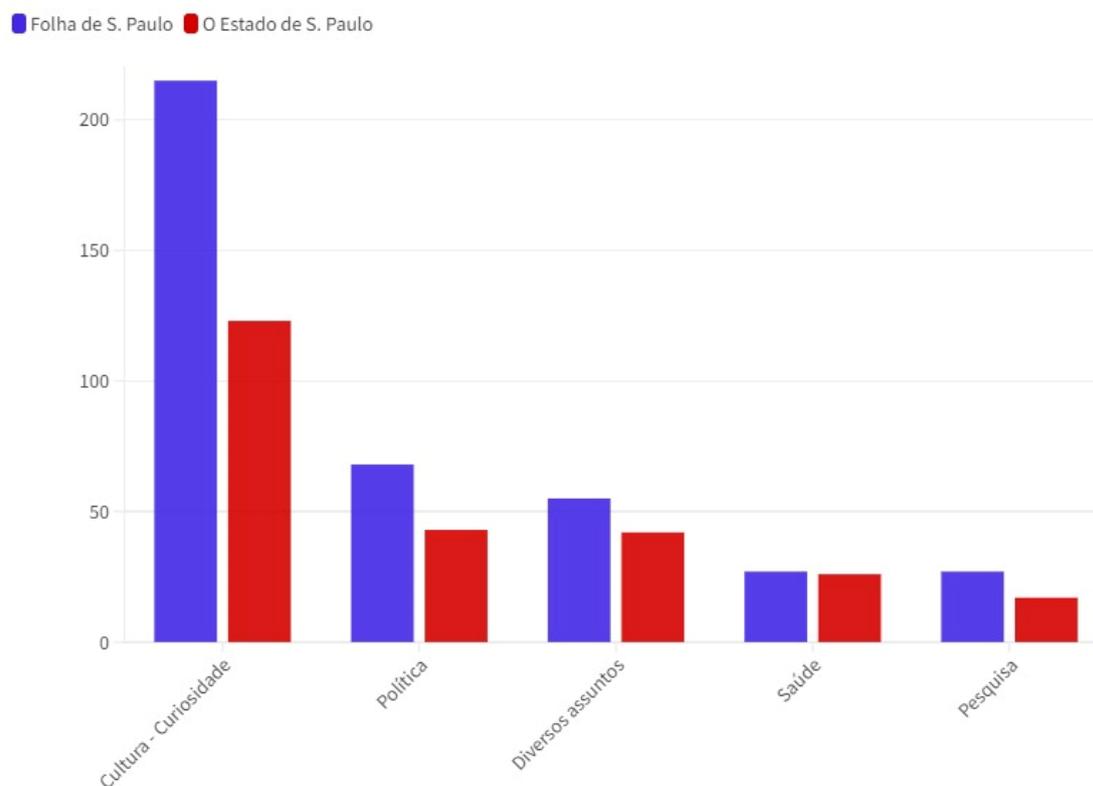


Fonte: Elaboração própria (2023)

Isso significa que, de acordo com os critérios adotados para análise nesta pesquisa, a maior parte dos conteúdos nos dois veículos tinham a História como um tema voltado para cultura ou para alguma curiosidade, como, por exemplo, a matéria “‘Megxit’: Sem dinheiro público ou títulos reais, o que vai acontecer com Harry e Meghan?”, na qual um historiador é consultado para comentar uma matéria mais voltada para curiosidades acerca da família real britânica (‘Megxit’ [...], 2020).

A seguir, o gráfico 3 mostra de forma isolada cada um dos veículos e suas diferenças particulares.

Gráfico 3. Distribuição por categorias em Folha de S. Paulo e em O Estado de S. Paulo separadamente em 2020 na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2023)

Quando olhamos individualmente, vemos que, na Folha, temas culturais ocuparam 55% de todo o conteúdo analisado, enquanto, no Estadão, esse percentual ficou em 49%. Uma diferença de seis pontos percentuais não é vista em relação às outras categorias, nas quais se mantém um equilíbrio. Os conteúdos da categoria “Política” tiveram o mesmo percentual (17%) nos dois veículos e os temas mais abordados em ambos foram relacionados a democracia, ditadura militar e a corrida presidencial nos Estados Unidos, em particular no Estadão. Dois exemplos do tipo de conteúdo que se encaixou nesta categoria são “Uma nova pergunta para o serviço secreto: Quem os irá proteger de Trump?” (Uma nova pergunta[...], 2020) e “Movimentos pró-democracia resgatam amarelo como símbolo” (Movimentos pró-democracia[...], 2022). É interessante notar como o historiador é uma importante voz para opinar ou esclarecer pontos sobre assuntos políticos, especialmente em um momento de grande polarização política como o Brasil tem enfrentado nos últimos anos.

A categoria destinada a “Diversos assuntos” englobou 14% do conteúdo na Folha e 17% no Estadão, e dois exemplos desse tipo de conteúdo são “Assassinato no Carrefour

reforça necessidade de empresas investirem no combate ao preconceito” (Assassinato no Carrefour[...], 2020) e “Medidas antirracismo no futebol são pouco efetivas e podem expor vítima” (Medidas antirracismo[...], 2020).

A categoria “Saúde” foi criada diante de uma situação não esperada. Por causa da pandemia de Covid-19, foi comum encontrar historiadores sendo consultados para falarem sobre o cenário pandêmico, relacionando esse cenário com situações parecidas do passado. Um exemplo deste tipo de conteúdo: “Líderes globais adotam retórica militar e patriotismo exacerbado em discurso contra pandemia” (Líderes globais[...], 2020). Durante a pandemia de Covid-19, parece ter havido uma maior atenção a como as sociedades lidaram com eventos epidêmicos no passado, a fim de tentar compreender o que se passava com o cenário atual causado pelo Coronavírus, ou até mesmo tentar prever o futuro próximo, como é o caso da matéria “Interiorização da covid-19 no Brasil pode criar os ‘mortos invisíveis’, diz historiador” (Interiorização da covid-19[...], 2020). Os exemplos coletados mostram como os jornais, a depender do tema, entendem a importância do profissional da História para explicar fenômenos do passado, muitas vezes, no intuito de compreender os acontecimentos do presente. Além do exemplo citado no caso da pandemia, os exemplos selecionados sobre política também mostram isso.

No entanto, um fato surpreendente foi que poucos dos conteúdos se encaixaram na categoria “Pesquisa”. Tanto em um cenário geral, quanto individualmente por veículo. A categoria “Pesquisa” foi a que contou com menos resultados, mostrando sempre o mesmo percentual – 7% do total. Esses conteúdos foram publicados, majoritariamente, em editoriais voltadas a conteúdos culturais, como Ilustrada, na Folha, ou Caderno 2, no Estadão, e se referiam a livros resultantes de pesquisas, em sua maioria de autores estrangeiros. Tais conteúdos não devem ser confundidos com os da categoria “Lançamento de Livro”, que se tratam apenas de notas sobre o lançamento de uma obra editorial e não trazem detalhes ou uma análise sobre o trabalho em si. Uma matéria foi enquadrada na categoria de pesquisa quando seu conteúdo tratava sobre um trabalho de investigação científica ou um “produto”, no caso, um livro, era resultante de uma pesquisa. Um exemplo de conteúdo nessa categoria é a matéria e entrevista com a historiadora Lyndal Roper, publicada pelo O Estado de S. Paulo em 22/02/2020, intitulada “Livro mostra como Lutero, homem que iniciou a Reforma Protestante, era reacionário e antissemita” (Livro mostra[...], 2020), que traz detalhes sobre a obra resultante da pesquisa.

4.3. Reflexão sobre História em "cultura e curiosidades"

O fato de que a maioria dos conteúdos se enquadraram na categoria “Cultura – Curiosidades” pode indicar um dos motivos pelos quais as pessoas assimilam a História e sua produção de conhecimento como uma atividade meramente cultural. Por mais que os profissionais da História estejam em diversas editorias, a prevalência em conteúdos de teores culturais ou de curiosidade pode, de fato, contribuir para que o público tenha a percepção de que essa atividade seja algo desenvolvido de forma mais “amadora”.

É importante reforçar que a forma como os temas científicos aparecem em jornais também tem inegável influência em como o público recebe e assimila tal conhecimento, uma vez que os jornalistas são, segundo pesquisas de percepção pública da ciência e da tecnologia, umas das fontes mais confiáveis pelo público para a obtenção de notícias sobre ciência (CGEEE, 2019).

O jornal em seu formato clássico impresso já vinha enfrentando crises de penetração nas residências há algumas décadas, como mostra Righetti (2008), e soma-se a esse cenário uma situação de crise nas redações, que têm sofrido no que tange aos recursos humanos, como mostram Bauer e Howard (2009). Nesta equação não podemos ignorar que, de forma geral, a chamada imprensa tradicional, assim como jornalistas, tenha se tornado alvo de ataques e achincalhamentos por alas da extrema-direita no mundo todo e, em especial, no Brasil com aval do governo brasileiro (Coelho, 2020). Ainda assim, o jornal ainda é uma das principais fontes de informação de ciência das pessoas no Brasil, principalmente para se informar sobre ciência.

De acordo com pesquisa do CGEE, de 2015, entre o grupo “Muito Interessado” em Ciência e Tecnologia, 47% fazem uso do jornal impresso com muita frequência para se informar sobre assuntos científicos (CGEEE, 2015). Como se esse indicador já não fosse o suficiente para mostrar a responsabilidade dos jornalistas na disseminação do conhecimento, outra pesquisa, o resumo executivo sobre Percepção Pública da Ciência & Tecnologia de 2019, também do CGEE, mostra que os jornalistas são a segunda fonte de maior confiança do público (38%), apenas atrás de médicos (49%) (CGEEE, 2019). Mais recentemente, em 2022, foram divulgados os resultados da pesquisa “Confiança na Ciência no Brasil em tempos de pandemia” (Massarani *et al.*, 2022), conduzida pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). A pesquisa mostrou que a confiança em jornalistas como fonte de informação se mantém bastante relevante (36,4%), atrás somente de cientistas (47,3%) e médicos (60,1%).

A confiança nos jornalistas também é interessante para esta análise, pois não raro esses profissionais são tomados como referência em assuntos históricos. Esta pesquisa tem o objetivo de entender o processo de como um jornalista escolhe quem será a fonte para uma reportagem sobre temas históricos. Isso será devidamente tratado mais adiante na análise das entrevistas com jornalistas. No entanto, é curioso que o prestígio do jornalista com o público, em passar informações confiáveis, também se estenda para outras áreas e, pensando especialmente no caso da História, isso estaria ligado ao fato de que essa área é tratada como uma mera curiosidade ou algo destinado apenas àqueles que se interessam por temas culturais. Isso pode ser explicado pelo desconhecimento do público de como o conhecimento histórico é produzido.

Uma pesquisa conduzida nos Estados Unidos pelo FrameWorks Institute (Miller, Hôte & Volmert, 2020) mostrou que, para o público americano, historiadores são como “jornalistas do passado”, que se dedicam a comunicar eventos exatamente como aconteceram. De acordo com a pesquisa, para este público, a História seria apenas um *hobby* não essencial e, ao mesmo tempo em que acreditam que lugares como museus e locais históricos podem ser importantes e valiosos, não sabem explicar o porquê. Ainda sobre a relação entre jornalistas e historiadores, o mesmo estudo mostrou que o público entende que os vieses dos veículos de comunicação têm afetado negativamente a forma como as informações são transmitidas e também aplicam esse pensamento aos historiadores. Embora a pesquisa tenha sido conduzida com o público americano, é possível traçar paralelos comportamentais com o Brasil, como essa ideia de que jornalistas e, principalmente, historiadores são guiados pelas suas ideologias e sua função primordial é doutrinar a população a partir de uma “agenda”. A pesquisa realizada pelo FrameWorks Institute toca num ponto crucial que é o desconhecimento do ofício do historiador e como é o processo de produção do conhecimento histórico.

Devemos levar em conta que os jornalistas geralmente não são especialistas em História e, portanto, também é prudente partir do ponto de que talvez não conheçam muitos peritos além dos mais conhecidos publicamente, já com grande repertório de pesquisa e carreira consagrada, ou, então, como tem acontecido, profissionais que escrevam sobre história e sejam classificados popularmente como historiadores. Essa miscelânea fica evidente na matéria “Figueiredo emerge com poucos equívocos em biografia do último presidente da ditadura”, publicada pela Folha de S. Paulo no dia 08 de novembro de 2020 na editoria Poder, voltada para pautas políticas (Figueiredo emerge[...], 2020). O texto trata da biografia, então recém-lançada, que foi escrita por Bernardo Braga Pasqualette sobre o ex-presidente brasileiro João Figueiredo, general e último a sentar na cadeira presidencial no período militar brasileiro (1964-1985). Em determinado momento do texto, o jornalista afirma: “Advogado, Pasqualette atuou

como jornalista e historiador para escrever o livro. Pesquisou durante cinco anos e entrevistou quase uma centena de pessoas”. Aqui é preciso destacar um ponto de grande importância nessa discussão: o autor do texto, Oscar Pilagallo, é um jornalista também com uma carreira de escritor de livros sobre temas históricos. Essa sua experiência pode influenciar na forma como enxerga a profissão do historiador e a produção do conhecimento histórico.

Creditar as duas especializações ao advogado não passou despercebido a pelo menos um leitor, que criticou nos comentários: “Me expliquem como se atua como jornalista e historiador sem ter formação nas áreas? Então posso atuar como advogado?”, escreveu um leitor nos comentários. Essa descrição, de um advogado que atuou como historiador e jornalista corrobora uma visão de desconhecimento do público do que seria o ofício do historiador, conforme a pesquisa do Frame Works Institute apontou, com uma visão de que a História seria um hobby ou uma atividade que possa ser exercida sem uma formação prévia neste ofício. É possível que o autor da biografia tenha feito uma obra muito boa e não está em questão a qualidade de seu trabalho, mas sim refletir como e quando o historiador é retratado. Para validação do ofício de historiador desempenhado pelo advogado, o jornalista poderia, por exemplo, trazer qual a metodologia utilizada, quais as fontes históricas consultadas, assim como a bibliografia de apoio. Nada disso consta no texto, reforçando a ideia de que o conhecimento histórico seja, de fato, um “jornalismo do passado”.

A visão de que a função do historiador é ser um “jornalista do passado” que somente fornece “os fatos” caminha analogamente ao discurso revisionista de que historiadores e professores de História ensinam um passado enviesado e que eles, os revisionistas, estão comunicando a “verdadeira história”. Outro paralelo entre a pesquisa e os revisionistas, ou negacionistas, pode ser traçado no que se refere à importância e validade de certos temas históricos, como a narrativa histórica “clássica”, na qual homens brancos são figuras proeminentes como o padrão a ser ensinado e assimilado. Por outro lado, temas que envolvem grupos historicamente oprimidos são compreendidos como um conhecimento extra que nem todos têm interesse em conhecer ou capacidade para tal. Segundo a pesquisa, somente pessoas que tenham uma ligação com esses grupos historicamente oprimidos querem ou são capazes de aprender sobre esse passado, uma vez que isso seria possível porque se identificam como parte desses grupos. Olhar para o passado dessa forma, como uma “história padrão”, “verdadeira”, e com um passado de “extras”, “somente para alguns” é a tônica de obras negacionistas e de conteúdos que visam relativizar a História, luta e sofrimento de grupos oprimidos.

No Brasil, isso tem ocorrido em relação a temas como a Ditadura Militar, massacre de povos indígenas e escravidão com frequência. Note que isso ocorre em várias frentes midiáticas,

como mencionado, por meio de órgãos governamentais e, também, por meio de colunas em veículos de imprensa prestigiados, como a Folha de S. Paulo que conta com uma coluna de Leandro Narloch.

Embora o veículo dê espaço a argumentações que vão neste sentido, em nome da liberdade de expressão e da pluralidade de ideias, seria incorreto, ou precipitado, afirmar que o jornal seja favorável a uma narrativa negacionista. Como mostra a matéria “Saiba quem foi Zumbi dos Palmares, novo pivô da guerra cultural bolsonarista”, publicada em 19/05/2020, na editoria *Ilustrada*, o jornal traz as historiadoras Lilia Schwarcz e Ynaê Lopes dos Santos para contrapor alegações negacionistas a respeito da existência de Zumbi dos Palmares, assim como ataques à figura histórica que se tornou símbolo da luta das populações negras.

Podemos observar que, assim como vários temas relacionados à Ciência, a História também está distribuída por quase todas suas páginas, com predominância em editorias muito específicas e aparentemente destinadas a um público que, pelo menos segundo as pesquisas consultadas, não se interessa tanto por esses assuntos. No entanto, esse é um resultado bem expressivo, pois vemos que historiadores estão presentes, ou são citados como tal, desde matérias que tratam de temas como Revolução Constitucionalista e Covid-19, ou até mesmo para falar sobre esportes, como o boxeador Mike Tyson (Myke Tyson[...], 2020). É muito comum que os historiadores estejam chancelando algum tema, emitindo sua opinião como uma forma de credibilidade à discussão, o que nos mostra que a figura desse profissional passa uma imagem de respeito e referência nos assuntos tratados, pelo menos nas matérias consultadas.

4.4. As fontes consultadas: quem está falando sobre História na imprensa

Uma vez que mapeamos quais as principais categorias nas quais conteúdos sobre História se enquadram, e o critério definido na metodologia para chegar a esses conteúdos era justamente a busca por historiador e historiadora, parece imprescindível olhar quem são os principais profissionais dessa área consultados pelos jornalistas. É sempre importante reforçar que nesta pesquisa considera-se historiador ou historiadora o profissional que possui formação em História, graduação, mestrado, doutorado e/ou pós-doutorado, e tem dedicado sua carreira ao ensino ou à produção do conhecimento histórico, com validação de seus pares, contribuição historiográfica e científica. Ainda que profissionais de outras áreas também desenvolvam

trabalhos no campo da História, esta pesquisa se dedica exclusivamente a identificar quem são os historiadores e historiadoras consultados e tenta entender os porquês dessas escolhas.

Portanto, realizar uma análise de matérias que trazem conteúdos históricos é essencial para encontrar material que embase a necessidade de se pensar quem é o agente que está chancelando o conhecimento histórico que é repassado ao público geral. Note que esse conhecimento chega ao público também chancelado pelo prestígio de um veículo de comunicação renomado.

Como apresentado, a História está distribuída ao longo das editoriais, porém o fato de os conteúdos trazerem um tema histórico ou um historiador não significa que, por exemplo, as matérias diferentes tenham o mesmo impacto. Uma matéria curta sobre um tema do cotidiano com um historiador falando sobre um determinado bairro de São Paulo que sofre com enchentes há cinquenta anos pode não dar o mesmo peso a um profissional que esteja falando sobre um grande caso histórico, uma efeméride ou alguma polêmica em evidência que envolva abordagens históricas.

Tomemos como exemplo a matéria “Pedido de retirada de estátuas em SP traz debate sobre 'apagão' histórico”, publicada na editoria Cotidiano da Folha de S. Paulo em 12 de junho de 2020 (Pedido de retirada[...], 2020), que trata sobre o movimento que contesta a existência de estátuas de figuras famosas com histórico de opressão sobre determinados grupos, como líderes escravocratas ou bandeirantes. Essa matéria poderia ser tomada como um exemplo de pauta polêmica, pois trata de um assunto caro à História e que tem estreita relação com causas defendidas por grupos de povos historicamente oprimidos.

Na matéria, há um professor de história e outros agentes da sociedade civil se posicionando a favor da retirada ou ressignificação das estátuas. O jornalista e escritor Laurentino Gomes também argumenta a favor da ressignificação das estátuas, mas contra a retirada. Veja que Laurentino Gomes é creditado no texto como historiador, enquanto o historiador consultado é apenas creditado como professor. Gomes é um jornalista e autor de livros sobre História do Brasil com grande sucesso comercial, como 1808, 1822, 1889 (que tratam, nesta ordem, da mudança da corte real portuguesa para o Rio de Janeiro; do processo de independência do Brasil em relação a Portugal; proclamação da República), além de obras sobre a escravidão em terras brasileiras.

A descrição de Gomes como historiador chancela sua posição como um perito no assunto – mesmo que não tenha a formação e trajetória acadêmica neste campo – que é polêmico e permeou o noticiário durante o período em diversas mídias. Não é um caso isolado, como podemos ver em outras publicações da Folha nas quais jornalistas são creditados como

historiadores, como em “Série que aborda história do Brasil volta com novo apresentador”, publicada em 07 de novembro de 2020 na editoria Ilustrada (Série que aborda[...], 2020), na qual o jornalista e escritor de livros sobre história Eduardo Bueno é creditado como historiador. O texto trata sobre a polêmica série do History Channel, “Guia Politicamente Incorreto”, citada anteriormente, que é baseada nos livros do jornalista Leandro Narloch, e evidencia temas clássicos da história brasileira que serão tratados no programa, como “a participação do Brasil na Segunda Guerra, o papel da princesa Isabel na Abolição e a real importância de Tiradentes na Inconfidência Mineira” (Série que aborda[...], 2020).

Situação semelhante também foi verificada em O Estado de S. Paulo. Um exemplo é a reportagem “Há 100 anos, era editada ‘O Mistério’, primeira história policial do Brasil” (Há 100 anos[...], 2020), na qual Tito Prates é descrito primeiramente como “dentista, administrador de empresas e apaixonado por histórias policiais” para logo depois ser creditado como “historiador” – em uma adjetivação que parece buscar conferir mais confiabilidade à fonte, uma vez que não existem registros de que o dentista Prates também tenha formação na área de História.

Repete-se o fato em “Cássio ganha biografia no Corinthians e nega ser o maior goleiro da história do clube”, de 28 de janeiro de 2020, da editoria Esportes, onde o jornalista esportivo Celso Unzelte é creditado como historiador (Cássio ganha[...], 2020). Unzelte tem uma carreira sólida como jornalista esportivo e na cobertura de eventos do gênero, principalmente futebolísticos, além de ser autor de livros sobre o tema, porém não consta em seu currículo a formação de historiador. No texto “Tudo que eu nunca soube sobre o Amapá”, publicada em 19 de novembro de 2020 no Blog do Estadão “São Paulo” (Tudo que eu nunca[...], 2020), o jornalista Eduardo Bueno é creditado também como historiador, mostrando que esse tipo de adjetivação a pessoas sem formação em História se dá em ambos os veículos analisados. Essa categorização é, no mínimo, curiosa, uma vez que o próprio Bueno já chegou a declarar, no próprio jornal, não ser um historiador.

Para escrever meus livros, faço toda a pesquisa em casa, utilizando essas fontes secundárias, os textos de historiadores. Não utilizo as fontes primárias, como documentos de época. Não sou e nem pretendo ser historiador, não por demérito dessa profissão, pelo contrário, apenas por opção profissional”. (Eduardo Bueno lança[...], 2022)

Observou-se, no entanto, que Bueno também é creditado em outras reportagens como jornalista. Tomemos, apenas como exemplo, outra matéria com a mesma temática das estátuas

de figuras históricas, porém com um ano de diferença, “Borba Gato não foi caçador de índios, queimaram a estátua errada, diz Eduardo Bueno”, publicada na editoria Cotidiano da *Folha* em 29 de julho de 2021, que traz uma entrevista com Bueno, descrito como “jornalista e escritor”, na qual ele se coloca a favor da retirada de estátuas sobre figuras que representam opressão, porém critica o ataque à obra (Borba Gato não foi[...], 2021). O jornalista também discorre sobre as bandeiras e Borba Gato, bandeirante homenageado com a estátua. Um fato que chama à atenção é que o próprio jornalista admite na entrevista não ser especialista em nenhum dos temas tratados e isso leva a um importante questionamento: se o próprio entrevistado admite não ser um especialista na pauta da entrevista, por que entrevistá-lo em vez de um especialista? Talvez seja essa exposição de Bueno como porta-voz de assuntos históricos que o leve a ser creditado como historiador nas reportagens mencionadas, mas não apenas. Uma vez que tal profissional é entrevistado para discorrer sobre determinado assunto, cria-se a ideia de que este seja uma autoridade sobre a pauta em questão.

Abaixo são apresentados excertos de matérias dos jornais que trazem profissionais de outras áreas creditados como historiadores.

Figura 1⁴². Trecho da reportagem “Há 100 anos, era editada ‘O Mistério’, primeira história policial do Brasil”, publicada pelo O Estado de S. Paulo creditando como historiador um profissional que não possui essa formação

Segundo o historiador, que preside a Associação Brasileira dos Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror, os quatro autores de *O Mistério* deram características distintas ao romance. “Enquanto Afrânio era mais poético, Coelho Neto puxava mais para o humor. Aliás, esse é um detalhe importante porque o cômico predomina em muitas passagens da história.”

Fonte: Elaboração própria (2023); grifos nossos

⁴² A fim de manter a estética original de como o conteúdo é apresentado nas versões digitais dos jornais, ao invés da transcrição dos textos, foi privilegiado o uso de imagens capturadas das reportagens destacadas. Desta forma, por meio dos grifos, é possível visualizar de uma forma mais satisfatória o emprego do termo “historiador”. A opção por este tipo de exposição do trecho se baseou na, já mencionada, dissertação de mestrado “A divulgação da história nos livros de Eduardo Bueno e Laurentino Gomes”, defendida por Leonardo Paiva do Monte Rodrigues em 2016 na Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social, que também se utilizou de tal recursos para os mesmos fins.

Figura 2. Trecho da coluna “Tudo o que eu nunca soube sobre o Amapá”, publicada pelo O Estado de S. Paulo em 19/11/2020, na qual o jornalista Eduardo Bueno é creditado como historiador

Todo esse território não veio sem briga, constato. Na verdade, esse pedaço do continente foi disputado desde o descobrimento, ou na verdade, até antes dele, segundo o historiador Eduardo Bueno pois o espanhol Vicente Yáñez Pinzón comprovadamente explorou o Rio Amazonas até antes de Cabral aparecer por aqui.

Fonte: Elaboração própria (2023); grifos nossos

Figura 3. Trecho da reportagem “Borba Gato não foi caçador de índios, queimaram a estátua errada, diz Eduardo Bueno”, publicada pela Folha de S. Paulo em 29/07/2021, na qual o jornalista Laurentino Gomes é creditado como historiador, mostrando como a prática se repete e não é caso isolado no recorte temporal analisado nesta pesquisa

Não há unanimidade a respeito da melhor forma de tratar os monumentos, e muitos veem no movimento pela derrubada uma tentativa revisionista simplista. O jornalista e historiador Laurentino Gomes afirmou, em redes sociais, que as estátuas deveriam ser usadas para reflexão, e não extirpadas.

"Sou contra. Estátuas, prédios, palácios e outros monumentos são parte do patrimônio histórico. Devem ser preservados como objetos de estudo e reflexão", escreveu. "A atual estátua de Borba Gato no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, é feia que dói. Ainda assim, deve lá ficar. As pessoas devem saber quem foi o personagem e como foi parar no panteão dos heróis nacionais."

Fonte: Elaboração própria (2023); grifos nossos

Para exemplificar melhor, o quadro a seguir traz uma lista de profissionais de áreas diversas creditados como historiadores.

Quadro 3. Principais profissionais de outras áreas creditados como historiadore(a)s nos dois veículos em 2020, na amostra analisada

Nome do profissional	Creditado como	Nacionalidade	Profissão / Formação
Bernardo Pasqualette	Historiador	Brasil	Advogado
Celso Unzelte	Historiador	Brasil	Jornalista (esportivo)
Eduardo Bueno	Historiador	Brasil	Jornalista
George Lepre	Historiador	EUA	Militar
Juremir Machado da Silva	Historiador	Brasil	Jornalista
Laurentino Gomes	Historiador	Brasil	Jornalista
Oscar Pilagallo	Historiador	Brasil	Jornalista
Paulo Rezzuti	Historiador	Brasil	Arquiteto
Tito Prates	Historiador	Brasil	Dentista
Trina Robbins	Historiadora	EUA	Quadrinista

Fonte: Elaboração própria (2023)

É possível que os profissionais consultados nesses casos específicos se enquadrem na ideia de que o historiador seja aquilo que alguns descrevem como um “jornalista do passado”, como alguém que está atrás de uma “verdade” que não se propõe interpretar a sociedade de uma determinada época. Tal ideia, inclusive, é compartilhada pelo jornalista e historiador Juremir Machado Silva, quando declara em entrevista para O Estado de S. Paulo que para ele “o historiador é um jornalista que cobre o passado”. Essa entrevista foi publicada em 11 de julho de 2020 na editoria “Aliás”, onde se encontra a maior parte das pesquisas de História publicadas no jornal, em reportagem intitulada “Livro reúne correspondência de João Goulart durante seu mandato” (Livro reúne correspondência[...], 2020).

Como mostram as pesquisas do CGEE, de percepção pública da Ciência e da Tecnologia, já mencionadas, o jornalista é um profissional que goza de credibilidade para transmitir informações. Logo, não é exagero pensar que, no imaginário de um público geral, ele também esteja habilitado para falar sobre a História, principalmente quando não se conhece como este conhecimento é produzido. Nos casos supracitados, os autores consultados pela equipe de reportagem, por terem reconhecimento público,⁴³ podem ter um efeito de maior familiaridade com o leitor que não necessariamente conhece nomes de pesquisadores acadêmicos. Lembremos que historiadores nunca são citados pelo público quando lhes são perguntados nomes de cientistas (Massarani *et al.*, 2022).

⁴³ Eduardo Bueno possui um canal na plataforma YouTube chamado Buenas Ideias e contava com mais de 1.300.000 de seguidores até o fechamento deste capítulo.

Ressalta-se que Gomes e Bueno realizam pesquisas para suas obras, tentando traduzir os temas com uma escrita na qual são aplicadas técnicas que causem uma identificação do leitor com o tema, que a torne mais “leve” do que, como defendem, uma leitura mais “densa” de obras acadêmicas. Como observa Leonardo Paiva de Monte Rodrigues,

Os temas escolhidos costumam ser aqueles já bem pesquisados e explorados na historiografia profissional, ou seja, não trazem uma pesquisa inédita, e sim uma repetição de temas clássicos traduzidos em uma linguagem informal. Além disso, os livros são objeto de um esmerado trabalho editorial para atrair leitores, obter espaço no mercado e, conseqüentemente, obter lucros. (Rodrigues, 2016, p.12)

Ainda sobre a História escrita por esses profissionais e como elas se conectariam com um público maior, Rodrigues argumenta que os discursos em jornais, revistas e entrevistas revelam algumas manifestações que possibilitam pensarmos “os jornalistas-historiadores como produtores de certos tipos de histórias, diferentes daquelas escritas por historiadores acadêmicos” (2016, p.21). Porém, como o próprio Rodrigues recorda, é um engano pensar que historiadores sejam incapazes de escrever obras para uma audiência maior do que seus pares acadêmicos. Como exemplos, podemos citar historiadores brasileiros como Boris Fausto, cujos livros sobre a História do Brasil foram por muito tempo de grande acesso, assim como, mais atualmente, Lilia Schwarcz e Mary Del Priore, acadêmicas que têm escrito obras de sucesso editorial, saindo dos círculos acadêmicos e alcançando um público não especialista.

Outra ocorrência sobre não-historiadores consultados para comentar temas históricos foi verificada novamente em um caso de efeméride. Em 09 de julho de 2020, o jornal O Estado de S. Paulo publicou, na editoria “São Paulo”, uma matéria especial dedicada a uma data estimada pelos paulistas: o feriado em comemoração à Revolução Constitucionalista de 1932. A bela e bem escrita reportagem “Mogi Mirim vai restaurar ‘bunker’ paulista da Revolução de 32” trata de uma estrutura da década de 1920 que, supostamente, teria servido como bunker – estrutura geralmente construída com tijolos sob terra usada para proteção de projéteis de guerra – durante o período da Revolução na cidade de Mogi Mirim, na região de Campinas no interior de São Paulo (Mogi Mirim [...], 2020). Por se tratar de uma data comemorativa, a matéria tem um clima de ode à memória desse acontecimento, assim como a seus envolvidos. A reportagem ouviu uma pessoa que se identificou como pesquisador, que é turismólogo do município e responsável por transformar o local em ponto turístico⁴⁴. Ele afirma que se interessou pelo tema

⁴⁴ Os nomes dos entrevistados são omitidos neste trabalho para evitar a exposição.

ao ouvir as histórias que o avô contava sobre a revolução e que há quase uma década frequentas as escolas locais para falar sobre o conflito. Um dos alunos da escola na qual o turismólogo apresentou sua visão da história do conflito disse “que a revolução foi importante para São Paulo ser o que é hoje”. A reportagem também ouviu um senhor aposentado que era criança na época dos acontecimentos.

O teor da reportagem, talvez por uma escolha editorial, segue um tom de orgulho paulista e não consultou nenhum historiador ou apresentou evidências dos casos relatados. Não há sequer uma explicação do porquê se comemora um conflito no qual os paulistas saíram derrotados. Este tipo de comemoração por orgulho a uma data que rememora conflitos defendida pelo Estado pode lembrar de casos como da Revolução Francesa ou da Guerra de Secessão ocorrida nos Estados Unidos, que se sustentam sob o lema da “liberdade conquistada”. No entanto, é preciso atentar ao fato de que comemorar uma memória não significa necessariamente recontar a História. Vemos que na reportagem citada, o historiador é preterido em razão de narrativas que sejam mais “atraentes” e remetam a um passado “glorioso”. O historiador Jacques Le Goff chama a atenção para esse tipo de situação que, devido ao contexto brasileiro, pode ser interessante, principalmente quando nos atentamos à fala do aluno: “a revolução foi importante para São Paulo ser o que é hoje”.

Se os revolucionários querem festas comemorando a revolução, a maré da comemoração é, sobretudo, apanágio dos conservadores e ainda mais dos nacionalistas, para quem a memória é um objetivo e um instrumento de governo [...] A comemoração do passado atinge o auge na Alemanha nazista e na Itália fascista. (Le Goff, 2019, p.424)

No ano seguinte, o veículo publicou também em 09 de julho a matéria “Cartas de 1932 revelam histórias de amor e coragem durante a Revolução Constitucionalista”. A matéria trata de cartas dos soldados paulistas a seus familiares e amores, escritas enquanto estavam no fronte. A linha fina logo após o título diz que “pesquisadores preparam livros sobre a revolta paulista” (Cartas de 1932[...], 2021). Os dois responsáveis pela pesquisa são credenciados desta maneira, apenas como pesquisadores. Após uma breve pesquisa por meio do Google, é possível constatar que um deles é historiador, enquanto não há registros de atividades no campo da História por parte do outro. Por se tratar de um tema ligado à História do Brasil e envolvendo uma pesquisa, seria interessante, até por boa prática jornalística, consultar um historiador para comentar o tema e creditá-lo como tal. Não foi o que aconteceu neste caso. Talvez por um deslize ou, então, porque não tenha sido encontrado outro historiador a tempo para atender ao jornalista. A

reportagem também segue o teor celebratório do conflito evidenciado na matéria de 2020, com intenso uso do termo “patriotismo”, mesmo sendo usado descrever passagens das cartas onde não há nenhum traço evidente deste sentimento no trecho destacado.

Assim, a matéria segue a linha de tratar fatos históricos como curiosidades e não dedica muito espaço à pesquisa que dará vida ao livro além de citar que os pesquisadores “garimpam cerca de 300 documentos, entre cartas, cartões-postais, relatórios e decretos”, o que reforça uma visão de que a História é uma atividade de para entusiastas, e não para especialistas. Seria mais adequado, por exemplo, utilizar o termo “analisaram”. Na reportagem é apenas mencionado que os pesquisadores reuniram “exemplares dos 11 selos lançados para o correio civil, com valores de 100 réis a 10.000 réis, além de três selos de depósito”. O uso deste tipo de instrumento, como selos de correio para fins de enaltecimento da memória é, inclusive, um dos pontos para os quais Le Goff também chama à atenção e cita exemplos da França. De acordo com esse autor, objetos que relembram mortos ilustres acabam caindo em um domínio onde misturam-se política, sensibilidade e folclore. O teor dessas duas matérias destacadas, principalmente a que trata do “bunker”, mostram, como afirma o historiador francês, que no campo da memória “o desenvolvimento do turismo dá um impulso notável ao comércio de souvenirs” (2019, p.424). Para os fins desta pesquisa, um outro ponto chama à atenção: por que o historiador não teria sido citado como tal?

No meio de tantas matérias, os exemplos citados até aqui podem dar a impressão equivocada de que o historiador é esquecido pelas equipes de reportagem. De acordo com o levantamento realizado, a maioria das matérias que tratam de temas históricos traz um profissional da área para tecer comentários. No entanto, um problema constatado foi que, como na reportagem sobre as cartas dos soldados, nem sempre o historiador é citado como tal. Na matéria “Ação do presidente diferencia gripe espanhola da pandemia atual”, publicada na editoria Equilíbrio e Saúde, da Folha, em 28 de março de 2020, são três profissionais da História consultados, um homem, Pietro Sant’Anna, e duas mulheres, Cláudia Viscardi e Gisele Sanglard (Ação do presidente[...], 2020). Somente Sant’Anna é creditado como historiador e não é citada nenhuma afiliação a universidade ou instituto de pesquisa. Cláudia Viscardi é creditada como professora de história da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), enquanto Gisele Sanglard é citada como pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Embora todos sejam historiadores, curiosamente as mulheres não são citadas como historiadoras, apesar de possuírem uma carreira mais longa e atuarem como pesquisadoras e docentes em centros de excelência em pesquisa e ensino superior.

Já na matéria “Cenários de autoritarismo marcam histórico de conflitos entre presidente e governadores no Brasil”, de 29 de março de 2020, na editoria “Poder”, novamente são citados três historiadores (Cenários do autoritarismo[...], 2020). Heloísa Starling, professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é creditada como historiadora. Já Cláudia Viscardi novamente é apenas creditada como professora de história da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contudo, novamente um jornalista é creditado como historiador, é o caso de Oscar Pilagallo. A opção por Pilagallo pode ser interpretada, talvez, como publicidade, uma vez que Pilagallo é coordenador da “Coleção Folha – A República Brasileira”, como a própria matéria menciona. Como assinala Rodrigues (2016) sobre práticas da imprensa acerca de obras literárias no campo da História, tais “mecanismos servem como ferramentas de exposição de certo autor, como entrevistas e resenhas de suas obras, o que gera publicidade e sucesso de vendas, tão almejado pelas equipes envolvidas na feitura de um livro” (p.34). Já a matéria do *Estadão*, de 01 de agosto de 2020, “Parque Augusta vira sítio arqueológico e revela uma SP de séculos passados”, a historiadora e arqueóloga Paula Nishida é creditada apenas como supervisora do Centro de Arqueologia de São Paulo (Parque Augusta vira[...], 2020). O que leva a questionar se o termo “supervisora” conferiria mais credibilidade do que o termo “historiadora”.

Como dito, no entanto, a análise dos conteúdos revelou que, na maioria dos casos, as matérias analisadas traziam historiadores de carreira para comentarem os temas, e não profissionais de outras áreas. Isso indica que os jornalistas que redigiram os textos contidos neste recorte se preocuparam em contar com a opinião de um especialista. No entanto, devemos lembrar que a metodologia aplicada restringe os conteúdos àqueles em que houvesse historiadores ou historiadoras e, mesmo assim, encontramos alguns casos em que o historiador(a) citado(a) não era, de fato, um profissional da História. É possível, e provável, que existam outras reportagens sobre temas históricos nos quais as fontes consultadas não sejam historiadores.

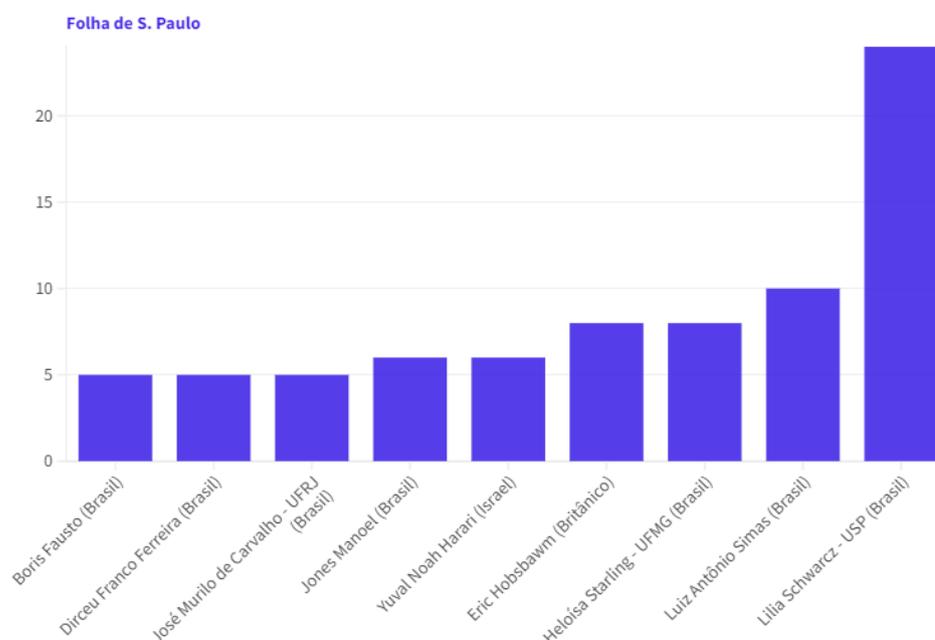
No *Estadão*, em todos conteúdos analisados, foram consultados 216 historiadores ou historiadoras, sendo 171 homens (79,17%) e 45 mulheres (20,83%). Listamos a seguir os profissionais que mais foram citados: Yuval Noah Harari, com 16 conteúdos; Lilia Schwarcz, na segunda posição, com 10; Eric Hobsbawm com 8; José Murilo de Carvalho com 7; Leandro Karnal com 6; Michael Beschloss com 5; Heloísa Starling com 4; Marcos Guterman com 4; e Mary Del Priore também com 4.⁴⁵

⁴⁵ Consideram-se aqui aqueles que apareceram pelo menos em quatro reportagens diferentes.

Na Folha foram mencionados 329 historiadores ou historiadoras no período analisado, sendo 229 homens (69,6%) e 100 mulheres (30,4%). Os nomes mais citados foram: Lilia Schwarcz, com 26 menções; Luiz Antônio Simas com 10; Eric Hobsbawm com 8; Heloísa Starling com 8; Jones Manoel com 6; Yuval Noah Harari com 6; Boris Fausto com 5; Dirceu Franco Ferreira com 5; José Murilo de Carvalho com 5; Daniel Arão Reis com 4; Deborah Lipstadt com 4; Douglas Belchior com 4; e Pietro Sant'Anna, também, com 4 citações. Abaixo são apresentados gráficos que resumem essas informações, sendo o Gráfico 4 dedicado à Folha e o Gráfico 5 ao Estadão.

Gráfico 4. Historiadores e historiadoras mais citados na Folha de S. Paulo em 2020⁴⁶

Mencionada apenas a universidade à qual o(a) profissional era afiliado(a) no recorte temporal analisado

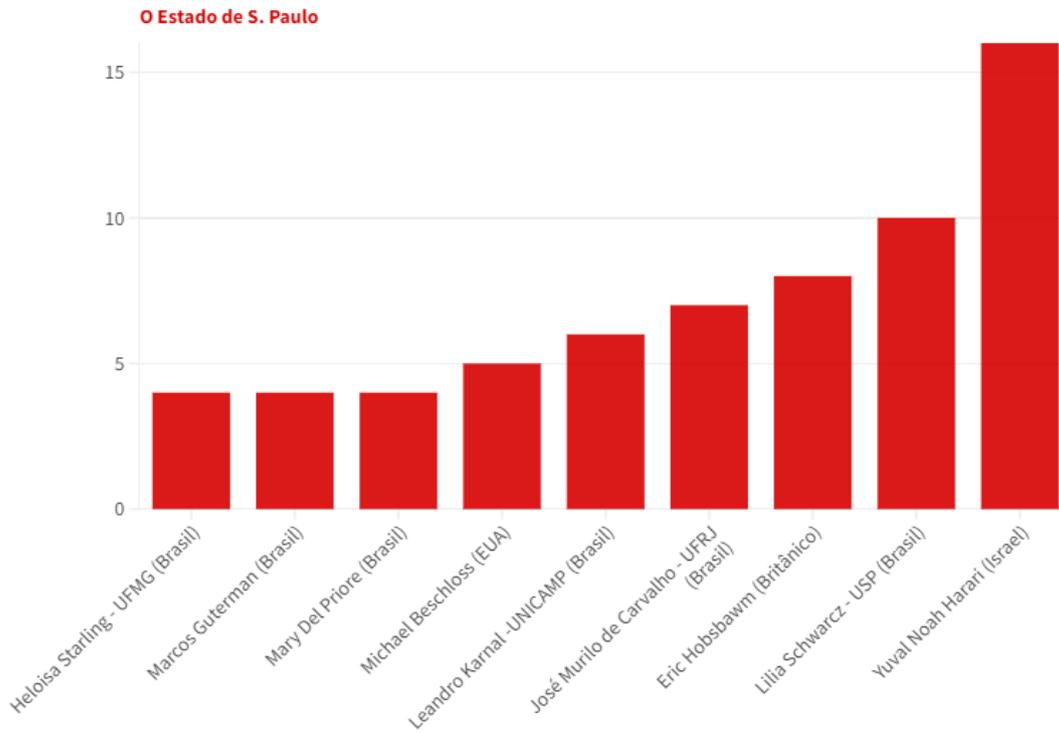


Fonte: Elaboração própria (2023)

⁴⁶ O nome está acompanhado da instituição de ensino e pesquisa que à qual o profissional estava ligado à época do recorte temporal deste trabalho (2020). Se o nome não está acompanhado de nenhuma instituição é porque, à época, esta pesquisa não encontrou nenhuma ligação.

Gráfico 5. Historiadores mais citados em O Estado de S. Paulo em 2020⁴⁷

Mencionada apenas a universidade à qual o(a) profissional era afiliado(a) no recorte temporal analisado



Fonte: Elaboração própria (2023)

A seguir, uma mostra dos profissionais mais citados nos dois veículos. Os mais citados têm seu nome em maior destaque na imagem.

⁴⁷ O nome está acompanhado da instituição de ensino e pesquisa à qual o profissional estava ligado à época do recorte temporal deste trabalho (2020). Se o nome não está acompanhado de nenhuma instituição é porque a informação não foi encontrada na pesquisa.

Figura 4. Nuvem de palavras com os nomes mais citados nos dois veículos em 2020, na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2022)

Vemos que alguns nomes se repetem nos dois veículos, possivelmente devido às suas reputações, como são os casos de Lilia Schwarzc, Eric Hobsbawm, José Murilo de Carvalho e Yuval Noah Harari. A Folha trouxe 113 profissionais diferentes a mais que o Estadão e consultou 65 mulheres a mais. Entre os profissionais de História mais consultados considerando o parâmetro adotado, a Folha também trouxe mais diversidade que o Estadão –13 profissionais na Folha ante nove no Estadão. Quando olhamos para a divisão por gêneros entre os profissionais mais citados, apenas três mulheres aparecem em cada um dos veículos, com a diferença de que o Estadão traz uma historiadora brasileira a mais. Enquanto Lilia Schwarz e Heloísa Starling foram consultadas pelos dois veículos, Mary Del Priore foi consultada somente pelo Estadão e a norte-americana Deborah Lipstad foi mencionada pela Folha.

Embora a historiadora Lilia Schwarzc tenha sido, com larga vantagem, a profissional da História mais citada, apenas outras duas mulheres figuram entre os treze historiadores mais citados, que compõem 23% do total. É preciso ressaltar que Lilia Schwarzc, além de renomada historiadora, é também uma pessoa com grande alcance midiático. Durante a análise dos conteúdos neste trabalho, constatou-se que ela foi uma das figuras mais presentes em eventos culturais (Verão Sem Censura[...], 2020) devido a sua atuação também no mercado editorial, já que é uma das fundadoras da editora Companhia das Letras, uma das mais importantes do setor no Brasil. Além disso, Lilia tem uma carreira consolidada como escritora de livros e como articulista para diversos meios de comunicação, além de já ter apresentado um programa sobre

temas históricos na Rede Bandeirantes em 2017,⁴⁸ além de participações em outros programas de outras emissoras. A historiadora também tem presença ativa na internet, especialmente na plataforma Instagram, onde conta com mais de 525 mil seguidores até julho de 2023 com posts quase diários, geralmente, sobre temas políticos.⁴⁹ No caso masculino, entre os dois veículos houve uma variação maior de profissionais, enquanto no caso feminino, os dois jornais consultaram as mesmas fontes, com exceção do Estadão, que entre os profissionais mais citados apresenta três mulheres, contra duas da Folha de S.Paulo.

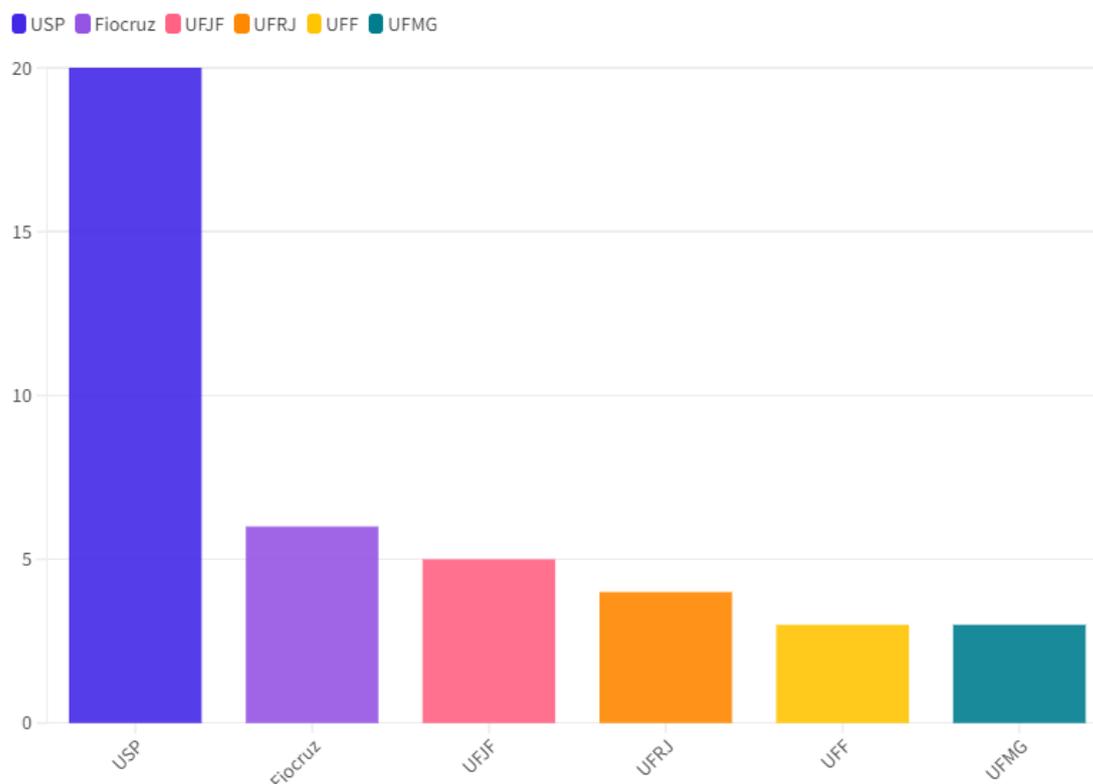
O fato de Lilia Schwarcz, historiadora ligada à Universidade de São Paulo (USP), ser a mais citada ou consultada para matérias nos leva a uma outra informação que os dados mostraram: aos historiadores e historiadoras mais citados são vinculados a instituições brasileiras que se concentram na região sudeste do Brasil, sejam universidades ou centros de pesquisa. Entre as seis universidades ou centros de pesquisa mais citadas na Folha,⁵⁰ todas estão localizadas no Sudeste: Universidade de São Paulo (USP), com 20 citações, sendo a mais citada; Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz - RJ), com 6 citações; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF – MG), com 5 citações; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 4 citações; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal Fluminense (UFF), com 3 citações cada. Ao todo, foram citadas 29 instituições brasileiras de ensino ou pesquisa cujos profissionais tinham vínculos, sendo que 19 estão localizadas na região Sudeste, cinco no Sul e cinco no Nordeste.⁵¹ Norte e Centro-Oeste não tiveram nenhuma instituição mencionada.

⁴⁸ Ver chamada para o programa “Era uma vez uma História” aqui: https://www.youtube.com/watch?v=VIW_JApk_9M. Acessado em 26/11/2022.

⁴⁹ Ver <https://www.instagram.com/liliaschwarcz/>. Acessado em 26/11/2022.

⁵⁰ Nos dois veículos, foram consideradas universidades ou centros de pesquisa citadas pelo menos três vezes em todo o montante de conteúdo analisado.

⁵¹ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Colégio Pedro Segundo, FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), FGV (Fundação Getúlio Vargas), Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), Universidade Mackenzie, Museu da Imigração, Puc-Campinas, PUC-RS, PUC-SP, UEL (Universidade Estadual de Londrina), UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), UFBA (Universidade Federal da Bahia), UFF (Universidade Federal Fluminense), UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), UFMA (Universidade Federal do Maranhão), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), UFS (Universidade Federal de Sergipe), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UNE (Universidade do Estado da Bahia), UNESP (Universidade Estadual Paulista), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), UEPA (Universidade Estadual do Paraná), UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), USP (Universidade de São Paulo).

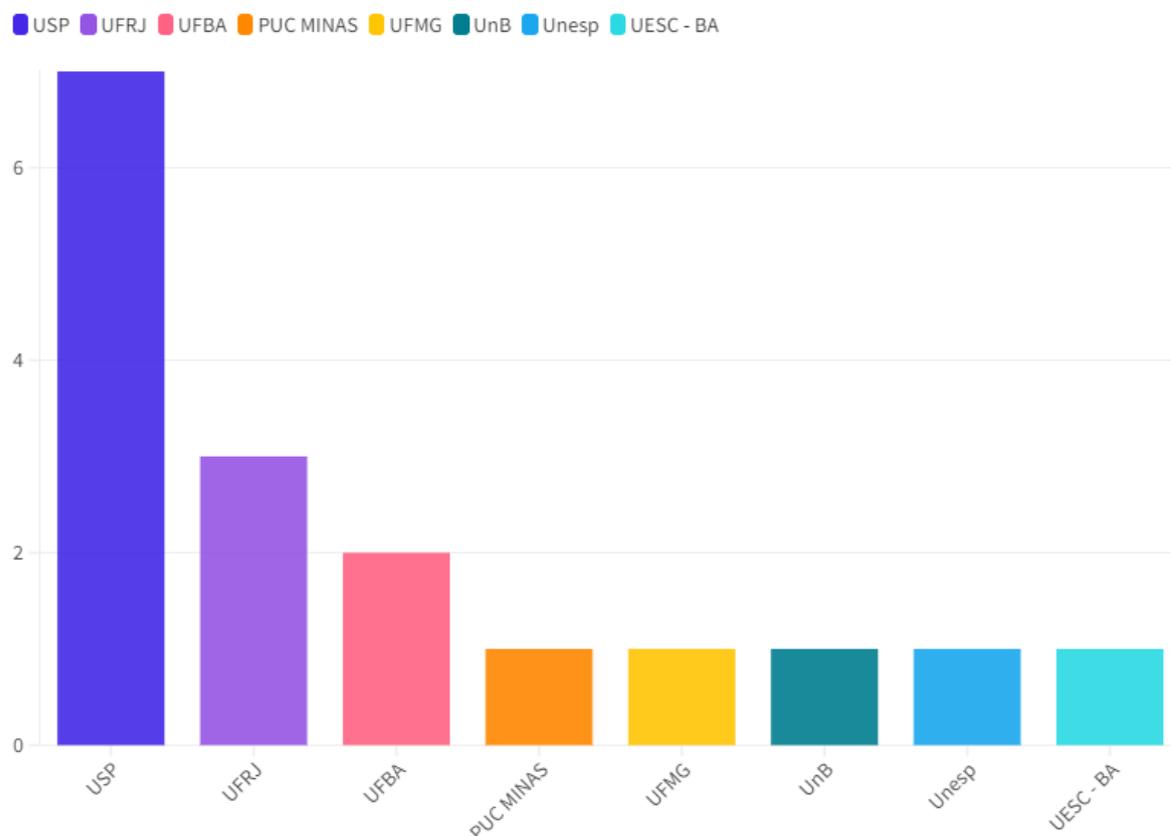
Gráfico 6. Universidades brasileiras mais citadas na Folha em 2020 na amostra analisada

Fonte: Elaboração própria (2023)

Já no Estadão, foram mencionadas apenas oito instituições brasileiras em todo conteúdo analisado, apenas 24% em relação à Folha. São elas: Universidade de São Paulo (USP), com 7 citações; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 3 citações; Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 2 citações; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC – BA) com 1 citação cada.

Assim como na Folha, no Estadão predominam instituições da região Sudeste, com a USP novamente sendo a mais citada. Entre as universidades do Nordeste, o Estadão trouxe duas da Bahia, enquanto a Folha apresentou maior diversidade: cinco universidades de quatro estados diferentes: Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Federal do Sergipe (UFS) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, na Paraíba) fecha o rol de universidades nordestinas citadas.

Gráfico 7. Instituições brasileiras mais citadas no Estadão em 2020, na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2023)

Outro ponto que é interessante é que de todos os 254 conteúdos analisados no Estadão, em apenas 67 (21%) eram citadas instituições de pesquisa ou ensino. E desses 67 conteúdos, 27 deles (29%) eram reprodução de outros veículos. Na Folha verificou-se o mesmo percentual de 21%, com 105 de 394 conteúdos. No entanto, na Folha de S.Paulo, apenas 12 desses 105 eram provenientes de reprodução, ou cerca de 10%.

O fato de os historiadores e institutos mencionados estarem concentrados na região Sudeste, e principalmente na USP, reflete o cenário da produção científica no país. De acordo com dados recentemente divulgados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do governo brasileiro por meio do relatório “Política de Propriedade Intelectual das Instituições Científicas e Tecnológicas e de Inovação do Brasil”, mais de 43% das Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação estão concentradas na região Sudeste (Política e Propriedade Intelectual[...], 2023). Juntas, as regiões Sudeste e Sul concentram mais de 62% do total.

Quando olhamos para os principais cursos de História no Brasil, verificamos que, segundo avaliação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

com dados de 2022, a maioria dos programas de pós-graduação (PPG) está concentrada na região Sudeste, com 28 programas e uma produção de 15.374 trabalhos científicos. A região, sozinha, possui uma produção na área de História superior a todas as outras regiões do Brasil somadas (14.439 produções). Abaixo, um quadro comparativo com as cinco regiões.

Quadro 4. Cursos de pós-graduação em História distribuídos por região no Brasil

Região	Quantidade PPG	Quantidade produção
Norte	5	801
Nordeste	21	4670
Centro-oeste	8	2301
Sudeste	28	15374
Sul	19	6667

Fonte: Elaboração própria (2023)

No entanto, é importante chamar a atenção para um ponto. Nem sempre os jornalistas citam a instituição à qual o historiador ou historiadora é vinculado. A análise dos conteúdos revelou que na Folha de S. Paulo, dos 396 conteúdos que citavam historiadores, apenas 105 (21%) traziam sua filiação a uma instituição de ensino ou pesquisa – a maioria são universidades. Dessas 105, 12 (cerca de 10%) eram reproduções de outros veículos, com destaque para BBC, The New York Times e Washington Post. Já no caso de O Estado de S. Paulo, a incidência é a mesma: dos 254 conteúdos, apenas 67 traziam o vínculo institucional (também 21%). Porém, quando olhamos para esses conteúdos, vemos que o índice de reprodução de materiais de outros veículos é muito maior: desses 67 textos, 27 são reprodução de outros veículos (29%), com destaque para o The New York Times. Em resumo, a Folha teve uma preocupação maior em trazer o vínculo institucional do profissional da História do que o Estadão. Os possíveis motivos que levam a esse comportamento serão averiguados mais adiante, em outro capítulo.

Ainda no tocante às reproduções de conteúdos de outros veículos, em 2020 a Folha publicou 33 conteúdos com historiadores ou historiadoras que foram originalmente produzidos em outros veículos: 15 da BBC (British Broadcasting Corporation, Reino Unido), 14 do The New York Times, 2 do The Washington Post, e Agence France-Presse (AFP) e Radio France Internationale (RFI) com 1 reprodução cada. Considerando o total da amostragem (394), as

reproduções equivalem a 8% dos conteúdos. Já no Estadão, o índice de reproduções é o dobro: 48 reproduções de um montante de 254, o que equivale a 19% dos conteúdos. Praticamente, a cada cinco textos sobre um tema histórico no Estadão, de acordo com os critérios adotados nessa pesquisa, um é reprodução de um veículo estrangeiro. Verificou-se a seguinte distribuição dos conteúdos: 29 do The New York Times (EUA), 7 da Agence France-Presse (França), 4 do The Washington Post (EUA), 4 da Agência EFE (Espanha), 2 do The Economist (Reino Unido) e 2 da Agência Reuters (Reino Unido).

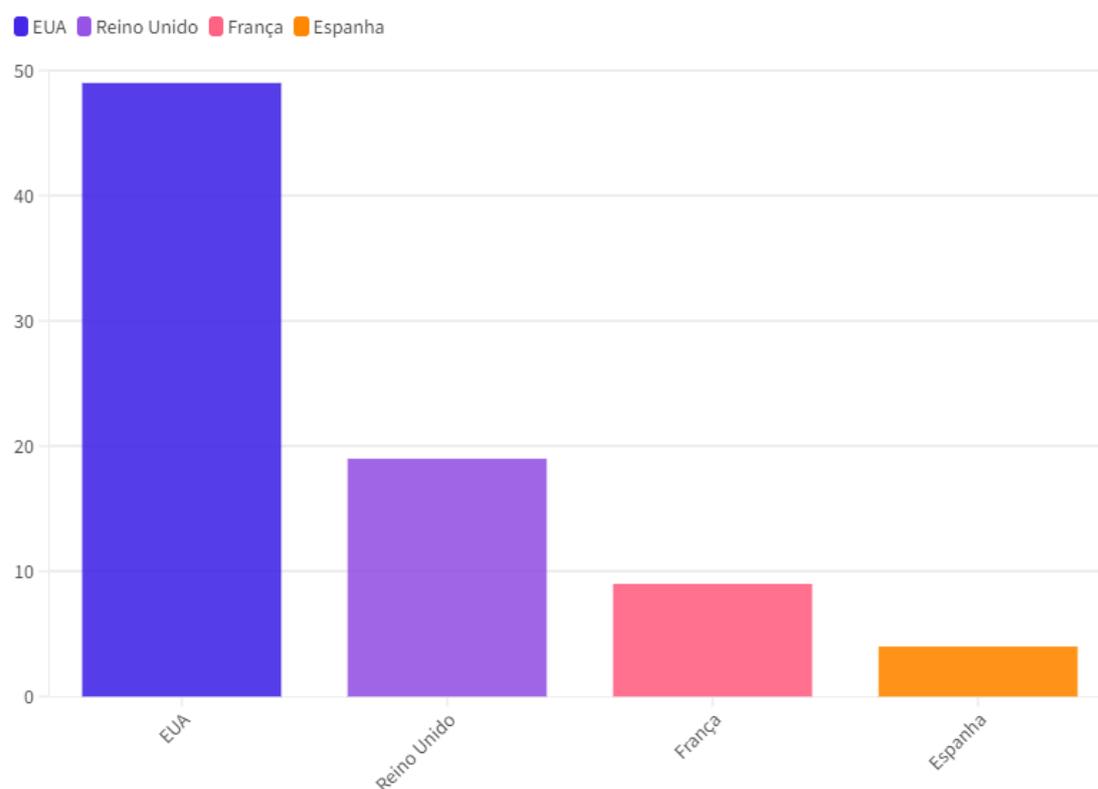
Os conteúdos reproduzidos são, em sua maioria, provenientes de jornais dos Estados Unidos, de onde vieram 49 conteúdos das 81 reproduções, e a principal fonte é o The New York Times (43 do total). Em seguida, do Reino Unido, foram traduzidas 19 matérias, com destaque para a BBC (15), então França com 9 da Agence France-Presse (AFP) e Rádio França Internacional (RFI) e, por fim, Espanha com 4 (Agência EFE). O fato de não haver nenhuma matéria de países que estejam fora do hemisfério norte mostra a forte influência que esses países exercem na imprensa brasileira e no tipo de conteúdo que é destinado aos leitores brasileiros. Essa influência não é recente, ela tem longo histórico e está atrelada, inclusive, à fundação de importantes jornais brasileiros do passado e de alguns ainda em circulação, passando por figuras como Hipólito da Costa – fundador do Correio Braziliense, o primeiro jornal brasileiro –, Gilberto Freyre, Nestor Rangel Pestana e Antonio Pimenta Neves⁵² que após viverem nos Estados Unidos e terem contato com o jornalismo feito nesse país desempenharam papéis de liderança à frente de redações em importantes veículos de imprensa no Brasil (Lins da Silva, 1991).

É importante destacar também as reproduções de agências de notícias, que exercem importante papel nas redações de jornais em todo o mundo, principalmente se levarmos em consideração a crise financeira pelas quais importantes jornais têm passado. A presença de conteúdos provenientes de agências de notícias globais também mostra a eficiência desse tipo de operação que, embora tenha ganhado mais terreno com o advento da internet, não mostra uma diversificação dessas difusoras de notícias. Note que a concentração desse tipo de serviço nas mãos de poucas agências é maior atualmente do que nos anos 1970 ou 1980, como mostra Aguiar (2014). Essa concentração, aliás, é perceptível nos dados analisados neste trabalho cuja

⁵² Antonio Pimenta Neves foi diretor de Redação do jornal O Estado de S. Paulo. Ficou conhecido pelo grande público em agosto de 2000, aos 63 anos, por assassinar a jornalista Sandra Gomide, após esta romper o relacionamento que mantinham. À época, Gomide tinha 32 anos. Em 2006, Pimenta Neves foi condenado a 19 anos, 2 meses e 12 dias de prisão pelo crime, porém entrou com recursos contra a condenação e somente teve prisão decretada em 2011. Após cinco anos preso em regime fechado, em 2016 passou a cumprir pena em regime aberto.

origem dos materiais não chega a uma dezena e são todas, como mencionado anteriormente, europeias ou norte-americanas. Não se pode falar sobre a qualidade do conteúdo distribuído por essas agências, pois seria um tanto quanto subjetivo e não está sob o escopo desta pesquisa, porém, uma vez que as agências são conectadas por redes globais e têm seus materiais replicados em várias partes do mundo, também não podemos negar a influência que exercem nos noticiários e na formação de opiniões dos leitores, que acabam recebendo quase que exclusivamente informativos feitos sob visões muito específicas do mundo e das relações políticas e econômicas promovidas por seus países de origem.

Gráfico 8. Origem dos conteúdos reproduzidos pelos dois veículos na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2023)

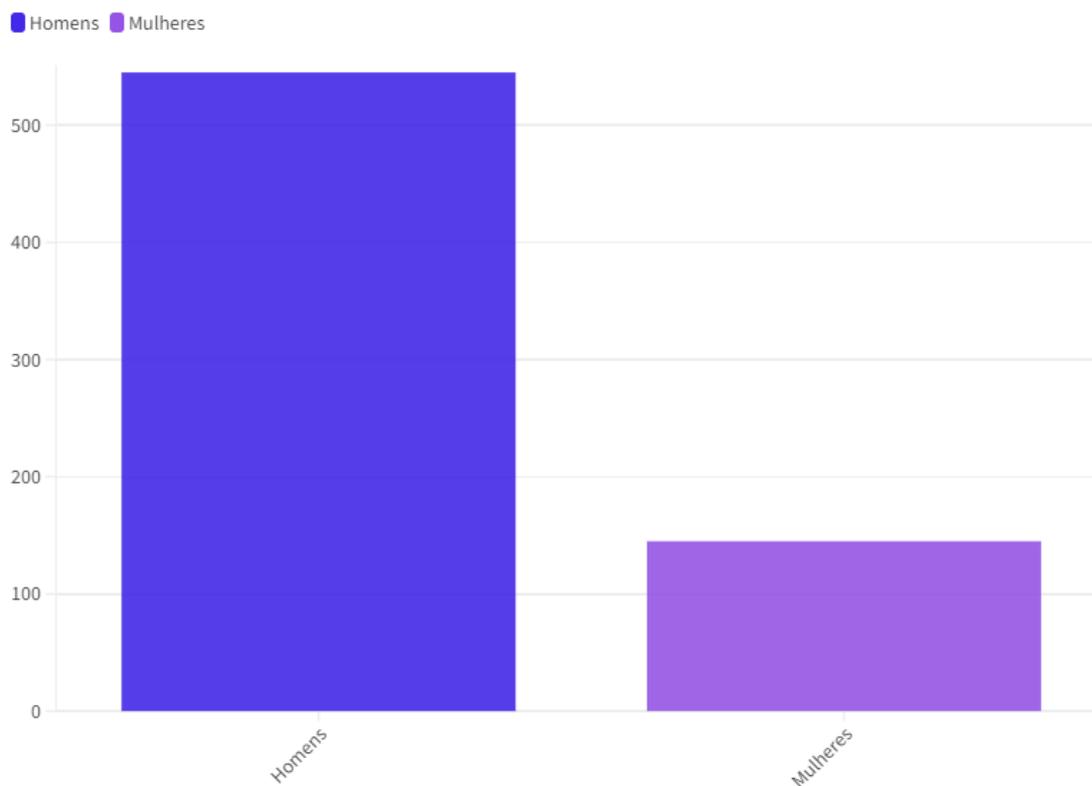
4.5. Um problema de gênero: patriarcado histórico

Os motivos que levam um jornalista a creditar ou não um entrevistado como historiador(a) serão mais explorados no terceiro capítulo, dedicado às análises das entrevistas com jornalistas. Porém, faz-se necessário pontuar que, embora tanto homens quanto mulheres profissionais da História tenham sido creditados de outras formas, ou seja, não como historiadores, na amostragem de matérias avaliadas, a maior incidência desse fato foi observada com as mulheres. Uma olhada rápida para o total de conteúdos levantados nesta pesquisa mostrou uma grande disparidade em relação à gênero: de 1282, apenas 280 conteúdos correspondem àqueles em que aparecem historiadoras, o que representa cerca de 21,82%, muito menos que um quarto de toda a amostragem. Quando olhamos para os veículos, constatamos que, nessa amostragem, as mulheres estão mais presentes na Folha, com 170 em relação a 110 do Estadão, o que representa 61% e 39% do total respectivamente, com uma diferença de aproximadamente 35% de um veículo para outro.

Após a análise dos conteúdos, a discrepância se mantém: de um total de 545 profissionais da História consultados, 400 (73,4%) são homens e apenas 145 são mulheres (26,6%). Essa enorme diferença de gênero pode indicar uma predisposição das equipes de reportagem para entrevistarem homens, os motivos serão no próximo capítulo. A divisão por veículo mostrou que há uma presença maior de historiadoras na Folha: de 329 profissionais consultados, 100 são mulheres (cerca de 30,4%); no Estadão, de 216 profissionais, 45 são mulheres (cerca de 21%). Não existem dados específicos sobre a quantidade de historiadores ou historiadoras no Brasil, mas segundo a Associação Nacional de História (ANPUH), do total de 5.596 associados em maio de 2022, 2.934 (52,4%) eram homens e 2.662 (47,6%) mulheres.⁵³ É uma diferença de apenas 272 indivíduos (5%), ínfima se comparada com a desigualdade de gênero verificada nas fontes verificadas nos veículos.

⁵³ Dados fornecidos via e-mail pela secretaria da ANPUH em 31 de maio de 2022.

Gráfico 9. Distribuição por gênero das fontes de História nos dois veículos, na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2023)

Esse número reduzido de mulheres como fontes “especialistas”, no entanto, não é um fenômeno apenas quando são tratados assuntos históricos. Na verdade, é um retrato de um contexto muito mais amplo e complexo, em que as mulheres estão inseridas em uma estrutura onde predomina a imagem masculina. Em reportagens sobre temas científicos e tecnológicos, as mulheres têm sido preteridas como fontes em relação aos homens, como mostram as pesquisadoras Paula Melani Rocha e Andressa Kikuti Dancosky, mesmo que exista mais jornalistas mulheres do que homens no Brasil.

Há uma predominância de fontes masculinas, as mulheres não são representadas nessas editorias (tecnologia) como profissionais da área, empresárias, executivas ou usuárias de tecnologia. Os especialistas consultados ou fontes que ocupam altos cargos nas empresas de tecnologia são majoritariamente homens. Isso revela que no processo de construção da notícia, na amostra analisada, tanto o jornalista dos jornais estudados (Gazeta do Povo, Correio Braziliense, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo), quanto os profissionais das agências de notícias priorizaram as fontes masculinas. (Rocha e Dancosky, 2016, p.136)

Tal prática, no entanto, não é exclusiva do jornalismo brasileiro. Torres (2000, p.158 *apud* Rocha e Dancosky, 2016) mostra que isso também é comum em outros países da América Latina e afirma que “as mulheres são muito pouco consultadas pelos meios. Pese o fato que as entrevistas são um recurso muito habitual nos informativos [...], os meios não as consideram como informantes “diretas” para suas notícias”. A ausência de mulheres como fontes de informação pode ser encarada como mais uma demonstração do machismo estrutural da sociedade que também se reflete no jornalismo.

Embora no Brasil as mulheres sejam maioria no jornalismo (58%), como mostra pesquisa feita em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina, elas ocupam apenas 13% dos cargos de chefia em redações (Lima *et al.*,2022). Nessa direção, a pesquisa “Women and Leadership in the News Media 2023: Evidence from 12 Markets”, evidencia uma queda de 9% da participação de mulheres em relação a 2020, antes da pandemia de Covid-19 (Eddy *et al.* 2023). Embora a pesquisa não aponte uma relação direta com a Covid, pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) mostra que, entre as mulheres jornalistas consultadas, 7% foram demitidas e cerca de 2% pediram demissão no período, além de que 85,85% se sentiram sobrecarregadas (Mães jornalistas[...], 2020).

O índice do Brasil na pesquisa “Women and Leadership in the News Media 2023: Evidence from 12 Markets” é o terceiro pior entre os países analisados, atrás apenas de México (5%) e Quênia (também com 13%). Nos Estados Unidos, país cujo modelo de jornalismo tem grande influência na imprensa brasileira, o índice é de 44% de mulheres chefiando veículos de comunicação. O Brasil também tem segundo menor índice de leitores que fazem uso de pelo menos um veículo comandado por mulheres: 27%, apenas atrás do México, com 28%.

Um dado que chama à atenção, como vimos, foi a presença massiva da historiadora e antropóloga Lília Schwarcz, que se destaca como a profissional da História mais citada entre todos na amostra analisada: são 36 citações considerando os dois veículos, representando mais de 6% deste total. Em comparação, a pesquisadora foi citada 14 vezes a mais que o segundo, Yuval Noah Harari, citado 22 vezes. Como mencionado anteriormente, Lília tem um importante destaque midiático, especialmente na plataforma Instagram.

Contudo, Lília é uma exceção. Como mostrado anteriormente, há uma presença majoritária de homens sendo consultados para falar sobre História, mesmo sem ter formação nessa área. Na Folha, entre os dez historiadores mais citados, apenas duas mulheres figuram na lista: a própria Lília Schwarcz e Heloísa Starling. Mesmo se olharmos para os dez historiadores brasileiros mais citados, o cenário permanece o mesmo, e uma terceira mulher, Ana Gonçalves

Magalhães, é a décima-primeira pessoa mais consultada. No Estadão, entre os dez mais consultados, o cenário muda pouco, embora sejam três as mulheres: além de Schwarcz e Starling, também aparece na lista Mary Del Priore. Entre os brasileiros mais citados, as três historiadoras também integram a lista.

Os dados levantados nesta pesquisa confirmam que as mulheres têm sido menos consultadas pelos dois veículos como “fontes especialistas” para temas históricos, repetindo a casuística apontada para outras áreas, como Tecnologia, por exemplo. Embora essa pesquisa se concentre em dois jornais paulistas, a ausência de mulheres como fontes jornalísticas não é um problema típico deste estado. Uma pesquisa analisando dois jornais televisivos, Jornal Hoje e Jornal do Maranhão (JMTV), ambos veículos do Maranhão e pertencentes à Rede Globo, mostrou que para cada notícia são feitas 3.36 entrevistas, em média, porém esse índice cai para menos da metade, 1.32, quando as fontes são mulheres (Lima, 2020).

A pesquisa também mostrou que, no Jornal Hoje, as mulheres são menos consultadas que homens para falar sobre Política (apenas 8 mulheres consultadas contra 60 homens) e que, embora haja um equilíbrio de mulheres e homens como fontes para falar sobre Economia, o papel que exercem nas notícias é diferente, pois enquanto elas aparecem para dar testemunhos como vítimas do cenário econômico, os homens são consultados como especialistas e fontes oficiais. Os dados levantados pela pesquisa mostram que as mulheres geralmente são consultadas como especialistas em pautas voltadas a temas sociais, como educação e saúde. Lima (2020) também mostrou que as mulheres são consultadas como especialistas em economia majoritariamente para falarem sobre economia doméstica, como matérias que abordem compras em épocas festivas.

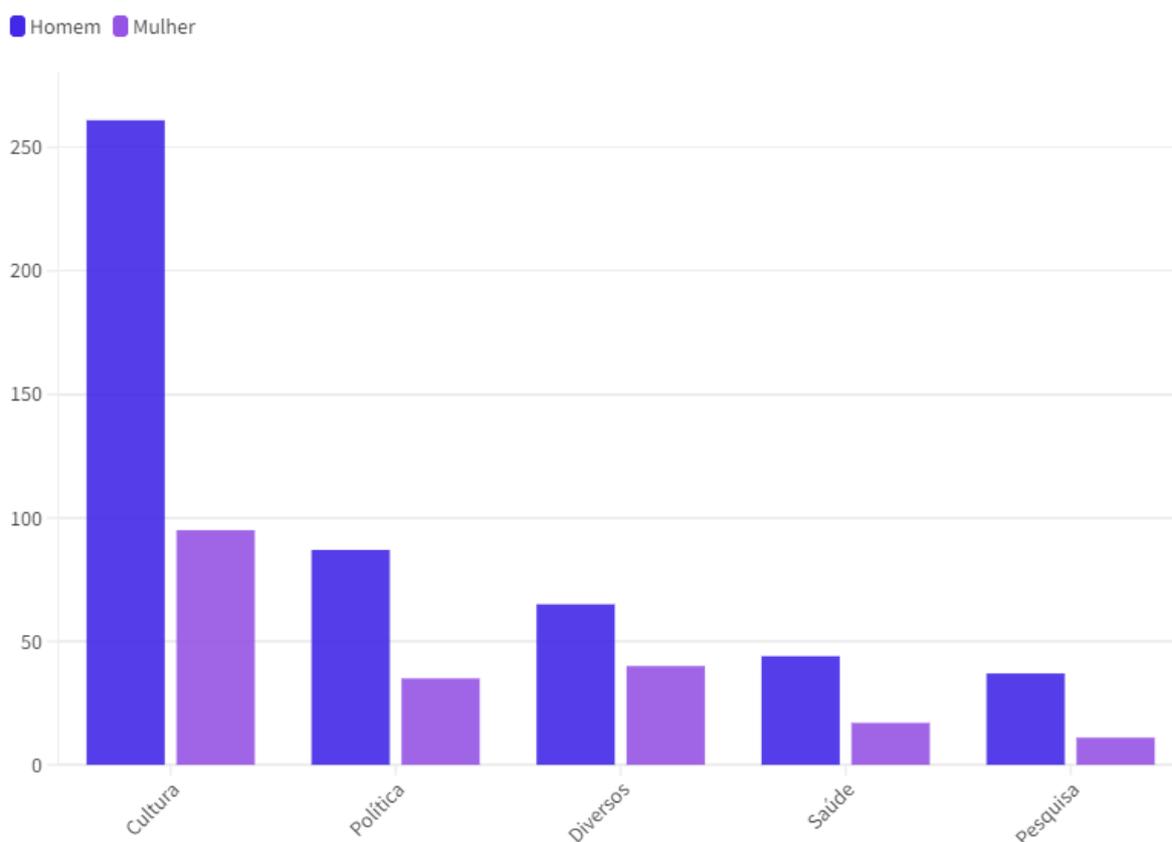
Como mostram o quadro e os gráficos a seguir, observamos que, para falar sobre determinados temas na História, as mulheres também são preteridas em relação aos homens. De forma geral, já foi apresentada a enorme disparidade de gênero na presença de historiadores e historiadoras nos conteúdos analisados por esta pesquisa. Abaixo é possível ver com mais clareza como está a distribuição por gênero nos conteúdos divididos por categorias.

Quadro 5. Distribuição por gênero das fontes de História por categorias nos dois veículos, na amostra analisada

Categoria do conteúdo	Qtde. total	Qtde. de conteúdos em que homens foram consultados	% em relação ao total	Qtde. de conteúdos em que mulheres foram consultadas	% em relação ao total
Pesquisa	44	37	67,0%	11	25,0%
Cultura	339	261	77,0%	95	28,0%
Diversos	96	65	68,0%	40	42,0%
Política	111	87	78,4%	35	32,0%
Saúde	54	44	81,5%	17	31,5%

Fonte: Elaboração própria (2022)

Gráfico 10. Distribuição por gênero das fontes de História nos dois veículos por categorias, na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria (2023)

Em nenhuma das categorias as mulheres chegaram sequer a 50% das fontes consultadas, no máximo são 42% das fontes para conteúdos de assuntos diversos, cujos temas podem ir de futebol (Mulheres não chegam[...], 2020) até carnaval (O carnaval[...], 2020).

Embora as mulheres consultadas como fontes em todas as categorias estejam na função de “expert”, as discrepâncias que mais podem impressionar são nas categorias “Pesquisa” e “Cultura”, onde a presença feminina não chegou a 30%, sendo 25% e 28%, respectivamente. Assim como na pesquisa de Lima (2020), também observamos que em matérias sobre temas políticos ou de saúde, as mulheres representam uma fatia ínfima das fontes consultadas como “experts”, e aqui é importante novamente ressaltar que a diferença entre historiadoras e historiadores, segundo a ANPUH, era de pouca maioria masculina em 2022 (2662 - 47,6% do sexo feminino; 2934 - 52,4% do sexo masculino)⁵⁴. Um estudo da Elsevier de 2017, “Gender in the global research landscape”, (Elsevier, 2017) também mostra que, no Brasil, a diferença de gênero entre pesquisadores da área de Artes e Humanidades era baixa, sendo 3195 mulheres e 3452 homens.

Assim como mostraram as pesquisas de Rocha e Dancosky (2016) e Lima (2020) sobre a consulta de mulheres como fontes de informação “experts”, como define Lage (2009), vemos que esse mesmo cenário se apresenta quando analisamos as fontes consultadas para falar sobre assuntos históricos. Apenas três mulheres aparecem entre os profissionais da História mais citados ou consultados considerando os dois veículos, e as três mulheres são brancas, nascidas e vinculadas a universidades da região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro).

Os motivos pelos quais os jornalistas optam por consultar um homem ou uma mulher como fontes para matérias sobre História serão vistos mais adiante no capítulo dedicado à análise das entrevistas com jornalistas.

4.6. Considerações finais sobre o capítulo

A História está distribuída em quase todas as editoriais dos dois veículos analisados, Folha de S.Paulo e O Estado de S.Paulo, com um total de 645 conteúdos selecionados segundo os critérios estabelecidos na metodologia. Conforme aventado na hipótese desta pesquisa, a maioria dos conteúdos sobre História, principalmente aqueles que são referentes a pesquisas, se encontram em editoriais voltadas a temas culturais, seguido por temas políticos. Note que, segundo algumas pesquisas de Percepção Pública de Ciência e Tecnologia, tais temas são dois dos que despertam menos interesse no público.

É importante refletir que nem sempre o saber histórico é claro para um público que não esteja habituado a esse conhecimento, que é muito mais amplo do que o público

⁵⁴ Dados fornecidos via e-mail pela secretaria da ANPUH em 31 de maio de 2022.

especialista. Será que uma entrevista com um historiador para falar sobre a Gripe Espanhola tem o mesmo impacto na percepção pública do ofício deste profissional e da importância social do conhecimento histórico do que uma notícia com título chamativo sobre a estátua de um bandeirante que está disposta em local de destaque na primeira página do jornal? É uma pergunta para a qual não temos a resposta, mas é notório que Eduardo Bueno é mais popular e tem um alcance midiático maior que José Murilo de Carvalho – historiador notório por suas pesquisas sobre a História do Brasil republicano –, por exemplo.

Trata-se do impacto no público causado por quem ocupa o lugar de fala e de como temas históricos são compreendidos pela população e seus reflexos na coletividade, especialmente em relação a temáticas ligadas a grupos historicamente oprimidos, temáticas essas que são as favoritas de grupos interessados em promover o revisionismo baseado no negacionismo histórico. Como foi exemplificado, visões compartilhadas em livros com temáticas históricas criticadas pela comunidade científica já têm causado impacto nos estudantes a respeito de temas históricos que são caros a grupos oprimidos.

Os dados obtidos revelaram também que, apesar de uma variedade de profissionais da História tenha sido consultada, houve uma concentração em alguns nomes que se repetiram mais que outros. Embora o nome que mais apareça na amostra seja o de uma historiadora, Lilia Schwarcz, as mulheres são ampla minoria em relação aos homens, representando apenas 21% do total de profissionais consultados. Esses nomes são ligados a instituições das regiões Sudeste ou Sul, que também concentram a maioria esmagadora de instituições ou universidades citadas, com destaque para a Universidade de São Paulo, que é a mais citada nos dois veículos com larga vantagem.

É importante ressaltar, ainda na questão de gênero, a disparidade entre homens e mulheres consultados como fontes para falar sobre História. Como vimos, em nenhuma das categorias de conteúdos analisadas neste trabalho, as matérias que consultavam historiadoras alcançaram metade das porcentagens. Em matérias que abordavam pesquisas ou temas culturais as historiadoras não chegaram a 30% das fontes consultadas ou citadas pelos veículos, enquanto para temas políticos figuraram em apenas 32%, o que mostra como alguns temas mantêm mais vozes de figuras masculinas. Seria importante um mapeamento dessa presença em outros países para uma melhor avaliação, mas isso pode ser, também, um reflexo da baixa presença feminina na política brasileira, uma vez que o país tem os piores índices da América Latina – 9º lugar entre 11 países – no que diz respeito aos direitos políticos das mulheres e à paridade política entre homens e mulheres, conforme estudo desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pela ONU Mulheres (ONU-MULHERES, 2020).

Também foi constatado que grande parte dos conteúdos analisados se tratavam de reproduções de veículos estrangeiros, sendo 8% do total de conteúdos da Folha, com destaque para a BBC e o The New York Times, representando cada um cerca de 4%; já no Estadão, o percentual de reprodução foi mais que o dobro da Folha de S.Paulo, com 19% do total de conteúdos sendo reprodução, sendo a grande maioria proveniente do The New York Times (cerca de 11% do total) e a Agence France-Presse (AFP) vem em seguida com 3%.

Ainda assim, ao mesmo tempo em que encontramos historiadores prestigiados nas páginas dos jornais, até mesmo como colunistas, como é o caso do historiador Leandro Karnal que mantém uma coluna no Estadão, além da supracitada Mary Del Priore, colunista da Folha, nos deparamos com o fato de Leandro Narloch, autor das obras sobre “histórias politicamente incorretas”, ter mantido uma coluna no mesmo jornal, utilizada frequentemente para disseminar anacronismos e revisionismos históricos sem sustentação científica, com colunas que deslegitimavam as lutas de grupos historicamente oprimidos. Assim, manter um diálogo com historiadores e dar espaço a narrativas negacionistas parece servir somente para passar uma sensação de falsa equivalência.

Pode-se pensar, equivocadamente, que Narloch seja visto pelo veículo como mais um jornalista a falar de História, assim como Bueno e Gomes. No entanto, isso se trata de uma falsa simetria. Bueno e Gomes não são negacionistas da História, nem críticos da academia ou do processo de construção do conhecimento histórico. A crítica, muitas vezes, feita por historiadores a seus trabalhos é por simplificarem temas para fins narrativos, além de cometerem eventuais anacronismos, que seriam a maior armadilha e o “pecado dos pecados” para aqueles que se dedicam a escrever sobre a História, como manifesta o historiador francês Lucien Febvre (Febvre, 2009). No entanto, nas palavras do medievalista Hilário Franco Júnior, “o anacronismo não deve, todavia, ser diabolizado” (Franco Junior, 2009, p. 13 *apud* Febvre, 2009, p.13. uma vez que o próprio Febvre o comete em sua obra sobre o anacronismo. Se pode haver tolerância com historiadores profissionais, por que não estender essa tolerância ao “pecado dos pecados” àqueles que também se interessam a escrever sobre a História e não possuem a formação acadêmica na área?

Embora, na amostragem, existam matérias cujas fontes consultadas para comentar os assuntos históricos não foram necessariamente profissionais da História, verificou-se uma presença majoritariamente de historiadores e historiadoras como fontes, pesquisadores ou docentes, mesmo que em diversos casos não tenham sido creditados dessa forma. Isso pode ser um indicativo de que as equipes de redação se preocuparam em consultar um especialista no assunto abordado para compor o texto da reportagem. No entanto, é importante atentar ao fato

de que esta pesquisa se limita a responder as perguntas levantadas nas hipóteses e de que a amostragem do recorte está restrita à metodologia, que utilizou as palavras-chave “historiador” e “historiadora” para chegar a esses resultados no intuito de investigar quem são e em que lugar dos jornais estão esses profissionais e, por conseguinte, a História. Sendo assim, é provável que existam outras matérias sobre temas históricos que não utilizem historiadores como fonte.

Todavia, os resultados obtidos mostram que, mesmo que a História seja publicada majoritariamente como uma pauta de cultura, historiadores têm sido consultados como fontes por jornalistas, o que indica um certo rigor e preocupação com a qualidade da opinião coletada e do conteúdo publicado. Os dados que mostram em quais editorias e como os historiadores têm aparecido nos jornais em relação a gênero, afiliação e distribuição demográfica, embora sejam iniciais e restritos ao recorte temporal, podem auxiliar e inspirar pesquisas que se interessam pela percepção pública do conhecimento histórico e de historiadores, cujos estudos ainda são incipientes e com grande potencial para desenvolvimento.

5. PERCEPÇÃO DE HISTÓRIA POR JORNALISTAS: ENTREVISTAS

*"Não há dúvidas de que o nazismo foi um movimento de esquerda, Partido Nacional Socialista da Alemanha", **Jair Bolsonaro em visita ao Memorial do Holocausto, em Israel***

Neste capítulo são analisadas as entrevistas realizadas com os quatro jornalistas selecionados, dois de O Estado de S.Paulo e dois da Folha de S.Paulo. Reforça-se que a escolha do método de pesquisa semiestruturada individual se deu pelas características desse tipo de abordagem, que busca trazer mais nuances e informações detalhadas e subjetivas do que uma pesquisa tipo *survey*, que tem respostas mais objetivas.

O desenvolvimento de um conteúdo jornalístico deve envolver muitos aspectos, tais “como apuração ampla, checagem de dados, confirmação e entrecruzamento de informações, escrita acessível a um público mais amplo, busca de fontes variadas e compatíveis com o assunto abordado” (Moraes, 2022, p.14), e, como argumenta a jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes, por trás de uma notícia e da abordagem dada à matéria, há sempre um jornalista com suas opiniões fazendo a mediação de um mundo que é permeado pela subjetividade (Moraes, 2022). Nesse sentido, conversar com os profissionais do jornalismo, que diariamente se deparam com pautas diversas, se mostrou um caminho coerente para tentar entender como esses profissionais compreendem um determinado tema e como o abordam quando precisam tratá-lo em uma matéria jornalística. Dessa forma, as entrevistas fornecem material valioso para esta pesquisa, já que são “fundamentais quando se deseja mapear práticas, crenças, valores [...] de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”, como afirma Duarte (2004, p.215).

Partimos da premissa de que devemos ser críticos ao analisar informações coletadas em entrevistas, embora isso não signifique duvidar dos entrevistados, mas sim olhar de forma criteriosa e ter em mente que algumas respostas podem ser influenciadas por protocolos sociais e até mesmo por influência do pesquisador – o que não quer dizer que, necessariamente, sejam. Por exemplo, em um *survey* sobre percepção pública de Ciência, dificilmente um entrevistado afirmará que não se informa sobre Ciência, porém ao ser questionado sobre quais os principais meios pelo qual se informa, ele poderá não saber responder, levando o investigador a presumir que o entrevistado tenha respondido que se informa sobre o assunto por ter sido influenciado. Embora a entrevista ofereça respostas com maior profundidade, deve-se ter em consideração que “relatos são versões que, embora potencialmente ricas, têm como limites a sinceridade e o

grau de consciência e de conhecimento dos entrevistados” (Leitão, 2021, p.06). Também não devemos presumir que o entrevistado esteja mentindo na entrevista, mas levar em consideração que fatores sociais podem influenciar a resposta.

Neste capítulo são apresentadas as respostas dos entrevistados para as perguntas contidas no questionário aplicado. As passagens consideradas relevantes para a pesquisa são destacadas, buscando dar voz aos participantes. Assim, os relatos dos entrevistados compõem o texto, a fim de explicitar os pontos de vista dos participantes no momento da entrevista.

5.1. As entrevistas com os jornalistas

As análises a seguir estão divididas por eixos, seguindo a forma como o questionário foi estruturado. Portanto, na primeira parte será apresentado o Eixo I – Informações gerais sobre o profissional, de modo que fiquem claros os perfis de cada um dos participantes, assim como suas afinidades e as pautas que cobrem com mais frequência. Na segunda parte será debatido o Eixo II – Cobertura de História, trazendo informações sobre as abordagens mais técnicas e institucionais que os jornalistas têm ao desenvolver matérias que envolvam o tema na pauta. Por fim, o Eixo III – Percepção sobre História aborda como os entrevistados entendem o tema e as respostas são suas visões pessoais. As análises trarão as respostas diretas para cada uma das perguntas de forma concisa, mas também serão destacados trechos considerados relevantes para a pesquisa. As entrevistas podem ser lidas na íntegra nos ANEXOS III, IV, V e VI.

5.1.1. Eixo I – Informações gerais sobre os profissionais

Iniciamos a análise detalhando o perfil de cada um dos jornalistas⁵⁵. Do Estado de S. Paulo, José Maria Tomazela é um repórter experiente, atuando como jornalista desde 1973 e no Estadão desde 1985. Pelo jornal, vem cobrindo temas que englobam sustentabilidade, meio ambiente, conflitos fundiários, movimentos populares como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), questões ligadas aos povos indígenas, temas históricos, preservação de patrimônio, monumentos e ferrovias. Dentre os assuntos que mais gosta de cobrir e tem mais afinidade, estão questões fundiária, temas históricos, pautas da editoria MetrÓpole – uma editoria onde são publicados temas diversos, inclusive Ciência e História –, saúde, educação, meio ambiente, temas factuais e pautas criminais. Tem 70 anos e possui formação em Letras

⁵⁵ Dados coletados por meio das entrevistas entre março e dezembro de 2023.

(Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itapetininga), Jornalismo (Faculdade Cásper Líbero) e Direito (Faculdade de Direito de Sorocaba).

Priscila Mengue tem 32 anos, atua como jornalista desde 2012 e trabalha no Estadão desde 2016. É formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e cursa pós-graduação em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística na Universidade de Brasília. Entre os assuntos que costuma cobrir estão: pautas da editoria Metrôpole, cotidiano, cidades, educação, saúde, meio-ambiente, segurança e patrimônio histórico. Entre os temas que tem mais afinidade, destacam-se urbanismo, patrimônio, memória e legislação urbana.

Pela Folha de S. Paulo, Clara Balbi é uma jornalista de 30 anos com formação em Jornalismo e em Cinema, ambas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atua como jornalista desde 2016 e trabalha na Folha desde 2018. Entre os temas que mais costuma cobrir estão turismo, carreiras, mercado imobiliário, cultura e assuntos históricos; e tem mais afinidade com pautas que tratam de geopolítica e cultura. Balbi é a profissional mais jovem dentre os entrevistados e a que tem menos anos de carreira jornalística.

Naief Haddad tem 46 anos, é formado em Jornalismo pela Fundação Cásper Líbero e atua desde 1996 como jornalista e também na Folha de S.Paulo. Vem cobrindo e editando matérias principalmente sobre cultura, pautas da Ilustrada, gastronomia, turismo, pautas do Guia da Folha, temas históricos e esportes, onde concentra a maioria das atividades como editor. Tem mais afinidade com História do Brasil, política, literatura, cinema e ciência política. Haddad iniciou uma graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, mas não deu continuidade no curso.

O levantamento de informações específicas dos profissionais foi necessário para investigar a trajetória e as afinidades de cada um dos profissionais, uma vez que, antes de serem jornalistas, são pessoas com formações e vivências diversas. Além disso, seus pontos de vista podem ter influência na forma em que abordarão as pautas de determinados temas. Neste caso específico, o tema é a História e a pauta reflete uma especificidade, isto é, uma abordagem e um recorte específico que determinam um tipo de enfoque, quais as fontes devem ser consultadas e outras nuances pertinentes. Sobre a pauta jornalística, Moraes (2022) argumenta que “recortes e ângulos não são e nunca foram neutros e são essenciais para pensar, por exemplo, em uma prática progressista ou conservadora” (p.177). Portanto, a formação do profissional é determinante no recorte de realidade no qual a matéria jornalística será amparada e em como aborda uma determinada questão.

5.1.2. Eixo II – Cobertura jornalística de História

Como mencionado, os valores individuais de cada pessoa refletem no tipo de abordagem que será dado a uma reportagem, assim como as linhas editoriais de cada veículo, ainda que sigam normas jornalísticas parecidas, tem suas particularidades. Durante as entrevistas, foi possível verificar que os jornalistas possuem visões divergentes em alguns pontos sobre a História enquanto conhecimento, desde o espaço que ocupa no jornal até a necessidade de se consultar um profissional da área como fonte. No entanto, os quatro entrevistados afirmaram que com frequência escrevem reportagens que, de alguma forma, tem a História como tema.

Quando indagados sobre o teor das matérias relacionadas à História, apenas dois entrevistados afirmaram que escreveram sobre uma pesquisa histórica. Também apenas dois entrevistados disseram elaborar uma matéria com conteúdo histórico a partir um tema político. Entretanto, todos afirmaram que já escreveram uma matéria sobre um evento do passado.

Quadro 6. Alternativas que melhor se enquadram nas matérias escritas pelos entrevistados que tratavam de temas históricos⁵⁶

Alternativa Entrevistado	José Tomazela (OESP)	Priscila Mengue (OESP)	Clara Balbi (FSP)	Naief Haddad (FSP)
Era sobre uma pesquisa histórica	X			X
Era uma entrevista sobre um assunto geral			X	
Era uma entrevista sobre lançamento de livro			X	X
Era sobre tema cultural (livro, podcast, filme, quadro, etc)	X		X	
Era sobre algum evento do passado	X	X	X	X
Era sobre tema político			X	X
Outro - Especificar			X - Patrimônio Histórico e Cultural	

Fonte: Elaboração própria (2023)

⁵⁶ As respostas contemplam os 12 meses anteriores às entrevistas, que ocorreram entre março e dezembro de 2023, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Os quatro entrevistados, à época da entrevista, tinham consultado pelo menos um historiador ou historiadora nos últimos doze meses para alguma reportagem e o caminho para encontrar esse profissional foi diferente entre os quatro. Os dois entrevistados do Estadão relataram usar, principalmente, arquivos de fontes próprias ou do veículo, buscadores como Google ou Google Acadêmico e assessorias de imprensa de universidades. Os principais critérios para a escolha da fonte foi a instituição à qual ela é ligada e também o fato do profissional ser um especialista no tema tratado pela pauta. Destacamos, ao longo do capítulo, passagens das falas dos jornalistas, coletadas nas entrevistas, a fim de ilustrar a análise.

José Tomazela (Estadão): “...geralmente a gente recorre às nossas fontes. Tem algumas que a gente sabe, né. Tem alguns historiadores que são de determinado tema, você coloca, você busca pelo tema né? Você vai falar sobre por exemplo, sobre escravidão, você vê quem busca, lá ela aparece alguém [...] Outro caminho é buscar junto com as universidades, pedindo para a assessoria de imprensa, Unicamp, USP, Unesp, Federal do Rio de Janeiro, alguém que tivesse (algum profissional) sobre aquele tema, então nos indicam um, dois, historiadores. A gente vai atrás daquele que tem disponibilidade de nos atender, é mais ou menos esse processo. Só para completar, a gente tem também aquela (base de fontes) nossa, no jornal”.

Priscila Mengue (Estadão): “...alguém que realmente pesquisa aquele tema, que tenha livros, dê aula sobre isso, ou artigo, etc, realmente que tem uma notoriedade naquele tema específico, não uma pessoa de coisa tão geral [...] que traga muitos mais detalhes, uma visão muito mais especializada, eu acho que daí não fica uma matéria genérica. Porque todo jornalista quer trazer fatos novos, e quem vai trazer isso são essas pessoas especializadas”.

Já os dois entrevistados da Folha de S. Paulo disseram que também fazem buscas na internet por literatura acadêmica a respeito do tema que precisam abordar, além de usar fontes de acervo próprio, de assessorias de imprensa de instituições de pesquisa e de editoras que publicam obras de autores especialistas no assunto pautado. Também foi citada a plataforma Lattes – sistema de currículos virtual mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – como fonte para busca de historiadores e destacou-se que essa maneira de busca possibilita encontrar pesquisadores fora do eixo Sul-Sudeste. Outro ponto interessante foi a procura por trabalhos novos, ou seja, obras que não foram transformadas em livros e se encontram apenas em repositórios acadêmicos como dissertações de mestrado e teses de doutorado, revelando também um apreço por produções acadêmicas.

Clara Balbi (Folha): “...eu procuro dentro da plataforma do Lattes quem já escreveu sobre aquilo, e aí é super legal, de um lado porque eu acho que é um jeito de você encontrar pessoas que são de fora das universidades, né, do Sudeste, que a gente está acostumada a contatar [...] não adianta eu ter uma pessoa que fale sobre Papa Francisco e tem outra que escreveu dois projetos de pesquisas especificamente sobre aquilo e escolher a pessoa que fala de uma maneira mais geral, sabe, para mim isso não faz muito sentido, **mas jornalismo tem a questão de tempo, né? Então muitas vezes é quem tiver disponível para falar naquele momento**⁵⁷. Eu vou ter que entregar a matéria em 4 horas, então existe essa questão”.

Naief Haddad (Folha): “...os caminhos variam muito, assim, tem alguns temas que eu conheço, que eu sei quem são os principais especialistas, eu já tenho isso registrado, de outras entrevistas, de outras matérias que eu fiz, eu sei quem são as referências. Em outros casos que eu tenho menos familiaridade, eu pesquiso as principais publicações, tento entrar em contato, (contato) com ajuda das editoras ou com ajuda de algum colega. E também pesquiso, eu checo as principais pesquisas de mestrado, doutorado. Às vezes tem textos ótimos, bons textos sobre um determinado assunto que não chegaram a ser publicados em livros... foram entregues como trabalhos acadêmicos, mas são, muitas vezes são pesquisadores de alto nível e que rendem entrevistas muito boas, então não tem o único caminho, assim, os caminhos variam.”

Jornalistas dos dois veículos, especificamente Tomazela e Balbi, destacaram um problema corriqueiro na atividade jornalística: a falta de tempo. Essa observação está de acordo com pesquisas realizadas pela Agência Bori com jornalistas brasileiros que fazem a cobertura de temas científicos, nessas pesquisas a falta de tempo para apuração foi relatada como uma das maiores dificuldades que encontram para abordar Ciência e temas correlatos. Em uma das pesquisas, com 140 participantes, a falta de tempo figurou como a quarta maior dificuldade (Riguetti *et al.*, 2021). enquanto outra pesquisa, também conduzida pela Bori, mostra a falta de tempo como a maior dificuldade⁵⁸.

As entrevistas revelaram os critérios que são levados em consideração na escolha de um profissional como fonte. Para os entrevistados do Estadão, os principais fatores na escolha de um profissional como fonte são: i) a instituição à qual ele é ligado, com preferência para as

⁵⁷ Grifo nosso.

⁵⁸ Dados apresentados pela Agência Bori na 74ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O estudo não estava público no momento da confecção deste capítulo. Para mais, ver: <https://abori.com.br/blog/em-brasilia-bori-apresenta-dados-ineditos-de-pesquisa-na-reuniao-anual-da-sbpc/>. Acessado em 12/02/2024.

universidades públicas e ii) ser uma referência no assunto, de preferência com obras escritas sobre o tema tratado. Na entrevista de Tomazela, observamos esse padrão.

José Tomazela (Estadão): “...normalmente, a gente dá preferência para aqueles que sejam de órgãos públicos, por exemplo, de universidades públicas. A gente precede, por exemplo, ao pesquisador de uma universidade privada e tal, que a gente imagina que seja ele seja mais engajado, mais comprometido, né? [...] e depois eventualmente alguém que escreveu vários livros sobre determinado tema histórico”.

Por outro lado, os entrevistados da Folha disseram priorizar, em primeiro lugar, a qualidade do trabalho do pesquisador, suas publicações, o domínio e a dedicação ao tema, independentemente da instituição à qual esteja atrelado. Uma das entrevistadas, a de Clara Balbi a seguir, chama a atenção para a atuação eficiente da comunicação institucional das universidades privadas, em detrimento de algumas instituições públicas e de como essa eficiência está atrelada diretamente ao ofício do jornalista, que usualmente trabalha com prazos curtos, especialmente em matérias factuais.

Clara Balbi (Folha): “...aí, a verdade, que as universidades privadas, porque elas querem mais ter o nome delas na mídia, (então) costumam ser mais eficientes na hora de falar. ‘Ok, eu tenho uma pessoa para falar com você daqui a 10 minutos’, sabe, então, existe essa questão de tempo, que também está dentro do jogo jornalístico”.

Embora as universidades privadas tenham sido minoria no levantamento de conteúdo desta pesquisa, este é um ponto importante. Especialmente quando pensamos em como as universidades se comunicam com a população e como divulgam suas atividades científicas e, ainda mais, como podem justificar a importância de suas atividades, especialmente em tempos de crescente negacionismo.

Naief Haddad (Folha): “Eu acho que é isso, é historiadores que têm um trabalho de fôlego sobre o tema a respeito do qual eu vou escrever, que tem uma pesquisa aprofundada, séria e que tenha publicado livros ou teses acadêmicas”.

Apesar dessa posição do jornalista, de valorizar, primeiramente, a produção do pesquisador consultado, a reputação da universidade é fator importante na busca por mais credibilidade e maior acuracidade do que está sendo reportado. Assim, é importante observar como a reputação interfere na escolha das fontes jornalísticas. Pesquisa realizada com

jornalistas que cobrem temas científicos revelou que “renome” é o principal fator para a escolha de um profissional como fonte para uma reportagem, seguido por indicação de outros jornalistas ou amigos (Andrade *et al.*, 2023). Neste ponto, do “renome” da fonte consultada, cabe a reflexão sobre essa repetição dos mesmos nomes. Como observa Icles Rodrigues, é fácil levantar os nomes dos divulgadores científicos que falam para grandes públicos, uma vez que são poucos, e nem sempre o espaço midiático concedido a essas poucas vozes é proporcional à qualidade dos seus trabalhos acadêmicos (Rodrigues, 2019). Rodrigues (2019) ressalta, ainda, o poder que veículos de comunicação tradicionais têm de “definir a notoriedade pública, bem como proporcionar aos notórios uma série de vantagens anexadas a essa autoridade conferida” (p.75). Devemos lembrar que veículos de mídia têm seus interesses e posições, tanto políticas quanto mercadológicas e isso poderá influenciar na escolha de a quem será dada voz em seus espaços. Sobre essa notoriedade e ao espaço dado aos “intelectuais de renome”, Daphne Patai é mais categórica:

O que parece definir melhor os intelectuais públicos nos dias de hoje não é sua versatilidade, seu compromisso com a política e com a sociedade, nem sua sabedoria cosmopolita [...] o que importa não é o que eles falam; importa que são eles que estão falando. Não importa se suas opiniões e argumentos são novos ou velhos, originais ou pirateados: de uma ora para outra o mundo fica alerta para escutá-los. E logicamente - com seu acesso instantâneo às colunas de opinião dos principais jornais, aos programas de entrevista, ao circuito de palestras, a todo reino da comunicação expressa atual - acaba sendo difícil não prestar atenção quando um intelectual hipervisível abre a boca. (Patai, 2019, p.313)

Além do que revelam as entrevistas, nos dados apresentados no capítulo 2, vimos que a profissional mais citada ou consultada foi Lilia Schwarcz, que é uma historiadora de grande reputação e com forte presença midiática. Constatamos no material analisado que os profissionais das universidades públicas são os mais consultados pelas reportagens, e na entrevista essa predominância também foi verificada. Quando perguntado sobre os caminhos que percorre para chegar a um historiador que ainda não tenha sido contatado, José Tomazela cita as assessorias de universidades públicas, como apontou um dos recortes da entrevista. Clara Balbi também concorda que, embora não seja um de seus principais critérios, a reputação e popularidade de um instituto de pesquisa são considerados pelo veículo na seleção da fonte consultada. Abaixo, um trecho da entrevista ilustra essa tendência.

Clara Balbi (Folha): *“...tem um exemplo de uma menina que é ótima, pesquisa também Oriente Médio, mais especificamente Líbano. E ela dá aula numa universidade meio desconhecida, só que ela é doutoranda na USP. Então, na hora de apresentá-la, meus editores pediram para eu colocar antes a USP e depois apresentar com o título de professora.”*

Apesar da universidade, ou outra instituição, ser um fator importante para alguns dos entrevistados, ou mesmo para o veículo, o fator em comum para todos os entrevistados foi a especialidade da fonte consultada para o desenvolvimento da reportagem. A entrevista mostrou que, apesar da reputação da instituição ser um fator de peso, olhar atentamente para o trabalho, a credibilidade, o conhecimento e a reputação de um especialista são tão importante quanto sua afiliação profissional. O fator “proximidade”, tanto geograficamente quanto por afeição, também se mostrou um determinante. A opção dos entrevistados por buscar credibilidade e conhecimento nas fontes dialoga com o mostrado por pesquisadores de Universidade de Amsterdam, cuja pesquisa mostrou que esses são os dois principais fatores que os jornalistas buscam nas fontes (Van der Meer *et al.*, 2017).

Priscila Mengue (Estadão): *“Sim, a gente leva em conta qualquer instituição que alguém é ligado quando a gente entrevista, uma instituição que tem notoriedade. Mas [...] como jornalista, a gente tem que ter avaliação também, porque a gente tem histórico de professor de grandes universidades que defende falsos remédios, que não acredita em mudanças climáticas. Então a gente tem essa responsabilidade de pesquisar quem está entrevistando dentro das possibilidades do dia a dia. Eu sempre busco fazer isso.”*

José Tomazela (Estadão): *“...o fato de estar do lado influencia bastante, bastante mesmo, porque os repórteres, na época em que faziam matérias presenciais, tinham muito mais facilidade de fazer matéria com pesquisadores e professores da USP do que Unicamp e outras universidades, então acaba tendo uma relação maior com a USP. Sempre teve uma ligação do Estadão com a USP, o Mesquita⁵⁹ foi um dos fundadores, então tem esse vínculo paternal também.”*

Ainda em relação às instituições de ensino e pesquisa das fontes consultadas, os dados mostraram, como vimos no capítulo anterior, que das 29 instituições de ensino ou pesquisa brasileiras citadas pela Folha, 19 estão localizadas na região Sudeste, cinco no Sul e cinco no Nordeste, sendo que instituições das regiões Centro-Oeste e Norte não tiveram nenhuma menção. Já no Estadão, das oito instituições citadas, cinco estão na região Sudeste, duas no Nordeste e uma no Centro-Oeste, mostrando que a Folha apresentou uma maior diversidade em

⁵⁹ Júlio de Mesquita Filho foi um jornalista brasileiro (1892-1969), filho de Júlio de Mesquita (1862-1927), também jornalista e um dos fundadores do jornal O Estado de S.Paulo.

relação à região se comparada ao Estadão. Nas entrevistas, os dois jornalistas da Folha revelaram que tentam diversificar suas fontes, buscando especialistas de outros estados do Brasil, para além da região Sudeste e Sul. Clara Balbi deu exemplos de entrevistados da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), enquanto Naief Haddad disse buscar fontes fora das “universidades consagradas”. Mais uma vez, vimos como o fator “renome” é importante para a escolha da fonte. Como apresentado no capítulo anterior, a USP foi o centro de pesquisa e ensino mais citado pelos dois veículos, indicando que o status de importante centro de pesquisa e universidade mais antiga do país também influencia a escolha de um profissional como fonte.

Isso não significa, no entanto, que a intenção de buscar fontes mais diversas inexistia no Estadão, mas essa intenção foi ressaltada pelos entrevistados da Folha, como mostram os trechos abaixo.

Naief Haddad (Folha): “...eu tenho procurado ouvir bons historiadores de diferentes regiões do país, assim isso acaba me levando a universidades com menos tradição, mas é um exercício que eu acho que é que cada vez mais importante para o jornalismo, ouvir pessoas com referências fora deste mundo, São Paulo, Rio, Minas. Às vezes, quando é algo mais corrido que eu tenho menos tempo, é mais difícil, mas o que eu procuro fazer [...] (é) não me restringir aos historiadores das universidades mais consagradas”.

Clara Balbi (Folha): “...eu procuro dentro da plataforma do Lattes quem já escreveu sobre aquilo (tema da pauta), e aí é super legal, de um lado porque eu acho que é um jeito de você encontrar pessoas que estão fora das universidades, né, do Sudeste, que a gente está acostumada a contatar. Sei lá, entrevistei, por exemplo, [...] uma historiadora da Unipampa”.

Mesmo com diferentes formas de se buscar um historiador ou historiadora como fonte, nenhum dos entrevistados relatou ter tido dificuldades específicas para encontrar um desses profissionais para participar de alguma reportagem. Segundo os entrevistados do O Estado de S.Paulo, somente questões de falta de agenda do pesquisador ou questões burocráticas da instituição que faz a intermediação entre imprensa e pesquisador configuram empecilhos para participação dos profissionais, e isso pode levar o jornalista a buscar outra fonte em vista do prazo curto para entrega da matéria. Já os entrevistados da Folha relataram que não costumam ter problemas para falar com historiadores especificamente, a não ser por falta de agenda, mas que, eventualmente, um especialista dificulta de forma velada a entrevista, o que pode ser interpretado como recusa. Os entrevistados entendem que, muitas vezes, isso pode se dar pelo

fato de a potencial fonte discordar de posicionamentos editoriais do veículo de comunicação para o qual o jornalista trabalha.

Em relação aos motivos que levam os jornalistas consultados a buscar um historiador ou historiadora para uma matéria, os quatro entrevistados foram unânimes em dizer que a opinião deste profissional traz mais profundidade e é capaz de explicar o contexto históricos, para além de citar acontecimentos em razão de datas comemorativas, trazendo, assim, contribuições e traçando paralelos com outras situações do presente.

Priscila Mengue (Estadão): *“Quando eu avalio que é preciso trazer informações históricas que vão além de uma data ou de algo que a gente tenha estabelecido, eu acho que tem que buscar alguém que tenha essa informação, alguém que não tem só informação, mas que saiba falar sobre ela, dissertar sobre ela, fazer comparações, trazer uma visão a partir desse preparo, dessa expertise, da formação que essa pessoa tem na área”.*

José Tomazela (Estadão): *“Geralmente (busca historiador para) aprofundar mais a questão. De repente você está fazendo uma matéria, digamos, aqui, sobre a Fazenda Ipanema, da parte histórica da Fazenda Ipanema, né? E você tem lá todo aquele conjunto arquitetônico, você pesquisa em livros da história alguma referência sobre aquele material, mas (para dar) um contexto e trazer para atualidade, para atualizar um pouco aquilo, que aquilo refletiu no Brasil de hoje e tal, (vou) buscar um historiador que tenha, assim, (se) aprofundado no tema, que percorreu tudo aquilo, estudou tudo aquilo”.*

Naief Haddad (Folha): *“...eu, como jornalista, não posso me dar ao luxo de me restringir a escrever sobre a segunda metade do século 19. Mas o que eu posso fazer é, se eu tiver que escrever sobre esse período, eu posso procurar pessoas que sejam especialistas nessa fase da história do Brasil. Então, eu acho que um historiador é a pessoa mais preparada para falar sobre determinados períodos da história, né, da trajetória do país”.*

Clara Balbi (Folha): *“...eu preciso de um contexto histórico na reportagem, eu vou buscar o especialista naquilo, que é um historiador. Para outras questões, seria a mesma coisa. Você tem uma dúvida sobre física, eu vou entrar em contato com o físico e tirar aquela dúvida.”*

Durante a análise dos conteúdos que compõem esta pesquisa, verificou-se que profissionais de outras áreas foram creditados como historiadores. Essa prática é comum em diversas mídias, seja em jornais, revistas ou peças audiovisuais. A entrevista com os jornalistas mostrou que o ato de creditar uma fonte em uma reportagem não segue um padrão normativo, de forma que o crédito pode ser atribuído, em alguns casos, a partir da forma como a fonte se apresenta. Além disso, a fonte pode ser creditada de mais de uma forma ao longo de uma

matéria, a fim de evitar repetições. Por exemplo, a fonte consultada pode ser apresentada como historiador ou historiadora em um primeiro momento e, mais adiante, na mesma matéria, ser chamada de professor(a) ou pesquisador(a), a fim de dar mais fluidez ao texto.

Os entrevistados mostraram preocupação com o rigor ao creditar as fontes de forma correta em relação aos seus ofícios, o que pode ser feito a partir de uma apuração das credenciais do profissional, por exemplo. No entanto, a própria profissão de historiador não pareceu muito clara para os jornalistas que participaram desta pesquisa. Isso pode, inclusive, ter relação com o fato de que a profissão de historiador foi regularizada há pouco tempo no Brasil, como mencionado anteriormente nesta dissertação. O que faz um historiador ou o que faz de um indivíduo um historiador ainda é um campo nebuloso na percepção de muitas pessoas, o que está de acordo com a pesquisa do Frame Works Institute, que mostra que o público tem uma visão do trabalho do historiador como um passatempo que não é essencial para a sociedade (Miller, Hôte & Volmert, 2020).

A percepção do historiador como um “jornalista do passado” pode estar ligada à forma como a História é divulgada nas chamadas “obras fronteiriças”. Segundo Glezer e Albiéri (2009), para o leitor não especialista essas obras “são consideradas de história, mas (...) estão fora da produção historiográfica universitária, e (...) acabam sendo formas tradicionais de primeiro contato do leitor com a história, fora do contexto escolar” (p.15). Um tipo dessas obras fronteiriças são os almanaques, como o Almanaque Abril onde, como destaca Rodrigues (2016), a História era tratada com “aspectos que mesclam aspectos da história ensinada, do conhecimento histórico acadêmico e do discurso jornalístico” (p.34), criando uma imagem complexa do que seria o profissional historiador e um profissional divulgador de fatos históricos, o jornalista-historiador. Esse tipo de divulgação da História pode ter influenciado a forma como os historiadores e o conhecimento Histórico são compreendidos pelo público não especialista, isto é, como uma profissão e como uma área de complexo entendimento e apreensão, em que a História se mistura com histórias aventurescas.

Priscila Mengue (Estadão): *“...na minha associação, só escreveria que alguém é historiador se ele fosse formado em História, se não, eu colocaria algo como doutorando em História, pesquisador, alguma outra referência, mas historiador só se tivesse uma formação ou algum reconhecimento profissional como isso, não sei [...] Acho que se essa pessoa se denominasse ‘eu sou historiador’, acho que eu colocaria.”*

José Tomazela (Estadão): *“a gente considera o historiador era aquele que tem formação na área, se não ele passa a ser um pesquisador, o cara que se*

interessa pelo assunto se debruça no assunto vai a fundo e tal, mas ele não é um Historiador, não é formado em História.”

Naief Haddad (Folha): *“Eu sempre credito como historiador e professor de História da universidade X ou Y, e quando a pessoa tem um livro importante a respeito daquele tema, eu cito também o livro”.*

Clara Balbi (Folha): *“eu tendo a colocar como a pessoa se identificou. Então, a primeira coisa que eu pergunto numa entrevista, então, é ‘como você gostaria de ser creditado?’. E aí a pessoa responde, em geral, com título completo dela, né, professora associada do Instituto de... da universidade tal [...]. A não ser que meu editor, às vezes eles tiram, às vezes não [...]. é uma questão de impresso, de ‘tá’ muito grande o texto”.*

Os quatro entrevistados afirmaram citar a instituição de pesquisa à qual a fonte é afiliada quando há esta filiação. Entre os principais motivos para citar a instituição está a credibilidade que esta informação trará tanto à fonte entrevistada quanto à matéria. Dependendo da pauta, a fonte não será necessariamente apresentada como um pesquisador ou professor de uma determinada universidade, mas como autor de determinado livro, caso isso seja julgado mais importante. Essa questão levou a outro ponto importante: para os entrevistados, quem pode ser considerado um historiador?

Três dos quatro entrevistados disseram que o historiador seria o profissional com formação na área de História, em especial a graduação. Também podem ser considerados historiadores aqueles que têm alguma outra formação, como mestrado ou doutorado. No entanto, o jornalista Naief Haddad trouxe uma visão complementar que dialoga com a fala da jornalista Priscila Mengue, quando menciona que citaria a fonte como historiador ou historiadora se ela tivesse um “reconhecimento profissional como isso”, em um dos trechos destacados acima. Para Haddad, um profissional, como, por exemplo, um jornalista, que se dedique à produção do conhecimento histórico, com o rigor científico que o ofício demanda, pode também se tornar um historiador ou historiadora. Isso, no entanto, não valeria para autores que escrevem livros baseados em outros livros de historiadores na opinião do jornalista.

Naief Haddad (Folha): *“se eu sou um jornalista e passo a me dedicar à pesquisa com o rigor que a pesquisa exige, os métodos utilizados pelos historiadores, eu acho que é possível que você faça essa transição, de jornalista para historiador. Eu acho que isso é factível, eu acho que depende do nível de profundidade com que se entra nesse mundo, das ferramentas que você passa a usar. Eu acho que alguns jornalistas se tornaram bons historiadores e outros se autoconsideram um historiador e, na verdade, não o são”.*

Naief traz uma discussão interessante que diz respeito ao trabalho intelectual de produção do conhecimento histórico e não apenas uma titulação acadêmica. Como mencionado, a regulamentação da profissão de historiador no Brasil é bastante recente e a Lei 14.038/20 diz que poderão exercer a atividade de historiador também os “profissionais diplomados em outras áreas que tenham exercido, comprovadamente, há mais de cinco anos, a profissão de historiador”.⁶⁰ A lei detalha diversas atividades que um historiador pode realizar, desde o magistério da disciplina de História, até seleção de documentos para preservação e trabalhos sobre temas históricos. No entanto, não há detalhamento sobre o que seriam “trabalhos sobre temas históricos”.

Quanto à forma de se creditar a fonte sobre um tema histórico, neste trabalho estamos considerando as definições de historiador dos jornalistas entrevistados, ou seja, a pessoa que tem uma formação em história, ou, como pontuado por Haddad, que se dedique à pesquisa histórica com métodos usados por historiadores. Entretanto, é interessante destacar uma observação da jornalista Clara Balbi, da Folha, sobre o olhar crítico em relação à definição de um profissional e como essa questão ainda não é clara para os profissionais do jornalismo.

Clara Balbi (Folha): *“a gente tinha dentro da equipe uma pessoa que era formada em filosofia e ela batia muito na tecla de que uma pessoa formada em filosofia não é um filósofo [...] era para falar que ela era formada em filosofia, e eu acho que isso me deu uma visão muito crítica também da própria maneira como a gente se refere às pessoas e de como titular elas e, enfim, aí é isso, para mim um historiador é uma pessoa que tem formação na área⁶¹”.*

A fala de Balbi toca em uma questão importante que dialoga com pontos levantados também pelo jornalista Naief Haddad quando fala sobre a figura do historiador: a dedicação à pesquisa histórica utilizando métodos e ferramentas próprias da produção do conhecimento histórico. Contudo, no mesmo trecho da fala de Balbi, observamos que mesmo com esse olhar crítico, a formação na área seria, sim, uma condição suficiente para que uma fonte fosse creditada como profissional da História. Caso não haja a formação, a notoriedade dos trabalhos

⁶⁰ A Lei 14.038/20 pode ser consultada na íntegra em https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2019-2022/2020/Lei/L14038.htm. Acessado em 01/03/2024.

⁶¹ Grifo nosso.

realizados na área, como livros temáticos, também credenciaria a fonte como historiador ou historiadora.

Para a elaboração de pautas que contenham temas históricos, os entrevistados afirmam que, quando tratam de efemérides, é importante suscitar nos leitores a importância de se falar sobre determinado acontecimento ou, então, relacionar pautas factuais com a História. Outra preocupação é ir além de apenas “ressuscitar” um fato passado, mas fazer conexões e comparações com o presente. Buscar fontes com perspectivas diversas e consultar novas pesquisas e tendências na historiografia também foram mencionadas como aspectos importantes na elaboração de uma pauta, como mostram os trechos a seguir.

José Tomazela (Estadão): *“...de repente, assim, faleceu o filho do Imperador, do neto de Dom Pedro, não sei o quê, é um motivo para você trazer para a matéria atual um pouco daquela história, do que a pessoa representou e tal [...] de repente, a falência de uma empresa, mas essa empresa tem uma baita de uma história atrás [...] a gente sempre procura entremear e trazer para o leitor um componente, algo a mais que o leve a refletir sobre a importância daquilo que a gente está publicando.”*

Priscila Mengue (Estadão): *“Quando eu avalio que é preciso trazer informações históricas que vão além de uma data [...] alguém que não tem só informação, mas que saiba falar sobre ela, dissertar sobre ela [...] (que) consiga fazer comparações”.*

Naief Haddad (Folha): *“...eu tento sempre abordar (quais) são as novas pesquisas recentes sobre esse assunto, mostrar para o leitor quais as novas tendências dentro da historiografia em relação a um determinado tema, mostrando que a História não é estante, ela está sempre sendo reavaliada, novas descobertas são feitas, novos documentos vêm à tona”*

Clara Balbi (Folha): *“...eu tento primeiramente achar pessoas que sejam representantes de perspectivas diversas”.*

Quando perguntados se tinham alguma impressão a respeito de em quais editorias são publicadas as matérias que escrevem contendo temas históricos, a resposta mais consensual é de que não há uma editoria específica, embora algumas se destaquem, como as voltadas a pautas cotidianas (Metrópole, no Estadão, e Cotidiano, na Folha), além de política e cultura. Mas, de forma geral, os entrevistados disseram não haver uma editoria nem dias específicos para a publicação e matérias com temas históricos, salvo casos de efemérides. As respostas reafirmam o que os conteúdos analisados mostraram, isto é, que, embora com maior predominância em algumas editorias, a História se espalha por todas as páginas dos jornais.

Clara Balbi (Folha): *“Eu acho que todas as editorias, para mim é difícil pensar assim, talvez (editoria) Mercado tenha menos coisas de História, de contato com historiadores, né, e Tecnologia [...] todas essas que são meio mais para as áreas exatas do que para as áreas de humanas, talvez não tenham necessidade de ter muito contato com historiador [...] Carreiras certamente não, você não usa historiadores, mas na Ilustrada usava bastante, hoje em Internacional uso bastante.”*

José Tomazela (Estadão): *“A não ser que seja um fato histórico com fundo muito político, né? Que daí vai para a editoria de Política, essas matérias que envolvem aspectos históricos, (como) patrimônio histórico é (na editoria) Metrôpole, no caso do Estadão. [...] Agora, quando envolve uma questão maior, política e tal e tal, dentro do contexto político, aí vai para a editoria de Política.”*

5.1.3. Eixo III – Percepção dos jornalistas sobre História

Um aspecto relevante desta parte da pesquisa é ter uma noção de como os jornalistas entrevistados entendem a História. Já mencionamos que, antes de profissionais, os profissionais da imprensa são indivíduos com seus valores pessoais e como isso pode interferir na forma como será abordado e relatado um determinado tema. Como pontua Lage (2009), devemos ter em mente que como

(...)agentes humanos, como os repórteres, têm sua própria tendenciosidade. Construíram, ao longo da vida, uma série de crenças e padrões de comportamento que nem sempre se adaptam à tarefa que executam e, principalmente, às intenções daqueles que estão representando, isto é, os leitores. (p.10)

Dos quatro entrevistados, três disseram que a História é uma ciência e que o veículo no qual trabalham também a considera uma ciência. Apenas um entrevistado considera que o veículo no qual trabalha não considera a História uma ciência. Isso estaria relacionado também à sua própria percepção de ciência, pois a História pode ser escrita de várias perspectivas, diferentemente da definição clássica de ciência, em que um experimento pode ser replicado diversas vezes apresentando o mesmo resultado.

Clara Balbi (Folha): *“...mais no sentido de entender que existem muitas perspectivas, assim, o meu entendimento de história, eu acho que é parecido com da Folha no sentido de que a gente entende que existem muitas e muitas*

maneiras de você contar um fato [...] eu acho que não, assim, tipo, não se encaixa naquela definição de Ciência com experimentos que podem ser comprovados e repetidos e sempre vai ter o mesmo resultado. Então, acho que eu tenho esse entendimento da história como uma coisa que depende muito de com quem você está falando.”

Contrapondo essa visão, o jornalista Naief Haddad, também da Folha, argumentou que o campo da História possui suas ferramentas particulares de validação científica, que se distinguem das ciências exatas. Essa também seria, na sua percepção, a visão que o jornal tem desta área do conhecimento.

Naief Haddad (Folha): *“eu acho que (o veículo) considera uma ciência no sentido de que é um campo de estudo fundamental para compreensão da nossa realidade [...] Se eu considero? Eu acho que sim, eu acho que é... A História se vale de instrumentos para validar uma avaliação, para validar uma... um olhar sobre o passado e instrumentos são cientificamente importantes. Então, acho que nesse sentido, sim. Acho que ele se transforma muito rapidamente. Nesse sentido, eu diria que ela é um pouco diferente das ciências mais tradicionais, assim, mas eu acho que isso não inviabiliza o fato da gente ver ela como uma ciência. [...] eu acho que se a forma de abordagem for cientificamente válida, eu acho que sim”.*

José Tomazela (Estadão): *“Eu gostaria que fosse até um pouco mais, mas eu acho que dos jornais atuais, hoje, o Estadão é o que está mais próximo disso, de considerar a História uma ciência. Eu acho, pelo jornal priorizar sempre o conteúdo das matérias, aprofundar mais o conteúdo, exigir isso, cobrar isso dos repórteres, né? E eu acho que nós estamos, é um jornal, assim, que tem mais essa noção. E essa é essa colocação interessante, eu até devo conversar sobre isso com o nosso pessoal lá do jornal, eu acho que a História é importante ser tratada, assim, como ciência, né? Evitar uma abordagem muito superficial.”*

Seguindo nessa linha, quando perguntados sobre os motivos de conteúdos sobre História não serem publicados em páginas de ciência nos veículos, as justificativas foram diversas, mas de forma geral, de acordo com os entrevistados, as pautas se adequam mais a outras editorias. Ao passo que a História se “adequa” mais a outras editorias e não à editoria de ciências, podemos tomar como premissa que essa disciplina, de fato, não é reconhecida como o que os veículos ou o que os jornalistas entrevistados consideram ciência. Como vimos, o profissional da História, assim como este conhecimento, permeia quase todas as editorias e tem uma voz relevante com suas opiniões. Mas estaria o conhecimento histórico, assim como o ofício do historiador, então, resumido a opiniões? Mesmo que as opiniões sejam embasadas em um saber específico, observa-se que a História e outras ciências humanas não costumam ser

consideradas ciências, mas sim áreas de conhecimento que trazem contribuições para a sociedade que estariam mais ligados ao campo filosófico.

À importância do conhecimento histórico e do trabalho do historiador, os entrevistados deram respostas que, embora tivessem uma ou outra característica particular, revelaram que, em seus pontos de vista, a História é importante como um agente social que ajuda a entender o presente por meio dos acontecimentos passados e, também, traz novas perspectivas de determinados temas, como no caso de grupos minoritários historicamente oprimidos. Veja os trechos abaixo.

José Tomazela (Estadão): *“...eu acho que é tudo, é tudo importante demais. É assim, hoje a gente discute muito essa questão da miscigenação, do preconceito racial, nós tivemos problemas, assim, acirrados aí, recentemente de preconceito, não só na questão racial, mas tudo né, de comportamentos, tudo, e aí é fundamental, eu acho né, é fundamental a participação do historiador para conceituar, para mostrar [...] Eu acho que tudo que diz respeito à sociedade, que diz respeito à História, eu acho isso, (a História é) então extremamente importante, é uma ciência mesmo.”*

Priscila Mengue (Estadão): *“...traz referências, né? Para a gente ver, olhar o hoje, para a gente comparar, para a gente entender os fenômenos, para a gente ter essas referências e entender como funcionou em outros momentos, ou entender o que explica, por que a gente está em determinado momento. Enfim, História é extremamente necessária e todos nós jornalistas valorizamos muito isso [...] acho que é um entendimento claro de que é um ponto, que é um uma ciência que precisa, né, ser fortalecida, valorizada e que a gente se vale dela o tempo todo, mesmo que às vezes a gente não fale com o historiador, a gente está trazendo, às vezes, o fruto de algo que foi descoberto ou que começou a ser tratado daquela forma por causa de pesquisa de historiadores.”*

Naief Haddad (Folha): *“Eu acho que (a) contribuição é fundamental, assim, (por) contar os caminhos que o país percorreu (do) ponto de vista política, econômica e social e o que a gente deve evitar aqui, para quais os bons exemplos que a gente deve seguir a partir do que aconteceu no passado e quais os maus exemplos que a gente deve evitar, então a História ajuda a entender os caminhos que a gente percorreu e isso tudo. Nos orienta nas decisões que a gente vai tomar daqui para frente. Acho que [...] os fatos históricos ajudam a gente como sociedade a tomar as melhores decisões daqui para frente. Acho que esse é um dos pontos mais nobres da História, do trabalho do historiador.”*

Clara Balbi (Folha): *“Acho que existem descobertas, de fato, que são feitas dia a dia com bases em novos documentos, em novos depoimentos, novas associações de informação que essas pessoas são capazes de fazer, eu diria que é esse o uso da História, mas acho que para além disso existem tendências dentro da História, né? Justamente a História que você escreve e reescreve a partir de novos documentos etc., também segue um pouco o pensamento dos tempos, o que que a gente está olhando, então hoje você está olhando muito*

para a questão do racismo, você está olhando muito para questão de gênero. E aí eu acho que isso guia o olhar dos historiadores no sentido de encontrar novas evidências para pensar a partir dessas novas lentes, né, que não eram comuns antes.”

Observamos que Balbi toca novamente num ponto fundamental da produção do conhecimento histórico. Uma fonte primária é uma pista para uma investigação histórica e a escrita da História será feita por um indivíduo de seu tempo. Então, a interpretação dos fatos – mas não o fato em si – pode sofrer variações de acordo com as correntes do tempo em que o historiador vive. Os escritos da História sobre escravidão, por exemplo, são diferentes nos anos 2020 do que eram há algumas décadas, já que a sociedade se transformou e esse tema, assim como outros ligados a ele, além de ganharem maior relevância, também passaram a ser considerados por outros vieses, em especial por historiadores negros, que vão dar nova significância à história dos povos africanos escravizados. Assim ocorre também com a história das mulheres e dos movimentos feministas, para citarmos apenas alguns exemplos palpáveis.

Vale lembrar que, para o historiador Michel de Certeau, a escrita da História não é um simples ato de registrar uma verdade de forma imparcial, mas o resultado de uma construção que reflete interesses e contextos dos próprios historiadores, que estão construindo versões da história através de suas interpretações e narrativas (Certeau, 1982). Podemos, então, traçar semelhanças diretas com o ofício do jornalista neste quesito, uma vez que historiadores não são isentos de parcialidade, mas sim indivíduos com suas visões e construções de mundo.

Foi perguntado aos entrevistados o que pensam sobre o fato de profissionais de outras áreas, em especial, jornalistas, serem creditados pela imprensa como historiadores e por que acham que isso ocorre. Essa é uma pergunta importante para esta pesquisa, pois o fato de profissionais de diversas áreas, que não a História, serem creditados como historiadores foi um dos motivadores para a idealização desta pesquisa.

De forma geral, a resposta dos quatro entrevistados foi considerar um equívoco do jornalismo creditar como historiador ou historiadora um profissional que não desempenha essa atividade, mas sem perder de vista que essas interpretações podem ocorrer por diversos motivos, sendo o mais comum deles a forma como a própria fonte se define. Outro ponto que pode ser determinante para esse equívoco é uma falta de definição do que seria a figura do historiador, cuja atividade pode ser confundida com a do jornalista, mais especificamente, o historiador é confundido com a figura de um “jornalista do passado”, conforme já foi mencionado.

José Tomazela (Estadão): *“O jornalista está escrevendo sobre um determinado assunto, então ele pesquisa, e o camarada escreveu um tratado sobre esse assunto. Pelo jornalista, ele já está vendo ali um historiador. Às vezes, a pessoa não é, não tem a formação de historiadora, mas o jornalista entendeu que ele é historiador porque ele fez toda uma pesquisa e toda uma descrição dos fatos e tal, com evocações históricas, datas, tal, e vem aquela ideia de que a pessoa seja um historiador, e se a pessoa não disser que ela não é, acaba às vezes passando mesmo, acaba creditando como historiador.”*

Priscila Mengue (Estadão): *“Olha, eu, em geral, colocaria a pessoa como jornalista autor do livro tal, mas se pessoa se denominasse historiadora para mim, talvez eu colocasse historiador, porque daí ela se vê dessa forma, né?”*

Naief Haddad (Folha): *“...se eu, por exemplo, eu escrevo um livro baseado em outros livros de historiadores, eu acho que é avançar o sinal me considerar um historiador, mas se eu sou um jornalista e passo a me dedicar à pesquisa com o rigor que a pesquisa exige, os métodos utilizados pelos historiadores, eu acho que é possível que que você faça essa transição do jornalismo, de jornalista para historiador.”*

Clara Balbi (Folha): *“Isso é equivocado, porque você vai pegar um jornalista que escreveu uma biografia para falar que ele é um historiador? Eu sou contra, eu acho...enfim, a ideia é que você tá consultando uma pessoa porque ela é uma especialista numa área [...] ela tem uma formação ali, então, a não ser que ela tenha uma pós-graduação de alguma maneira em História, eu não usaria esse termo, e não vejo, assim, não sei, fora as editorias em que eu trabalhei, mas como editora assistente, não deixei, como repórter dentro da Ilustrada e dentro de Internacional, nunca fiz isso, sempre cheguei a formação da pessoa”.*

Essa questão foi considerada pertinente pois, como mostrado no capítulo anterior, uma série de profissionais têm sido creditados como historiadores em diversas mídias, não apenas nos dois jornais analisados. Como ressaltado previamente, não se trata de desabonar o trabalho de outros profissionais no campo da História, mas de entender quando um historiador profissional é consultado como fonte e quando é preterido diante de outro profissional que, por exemplo, tenha livros publicados sobre temas históricos. Recorrer a profissionais que não são historiadores de formação não parece ser uma prática intencional para gerar confusão ou polêmica, tampouco parece ser o caso de que isso ocorra por indiferença na busca pelas fontes, como é o caso do *Guia Politicamente Incorreto* ou do documentário sobre Joana D’Arc produzido pelo canal francês *Arte*, que são peças literárias e audiovisuais com grande apelo e que buscam confundir e manipular os leitores e os espectadores, como mostram Ogassawara e Borges (2019).

Olhando para as respostas dos entrevistados, vimos que é unânime entre os quatro jornalistas a percepção de que um dos maiores desafios no desenvolvimento de uma reportagem é a falta de tempo disponível para sua execução. Fatores como prazos apertados, anunciar a novidade antes do concorrente, a busca por “furos” que geram cliques e direcionamentos e a precarização do trabalho dos jornalistas, cada vez mais sobrecarregados, certamente contribuem para que o trabalho executado, muitas vezes, não seja o que o profissional idealizou quando elaborou a pauta. Esses são fatores determinantes que não podem ser desconsiderados pela análise. Entretanto, esses problemas não são exclusivos das redações brasileiras. Em seu livro de memórias, o experiente jornalista norte-americano Seymour Hersh traz uma queixa do novo cenário que tomou as redações nas últimas décadas.

Sou um sobrevivente da era de ouro do jornalismo, quando os repórteres dos jornais diários não tinham que competir com as notícias 24 horas da TV a cabo. Havia tempo suficiente para cobrir notícias de última hora sem ter que ficar constantemente relatando as novidades no site do jornal. (Hersh, 2019, p.9)

José Tomazela, que tem mais tempo de profissão entre os quatro jornalistas entrevistados, também traz um olhar sobre as mudanças que a internet trouxe na forma do fazer jornalístico, principalmente para a necessidade de se cobrir assuntos que, para ele, não tem tanta relevância.

José Tomazela (Estadão): “...eu acho que perdeu bastante, estamos tentando recuperar um pouco isso, mas hoje já há uma perda, sim [...] Então, você deixou de ter contato com a rua, com entrevistar a pessoa, mas nós perdemos essa instantaneidade da notícia e gerou também esse fenômeno da rede social, né? Então, hoje a notícia cai primeiro na rede social para depois ir pro jornal, é uma coisa absurda [...] está dando um assunto que eu jamais escreveria a respeito, mas está bombando na rede social, (então) o editor (pede), ‘por favor, escreve aquela história...’. Ah tá, que importância tem? Mas está bombando. Então tem que escrever.”

Além das mudanças técnicas que alteraram o próprio jornalismo, e que motivam as queixas de Hersh (2019), pesquisa conduzida por Bauer e Howard (2009) mostrou que o modelo de negócio do jornalismo tradicional vem passando por mudanças advindas, principalmente, de cortes orçamentários que resultam em uma sobrecarga de trabalho para os jornalistas, que também sofrem constantemente com demissões, o que leva muitos desses profissionais trabalharem como freelancers. No Brasil, às mudanças no modelo de negócio, se junta uma crise econômica iniciada em 2013 e intensificada no período após o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, com mudanças nas Leis Trabalhistas que precarizaram ainda mais

as condições de trabalhos de algumas categorias, entre elas, a dos jornalistas. Sobre a categoria, destacamos um resumo dos jornalistas e pesquisadores Felipe Simão Pontes (Universidade Estadual de Ponta Grossa) e Jacques Mick (Universidade Federal de Santa Catarina), focado no contexto brasileiro.

Uma particularidade fundamental da categoria é sua estrutura dual, que a cinde a ampla massa de precarizados e o pequeno grupo dos profissionais consagrados, beneficiados por uma gama de compensações financeiras e simbólicas inacessível ao conjunto dos jornalistas. Os jornalistas brasileiros, em sua maioria, nunca tiveram relações de trabalho estáveis, defesa profissional no padrão de outras categorias nem deixaram de ser constantemente assediados por interesses políticos e econômicos. (Pontes e Mick, 2023, p. 31)

Somam-se, aqui, os depoimentos que afirmam como a falta de tempo hábil e o acúmulo de trabalho podem afetar o ofício do jornalista.

Priscila Mengue (Estadão): *“A forma de produzir (matérias) não varia por causa do tema do conteúdo, varia pelo fluxo de trabalho. Então, independe do tema da matéria, e depende dos prazos que você tem e dentro do seu fluxo, porque geralmente não fazemos uma matéria só, a gente faz várias ao mesmo tempo.”*

Clara Balbi (Folha): *“Meu desejo utópico seria a possibilidade de ter mais tempo para tudo, né, tempo para encontrar fontes mais perfeitas para falar sobre aquele assunto, tempo, de fato, para conseguir ler aquilo com bastante dedicação, tempo em geral para partir de uma base para entrevistar a pessoa que não seja um, dois, e sim cinco, sabe, tipo de conhecimento mesmo, mas foi o que eu te disse, assim [...] Jornalismo, a importância dele é justamente a sua rapidez.”*

Todos os entrevistados afirmaram acreditar que o conhecimento histórico é importante para a compreensão do mundo e que a área precisa de investimentos em pesquisa assim como as ciências naturais. Dos quatro jornalistas, apenas Clara Balbi disse que a História não conta com pouco espaço na imprensa. Todos afirmaram que é falsa a ideia de que cientistas de humanidades são mais resistentes para dar entrevistas do que cientistas naturais, corroborando as afirmações de que não tiveram dificuldades para falar com historiadores quando precisaram.

A premissa de que cientistas de humanidades seriam mais resistentes para atender a imprensa partiu das próprias experiências pessoais do autor deste trabalho e, também, de uma das hipóteses iniciais deste trabalho de que historiadores eram menos consultados por jornalistas para falar sobre temas históricos do que jornalistas, por exemplo. Essa hipótese não

foi confirmada pelos dados apresentados neste trabalho, que mostram mais historiadores do que jornalistas. Outro ponto importante é o fato de que todos responderam ser falsa a ideia de que historiadoras são mais resistentes para dar entrevistas do que historiadores. Essa ideia foi aventada durante a análise do conteúdo analisado, uma vez que a grande maioria das fontes consultadas ou citadas era de homens – de 545 profissionais consultados, 400 são homens, ou seja, mais de 73%.

Embora, nesta análise, foi utilizada uma amostragem reduzida de jornalistas, suas respostas têm grande valor e nos levam a algumas reflexões, uma vez que, na amostra de conteúdos analisada, a quantidade de mulheres consultadas como fontes para temas históricos foi consideravelmente menor do que a quantidade de homens consultados, representando apenas 21% de fontes consultadas para falar sobre temas históricos.

Esse ponto já foi tratado no capítulo anterior, mas vale ser trazido novamente para o debate. Como mostra a pesquisa de Lima (2020), a sub-representação de mulheres como fontes em reportagens é um problema persistente no jornalismo, com diversas consequências negativas para a qualidade da representatividade na mídia, contribuindo para a perpetuação de estereótipos que associam mulheres a temas específicos, como família, educação e saúde e limitando, assim, sua visibilidade como especialistas em outras áreas, como nas ciências. Além disso, a predominância de fontes masculinas nas reportagens reforça uma visão masculina do mundo, ignorando as experiências e perspectivas das mulheres.

A esse fato, não apenas sobre historiadoras, mas sobre a falta de mulheres como fontes científicas, a entrevistada Clara Balbi faz uma observação pertinente sobre como pensamos em cientistas e sua percepção sobre o meio acadêmico.

Clara Balbi (Folha): “...quando a gente lê um texto e, aí, (se) você ler só o sobrenome da pessoa na situação, o nosso primeiro ímpeto é achar que é um homem, né? Porque a gente tem esse pré-conceito, dos homens como donos do conhecimento. A academia durante muito tempo foi muito masculina, então é uma estrutura social que a gente reproduz inconscientemente.”

Essa colocação de Balbi dialoga diretamente com pesquisas de percepção pública de ciência que mostram que raramente o público sabe nomear uma cientista mulher (Massarani *et al.*, 2022). A fala de Balbi toca em um ponto que pode ser central para resumir a falta de historiadoras como fontes jornalísticas, que é a questão do privilégio masculino na produção do conhecimento científico, que tem raízes históricas e estruturais que remontam há séculos. As

transformações na sociedade ocorridas após a Revolução Industrial, em especial em meados dos 1800, como a mobilidade social que molda o “mundo burguês”, como definido por Hobsbawm (2000), e trouxe alguma influência para as primeiras ideias feministas na Europa, mas, de forma geral, nessa época a vida das mulheres se baseava a atividades estritamente domésticas em uma sociedade na qual dominava a autocracia patriarcal.

No século em que as ciências passam a vigorar e a fazer parte da vida cotidiana das pessoas, fosse nas indústrias com suas inovadoras máquinas, no lazer, ou até mesmo nos lares, o mundo do conhecimento se restringia aos homens.⁶² A mulher burguesa, por outro lado, seria “o bom anjo da casa, a mãe, esposa e amante cujo trabalho era uma tarefa para a qual, curiosamente, ela não precisava demonstrar possuir nem inteligência nem conhecimento” (Hobsbawm, 2000, p. 331). Quanto às mulheres que não pertenciam à burguesia, não lhes restavam muitas opções além de trabalhar como serviçais para as famílias burguesas ou nas fábricas. Essa estrutura patriarcal se refletiu nas universidades e outros ambientes de produção de conhecimento, onde, por muito tempo, apagou a presença das mulheres na ciência. A produção do conhecimento histórico, portanto, também esteve ligada aos homens por muito tempo, uma vez que as mulheres eram consideradas “inaptas” para tal atividade, como demonstra Bruna Klem, na dissertação “Historiadoras: aproximações femininas à história da historiografia brasileira”.

Se observa que quase todo tipo de trabalho feito por mulheres não envolvia empenho intelectual, por serem julgadas incapazes para tal. Eram, então, excluídas de decisões e impedidas de exercer qualquer direito como cidadãs, além de vistas como desqualificadas para alcançar a profundidade necessária para exercer tais direitos, chegando a ocupar uma posição inferior como ser cognitivo. Na ciência histórica não é diferente, já que o seu desenvolvimento se deu em uma época em que mulheres de classe média levavam uma vida sobretudo doméstica. Dessa forma, costuma-se dizer que a profissão era praticamente monopolizada por homens. Apenas eles dispunham de tempo – não somente tempo como também aceitação social – para se engajarem nas atividades das quais dependia o fundamento da história profissional. (Klem, 2019, p.54)

O conhecimento histórico, ainda no século XIX, representou a “busca de homens de classe média pela competência e realização – seu desejo de poder profissional –, enquanto o amadorismo praticado pelas mulheres era caracterizado como desordenado e relativamente

⁶² Aqui nos referimos essencialmente à burguesia, privilegiada com acesso à educação, lazeres diversos e que podia contratar empregados.

inútil em termos de valor histórico efetivo” (Klem, 2019, p.54). É necessário também mencionar que, além de censuradas na produção científica do conhecimento histórico, por muito tempo as mulheres também foram apagadas, ou ignoradas, pela História. As mulheres, assim como outros grupos marginalizados, como crianças, operários e prisioneiros, passaram a ganhar uma historiografia própria no decorrer do século XX, em especial com os trabalhos da historiadora francesa Michelle Perrot,⁶³ que é uma das grandes referências em estudos sobre as mulheres (junto com o também francês Georges Duby, mais focado no período medieval).

Perrot, junto dos movimentos feministas, teve forte influência na historiografia brasileira, especialmente a partir da década de 1970 com a crescente inserção das mulheres no ensino superior, fazendo com que a historiografia brasileira produzida pelas mulheres ganhasse força e visibilidade com pesquisas que traziam uma nova visão, com perspectivas de gênero destacando o papel das mulheres no desenvolvimento da história do Brasil.

E é ao longo da década de 1980, que emerge o que se poderia considerar uma segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres [...] Assim, ao retirar as mulheres do silêncio produzido por um discurso historiográfico centrado no homem, a história social das mulheres conflui com as demandas do feminismo que buscava uma maior visibilidade no espaço público, e com a desconstrução de mitologias misóginas que obstaculizavam nosso crescimento pessoal e profissional. (Klem, 2019, p.63)

O histórico patriarcal na produção científica certamente influencia o imaginário sobre quem detém as qualificações para desempenhar as atividades. A própria entrevistada, Balbi, quando perguntada qual o primeiro profissional da história que lhe vinha à mente quando pensava em um, disse se lembrar de um homem, Boris Fausto, célebre historiador brasileiro.

Clara Balbi (Folha): “...assim, tipo, conheço alguns historiadores, eu acho que mais por causa da vida escolar, (mas) lembrar de alguém, lembro do Boris Fausto”

Isso não quer dizer que as mulheres não sejam atuantes no campo da História produzida no Brasil, pois, como mostrado no capítulo anterior, elas são quase metade dos profissionais cadastrados na ANPUH (52,4% de homens e 47,6% mulheres), tampouco pela relevância de seus trabalhos. Recentemente, a historiadora Laura de Mello e Souza foi contemplada com o

⁶³ No Brasil, uma das mais influentes obras da autora é o compilado “Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros”, publicado pela editora Paz e Terra em 1988.

Prêmio Internacional de História, concedido pelo Comitê Internacional de Ciências Históricas (CISH, na sigla em francês, órgão criado em Genebra em 1926), que considera a qualidade da obra e sua contribuição para o avanço da pesquisa histórica (Laura de Melo e Souza vence[...], 2024). Embora essa organização seja quase centenária, o prêmio foi criado em 2015 e Mello e Souza foi a primeira mulher a ser laureada. Embora esteja aposentada, teve sua formação acadêmica na USP, onde também foi docente e chefiou o departamento de História, além de lecionar em universidades da Europa e dos Estados Unidos. Outra profissional da História muito lembrada nesta pesquisa, e recentemente eleita imortal pela Academia Brasileira de Letras, é Lilia Schwarcz (Lilia Schwarcz é eleita[...], 2024).

Vimos que, além de uma predominância masculina de fontes, há também, falando em historiografia, uma predominância de cor. Entre os historiadores mais citados pela Folha, somente dois homens são negros (entre dez), e entre as três mulheres, nenhuma delas é negra. Nos profissionais mais citados pelo Estadão, não há nenhum profissional negro, nem homem, nem mulher. Observamos que nenhum dos entrevistados mencionou lugar de fala entre os fatores para definirem uma fonte, e podemos pensar não somente na questão racial, mas também na questão feminina. Não houve uma indicação de que, a depender do tema da pauta, poderia ser consultada uma mulher, uma mulher negra ou um homem negro, e devemos nos atentar que esses agentes não devem ser consultados como fontes apenas quando a pauta é referente a um tema caro às suas histórias, mas deve-se também de dar voz a grupos que, como observamos, têm menos visibilidade. A respeito da variação e inclusão de fontes “marginalizadas”, citando Moraes (2022), trata-se de “perceber não só como a palavra foi dada a pessoas e instituições de determinadas cores e ideologias, mas como operam e se sustentam esses regimes de visibilidade” (p.188).

O quadro a seguir mostra como cada um dos entrevistados respondeu sobre suas percepções a respeito da História, limitando as respostas a se consideravam verdadeiras ou falsas determinadas afirmações. De forma geral, as respostas pouco divergiram, a não ser na quinta questão, “Entre uma reportagem sobre uma pesquisa histórica e uma sobre um vírus, é melhor investir na segunda opção”, que gerou um pouco mais de divergência. Tomazela disse ser verdadeiro e justificou sua resposta sob o ponto de vista do jornal, uma vez que, segundo sua resposta, uma reportagem sobre um vírus traria, “infelizmente”, mais leituras do que uma reportagem sobre tema histórico. Haddad e Balbi disseram ser falso e que dependeria do tipo de vírus, além de que seria difícil responder com precisão, uma vez que são temas diferentes.

Apenas uma das entrevistadas, Mengue, não soube como responder a essa alternativa, então o campo foi marcado como NR (não respondido).

Quadro 7. Alternativas sobre percepção de História dos jornalistas entrevistados

Alternativa Entrevistado	José Tomazela (OESP)	Priscila Mengue (OESP)	Clara Balbi (FSP)	Naief Haddad (FSP)
O conhecimento histórico é importante para a compreensão do mundo	V	V	V	V
A área de História precisa de investimento público como as ciências naturais	V	V	V	V
Historiadoras são mais resistentes para dar entrevistas do que homens	F	F	F	F
Cientistas de humanidades são mais resistentes para dar entrevistas do que cientistas naturais	F	F	F	F
Entre uma reportagem sobre uma pesquisa histórica e uma sobre um vírus, é melhor investir na segunda opção	V	NR	F	F
A História tem pouco espaço na grande imprensa	V	V	F	V

Fonte: Elaboração própria (2023)

Nenhum dos entrevistados disse usar a ANPUH (Associação Nacional de História) como meio para conseguir historiadores ou historiadoras como fontes. A associação tem desenvolvido atividades importantes de comunicação em plataformas digitais, como Instagram (48,5 mil seguidores), Facebook (114 mil seguidores) e YouTube (20,4 mil inscritos).⁶⁴ Esta última plataforma tem sido utilizada de forma bastante interessante para transmissão de conferências e debates, além de outros conteúdos audiovisuais que abordam desde temas importantes à História do Brasil até mesmo à profissão do historiador. O negacionismo histórico, em particular, tem sido bastante debatido na plataforma também. No entanto, é necessário ressaltar que essa comunicação ainda é muito horizontal, destinada mais aos pares. O website da ANPUH,⁶⁵ por exemplo, não conta com uma seção onde podem ser encontrados especialistas em temas específicos da História, nem com uma seção de auxílio à imprensa.

⁶⁴ Dados coletados em janeiro de 2024.

⁶⁵ Ver www.anpuh.org.br. Acessado em 26/01/2024.

Ações simples como essas seriam produtivas. Os canais de contato com a associação destinam-se somente à secretaria, aos informes sobre publicações próprias e para filiações, por exemplo.

Quando perguntados se mudariam alguma coisa na forma de produzir matérias sobre temas históricos, o denominador comum entre todos os entrevistados foi o desejo de mais tempo para poder se aprofundar no tema, tanto para estudar o tema que será abordado na pauta quanto para o desenvolvimento da própria matéria. Apenas uma das entrevistadas respondeu que não alteraria a forma como faria as matérias, mas sua justificativa também foi a falta de tempo e a necessidade de fazer mais matérias com temas diferentes. A pergunta suscitou novamente alguns dos principais desafios do ofício do jornalista atualmente, que já foram citados anteriormente, a falta de tempo e o acúmulo de trabalho.

José Tomazela (Estadão): *“Sim, eu faria, eu acho que ainda cabe, é aprofundar um pouco mais a participação de historiadores, eu acho que às vezes a gente peca um pouco e ficam de maneira muito superficiais alguns temas históricos. Aprofundar mais pesquisa também e, principalmente, o historiador participando mais ativamente da reportagem.”*

Naief Haddad (Folha): *“...eu não tenho nenhuma solução milagrosa, o que eu acho que o jornalista precisa se preparar muito bem antes de ouvir os historiadores, independentemente do tema. Acho que você precisa, antes de começar a entrevistar e antes de começar a escrever, você precisa ter um mergulho em livros, em teses acadêmicas. Enfim, não pode ser uma visão superficial sobre esse tema, porque, enfim, (não podem ser) abordagens superficiais.”*

Priscila Mengue (Estadão): *“A forma de produzir não varia por causa do tema do conteúdo, varia pelo fluxo de trabalho. Então, independe do tema da matéria, e depende dos prazos que você tem e dentro do seu fluxo, porque geralmente não fazemos uma matéria só, a gente faz várias ao mesmo tempo. Então, eu acho que não alteraria agora”.*

Clara Balbi (Folha): *“...meu desejo utópico seria a possibilidade de ter mais tempo para tudo, né. [...] Jornalismo, a importância dele é justamente a rapidez. Então, por mais que eu quisesse, enquanto indivíduo, ter mais tempo sempre, mas, assim, é utópico dentro da minha própria profissão e dentro do dia a dia do jornalismo”.*

5.2. Considerações finais sobre o capítulo

A escolha pelo modelo de entrevista semiaberta com os jornalistas se mostrou acertada, pois trouxe resultados interessantes que não seriam mensurados num modelo de perguntas fechado como o *survey*. Especialmente no que se refere a como os profissionais

consultados veem e compreendem sobre a História e, principalmente, sobre como percebem a figura do historiador.

De modo geral, vimos que as práticas não diferem tanto, especialmente no que concerne à busca por profissionais para serem consultados como fontes jornalísticas. Como não poderia deixar de ser, a internet é o principal recurso utilizado, seja por meio de buscadores ou assessorias de imprensa. Contudo, os dois profissionais da Folha tendem a ter a abordagem científica como um fator mais determinante, como forma de buscar produções científicas, como dissertações, artigos e teses, além do uso da plataforma Lattes a fim de encontrar fontes especialistas.

Em relação às fontes, foi uma surpresa constatar, segundo os entrevistados, que eles não costumam ter dificuldades para encontrar profissionais da História para lhes auxiliarem com as reportagens. Isso poderia indicar uma boa receptividade da categoria em relação à imprensa. Vimos que um fator determinante para a escolha da fonte é o status da instituição de pesquisa à qual ela está associada. Como apresentado nos dados, as universidades das regiões Sudeste e Sul são as principais referências para os jornalistas e seus editores, em especial as universidades públicas. Há exceções, é claro, mas a reputação da instituição influencia, de fato, a escolha da fonte e a forma como ela será creditada.

Por outro lado, devemos ressaltar que as fontes levantadas nos conteúdos não variaram muito, podendo indicar que jornalistas já tenham em mente, mesmo que de forma inconsciente, alguns historiadores para consultar, ou que as reportagens com maior necessidade de historiadores sejam variações de um mesmo tema pautadas de formas diferentes, ou ainda, que alguns historiadores e institutos de pesquisa estejam em evidência maior na mídia, como é o caso de Lilia Schwarcz e dos jornalistas Laurentino Gomes e Eduardo Bueno. Esses três autores citados têm em comum uma presença midiática potencializada pelo mercado editorial, cuja “publicidade se manifesta como um processo comunicativo em que a persuasão se torna a peça-chave na relação entre editoras, livrarias e leitores” (Rodrigues, 2016, p.28). Os autores mais citados no levantamento desta pesquisa contam com grande espaço midiático em diversas plataformas. Rodrigues argumenta que a

(...)mídia faz uso de certos mecanismos que servem como ferramentas de exposição de certo autor, como entrevistas e resenhas de suas obras [...] Adquirir visibilidade pela mídia é obter um tipo de reconhecimento no espaço público que pode servir para chamar a atenção dos leitores e consumidores para a situação de um determinado trabalho, uma pessoa. (2016, p. 34)

Ainda sobre as fontes, nenhum dos entrevistados disse que mulheres são mais resistentes para dar entrevistas do que homens, o que inevitavelmente nos leva a pensar que, mesmo sem intenção, jornalistas tenham maior inclinação a buscar homens como fontes para temas que necessitam de especialistas. Esse resultado não é isolado e reflete uma questão estrutural. Pesquisa semelhante sobre percepção de jornalistas sobre Ciência mostrou que em 24 matérias de ciência analisadas, apenas duas utilizaram somente mulheres como fontes (Cruz, 2018). Esses dados corroboram o preocupante cenário patriarcal na Ciência, como mostra o estudo Estatísticas de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil,⁶⁶ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revelou que, em áreas científicas, as mulheres ganham em média 36,7% a menos que homens, mesmo que sejam a maioria com ensino superior – 21,3% de mulheres ante 16,8% de homens.

Percebe-se que há uma indefinição no que seria o profissional da História. Não é uma surpresa e é compreensível, uma vez que vários fatores podem corroborar para que haja uma indefinição sobre quem é esse profissional e o que ele faz. É possível que o motivo principal seja, de fato, o desconhecimento sobre a disciplina, o que gera confusão entre História, memória, romance e desinformação. Parece também ser um estigma da grande área das Humanidades. A figura do arqueólogo frequentemente é associada ao personagem fictício do cinema Indiana Jones, um professor de Arqueologia aventureiro que, contraditoriamente, para conseguir algum item mitológico, destrói por completo sítios arqueológicos. Muito da figura do historiador também passa por esse caráter aventureiro, do indivíduo que está sempre em busca de grandes descobertas e muito dessa construção também passa pela desinformação existente em meios de divulgação dessas disciplinas. Ora, o History Channel, talvez o mais famoso canal presumidamente dedicado a temas históricos, está repleto de apresentadores fantasiados de Indianas Jones e demais charlatões creditando construções antigas a seres alienígenas. Pode-se argumentar que tais produções de canais como o History não devem ser consideradas divulgação científica, mas, ao mesmo tempo, devemos indagar se o público leigo consegue diferenciar um documentário sensacionalista de um baseado em produções historiográficas sérias, respaldadas pela metodologia e por profissionais da área, e como essas produções podem afetar a percepção desse conhecimento. Se historiadores estão procurando vestígios alienígenas, por que não clamar por ajuda de outros mundos com luzes de aparelhos

⁶⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acessado em 11/03/2024.

celulares para aplicar um Golpe de Estado quando o resultado de uma eleição democrática não for do interesse de determinado grupo? Há perigo na desinformação, há perigo quando a História é manipulada de forma desonesta para atender interesses de determinadas classes.

Outro dado revelador das entrevistas é que nenhum dos participantes disse ter usado a ANPUH como ferramenta para encontrar um historiador. Um dos entrevistados, inclusive, relatou não conhecer a associação. É importante refletir o porquê do desconhecimento ou da não consulta à associação para busca de fontes especialistas. O jornalista tem suas atribuições diárias que, como vimos, são bastante acumulativas, portanto, é compreensível que esse profissional recorra a fontes que lhe sejam mais familiares ou que se comuniquem melhor com o grande público. Nesse caso, se os historiadores profissionais desejam combater a desinformação e o mau uso da História por negacionistas e revisionistas que fraudam esse importante conhecimento, é essencial que passem a ocupar os lugares de fala nas diferentes mídias, a fim de se comunicarem com um público mais amplo, não apenas através da imprensa tradicional, mas também utilizando as diversas ferramentas digitais que adotam uma linguagem acessível para aqueles não iniciados na disciplina. Sem divulgação científica, não há uma percepção adequada da Ciência pelo público não especialista. Os profissionais e as instituições devem se atentar cada vez mais a isso.

Por fim, constatamos algo que poderia até parecer uma obviedade, mas é importante ressaltar: os jornalistas estão sobrecarregados. Todos relataram que gostariam de ter mais tempo para se dedicarem às reportagens e darem mais profundidade aos temas pautados. Em determinado momento de sua entrevista, a jornalista Clara Balbi afirma que “a importância do jornalismo é justamente sua rapidez”, e ela tem razão. Porém, é importante refletir sobre como essa rapidez do chamado *hardnews* e a crise nas redações pode afetar o ofício do jornalista, assim como a apuração e acuracidade do que é noticiado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O historiador não deve buscar emocionar o leitor com a ajuda de cenas comoventes; também não lhe cabe emprestar aos personagens as palavras que eles teriam podido pronunciar, nem de tirar, à maneira dos poetas trágicos, todos os efeitos possíveis de uma situação”, Políbio, historiador grego (203 a.C. – 120 a.C.)

O hábito de narrar o passado acompanha as civilizações há milênios e foi assim que acontecimentos sobre grandes feitos, batalhas, desastres naturais, personalidades tidas como importantes – por mais subjetivo que isso seja – e outros fatos históricos atravessaram o tempo. Ao passo que a História se consolidou como um campo das Ciências Humanas e passou a lançar luz sobre outras histórias e outros passados, grupos que foram reiteradamente e intencionalmente silenciados e apagados passaram a ter voz e, sensatamente, reivindicar direitos e contestar situações até então sustentadas por narrativas especialmente conservadoras. Contudo, engana-se quem pensa que os silenciamentos das histórias, ou, pelo menos tentativas de silenciamento, deixaram de existir por conta das inovações no campo da História e de outros estudos. Narrativas negacionistas a respeito de temas sensíveis a grupos extremistas têm cada vez mais força e facilidade de disseminação com o advento da internet e dos aplicativos de envio de mensagens, resultando, por exemplo, no aumento de células nazistas (Brasil envia alerta[...], 2024) e em iniciativas governamentais de tentativas de apagamento da História (A 15 dias do fim[...], 2022).

São muitas as causas para a negação da História ou para a manipulação das narrativas, entretanto, nesta pesquisa nos dedicamos à presença dos historiadores na imprensa e seu diálogo com um público mais amplo que, na maioria das vezes, é leigo sobre muitos termos e abordagens historiográficas, estando refém do conteúdo de História que lhe foi apresentado pelos veículos de mídia e durante o período escolar. Ao longo dos anos, muitos profissionais de outras áreas ocuparam o papel de divulgador de História que foi deixado vago pelos historiadores. O que leva seguinte questão: por que os historiadores não exercem o papel de protagonistas na divulgação do seu objeto de estudo? Teixeira e Carvalho (2019) apontam duas hipóteses: a primeira é que a divulgação de História para o grande público fora do ambiente acadêmico não foi encarada como uma prioridade pelos historiadores e pelos centros de pesquisa em História, ficando a cargo de outros profissionais; a segunda é o impacto do meio digital, que teria alterado a ideia de autoridade em um determinado tema, no caso, a História.

Assim, a carreira dos historiadores, seus títulos e seus anos de docência e pesquisa não assegurariam, necessariamente, autoridade e credibilidade no meio digital. Seria preciso saber se comunicar em uma “linguagem digital” e disputar este novo “espaço público”, tarefa que tem sido, até então, compreendida e mais bem desempenhada por profissionais de outras áreas, em especial, da área da comunicação, como os jornalistas. A linguagem tortuosa, pomposa e cheia de jargões, própria dos historiadores, não teria lugar nesse cenário, onde o discurso direto e objetivo é mais apreciado.

Claro que, nos últimos anos, historiadores têm buscado ocupar lugar nas mídias digitais na tentativa de dialogar com um público mais abrangente por meio de podcasts e vídeos. Talvez esses profissionais tenham percebido a necessidade de diálogo e divulgação de seus ofícios diante da perseguição ideológica à qual têm sido submetidos na última década, que foi intensificada com a ascensão do fascismo bolsonarista. Pode-se dizer que a “batalha” para sanar essas questões nas mídias é árdua e ainda tem um longo caminho, uma vez que muitos dos divulgadores do negacionismo histórico já estão bem estabelecidos nesse espaço. Note que há grupos negacionistas com grande poderio financeiro, como é o caso da famigerada produtora Brasil Paralelo (A Brasil Paralelo[...], 2022), que é notadamente conhecida pelas produções em que o negacionismo histórico impera e é norteadas pelo pensamento do falecido guru “intelectual” do bolsonarismo, Olavo de Carvalho. Entre as ideias de Olavo de Carvalho, destacam-se as afirmações de que o cigarro não causa câncer e de que o refrigerante Pepsi é produzido a partir de fetos abortados, por exemplo.

Diante do contexto apresentado, esta pesquisa se dedicou a identificar, a partir do período de recorte, onde conteúdos sobre temas históricos são publicados, quais as abordagens dadas a essas matérias e quem são os principais profissionais da História consultados pelos dois veículos analisados, além de buscar compreender como jornalistas generalistas cobrem essa temática. Conforme foi exposto, a análise de conteúdos, aliada às entrevistas, forneceu dados significativos para refletirmos como a História é retratada em dois dos principais jornais brasileiros e como é compreendida por jornalistas.

O quadro 8, abaixo, resume os resultados mais importantes obtidos por esta investigação.

Quadro 8. Principais resultados da análise de conteúdos na amostragem verificada

Veículo	Conteúdos	Profissionais da História (fonte)	Profissional mais citado	Instituição mais citada
Folha de S. Paulo	392 216 (55%) com abordagem cultural 17% Política; 14% Diversos assuntos; 7% Saúde; 7% Pesquisa.	329 total Homens 229 (69,6%) Mulheres 100 (30,4%)	Lilia Schwarcz	USP
O Estado de S. Paulo	253 123 (49%) com abordagem cultural 17% Política; 17% Diversos assuntos; 10% Saúde; 7% Pesquisa.	216 total Homens 171 (79,2%) Mulheres 45 (20,8%)	Yuval Noah Harari (Israel)	USP

Fonte: Elaboração própria (2024)

O jornal diário é um importante meio de divulgar ou retratar a Ciência, justamente pela grande circulação e forte presença digital. Além disso, também abriga a História em quase todas as suas páginas, mas, evidentemente, com maior presença em algumas editorias, como as voltadas para temas culturais. Essa era uma das hipóteses desta pesquisa, que foi concebida a partir de outra hipótese, bem mais pessimista, em relação à presença de historiadores nos veículos analisados. Esperava-se que historiadores seriam encontrados em menor quantidade do que outros profissionais como fontes ou referências para conteúdos com temas históricos, mas a maioria dos profissionais citados ou consultados na amostra analisada era, de fato, composta por historiadores e historiadoras.

Nos deparamos com um ponto de atenção, que foi a diferença em relação à gênero nas fontes consultadas, com mais homens sendo consultados pelas matérias do que mulheres, que representaram apenas cerca de 26,6% dos profissionais de História mencionados. Embora

nenhum dos entrevistados diga preferir uma fonte masculina, a jornalista Clara Baldi (Folha) fez uma importante contribuição ao observar que quando olhamos o sobrenome do autor de um artigo, é comum que automaticamente pensemos em um homem, uma vez que o meio acadêmico sempre foi muito masculino. Isso pode ocasionar, mesmo que de forma não intencional, que as fontes buscadas venham a ser, predominantemente, masculinas.

Outro ponto em relação às fontes é que, embora tenham sido consultados ou citados vários profissionais, houve uma repetição excessiva de alguns nomes e o mesmo aconteceu com as universidades mencionadas. Vimos que há uma concentração nas mesmas fontes, com uma preferência especialmente pela historiadora Lília Schwarcz e também por universidades da região Sudeste, com destaque notório para a USP. Essa prevalência de alguns poucos profissionais e institutos pode acarretar a manutenção de uma visão singular e um privilégio de espaço de fala. Lembremos que a História é muito influenciada pelo lugar de origem do historiador e suas visões de mundo. Ao privilegiar profissionais de uma mesma origem, corre-se o risco da propagação de uma única opinião. Além disso, cria-se uma percepção de que apenas alguns profissionais de determinadas instituições são suficientemente qualificados para opinar sobre temas históricos, ou que seriam os detentores deste saber, ignorando centros de pesquisa de outras regiões. É preciso, ainda, ressaltar que foi constatada uma completa predominância de profissionais brancos entre os historiadores, inclusive entre os mais citados, o que também pode contribuir para a percepção de que o detentor do saber é uma pessoa branca.

Os entrevistados por esta investigação afirmaram que, embora também levem em consideração o trabalho acadêmico de um pesquisador para considerá-lo uma fonte, um fator importante é a reputação do pesquisador ou da universidade à qual ele está associado. Mas é necessário levar em consideração que os próprios meios de comunicação estão diretamente ligados à reputação de um profissional ou de uma instituição, já que quanto mais em evidência midiática estiverem, maior também será sua reputação, seja boa ou ruim. Eduardo Bueno e Laurentino Gomes são muito requisitados para opinarem sobre assuntos históricos justamente porque estão constantemente em diversas mídias, ocupando o espaço de fala, assim como Lília Schwarcz. Isso, de forma alguma, os desabona, mas mostra uma capacidade de comunicação muito eficaz e positiva para suas imagens que lhes garante “renome” e prestígio. Fazemos uso do termo “renome” aqui, conforme o fazem Andrade *et al.*, 2023, como o critério principal que foi verificado na escolha de fontes para compor uma matéria.

Verificou-se nas entrevistas que a figura do historiador(a), aquele profissional dedicado à produção do conhecimento histórico, ainda é muito vaga. De forma geral, os

jornalistas entrevistados têm para si que historiadores são aqueles profissionais com alguma formação nesta área, mas admitem que um profissional, mesmo de outra área, poderia ser creditado dessa forma em uma reportagem, caso se definisse como tal. Seria muito simplista afirmar que essa ocorrência seria uma falha dos jornalistas na apuração do currículo da fonte, e talvez seja mais bem definida como um descuido – que talvez esteja sendo revisto pelos jornalistas após a realização das entrevistas. Mas esse descuido pode ter relação com a repetição das fontes, como mencionado anteriormente, e ser o resultado de uma das maiores queixas dos jornalistas, a falta de tempo. Os quatro entrevistados lamentaram não ter tempo suficiente para se aprofundar mais nos temas históricos, e de forma geral, para desenvolver uma reportagem, além de precisarem atender a uma grande demanda e produzir várias reportagens ao mesmo tempo. A falta de tempo é a, segundo pesquisas, um dos principais desafios dos jornalistas atualmente e é resultado do atual modelo de negócio do jornalismo, com quadro de profissionais cada vez mais enxuto e frequentes demissões de profissionais.

Quadro 09. Principais resultados das entrevistas com jornalistas

Profissional / Veículo	Formação	Atua há quanto tempo	Motivo para consultar historiador(a)	Como faz a busca pelo historiador(a)	Reputação da instituição é levada em conta	Como credita a fonte	Considera a História uma ciência	Faria alguma mudança na forma de cobrir História	Já consultou a ANPUH para buscar um historiador
Naief Haddad (Folha de S. Paulo)	Jornalismo	28 anos	Maior profundidade no tema / credibilidade	Banco de fontes próprio; indicações; busca por pesquisas de mestrado e doutorado	Não necessariamente	Historiador apenas se tiver formação na área	Sim	Mais tempo para desenvolver a matéria e aprofundar tema	Não
Clara Balbi (Folha de S. Paulo)	Jornalismo; Cinema	08 anos	Maior profundidade no tema / credibilidade	Plataforma Lattes	Não necessariamente	Como a fonte se definir	Não	Mais tempo para desenvolver a matéria e aprofundar tema	Não
José Tomazela (O Estado de S. Paulo)	Letras; Jornalismo; Direito	50 anos	Maior profundidade no tema / credibilidade	Banco de fontes próprio; assessoria de imprensa de universidades	Sim	Historiador; professor; autor (se tiver obra sobre o tema)	Sim	Mais tempo para desenvolver a matéria e aprofundar tema	Não
Priscila Mengue (O Estado de S. Paulo)	Comunicação Social	12 anos	Maior profundidade no tema / credibilidade	Pesquisa pelo tema na internet - professores, autores de artigos e obras	Sim	Historiador se tiver formação; como a fonte se definir	Sim	Mais tempo para desenvolver a matéria e aprofundar tema	Não

Fonte: Elaboração própria (2024)

Aqui estamos diante de um ponto chave na questão da escolha das fontes, que é o renome, ou seja, o status considerado para a escolha do profissional para compor a matéria. Mas essa ideia de renome ou consagração é muito ambígua. Por exemplo, ser um profissional de renome é o mesmo que ter sucesso com uma obra? Esse sucesso seria o êxito comercial ou a contribuição da pesquisa para determinada área estudada? Se partirmos da premissa de que o renome significa presença midiática, os historiadores deverão exercer esforços consideráveis para tal, especialmente aqueles que estão fora do eixo São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Felizmente, a internet é uma ferramenta poderosa para a comunicação, desde que os profissionais estejam dispostos e disponham de incentivos e recursos financeiros e tecnológicos para isso, contando com apoio dos centros de pesquisa dos quais fazem parte. É preciso sempre lembrar e frisar uma frase que a jornalista e pesquisadora Sabine Righetti repete corriqueiramente: não existe Ciência sem divulgação.

Outro ponto para reflexão é a ausência da ANPUH (Associação Nacional de História) nas matérias analisadas, assim como o fato de nenhum dos jornalistas entrevistados ter afirmado recorrer à associação a fim de encontrar a melhor fonte para lhe auxiliar com temas históricos. A ANPUH tem desempenhado, ao longo dos anos, importante papel de divulgação da História e de luta e defesa dos historiadores e seus dos direitos, especialmente nos últimos anos, onde diversos ataques foram direcionados a esses profissionais – impulsionados pelo fascismo bolsonarista. A entidade tem importantes revistas próprias do segmento e tem feito diversos eventos online, como palestras temáticas, debates e aulas abertas, mas sua comunicação ainda parece estar restrita aos especialistas da área.

Seria uma boa prática ampliar o alcance de seu público e a entidade deve estar atenta para isso, visto sua presença nas plataformas digitais, como YouTube, Instagram e Facebook. Por mais que ela seja uma entidade destinada aos associados e com conteúdo direcionado para a categoria, boas práticas de comunicação seriam bem-vindas, como, por exemplo, um campo em seu site oficial para contato de imprensa,⁶⁷ com uma assessoria de comunicação em que jornalistas poderiam se cadastrar e receber atualizações de pesquisas ou eventos por meio de newsletter ou outro tipo de serviço. Outra ação que poderia ser tomada é a criação de um banco de dados de historiadores(as) separados por áreas e temas de pesquisa, com informações atualizadas sobre os últimos trabalhos, instituição, links de acesso para artigos, e, principalmente, formas de contato. Lembremos que nenhum dos entrevistados jamais chegou sequer a consultar a ANPUH para buscar um profissional para compor suas reportagens. As

⁶⁷ Ver: www.anpuh.org.br. Acessado em 23/03/2024.

ações que a associação toma em combate ao negacionismo histórico são deveras importantes e essenciais, portanto, devem ser expandidas para que cheguem a quem não tem a formação necessária para diferenciar um trabalho historiográfico sério de outros com mentiras encampadas por charlatões negacionistas.

O Frameworks Institute tem realizado iniciativas importantes sobre percepção de História e como profissionais da História, em especial aqueles que lidam com público em instituições de ensino como escolas e museus, que podem abordar assuntos históricos e incentivar o pensamento crítico para contrapor ideias equivocadas a respeito do conhecimento histórico e do trabalho do historiador. O instituto tem uma sessão destinada especialmente à História.⁶⁸

Esta pesquisa espera contribuir para inspirar jornalistas e historiadores em seus ofícios específicos e para que outros estudos sobre a percepção de História sejam conduzidos a partir de novos questionamentos, de acordo com outras perspectivas e mídias. Alguns questionamentos ficaram evidentes nas páginas desta pesquisa, como: onde estão os historiadores negros? Eles são consultados para matérias que tratam de temas caros à população negra do Brasil? Note que o mesmo pode ser aplicado a temas que tratam da História das Mulheres: historiadoras são consultadas? Outras questões, ainda, podem ser levantadas como: o que seria considerado renome no caso de um historiador?; novos levantamentos mostrariam uma nova configuração geográfica das universidades ou uma diminuição na disparidade de gênero?

Para tal, muitas abordagens podem ser aplicadas, como fazer uma pesquisa de percepção no estilo *survey* com o público geral; analisar conteúdos e entrevistar outros jornalistas de outros veículos e de outras regiões do Brasil; entrevistar historiadores para buscar entender sua relação com a imprensa; analisar conteúdos divulgados em outras plataformas de grande alcance, como YouTube etc. São muitas as possibilidades e o campo é vasto, com enorme potencial de estudo e contribuição para as áreas da comunicação e das Humanidades, que sofrem tanto com desinformação e negacionismo.

Por sim, é preciso falar, é preciso comunicar a fim de ocupar um espaço que foi negligenciado. No entanto, o cenário não é animador devido a todo um contexto digital que prioriza formas de comunicação simplórias, onde a desinformação, uma vez lançada, causa um impacto negativo que é difícil de ser revertido, especialmente com o rápido avanço da

⁶⁸ Ver: <https://www.frameworksinstitute.org/reframing-history/>. Acessado em 23/03/2024.

Inteligência Artificial, que torna cada vez mais difícil distinguir o que é real do que é falso, especialmente diante da falta de uma legislação que regularize os conteúdos veiculados na grande rede mundial de computadores. Se o ditado dizia que o papel aceita tudo, a internet aceita tudo e muito mais.

Talvez tenhamos demorado demais, talvez tenhamos desperdiçado anos, tenhamos calado quando estava na hora de falar e frustrado uma expectativa [...] falar um pouco menos da glória e vitória, e um pouco mais daquela vida dura, daqueles nossos companheiros mortos, da participação do povo, dos erros cometidos. Só assim os jovens poderão sentir nossa história mais recente como um tecido de acontecimentos humanos, e não como mais uma matéria aborrecida que se acrescenta às muitas outras nos programas ministeriais. (Levi, 2016, p.15)

Por ora, encerramos este trabalho com esta reflexão de Primo Levi, químico, escritor e sobrevivente do Holocausto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, P. Marx explica a Reuters: economia política das agências de notícias. *In: SILVA JR., J. A.; ESPERIDIÃO, M. C; AGUIAR, P. (orgs). **Agências de Notícias: perspectivas contemporâneas**. Recife: EdUFPE, 2014.*

ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O.. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-10,

ANDRADE, F.Q.; RIGHETTI, S.B.; GAMBIA, E.; et al. Cientistas na imprensa: o que dizem os jornalistas sobre as escolhas de suas fontes científicas e as fontes na ciência sobre sua participação na mídia. **Revista do EDICC**, v. 9. 2023.

ANPUH – Associação Nacional de História. **Arquivos da ANPUH**. Disponível em: <http://www.site.anpuh.org/index.php/2015-01-20-00-01-55/eventos/item/1441-revista-de-historia-da-biblioteca-nacional>.

BAPTISTA, I.C.; ABREU, K.C. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. **Revista Científica Plural**, v. s/n, p. 1-23, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. Antero Reto & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições, v. 70, 2002.

BAUER, M., HOWARD, S. **The Sense of Crisis among Science Journalists. A survey conducted on the occasion of WCSJ_09 in London**. London School of Economics and Political Science, 2009.

BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de História**. Alameda Editorial. São Paulo, 2020.

BITTENCOURT, C. M. F. **Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)**. Edições Loyola, 1990.

BLOCH, M. **Apologia da História. Ou o ofício do historiador**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2002.

BONI, V; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *In: Tese – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, v.2. n.1(3), jan-jul. 2005.

BRASIL. Lei nº 14.038, de 17 de Agosto de 2020. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Historiador e dá outras providências. **Diário Oficial da União** (D.O.U), publicado em 18 ago. 2020, pág. N. 4. Brasília - DF, 2020.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Seção 1, publicado em 18 ago. de 1971, p.6592 (Retificação).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - disciplina de História**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <www.alex.pro.br/BNCC%20História.pdf>. Acesso em: dia mês ano.

BRASIL, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Política de Propriedade Intelectual das Instituições Científicas e Tecnológicas e de Inovação do Brasil**. Relatório FORMICT

ano-base 2019. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/propriedade-intelectual-e-transferencia-de-tecnologia/propriedade-intelectual-e-transferencia-de-tecnologia-relatorios>

BRENTANI, R. R. et al. **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo 2010**. São Paulo: FAPESP, v. 2, 2011. Disponível em: <http://www.fapesp.br/6479>.

BURKE, P. **A Escola dos Annales. 1929 – 1989**. Editora Unesp. São Paulo, 1990.

CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1982.

CGEEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **A Ciência e a Tecnologia no olhar dos brasileiros**. 2015. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/percepcao_web.pdf.

CGEEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Percepção Pública de C&T no Brasil**. 2019. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_pub_CT.pdf.

COELHO, M. **Ascensão da extrema-direita aumenta ataques à imprensa**. Associação Brasileira de Imprensa. 2020. Disponível em: <http://www.abi.org.br/ascensao-da-extrema-direita-aumenta-ataques-a-jornalistas/>. Acessado em 20/03/2022.

CRUZ, R. S. da. **Jornalismo e percepção da ciência: estudo exploratório com sete jornalistas do jornal impresso O Globo**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

EDDY, K. et al. **Women and leadership in the news media 2023: Evidence from 12 markets**. 2023. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-03/Eddy_et_al_Women_and_Leadership_2023.pdf.

ELSEVIER. **Gender in the global research landscape**. Sumário Executivo. Elsevier, 2017. Disponível em: https://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0003/1083945/Elsevier-gender-report-2017.pdf.

FEBVRE, L. **O problema da incredulidade no século XVI. A religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FENAJ – **Federação Nacional dos Jornalistas**. Mães jornalistas e o contexto da Pandemia. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/08/PESQUISA-MULHERES-JORNALISTAS-NA-PANDEMIA-WEB.pdf>.

GLEZER, R.; ALBIERI, S.. O campo da história e as "obras fronteiriças": algumas observações sobre a produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 48, p. 13-30, 2009.

GOBI, A. **Na desnutrição dos Yanomami, bolsonaristas aplicam a velha negação da História**. PLENATA. 2023. Disponível em: <https://plenamata.eco/2023/02/01/na-desnutricao-dos-yanomami-bolsonaristas-aplicam-a-velha-negacao-da-historia/>. Acessado em 19/10/2023.

HAFIZ, M. B. ; RIGHETTI, Sabine ; GAMBA, et. al. Ciência na mídia: uma proposta de classificação de informação a partir de estudo de caso sobre a 'Folha' e o 'NYT' no primeiro ano da pandemia. **JCom América Latina**, 2023.

HERSH, S. M. **Repórter. Memórias**. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

HOBBSAMWN, E. **A era do Capital**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

JANOTTI, M.L.M. História, política e ensino. In: **O saber histórico na sala de aula**. BITTENCOURT, C. (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 2021.

KLEM, S. B. **Historiadoras: aproximações femininas à história da historiografia brasileira**. Dissertação de mestrado – Instituto de Ciência Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 7ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEITÃO, C. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. In: PIMENTEL, M.; SANTOS, E.. (Org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa**. Porto Alegre: SBC, 2021. Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>.

LEVI, P. O tempo das suásticas. In: **A assimetria e a vida. Artigos e ensaios, 1955-1987**. , São Paulo: Editora da Unesp, 2016.

LIMA, A.P.S. História é ciência? Algumas considerações sobre teoria e metodologia. **Anais do XX Ciclo de estudos históricos**, 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/ana_paula_dos_santos_lima.pdf.

LIMA, D. **A presença das mulheres como fontes de informação no telejornalismo: uma análise do Jornal Hoje e do JMTV 1ª Edição**. Trabalho de conclusão de curso – Centro De Ciências Sociais, Saúde E Tecnologia, Universidade Federal Do Maranhão. 2020.

LINS DA SILVA, C. E. **O Adiantado da Hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.

LORENZONI, L.S.; ALFAIATE, M.; VIEIRA, B.C.R.; MOULIM, M. **Disciplinas que despertam mais e menos interesse nos alunos do Ensino Médio da E.E.E.F.M. “Professora Célia Teixeira do Carmo”**. In: Anais do XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2012. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2012/anais/arquivos/0971_0768_01.pdf.

MALERBA, J. **Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History** Ouro Preto: História da Historiografia. 2014.

MANOEL, I.A. O ensino de História no Brasil: do colégio Pedro II aos parâmetros curriculares nacionais. **Univesp (online) Conteúdos e didática da História**, v. 28, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/46194?locale=pt_BR.

MASSARANI, L.; AMORIM, L.H. Jornalismo científico: um estudo de caso de três jornais brasileiros. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**. v.1, n.1, jan./abr, 2008.

MASSARANI, L.; BAUER, M., AMORIM, L.H. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova “onda” no jornalismo científico no Brasil? **Comunicação e Sociedade**, v. 35, n. 1, p. 111-129, jul./dez, 2013.

MASSARANI, L. et al. **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia**. Resumo executivo. Brasília, DF: INCT-CPCT, 2019.

MASSARANI, L.; POLINO, C.; MOREIRA, I. et al. **Confiança na ciência no Brasil em tempos de pandemia**. Resumo executivo. Brasília, DF: INCT/CPCT, 2022. Disponível em: https://www.inct-cpct.ufpa.br/wp-content/uploads/2022/12/Resumo_executivo_Confianca_Ciencia_VF_Ascom_5-1.pdf.

MEER, T.; VERHOEVEN, P.; BEENTJES, J.W.; VLIEGENTHART, R. Disrupting gatekeeping practices: Journalists’ source selection in times of crisis. **Journalism**, v. 18, n. 9, p. 1107-1124, 2017.

MENESES, S. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, n.87, 2021.

MILLER, T.L.; L’HÔTE, E.; VOLMERT, A. **Communicating about history: Challenges, opportunities, and emerging recommendations (a FrameWorks Strategic Brief)**. Washington, DC: FrameWorks Institute, 2020.

MIRA, M.C. Constituição e segmentação do mercado de revistas no Brasil: o caso da Editora Abril. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO**. 1998.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate. Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza** Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2022.

MOURA, M. Mídia e Construção de Imagens da Tecnociência Brasileira. In: VOGT, Carlos (org.). **Cultura Científica – desafios**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006.

MUNAKATA, K. Livro didático como indício da cultura escolar. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, set./dez, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v20n50/2236-3459-heduc-20-50-00119.pdf>.

OGASSAWARA, J. S.; BORGES, V. T. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 39, n. 80, 2019.

OLIVEIRA, D.R.; LIMA, A.P.; MOREIRA, M.V.B.; AMORIM, E.; GUEDES, P.R.S. **Disciplinas: preferências ou dificuldades?** In: 50º Congresso Brasileiro de Química, 2010.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ONU-MULHERES. **ATENEA - Mecanismo para acelerar a participação política das mulheres na América Latina e no Caribe**. 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/09/ATENEA_Brasil_FINAL.pdf.

PASTERNAK, N; ORSI, C. **Contra a realidade. A negação da ciência, suas causas e consequências**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2021.

PATAI, D. Intelectuais públicos como propagandistas políticos. In: MAUAD, A.M.; ALMEIDA, J.R.; SANTHIAGO, R. (org). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PONTES, F.S.; MICK, J. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 154, p. 31-47, 2023.

REIS FILHO, Daniel Aarao. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS FILHO, A. D.; RIDENTE, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)**. Sao Paulo: Edusc, 2004.

REUTERS INSTITUTE. Digital News Report. 2017. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport>.

RIGHETTI, S. **Inovação, formação de competências e diversificação no setor de comunicação: a exploração da internet em dois grupos brasileiros de mídia impressa**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROCHA, P. M., E A. K. DANCOSKY. A feminização Do Jornalismo E a Ausência Da Perspectiva De Gênero Nas Editorias De Tecnologia No Brasil. **Intexto**, n. 35, p. 119-136, 2016. doi:10.19132/1807-8583201635.119-136.

RODRIGUES, I. História no YouTube: relato de experiência e possibilidades para o futuro. In: TEIXEIRA, A. P. T.; CARVALHO, B. L. P. (org.). **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

RODRIGUES, L.P.M. **A divulgação da história nos livros de Eduardo Bueno e Laurentino Gomes**. 2016. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: ALMEIDA, Juniele R.; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-36.

SHEETS-PYENSON, S. Popular science periodicals in Paris and London: The emergence of a low scientific culture, 1820–1875. **Annals of science**, v. 42, n. 6, p. 549-572, 1985.

SHERMER, M.; GROBMAN, A. **Denying History. Who says the Holocaust never happened and why do they say it?** Los Angeles: University of California Press, 2000.

SIMÕES, S.; MACHADO PEREIRA, M.A. A arte de fazer perguntas. In: AGUIAR, N. **Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

SNEL – **Sindicato Nacional dos Editores de Livros**. Balanços. 2023. Disponível em: <https://snel.org.br/pesquisas/#1528207355334-57f1aef5-089d>.

SOUSA, F. C. A. Perfil de pesquisadores científicos das regiões nordeste e sudeste do Brasil. In: **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, e16611326334, 2022.

TEIXEIRA, A.P.T; CARVALHO, B.L.P. Os lugares do historiador-divulgador. *In:* TEIXEIRA, A.P.T; CARVALHO, B.L.P. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

TORRES, C. **Género y comunicación: el lado oscuro de los medios**. Santiago: Ediciones de la Mujeres, 2000.

VALIM, P.; DE SÁ AVELAR, A.; BEVERNAGE, B. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, n. 87, 2021.

VOGT, C.; KNOBEL, M.; CASTELFRANCHI, Y.; EVANGELISTA, R.; GARTNER, V. SAPO (Science Automatic Press Observer) Construindo um Barômetro da Ciência e Tecnologia na Mídia. *In:* **Cultura Científica. Desafios**. São Paulo: Edusp., 2006.

VOGT, C.; MORALES, A.P. Cultura Científica. **Revista ComCiência**. 2018. Disponível em: <https://www.comciencia.br/cultura-cientifica/#:~:text=A%20cultura%20cient%20C3%ADfca%20poderia%20ser,inoa%20C3%A7%20C3%A3o%20produzindo%20um%20novo%20conceito.>

VOGT, C; CASTELFRANCHI, Y.; RIGHETTI, S.; EVANGELISTA, R.; MORALES, A.P.; GOUVEIA, F. **Building a Science News Media Barometer - SAPO**. *In:* **The Culture of Science. How the public relates to science around the globe**. New York: Routledge, 2012.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Reflexão sobre a “desordem da informação”: Formatos da informação incorreta, Desinformação e má-informação. *In:* **Jornalismo, “Fake News” e Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo**. Paris: Unesco, p. 46-58, 2019.

NOTÍCIAS CONSULTADAS

93% dos jovens do país não sabem o nome de um cientista brasileiro. Folha de S. Paulo, 26/06/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/06/93-dos-jovens-do-pais-nao-sabem-o-nome-de-um-cientista-brasileiro.shtml>. Acessado em 20/01/2023.

A 15 dias do fim do governo, aliados de Bolsonaro decidem acabar com Comissão de Mortos e Desaparecidos na Ditadura. G1, 15/12/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/15/a-15-dias-do-fim-do-governo-aliados-de-bolsonaro-decidem-acabam-com-comissao-de-mortos-e-desaparecidos-na-ditadura.ghtml>. Acessado em 10/12/2024.

Ação do presidente diferencia gripe espanhola da pandemia atual. Folha de S. Paulo, 28/03/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/acao-do-presidente-diferencia-gripe-espanhola-da-pandemia-atual.shtml>. Acessado em 25/11/2022.

Aos 488 anos, São Vicente defende título de cidade mais antiga do Brasil. O Estado de S. Paulo, 20/01/2020. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/pelo-interior/aos-488-anos-sao-vicente-defende-titulo-de-cidade-mais-antiga-do-brasil/#:~:text=Fundada%20em%2022%20de%20janeiro,do%20litoral%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.> Acessados em 20/11/2022.

Assassinato no Carrefour reforça necessidade de empresas investirem no combate ao preconceito. O Estado de S. Paulo, 23/11/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/assassinato-no-carrefour-reforca-necessidade-de-empresas-investirem-no-combate-ao-preconceito/>. Acessado em 20/11/2022.

Bolsonaro diz não ter 'dúvida' de que nazismo era de esquerda. G1, 02/04/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acessado em 28/09/2023.

Bolsonaro nega ditadura e diz que regime viveu probleminhas. Folha de S. Paulo, 27/03/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/nao-houve-ditadura-teve-uns-probleminhas-diz-bolsonaro-sobre-regime-militar-no-pais.shtml>. Acessado em 28/09/2023.

Bolsonaro veta projeto do Congresso que regulamenta profissão de historiador. G1, 27/04/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/27/bolsonaro-veta-projeto-do-congresso-que-regulamenta-profissao-de-historiador.ghtml>. Acessado em 19/02/2024.

Borba Gato não foi caçador de índios, queimaram a estátua errada, diz Eduardo Bueno. Folha de S. Paulo, 29/07/2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/borba-gato-nao-foi-caçador-de-indios-queimaram-a-esttua-errada-diz-eduardo-bueno.shtml>. Acessado em 22/11/2022.

Brasil diz à ONU que não houve golpe em 64 e que governos militares afastaram ameaça comunista e terrorista. BBC Brasil, 04/04/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47818978>. Acessado em 13/02/2022.

Brasil envia alerta de crescimento de grupos neonazistas para ONU. Agência Brasil, 10/04/2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2024-04/brasil-envia-alerta-de-crescimento-de-grupos-neonazistas-para-onu>. Acessado em 10/04/2024.

Campanha “anti-doutrinação” contra professores eleva estresse em sala de aula. El País Brasil, 19/11/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html. Acessado em 08/11/2021.

Cartas de 1932 revelam histórias de amor e coragem durante a Revolução Constitucionalista. O Estado de S. Paulo, 09/07/2021. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,cartas-de-1932-revelam-historias-de-amor-e-coragem-durante-a-revolucao-constitucionalista,70003773390>. Acessado em 25/11/2022.

Cássio ganha biografia no Corinthians e nega ser o maior goleiro da história do clube. O Estado de S. Paulo, 28/01/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/cassio-ganha-biografia-no-corinthians-e-nega-ser-o-maior-goleiro-da-historia-do-clube/>. Acessado em 22/11/2022.

Cenários de autoritarismo marcam histórico de conflitos entre presidente e governadores no Brasil. Folha de S. Paulo, 29/03/2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/cenarios-de-autoritarismo-marcam-historico-de-conflitos-entre-presidente-e-governadores-no-brasil.shtml>. Acessado em 25/11/2022.

Cinco lições que a pandemia do coronavírus já ofereceu aos mortais. Folha de S. Paulo, 17/04/2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2020/04/cinco-licoes-que-a-pandemia-do-coronavirus-ja-ofereceu-aos-mortais.shtml>. Acessados em 20/11/2022.

Cloroquina e distanciamento se destacam nas redes sociais após demissão de Teich. O Estado de S. Paulo, 15/05/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/cloroquina-e-distanciamento-se-destacam-nas-redes-sociais-apos-demissao-de-teich/>. Acessado em 24/01/2023.

Doutrinação e demonização. Folha de S. Paulo, 05/10/2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/132308-doutrinacao-e-demonizacao.shtml>. Acessado em 20/10/2023.

Eduardo Bueno lança novo livro. O Estado de S. Paulo, 16/12/2022. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,eduardo-bueno-lanca-novo-livro,20021216p2759>. Acessado em 22/11/2022.

Em 2013, o faturamento do setor foi de aproximadamente R\$5,4 bilhões. Ver: <https://snel.org.br/setor-editorial-cresce-752-em-2013-e-preco-medio-constante-do-livro-continua-a-cair/>. Acessado em 02/03/2024.

Em Brasília, Bori apresenta dados inéditos de pesquisa com jornalistas e com cientistas na reunião anual da SBPC. 09/08/2022. Disponível em: <https://abori.com.br/blog/em-brasilia-bori-apresenta-dados-ineditos-de-pesquisa-na-reuniao-anual-da-sbpc/>. Acessado em 10/03/2024.

Figueiredo emerge com poucos equívocos em biografia do último presidente da ditadura. Folha de S. Paulo, 08/11/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/figueiredo-emerge-com-poucos-equivocos-em-biografia-do-ultimo-presidente-da-ditadura.shtml>. Acessado em 20/11/2020.

Há 100 anos, era editada ‘O Mistério’, primeira história policial do Brasil. O Estado de S. Paulo, 20/03/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/ha-100-anos-era-editada-o-mysterio-primeira-historia-policial-do-brasil/>. Acessado em 22/11/2022.

História é coisa do passado. Folha de S. Paulo, 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3008201109.htm>. Acessado em 02/03/2024.

Interiorização da covid-19 no Brasil pode criar os ‘mortos invisíveis’, diz historiador. O Estado de S. Paulo, 23/06/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/interiorizacao-da-covid-19-no-brasil-pode-criar-os-mortos-invisiveis-diz-historiador/>. Acessado em 21/11/2022.

Jornais no 1º semestre: impresso cai 7,7% e digital tem alta tímida... Poder 360, 01/08/2022. Disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-no-1o-semester-impresso-cai-77-e-digital-tem-alta-timida/>. Acessados em 08/08/2022.

Karim Aïnouz e Kleber Mendonça Filho participam de debate promovido pela Academia Brasileira de Cinema. Folha de S. Paulo, 04/10/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/10/karim-ainouz-e-kleber-mendonca-filho-participam-de-debate-promovido-pela-academia-brasileira-de-cinema.shtml>. Acessado em 02/02/2023.

Laura de Mello e Souza vence o Prêmio Internacional de História. Revista Pesquisa Fapesp, 24/01/2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/laura-de-mello-e-souza-vence-o-premio-internacional-de-historia/>. Acessado em 30/01/2024.

Leandro Narloch tem de fazer mea culpa por ajudar a envenenar o debate público brasileiro. Folha de S. Paulo, 21/08/2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldojoselopes/2021/08/leandro-narloch-tem-de-fazer-mea-culpa-por-ajudar-a-envenenar-o-debate-publico-brasileiro.shtml>. Acessado em 21/03/2022.

Líderes globais adotam retórica militar e patriotismo exacerbado em discurso contra pandemia. Folha de S. Paulo, 23/03/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/lideres-adotam-discursos-de-guerra-contra-pandemia.shtml>. Acessado em 20/11/2022.

Líderes indígenas defendem mineração em suas terras. Folha de S. Paulo, 11/03/2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2022/03/lideres-indigenas-defendem-mineracao-em-suas-terras.shtml>. Acessado em 19/10/2023.

Lilia Schwarcz é eleita como imortal da Academia Brasileira de Letras. Jornal da USP, 08/03/2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/lilia-schwarcz-e-eleita-como-imortal-da-academia-brasileira-de-letas/>. Acessado em 08/03/2024.

Livro mostra como Lutero, homem que iniciou a Reforma Protestante, era reacionário e antissemita. O Estado de S. Paulo, 22/02/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/livro-mostra-como-lutero-homem-que-iniciou-a-reforma-protestante-era-reacionario-e-antissemita/>. Acessado em 21/11/2022.

Livro reúne correspondência de João Goulart durante seu mandato. O Estado de S. Paulo, 11/07/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/livro-reune-correspondencia-de-joao-goulart-durante-seu-mandato/>. Acessado em 25/11/2022.

Medidas antirracismo no futebol são pouco efetivas e podem expor vítima. Folha de S. Paulo, 01/03/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/03/medidas-antirracismo-no-futebol-sao-pouco-efetivas-e-podem-expor-vitima.shtml>. Acessado em 20/11/2022.

'Megxit': Sem dinheiro público ou títulos reais, o que vai acontecer com Harry e Meghan? Folha de S. Paulo, 19/01/2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/01/megxit-sem-dinheiro-publico-ou-titulos-reais-o-que-vai-acontecer-com-harry-e-meghan.shtml>. Acessado em 20/11/2022.

Mike Tyson volta aos ringues porque nostalgia é sucesso de bilheteria. Folha de S. Paulo, 27/11/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/11/mike-tyson-volta-aos-ringues-porque-nostalgia-e-sucesso-de-bilheteria.shtml>. Acessado em 22/11/2022.

Mogi Mirim vai restaurar ‘bunker’ paulista da Revolução de 32. O Estado de S. Paulo, 09/07/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/mogi-mirim-vai-restaurar-bunker-paulista-da-revolucao-de-32/>. Acessado em 25/11/2022.

Movimentos pró-democracia resgatam amarelo como símbolo. Folha de S. Paulo, 20/06/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/movimentos-pro-democracia-resgatam-amarelo-como-simbolo.shtml>. Acessado em 20/11/2022.

Mulheres não chegam a 5% nos conselhos dos grandes clubes de SP. Folha de S. Paulo, 02/09/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/09/mulheres-nao-chegam-a-5-nos-conselhos-dos-grandes-clubes-de-sp.shtml>. Acessado em 01/03/2023.

Mundo digital atropela revistas de História. Observatório da Imprensa, 2006. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/mundo-digitalatropela-revistas-de-historia/>. Acessado em 01.03.2024.

Na busca por um buraco negro gigante, astrônomos encontraram um ninho de escuridão. O Estado de S. Paulo, 29/03/2021. Disponível em <https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw,buraco-negro-gigante-astronomos-hubble,70003660401>. Acessado em 02/04/2021.

Narloch distorce trabalho de historiadores para defender negacionismo da escravidão. Folha de S. Paulo, 30/09/2021. Disponível em: <https://vidasnegrasimportam.blogfolha.uol.com.br/2021/09/30/narloch-distorce-trabalho-de-historiadores-para-defender-negacionismo-da-escravidao/>. Acessado em 20/11/2022.

O carnaval, o carnaval.... O Estado de S. Paulo, 21/02/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/colegio-rio-branco/o-carnaval-o-carnaval/>. Acessado em 01/03/2023.

O Incorreto no “Guia politicamente incorreto da história do Brasil”. HH Magazine, 09/11/2018. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/o-incorreto-no-guia-politicamente-incorreto-da-historia-do-brasil/>. Acessado em 21/11/2022.

O negacionismo histórico de Leandro Narloch. Jornalistas Livres, 05/10/2021. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/o-negacionismo-historico-de-leandro-narloch/>. Acessado em 10/06/2023.

Parque Augusta vira sítio arqueológico e revela uma SP de séculos passados. O Estado de S. Paulo, 01/08/2020. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,parque-augusta-vira-sitio-arqueologico,70003383697>. Acessado em 25/11/2022.

Pedido de retirada de estátuas em SP traz debate sobre 'apagão' histórico. Folha de S. Paulo, 12/06/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/pedido-de-retirada-de-estatuas-em-sp-traz-debate-sobre-apagao-historico.shtml>. Acessado em 22/11/2022.

Professor de história e aluna de mestrado são ameaçadas com processo por 'Netflix da Direita'. Metro, 20/08/2021. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/110877,professor-de-historia-e-aluna-de-mestrado-sao-ameacadas-com-processo-por-netflix-da-direita>. Acessado em 13/02/2022.

Promessa de vacinação acelerada nos EUA esbarra em dificuldades logísticas. Folha de S. Paulo, 03/04/2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/04/promessa-de-vacinacao-acelerada-nos-eua-esbarra-em-dificuldades-logisticas.shtml>. Acessada em 04/04/2021.

Revista "Nossa História" é lançada hoje. O Estado de S. Paulo. 20/08/2023 (data da atualização, a data original é de 2003. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/revista-nossa-historia-e-lancada-hoje/>. Acessado em 01/03/2024.

Série que aborda história do Brasil volta com novo apresentador. Folha de S. Paulo, 07/11/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/serie-que-aborda-historia-do-brasil-volta-com-novo-apresentador.shtml>. Acessado em 22/11/2022.

Tudo que eu nunca soube sobre o Amapá. O Estado de S. Paulo, 19/11/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/caminhadas-urbanas/tudo-o-que-eu-nunca-soube-sobre-o-amapa/>. Acessado em 22/11/2022.

Uma nova pergunta para o serviço secreto: Quem os irá proteger de Trump? O Estado de S. Paulo, 06/10/2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/uma-nova-pergunta-para-o-servico-secreto-quem-os-ira-protoger-de-trump/>. Acessado em 20/11/2022.

Verão Sem Censura: festival leva mais de 40 atrações gratuitas a vários pontos de São Paulo. O Estado de S. Paulo, 16/01/2020. <https://www.estadao.com.br/cultura/divirta-se/verao-sem-censura-festival-leva-mais-de-40-atracoes-gratuitas-a-varios-pontos-de-sao-paulo/>. Acessado em 26/11/2022.

ANEXO I – Questionário

Pesquisa - A História noticiada: historiadores e a História nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo

Esclarecimentos

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa por meio de um processo de entrevista. Esta pesquisa tem o objetivo geral de obter indicadores de percepção, visão, hábitos e atitude divulgadora de cinco jornalistas que atuam nos veículos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre o conhecimento histórico.

As pesquisas de percepção pública da ciência e tecnologia (C&T) têm sido fundamentais ao longo dos últimos anos, no Brasil e no mundo, para a formulação e readequação de políticas públicas, além de serem importantes instrumentos de captação dos interesses e visões da sociedade em relação ao tema, auxiliando, assim, nas estratégias de popularização e engajamento do brasileiro nesse campo.

As informações coletadas por esta entrevista serão divulgadas com a pesquisa em andamento. A metodologia prevê que os trechos abertos sejam transcritos e enviados para os entrevistados para aprovação. Esta entrevista tem como objetivo somente fornecer insumos para o desenvolvimento da pesquisa e maior compreensão de como os entrevistados entendem o tema abordado. Todo material coletado por meio da entrevista será utilizado estritamente para fins acadêmicos.

Questões

EIXO I - Informações gerais sobre o profissional

Nome

Idade

Formação

Instituição onde se formou

Veículo

Há quanto tempo atua como jornalista

Há quanto tempo trabalha para o veículo atual

Quais assuntos costuma cobrir

Assuntos com os quais tem mais afinidade

EIXO 2 - Cobertura de História

1. Analisando o veículo de comunicação para o qual atua, vimos que você escreveu matérias que abordaram temas históricos, tinham historiadores ou eram citados. Pautas com essa temática são frequentes para você? (FECHADA)

Sim Não

Quais alternativas abaixo melhores se enquadram na(s) matéria(s) que escreveu que tratavam de temas históricos? (Pode assinalar mais de uma, se for necessário).

Era sobre uma pesquisa

Era uma entrevista sobre um assunto geral

Era uma entrevista sobre lançamento de livro

Era sobre tema cultural (livro, podcast, filme, quadro, etc)

Era sobre algum evento do passado

Era sobre tema político

2. Você entrevistou um historiador/a para alguma reportagem nos últimos seis meses?

() Sim () Não

- 2.1. Como você buscou ou onde você busca/buscaria por um historiador(a) para uma matéria?
 2.2. Qual é o critério usado para determinar qual historiador será entrevistado?
 2.3. A reputação da universidade é considerada para a escolha do historiador a ser entrevistado?
 2.4. Tem/teve dificuldades para encontrar/entrevistar um historiador(a)? Se sim, quais?
 2.5. Quais são as razões que te levam a buscar um historiador para uma matéria?

3. Como você caracteriza na reportagem o vínculo institucional do/a historiador/a que entrevista?

4. Como foi a elaboração de uma pauta que tratava de tema histórico?

5. Quando você escreve uma matéria que contém tema histórico, ou há nela historiadores, você consegue identificar em qual(is) editoria(s) esses textos são publicados?

EIXO III - Percepção sobre o que é História

6. Você entende que o veículo considera a História uma ciência?

6.1. Você considera a História uma ciência?

Se afirmativo, por que você acha que matérias sobre História não são publicadas em editorias de ciências?

7. Em sua opinião, quais contribuições o conhecimento histórico e o historiador trazem à sociedade?

8. É comum que profissionais de outras áreas (jornalistas principalmente), mas que escrevem sobre temas históricos sejam citados como historiadores em matérias jornalísticas. Por que você acha que isso acontece?

9. Diante das seguintes afirmações, responda como VERDADEIRO ou FALSO:

- a) O conhecimento histórico é importante para a compreensão do mundo
 b) A área de História precisa de investimento público como as ciências naturais
 c) Historiadoras são mais resistentes para dar entrevistas do que homens
 d) Cientistas de humanidades são mais resistentes para dar entrevistas do que cientistas naturais
 e) Entre uma pesquisa histórica e a compreensão de um vírus, é melhor investir na segunda opção
 f) A História tem pouco espaço na grande imprensa

10. Você faria alguma mudança na forma de produzir matérias jornalísticas sobre História? Se sim, quais?

Anexo II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A História noticiada: historiadores e a História nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo

André Gobi

Número do CAAE: 56630322.0.0000.8142

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e será enviado para seu e-mail, caso aceite a participação, junto com suas respostas às perguntas contidas no questionário.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes de iniciar a pesquisa, você poderá esclarecê-las com o pesquisador através dos contatos a seguir. Se preferir, pode ler com calma, consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar.

Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Esta pesquisa tem o objetivo geral de obter indicadores de percepção, visão, hábitos e atitude divulgadora de jornalistas que atuam para os veículos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a História enquanto área de conhecimento. As pesquisas de percepção pública da ciência e tecnologia (C&T) têm sido fundamentais ao longo dos últimos anos, no Brasil e no mundo, para a formulação e readequação de políticas públicas, além de serem importantes instrumentos de captação dos interesses e visões da sociedade em relação ao tema, auxiliando, assim, nas estratégias de popularização e engajamento do brasileiro nesse campo.

Procedimentos:

Participando do estudo, você está sendo convidado a participar de uma entrevista realizada de forma online por meio da plataforma Meet do Google, que será gravada. A entrevista seguirá um questionário composto por 10 perguntas que serão feitas pelo pesquisador, a respeito de sua percepção, visão, hábito e atitude divulgadora sobre temas que tenham a História como pauta jornalística. A duração estimada desta entrevista é de 30 minutos. A

pesquisa é identificada (não anônima) e as informações coletadas serão apresentadas na versão final da pesquisa, sendo, portanto, de acesso público a outros pesquisadores ou interessados neste estudo. Após a realização das entrevistas, elas serão transcritas e submetidas para aprovação dos entrevistados. Após a aprovação, os dados coletados serão tabulados em uma planilha desenvolvida no Excel e serão armazenados em pasta protegida por senha no computador do pesquisador e em um HD externo por até cinco anos.

Desconfortos e riscos:

A execução desta pesquisa envolve os seguintes riscos: a possível extenuação física e/ou mental dos participantes durante o tempo de entrevista; possível desconforto em participar de uma pesquisa de opinião cujos resultados serão publicados; possível desconforto e preocupação pelo veículo não aprovar a exposição do entrevistado; exposição de suas respostas em uma pesquisa, mesmo que ela tenha apenas fins acadêmicos. Sendo assim, é recomendado que participe da pesquisa apenas se você tiver o tempo para isso, evitando assim qualquer desconforto.

Benefícios:

Não há benefícios diretos ao participante. No entanto, ao participar desta pesquisa, você ajudará na compreensão da percepção dos jornalistas a respeito da divulgação de temas que tenham a História como pauta, além de cooperar com o desenvolvimento de ações que possam aprimorar a disseminação científica desta temática no país e, assim, impactar positivamente o desenvolvimento da comunicação das ciências humanas em âmbito nacional e da prática jornalística.

Acompanhamento e assistência:

Caso o entrevistado se sinta desconfortável, ou deseje, poderá abandonar a entrevista sem que haja nenhuma penalização. O pesquisador se coloca à disposição para esclarecer dúvidas pontuais sobre as perguntas do questionário durante toda sua participação, bastando sinalizar a dúvida ao pesquisador.

Sigilo e privacidade:

Uma vez que a identidade dos entrevistados e suas percepções e práticas jornalísticas são pontos fundamentais na condução desta pesquisa, os nomes dos participantes da pesquisa, assim como os veículos nos quais trabalham, serão públicos e disponibilizados na versão final da pesquisa.

Ressarcimento e indenização:

Por ser online, a pesquisa não abrange ressarcimento de despesas.

Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, através dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores a seguir:

André Gobi

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Endereço institucional: Rua Seis de Agosto, 50 - 3º piso – Cidade Universitária – Campinas (SP)

CEP: 13083-873, Telefone: (19) 99888-7707

E-mail: andrelpedreira@gmail.com / a208826@dac.unicamp.br

Profa. Dra. Sabine Righetti

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Endereço institucional: Rua Seis de Agosto, 50 - 3º piso – Cidade Universitária – Campinas (SP)

| CEP: 13083-873, Telefone: (19) 3521-2584

E-mail: sabine@unicamp.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar da pesquisa.

- Sim
 Não

Nome do (a) participante da pesquisa:

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

01/02/2022

Pesquisador André Gobi



ANEXO III – Transcrição entrevista com José Maria Tomazela

Transcrição da entrevista realizada com José Maria Tomazela, repórter do jornal O Estado de S. Paulo, em 22/03/2023.

O pesquisador, André Gobi, é referido apenas como “André”, enquanto o entrevistado é referido como “José”.

André: José, então é o seguinte: o questionário se divide em três eixos, tá. O primeiro eixo são algumas informações sobre você, segundo o eixo são algumas perguntas sobre a cobertura de temas históricos e o terceiro é mais voltado para percepção, tá? Como o jornalista percebe a história.

As perguntas são abertas a gente vai conversando aqui no bate-papo, se você quiser fazer alguma observação, complemento que eu não tenha falado também ou abordado nas perguntas, fica à vontade. E algumas das perguntas elas são fechadas, o que que eu fiz nos testes são algumas que para você assinalar, colocar verdadeiro ou falso da sua opinião. E nos testes eu coleí no chat aqui a pessoa respondeu no chat, eu copieí de volta e anexeí no questionário. Pode ser feito assim, se for tranquilo para você ou eu posso falar para você, você me responde eu assinalo. Por questão de transparência, eu preferia que você assinalasse para ficar mais vai aparecer aqui vai aparecer aqui no chat. Se tiver alguma dificuldade alguma coisa a gente faz outra forma, tá bom?

Pegando no primeiro eixo são informações gerais do profissional, tá? O nome José Maria Tomazella. José qual é a tua idade, por favor?

José: eu completei 70 anos esse mês, dia 8 de Março.

André: Sério? É meu aniversário também dia 8 de Março.

José: Pois é cara, que legal, dia Internacional da Mulher um privilégio

André: Então, qual é a tua formação?

José: Então, eu sou eu sou formado em Letras, né? Depois eu dei um complemento no jornalismo, então eu também obtive diploma de jornalista pela Cásper Líbero e posteriormente fiz Direito é na Faculdade de Sorocaba. Então são essas faculdades e depois se os outros uma pós-graduação em teoria da literatura da associação de diplomados da escola superior de guerra que é um livro de pós-graduação também e é isso.

André: Formação em Letras foi na Cásper também?

José: Não, não, foi na Faculdade de Ciências e Letras em Itapetininga. É uma cidade, eu morava numa cidade pequena, eu nasci Pereiras, né? E a Faculdade mais próxima era Itapetininga, eu tinha 17 anos quando comecei esse curso. Havia feito o vestibular na Cásper Líbero, porque o que é fazer o jornalismo, mas por conta da idade e porque o meu pai não tinha condição financeira de bancar em São Paulo, né? Eu não pude fazer de plano ou

curso e acabei fazendo letras que depois me serviu para eliminar matérias uma outra visão também, né?

Aí depois, assim que terminei o curso de Letras, eu já tinha interesse em trabalhar em jornal, né e consegui emprego no Jornal Cruzeiro do Sul, em Sorocaba. Isso condicionou a minha vinda para Sorocaba que é um pouco mais perto da minha terrinha lá Pereiras, né, a fazer Direito porque ele tinha uma ideia assim de que ele queria que todos os filhos se formassem em Direito e se era essa condição fiz para esse celular passei direito em Sorocaba ao mesmo tempo que trabalhava no Jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba, onde comecei a minha carreira de jornalista.

Depois fui pro Estadão, que nossa Estadão tô até hoje. Eu saí do Cruzeiro em 85 e fui imediatamente contratado pelo Estadão em 85, Abril de 85, e não saí mais na verdade.

André: Como jornalista você atua desde quando?

José: Então, na verdade antes de iniciar, de trabalhar, eu fui contratado pelo Cruzeiro do Sul, como repórter e que já já tinha terminado com as letras, né em 75. Antes disso, eu já havia trabalhado um ano como correspondente da Folha de São Paulo em Pereiras. Então já tinha nos primeiros contatos com a área de jornalista, fora os jornais que a gente fazia na cidade jornalzinho impresso e mimeografado lá em Pereiras, foi assim o primeiro o mesmo trabalho foi para a folha de São Paulo como correspondente, aí depois de Cruzeiro do Sul e depois Estadão e é isso.

André: E correspondência começou em que ano?

José: Comecei em 73, 74. Depois eu já 75, eu já vim trabalhar contratado aqui no Cruzeiro, isso fala aqui, porque o Cruzeiro é aqui de Sorocaba, né?

André: E quais assuntos, quais são as principais pautas que você costuma cobrir?

José: Então assim como correspondente, né? A gente não escolhe a editoria, né? Então eu acabei cobrindo bastante a as questões de sustentabilidade, de Meio Ambiente, principalmente no interior, né? Os rios a questão de aterros sanitários muitas matérias, mas assim o que eu trabalhei mais mesmo já no Estadão, trabalhei muito na cobertura dos conflitos fundiários tanto conflito fundiário, o aumento dos Sem Terra, né do MST e outros movimentos de luta pela terra, quanto conflitos com índios, as questões indígenas, eu acabei me dedicando bastante por conta disso tive em algumas vezes na Amazônia, estive também cobrindo conflitos indígenas na no sul no Mato Grosso do Sul, na fronteira ali com o Paraguai.

E outras regiões também do Sul da Bahia, mas assim era bastante também matérias de Meio Ambiente, de poluição, rios e claro sempre misturada com alguma coisa de História, preservação histórica, muitas matérias de preservação ferroviária, mesmo assim monumentos religiosos. Enfim. É sempre a gente sempre teve preocupação com a preservação naquele que pode ser testemunha da história testemunha viva da história, né esses monumentos. Aqui nós temos aqui na região de Sorocaba, aquele patrimônio que tá no hoje sobre os cuidados do ICMBio, da antiga real fábrica de ferro de São João, Ipanema.

Que é um trecho uma coisa impressionante assim da história do Brasil, da industrialização do Brasil, que foi a primeira siderúrgica a primeira fábrica de ferro aconteceu ali, né? Então até hoje tá tudo lá mesmo abandonado assim tá. Não há uma preocupação com o testemunho da

história, né? Que aquilo ficou, é uma relíquia é uma coisa que você é bacana você estudar as coisas em livro, agora chegar e se deparar entrar num monumento daquele.

André: E quais assuntos assim que você tem mais afinidade?

José: Então, hoje assim continua nessa questão fundiária bastante, cobrindo bastante, mas também como eu tô depois que a rede de correspondente deixou de existir eu fiquei assim mais focado na editoria de Metrópole. Então são assuntos de Metrópole, que aí vem a questão das de saúde, cobri muito covid 19, a questão de educação, né também, embora a gente tenha repórteres com mais experiência educação lá no jornal. Meio Ambiente é bastante comigo também, essa questão das mudanças, cobri agora pouco tempo aquela tragédia de São Sebastião, né, mas tem bastante daquela cobertura. Então são mais esses temas o factual dia a dia até porque

Eu venho, eu ainda sou repórter de rua, né, repórter que costuma ir para o local e tal então tudo muito factual sabe. E é isso, é nossa, crimes, então, nem se fala, assuntos de criminalidade, aí essas coisas malucas e feminicídio e tal estatísticas de crime. Tudo que acaba caindo para a gente.

André: Nós vamos fazer uma pausa aqui. Acho que tá acabando o nosso tempo de Zoom. Vou criar um novo link, a gente tem seis minutos ainda a gente pode ir para uma.

Acho que eu vou criar um novo link para a próxima questão, ela é fechada e vou precisar colar aqui, então criar um novo link que eu tô com menos de 6 minutos para terminar. Já vai pegar o som. Qualquer coisa a gente eu aguardo. Eu vou finalizar essa daqui e vou começar outro, joia.

André: Às vezes dá um probleminha de áudio.

José, vou copiar aqui então uma questão. Veja se fica tranquilo para responder aqui no chat. Você pode copiar ela e ir respondendo. Ou se você quiser passar a resposta eu vou assinalando aqui.

José: Ela sumiu antes que eu pudesse abrir.

André: Você está no computador?

José: Estou no meu note.

André: Se você for aqui embaixo vai ter o chat.

José: Chat, achei.

André: Já poderia responder direto aqui. Se você quiser responder direto para mim alguma das alternativas eu posso ir assinalando aqui, porque aqui você vai precisar colar de volta aqui e ir assinalando.

José: Analisando o veículo, vimos que você escreveu uma tese que abordaram aqui no históricos tinha um historiadores com essa temática são frequentes para você? Sim.

André: Eu posso eu posso colocar e colocando aqui qualquer coisa.

José: Se você puder ir colocando aí, a gente faz assim.

André: Tranquilo.

José: Nas matérias que escreveu que trata.... era sobre a pesquisa histórica, era uma entrevista, pesquisa, sobre um assunto geral, uma entrevista sobre o lançamento do livro era sobre tema cultural o livro podcast filme, era sobre algum evento do passado.

Era sobre tema política ou outra especificar. Então aí vamos dizer pesquisa histórica e...

Algum evento do passado. Dá para fazer essas duas?

Geralmente tema cultural.

André: Vamos lá. José, você entrevistou algum Historiador para alguma reportagem nos últimos seis meses?

José: Nos últimos seis meses...

André: No último ano?

José: Ah, sim com certeza das matérias de 32 mesmo, né? Entrevistei uns historiadores e também do Tribunal de Justiça de São Paulo que não vou lembrar o nome e também um outro que é ele que é o atual presidente do MMDC, São Paulo, esse me lembro que é o Gutenberg. E agora mais recentemente.

Historiador, é uma matéria sobre a o problema Yanomami, eu conversei com uma com uma pesquisadora da questão indígena que é que ela tem a formação de historiadora também, mas aí eu vou ficar devendo o nome, se precisar depois eu vou ter que buscar nos arquivos.

André: Como que você faz a busca por Historiador para uma matéria? Como que é o processo que você faz?

José: Então geralmente a gente recorre as nossas fontes. Tem algumas que a gente sabe, né. Tem alguns historiadores que são determinado tema, você coloca, você busca pelo tema né? Você vai falar sobre por exemplo, escravidão, você vê quem busca lá ela aparece alguém que está. Outro caminho é buscar junto com as Universidades pedindo para assessoria de imprensa, Unicamp, USP, Unesp, Federal do Rio de Janeiro, alguém que tivesse sobre aquele tema então nos indicam um dois, historiadores. A gente vai atrás daquele que tem disponibilidade de nos atender é mais ou menos esse processo. Só para completar, a gente tem também aquela nossa no jornal, né as fontes a relação de prôteses dos mais diversos assuntos, inclusive historiadores de muitas áreas, né de pesquisa.

André: Quando você tem, por exemplo 2 ou 3 pontos assim são historiadores, qual o critério que você usa para determinar qual que você vai entrevistar?

José: Normalmente a gente dá preferência para aqueles que sejam de órgãos públicos, por exemplo de universidades públicas. A gente precede por exemplo ao pesquisador de uma universidade privada e tal que a gente imagina que seja ele seja mais engajado, mas compromissado tá, né? E esse é o primeiro critério e depois eventualmente alguém que escreveu

vários livros sobre determinado tema histórico. Isso naturalmente é uma fonte importante para a gente, independente de qualquer outra análise.

André: Você falou da Universidade, né. A reputação da Universidade, então, ela é considerada para a escolha do Historiador?

José: Sim, sim. Perfeitamente.

André: Pode me dar um exemplo de alguma que vocês costumam recorrer alguma que vocês tenham em mente assim "Ah essa Universidade é boa, tem pesquisadores bons pode alguns exemplos algumas?"

José: Com muita frequência a Universidade de São Paulo, a Unicamp tirando um pouco da história, mas área de saúde é a principal para nós em termos de experiências, a Unesp só pra citar as três de de São Paulo, a Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília e Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pernambuco. Essas são as principais aquelas a gente mais busca.

Eventualmente da área de saúde, a Fiocruz, Escola Paulista de Medicina e assim, das particulares, geralmente o Mackenzie e a Fundação Getúlio Vargas em assuntos econômicos, é mais ou menos isso.

André: Você teve alguma dificuldade para encontrar para entrevistar um Historiador? Dificuldade de contato assim da pessoa topa a entrevista se teve alguma e qual tipo de dificuldade você chegou a ter?

José: A não ser pela agenda que nem sempre que tá tá aberta e tal e muitas vezes estão em viagens e seminários, conferências e tal, fora isso nenhuma dificuldade. Muito pelo contrário, eles são bastante acessíveis e têm interesse em falar com a reportagem.

Realmente eu não tive nenhuma assim dificuldade e quando, é, eu acho até que esse pessoal, os historiadores, especialmente da USP que são ligados ... ao museu Republicano, aos museus de São Paulo, são bem acessíveis. Inclusive a do Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo, eles têm até um cabedal de coisa jurídica de história e processos na época da escravidão e tal e realmente franquearam.

Tudo dela, entrevista sem problemas, pelo menos do que me recordo dos últimos contatos, tudo sem qualquer problema.

André: Quais são os motivos que te levam a buscar um Historiador para uma matéria?

José: Geralmente aprofundar mais a questão. De repente você está fazendo uma matéria digamos aqui sobre a Fazenda Ipanema, parte histórica da Fazenda Ipanema, né? E você tem lá todo aquele conjunto arquitetônico, você pesquisa em livros da história alguma referência sobre aquele material, mas dá um contexto e trazer para atualidade, para atualizar um pouco aquilo aquilo, que aquilo refletiu no Brasil de hoje e tal, buscar um historiador que tenha assim aprofundado no tema que seja o camarada que percorreu tudo aquilo. Estudou tudo aquilo entrevistou a gente lá atrás e é uma pena que os de maior que tem que tem assim, são antigos também e muitos estão indo para outra para outra etapa da existência, né? Então é uma pena a gente sente falta nessa questão da dessa pesquisa histórica tal, eu acho que ainda tá faltando mais jovem, a presença de jovens como você, por exemplo, né Historiadores jovens que se

interessam pelo nosso pelo passado da nossa história. Eu vi que a Revolução de 32 tá bastante (inaudível), tem muito pesquisador jovem se dedicando, escrevendo livros eu vi, li agora aquele rapaz que escreveu Inverno Escarlata, foi no inverno uma revolução é muito bom é lá de Itapira, se não me engano, uma cidade que fica próximo ali na divisa, perto de Mogi. Então, a gente vai, numa ocasião tava fazendo matéria sobre a Guerra do Paraguai, tava fazendo centenário da guerra, alguma coisa assim, e fui atrás de monumentos de coisas que lembrassem a guerra do Paraguai aqui no Estado de São Paulo. E aí descobri em ruínas o palácio do imperador lá em Itapura, é um Casarão construído para abrigar o comando da Tropa brasileira, né, que tava naquele front no Mato Grosso do Sul ali na enfrentando as tropas do Solano Lopez, né? E o prédio tava aí e aí acabou que a gente fez uma boa matéria mostrando inclusive a situação de risco até desabamento que tava o prédio, e em função da reportagem muito provavelmente o governo acabou liberando lá, restaurou, foi restaurado aí entra um pouquinho, né? Que eu acho que a importância do trabalho que a gente tem que fazer, apontar onde precisa ter intervenção para porque é um testemunho histórico por mais que você leia sobre a guerra do Paraguai, tem um momento vivo daquela época, um testemunho naquela época é importante eu acho né?

André: Como você credita a fonte? Você coloca um Historiador, pesquisador? Tem algum motivo para você para você creditar de tal forma? E em qual situação que você costuma creditar também a instituição à fonte que você tá entrevistando?

José: Então normalmente a gente quando ele é vinculado a instituição a gente costuma dar o historiador fulano de tal da Universidade de São Paulo, por exemplo, da Universidade de Campinas, porque não só não é só uma questão de crédito, mas é também de, de repente, para o leigo você valorizar aquela opinião, entendeu? Historiador, aí, uma pessoa lê que é o historiador de um instituto de uma instituição séria.

É óbvio, que isso isso representa pro leitor leigo, aquele que passa meio batido nas leituras, é um motivo a mais assim para dar credibilidade àquilo que ele tá lendo, né? Então a gente faz isso sempre, eu costumo fazer sempre e quando a gente usa pesquisador quando é um pesquisador só e não é Historiador, ele não tem o título de historiador tal, mas pesquisa aquela história, escreve e tal, a gente diz que credita com o pesquisador fulano de tal instituição é mais ou menos, esse é o caminho que a gente segue.

André: Historiador então no caso seria uma pessoa com formação na área história?

José: Isso, a gente considera o historiador era aquele que tem formação na área, se não ele passa a ser um pesquisador, o cara que se interessa pelo assunto se debruça no assunto vai a fundo e tal, mas ele não é um Historiador, não é formado em História. Muitas vezes a fonte que acaba falando para gente olha eu na verdade pesquiso tudo, mas eu não sou Historiador, pode colocar como pesquisador, o próprio entrevistado coloca essa maneira.

André: E como que é a elaboração de uma pauta que trata de um tema histórico, né, quais aspectos que você costuma levantar para montar uma pauta?

José: Às vezes ela é baseada em efemérides. Então vai falar vai cem anos do museu de Itu, Museu Republicano de Itu, é um gancho para você falar da importância do museu e ao mesmo tempo resgatar a tal da convenção republicana aqui o movimento que desencadeou, acabou desaguando na proclamação da república, aí a outra, 32 então não se fala, né? Chega, vai chegando Nove de Julho, você já tá com algumas pautas afinadas para tocar, para sair próximo

da data ou na data e de repente assim é, tudo, faleceu o filho do Imperador, do neto de Dom Pedro, não sei o quê, é um motivo para você trazer para a matéria atual um pouco daquela história que a pessoa representou e tal, isso aí é de repente a falência de uma empresa, mas essa empresa tem uma puta de uma história atrás...ah, Matarazzo que vieram para Sorocaba, foram São Paulo, os Scarpa, isso tudo quer dizer a gente sempre procura entremear e trazer para o leitor um componente, algo mais que leve ele a refletir sobre a importância daquilo que a gente tá publicando. Então não é uma coisa jogada, né? É um camarada que ele tem toda uma história que tem a ver com a história de São Paulo, com a história do Brasil. Então tudo isso acaba suscitando essas pautas históricas, né?

Há pouco tempo, por exemplo, a gente resgatou aquela história do Titanic Brasileiro, né? Ela tem um contexto histórico lá atrás sempre que você trazia o algodão nos Estados Unidos para cá, até nós começarmos a produzir algodão. Então navio afundou tava cheio de algodão, não era desse caso do Titanic mais de um outro tal, mas enfim é tudo é a gente é lead para você puxar um pouco pela história pelas pessoas é tudo na memória das coisas, né? Acho que isso é a gente tenta fazer isso. Não sei se tá fazendo certo, mas enfim, é o que a gente que tem, acaba chamando atenção no trabalho da gente.

André: E quando você faz esse tipo de matéria você consegue identificar assim em quais editorias que são publicadas e quais dias da semana principalmente saem? Fora efemérides que saem em dia certo, algum outro tema assim, sabe em qual editoria sai?

José: A não ser que seja um fato histórico com fundo muito político, né? Que daí vai para editoria de política, essas matérias que envolvem aspectos histórico, Patrimônio Histórico é Metrópole no caso do Estadão, cotidiano na Folha, né? E, mas assim são para tem a ver com a com o leitor mais Urbano.

Agora quando te envolve uma questão maior política e tal e tal dentro do contexto político aí vai para a editoria de política, aí quando tem um componente econômico, né? Que então de repente vai buscar a história do Barão de Mauá, né? E tá dentro de algum contexto político, né? Então a história dele, não sei, como precursor da ferrovia. Entra na no contexto econômico, digamos, tá lá, lançamento de uma nova ferrovia e tal e que vai pegar um trecho da antiga estrada de ferro de São João del Rei, não sei se é o caso, óbvio que você vai pegar a origem, então vai bater lá no Barão de Mauá, e isso obviamente vai para economia (editoria), mas as histórias

desses grandes conglomerados comerciais e mercantis do Brasil acaba sendo sendo ... (inaudível), então não há uma editoria fixa para a história, né? Não há, ela dependendo contexto vai para várias diretorias, o que eu acho muito interessante também, bom.

André: E dias específico, não tem?

José: Não, não, o que acaba acontecendo é que por não geralmente não ser um factual, uma matéria mais trabalhada, o editor costuma publicar mais nos fins de semana, sábado, domingo e segunda-feira. É um dia que tem o jornal tem mais leitura geralmente são matérias que puderam ser trabalhadas também a parte de fotografia, né? Então ele vai ter uma boa imagem, uma boa foto pra capa, matéria, por exemplo, de patrimônio histórico, né, aqueles casarões, inauguração de um museu importante ou reabertura de um museu, então, museu do Ipiranga em São Paulo e aí vai para capa e ele dá a matéria candidata para fim de semana.

André: José, vou entrar no terceiro eixo agora que é sobre percepção de história. Você entende que o jornal Estadão considera que história seja uma ciência?

José: Eu gostaria que fosse até um pouco mais, mas eu acho que dos jornais atuais hoje, o jornal O Estadão é o que está mais próximo disso, de considerar a história uma ciência, eu acho pelo jornal priorizar sempre o conteúdo das matérias, aprofundar mais o conteúdo, exigir isso, cobrar isso dos repórteres, né? E eu acho que nós estamos, é um jornal assim que tem mais essa noção. E esse é essa colocação interessante, eu até devo conversar sobre isso com o nosso pessoal lá do jornal, eu acho que história é importante ser tratado assim como ciência, né? Evitar sempre a nós, uma abordagem muito superficial, o jornal tem esse recorte de se aprofundar mais então eu acho que sim. Acho que uma certa maneira. Estamos bem próximos disso.

André: Você considera?

José: Pode dizer que sim.

André: Por que que você acha que matérias então sobre temas históricos, elas não são não não porque você dá uma resposta técnica também tá só para entender porque que essas reportagens, matérias sobre temas históricos, então ela não são publicadas na editoria de ciências?

José: A rigor, nós não temos mais diretoria de ciência, ela foi incorporada por Metrôpole. Então tá dentro desse contexto, porque antiga editora de Ciência, hoje está em Metrôpole, porque você tem sustentabilidade, educação antes, eles tinham uma página específica para ciências. Hoje, é a editoria que mais publica matérias ligadas a história...

A gente deixou de ter assim uma página um espaço específico para ciência. Ela tá distribuída dentro do material que você vê que o jornal tá bem magrinho hoje, né? Ficou mais reduzido tanto no formato, quanto...

André: Teve uma reformulação...

José: Acabou acontecendo ...a gente tem, assim, uma obviamente a parte mais de cultura tá no caderno 2, não necessariamente a ciência, é a cultura o teatro a coisa mais cultural mesmo, de agenda de shows e coisas, isso vai mais para, assim como alguma reportagem especial ligada a questão de gênero tal, eles publicam lá, mas o material de ciência, de pesquisa no campo de da ciência médica, por exemplo. E vai tudo pro caderno Metrôpole, que é onde está saindo também a história.

André: No online ainda tem né a aba de ciência, né?

José: Isso, às vezes eles colocam também algum material de fundo histórico, por exemplo a questão das descobertas paleontológicas, tem a ver com a história também a história do próprio planeta isso eles são complicados eu gosto de fazer matéria nessa área também.

André: Uma pergunta para você. Na sua opinião. Quais são as contribuições que o conhecimento histórico e o historiador, enquanto profissional, trazem para a sociedade?

José: Caramba, é eu acho que é tudo, é tudo importante demais. É assim hoje a gente discute muito essa questão da miscigenação, mas do preconceito racial, nós tivemos problemas assim

acirrados aí de recentemente de preconceito não só na questão racial, mas tudo né de comportamentos, tudo, e aí é fundamental, eu acho né, é fundamental a participação do Historiador para conceituar, para mostrar. O cara fala puta, né? Nazista, o que que é neonazista? Os caras têm que saber, entender o que que é isso, aí prende o cara porque ele pôs uma suástica. O que é suástica, e onde que surgiu essa essa coisa? Eu acho que tudo tem uma indagação histórica e qualquer coisa que permite...não é aí, o cara, o abusador aí que é bem recente, abusador de mulheres, poxa... mas isso aí não tem toda uma questão cultural de opressão à mulher no Brasil, que é uma questão histórica que vem de lá de não sei quando, depois acirrado porque nós somos um país escravocrata, somos um país que esconde a escravidão, que esconde o passado que nós tivemos 200 anos, não é isso? 200 anos explorando o trabalho escravo e assim explorando a mulher negra, né? Eu acho que tudo tudo que diz respeito à sociedade tem diz respeito à história eu acho isso então extremamente importante, é uma ciência mesmo.

André: Às vezes é uma coisa que acontece algumas vezes é profissionais de outras áreas, muitas vezes são jornalistas, mas que eles não são historiadores fato e sejam creditados como historiadores. Por que você acha que acontece isso as questões de um critério às vezes isso num contexto geral, tá, não só do Estadão mas geral da Imprensa?

José: Acontece bastante. É que assim, às vezes a pessoa pesquisa vai escrever sobre determinado assunto e faz uma pesquisa. O jornalista está escrevendo sobre um determinado assunto, então ele pesquisa, e o camarada escreveu um puta de um tratado sobre esse assunto. Pelo jornalista, ele já tá vendo ali um Historiador. Às vezes a pessoa não é, não tem a formação de historiadora, mas o jornalista entendeu que ele é Historiador porque ele fez toda uma pesquisa e toda uma descrição dos fatos e tal com evocações aí históricas, datas, tal é vem aquela ideia de que a pessoa seja um historiador e se a pessoa não disser que ela não é uma história, acaba às vezes passando mesmo, acaba creditando como historiador não sendo. Difícil muitas pessoas que são entrevistadas elas vão se dizer Historiador não sendo. Mas aí o jornalista acaba de uma maneira meio desavisada acaba colocando o título de historiador numa pessoa que não é, é apenas uma pesquisadora, né uma pesquisadora. Apenas não, quem faz a pesquisa é muito importante também.

André: Você acha que é necessário numa matéria sobre história ter a opinião de um historiador pelo menos ou você acha que esses pesquisadores já suprem a necessidade para uma matéria dependendo do tema?

José: Dependendo do tema pode até suprir mas eu considero importante que seja alguém que seja mesmo profissional da área, sabe um Historiador. Às vezes a gente trabalha contra o deadline que é o horário de fechamento do jornal. Então se procura alguém não acha aí você fecha com aquilo que tem em mãos, então isso acontece com bastante frequência e nós ainda trabalhamos com um jornal diário, né? E aí agora hoje não é diário, mas é jornal tempo real, né? Tem a notícia você tem que...então tem pressa de vincular notícia e isso às vezes acaba prejudicando, sim. Acho que até no meio, os próprios historiadores deveriam de vez em quando pontuar isso a Fulano não é? Tem órgão de classe não tem?

André: Tem a Anpuh, você já chegou a consultar a Anpuh para ver um Historiador pra indicar?

José: Já faz tempinho.

André: Te ajudaram?

José: Sim, sim, não me lembro de não ter sido ajudado. Com certeza me ajudaram.

André: Uma crítica que tenho, uma coisa pessoal, é eles não disponibilizarem um banco de dados de historiadores e das áreas que eles atuam para facilitar o trabalho da Imprensa.

José: Eu acho que isso tinha que estar no site falta muito dado.

Isso poderia ser disponibilizado no site por temas né? Aquele especialista nesse tema e tal e também como alguns veículos como algumas instituições fazem, encaminhar para os veículos impressos. Olha, nós temos essa lista de colaboradores que podem ajudar vocês com tais temas assim, assado. Hoje alguns hospitais, algumas instituições fazem isso. As universidades particulares todas fazem, eles têm um banco que mandam pro jornal. O Mackenzie, por exemplo, tem uma relação por tema por tudo, é bem legal isso.

André: Você acha que é uma falha da universidade pública, isso?

José: Acho, acho que é uma falha, sim.

André: Você acha que eles se comunicam pouco com o público fora da universidade?

José: Eu acho. E tem duas universidades no caso a Usp e a Unicamp que produzem materiais, revistas, né, o jornal da Usp é ótimo. Então, só que esse material não é disponibilizado público, eu acho isso uma falha. São importantes e muito bem feitos. Eu já tirei pautas boas desses jornais, tanto da Unicamp como da Usp. Pautas que a gente vai, trabalha em cima e acaba produzindo uma matéria para o jornal e é, assim, é muito recorrente isso, a gente consegue muitas pautas boas. São informativos muito bem feitos e que deveriam estar a público. Como fazer isso, mas tem meios hoje. A internet é muito fácil.

André: Legal, a próxima pergunta também é fechada, eu vou colar ela aqui no chat. E aí você pode responder no que eu vou colocando aqui, tá?

José: Ah tá legal, essa que tá aqui já né? Eu tenho que fechar essa né? Não precisa é só ela tá embaixo. Me responda como verdadeiro ou falso.

A Sua percepção ontem mais que verdadeiro, né, verdade?

Hora da história precisa de como a ciências naturais verdadeiro?

Historiadores são mais resistentes para dar entrevistas do que homens mulheres?

Assim nunca vi isso quis fazer uma unidade são mais resistentes para dar entrevistas do que cientistas naturais, caramba. Nunca vi isso.

Para mim.

Então, eu diria que é falso.

Entre uma reportagem sobre uma reportagem sobre pesquisa história então uma sobre um vírus é melhor investir na segunda opção. Infelizmente é verdade em termos de leitura para caramba no jornal.

História tem pouco espaço é verdade?

Deveria eu acho que tinha que ter mais espaço minha opinião, né?

André: Agora a gente vai para a última pergunta, eu acho que a gente tem ainda aqui dois minutos a gente pode começar
A gente começa outro link, tá?

Você faria alguma mudança na forma de produzir matérias jornalísticas sobre história se sim. Quais mudanças você faria?

José: Sim, eu faria eu acho que ainda cabe, é aprofundar um pouco mais a participação de historiadores, eu acho que às vezes a gente peca um pouco e fica de maneira muito superficial alguns temas históricos.

Aprofundar mais pesquisa também e principalmente essa, o historiador participando mais ativamente da reportagem.

André: Bom a gente já passou por todas as perguntas aqui do questionário, tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar, alguma coisa que a gente não tocou e acha importante?

José: Acho que não, acho que foi a gente tinha feito aquela conversa Inicial, né? Então tudo mais ou menos abordado.

Se daqui para frente você achar que precisa complementar alguma coisa para a gente se fala de novo sem problema.

André: Agradeço. Também é legal com algumas coisas que você falou elas batem com vários dados que eu tô levantando e levanta questões importantes também, né?

José: Proporcionalmente são equivalentes ao número de historiadoras e historiadores interessante. Porque achamos mais referência masculina quando a gente pesquisa.

André: Ah interessante isso porque, bom não dá para a gente saber na verdade o número real, quantos historiadores e historiadoras existem no Brasil, não tem como saber esse dado, não há um censo, mas segundo os dados da Anpuh, não sei os números exatos agora, mas a diferença é muito pequena, eu não lembro dos números exatos agora, mas é tipo diferença de dois, três por cento.

José: Pra gente não tem essa questão, o que tenho observado as vezes, quando a gente procura aparece mais historiador do que historiadora. Às vezes até acho que as historiadoras são mais, elas são mais didáticas para explicar e tal.

André: Que legal. E é uma coisa interessante porque do recorte que a gente fez, a profissional de história que mais foi citada, mais apareceu, foi a Lilia Schwarcz
Só que quando você pega no contexto geral é mais ela, depois não são homens.

José: Nós temos o hábito de fazer primeiro USP, depois Unicamp, Mas digamos assim, é um cacoete de jornalista do Estadão de achar que é mais fácil primeiro talvez porque são mais são vizinhos, né?

André: Isso aí também influencia bastante, né? O fato da USP tá ali do lado.

José: É isso, o fato de estar do lado influencia bastante, bastante mesmo, porque os repórteres em época que faziam matérias presenciais, tinham muito mais facilidade de fazer matéria com pesquisadores e professores da USP do que Unicamp e outras universidades, então acaba tendo uma relação maior com a USP. Sempre teve uma ligação do Estadão com a USP, o Mesquita foi um dos fundadores, então tem esse vínculo paternal também.

André: Você acha que, por exemplo, você vai fazer uma reportagem tem um Historiador que é bom, um tema ele tá lá na Federal da Pernambuco, Federal da Bahia, mas você tem um cara aqui na USP também e na USP você poderia fazer presencialmente conversar com o cara ali pessoalmente, e outros teria que fazer por vídeo conferência alguma coisa assim. Qual você priorizaria?

José: Então acaba sendo mais fácil por uma questão logística pegar um cara da USP que está ali perto, mas agora a gente conta que também tem essa, nós sempre procuramos fazer um rodízio das fontes, uma rotação na nossas Fontes. Então o cara foi ouvido numa determinada matéria, aparece uma outra matéria, a gente vai buscar um outro pesquisador para não ficar sempre repetindo o mesmo, isso é uma norma, regra nossa.

André: Mesmo que você possa ter a oportunidade de falar com o cara por vídeo conferência assim pelo Skype, pelo zoom ou pela alguma plataforma pela internet, você ainda preferiria fazer com o cara da USP pra ter esse contato pessoal com ele?

José: Isso, é, se forem sobre o mesmo tema e tal a gente acaba dando preferência praquele que tá mais fácil.

Agora, é difícil a gente ter uma situação naquele que é tão bom quanto, igual mas a gente procura buscar aquele que é mais acessível e que também tem a gente sabe que ela tem uma bagagem grande e tal, bastante conhecimento, é notório conhecimento do cara e tal, aí tem preferência. E entra um monte de coisa, agenda do cara, disponibilidade para dar entrevista e tal, e aí eu tô precisando fechar a matéria hoje e o plano A não pode me atender, eu vou buscar uma um plano B, isso é muito normal dentro do jornal, todo dia acontece isso e não só com historiador: médico, especialista em segurança pública, em trânsito, tudo, tudo é assim, não tem fulano, vai no sicrano.

André: Queria fazer mais uma pergunta: para você que já vem de outra época do jornal e pegou essa transição no jornal com hardnews esse tipo de coisa, você acha que essa urgência da notícia de trazer tudo na hora que foi impulsionada pela internet prejudicou a confecção de grandes matérias, reportagens mais aprofundadas e de forma mais geral, você acha que prejudicou o jornalismo? O jornalismo perde com isso?

José: Eu acho que sim, eu acho que perdeu bastante, perde, estamos tentando recuperar um pouco isso, mas hoje já uma perda em sim ... (inaudível) sensível, deixamos de fazer uma eu não sei a covid também entrou nesse caldo todo aí porque a gente ficou fazendo muita matéria por celular, sabe? Então você deixou de ter contato com a rua, com entrevistar a pessoa, mas

nós perdemos essa instantaneidade da notícia e gerou também esse fenômeno da rede social, né? Então hoje a notícia cai primeiro na rede social pra depois ir pro jornal, é uma coisa absurda, aí, André, tá dando um assunto que você eu jamais escreveria a respeito, mas tá bombando a rede social o editor, "por favor, escreve daquela história daquela fulana que dormiu olhando para a lua lá, não sei onde ali". Ah tá a puta que a importância tem? Mas tá bombando. Então tem que escrever. Eu acho que nós temos ainda que, o Estadão tá fazendo algum esforço nesse sentido, mas a gente precisa recuperar o jornalismo informativo com profundidade, o jornal fazendo história também, que é um repositório de História. Tem muito historiador que vai pesquisar nos arquivos do Estadão, porque escrever sobre o determinado fato que aconteceu e ali tem um dia a dia do fato tal. Como que se deu, então nós temos que recuperar isso e saber que nós temos essa importância, que a moça que dormiu para o traseiro voltado para lua nunca vai ser pesquisada depois, olha, até pode ser mas não é assim, fato relevante. Então é isso nós temos que recuperar sim. Acho que há um esforço, não só do Estadão, imagino, nesse sentido.

André: Legal, então, acho que era isso. Mais uma vez eu agradeço e fico à disposição para dúvidas tá? E mais uma vez queria dizer que foi um prazer falar contigo, eu gosto muito do teu trabalho. Espero que você a tua coluna, faz tempo que você não publica. **José:** Estou com um probleminha com minha coluna. Mudaram o formato dela e depois não estou conseguindo postar a matéria aí peguei férias, né? Depois então ainda mais ficou mais ausente que a gente o tempo lá.

Parabéns pelo trabalho.

José: Boa tarde um bom trabalho a gente se fala.

ANEXO IV – Transcrição entrevista com Priscila Mengue

Transcrição da entrevista realizada com Priscila Mengue, repórter do jornal O Estado de S. Paulo, em 26/04/2023.

O pesquisador, André Gobi, é referido apenas como “André”, enquanto a entrevistada é referida como “Priscila”.

André: Priscila, deixa eu só te explicar aqui a entrevista impressionar é um questionário que tem 10 perguntas tá? E ele é dividido em três eixos. Um eixo é para saber sobre você tua formação. Quanto tempo você está atuando o segundo é sobre cobertura de temas históricos e o terceiro Eixo para sobre percepção.

Então, as perguntas são abertas a gente pode conversar e falando e que algumas que são fechadas, o que que eu tenho feito nas fechadas?

Colo para pessoa que no chat se ela preferir, ela responde ela coloca para mim, só colocar xiszinho ou verdadeiro ou falso e me manda de volta para o anexar no questionário ou se você preferir eu posso fazer a pergunta e você me fala isso. Aí sim isso aí não tá e quando for mais confortável para você.

Priscila: Congelando um pouco, mas não sei se é aqui ou aí, ah, tá.

André: E só para deixar claro também, você vai receber tá isso daqui a entrevista depois transcrita, e eu vou te enviar também um termo consentimento tá, da entrevista.

Bom Priscila, qual que é começar primeiro eixo aqui informações sobre o profissional. Qual tua idade?

Priscila: 32 anos.

André: Formação é comunicação?

Priscila: Sim, sou formada pela Federal do Rio Grande do Sul.

André: Você tá onde, você tá em São Paulo ou não?

Priscila: Sim, moro em São Paulo.

André: Há quanto tempo você atua como jornalista?

Priscila: Atuar como jornalista onze anos, no Estadão há oito. No Estadão eu... em 2015. Mas eu sou funcionária há sete anos e daí no ano seguinte que eu retorno...já estava como trainee mas não tem um vínculo, né empregatício.

André: Quais assuntos você costuma cobrir forma geral assim?

Priscila: Para 2020 eu vou responder ele no recorte, né?

Eu trabalho na editoria Metrópole que em geral no jornalismo a gente considera como uma editoria de cotidiano, geral, algo nesse sentido de cidades.

E daí outra editoria a gente cobre muitos temas, a gente cobre que cidades, vida na cidade prefeitura e a gente cobre saúde, meio ambiente, segurança pública, vários temas. Então a gente pode cobrir tudo, mas alguns repórteres tem um perfil a gente vai construindo de acordo com

os perfis. Então hoje em dia eu faço pautas, já cubro mais urbanismo, vida na cidade e administração pública, e nesse nicho de Urbanismo entra Patrimônio Histórico também. Então já faz uns anos, desde 2018. Quando entrei no Estadão fiquei um tempo do Jornal na redação o outro cargo diferente, mas nessa editoria desde 2018.

André: E quais são os assuntos que você tem mais afinidade para cobrir?

Priscila: Eu gosto, me interessa muito por urbanismo, de patrimônio, tanto que eu faço pós-graduação na área também. Comecei ano passado na época do seu projeto e é o tema que eu mais me interessa, me interessa por essa parte de memória, mas com olhar para a cidade de hoje, eu gosto de olhar a transformações urbanas, paisagem urbana, como se impacta na vida das pessoas são temas que eu gosto mais. Mas no dia a dia entram outras coisas que conversam com isso entre muita legislação urbana que é um tema muito caro aqui em São Paulo, zoneamento, plano diretor e tudo mais que de fato, eles estão por trás de muita muitas transformações recentes aqui na cidade e acaba entrando muito em projetos, né projetos que a prefeitura, o Governo, está lançando e no dia a dia também poder público hoje em dia eu compro muito menos, mas eu ainda acompanho muito das propostas envolvendo prefeitura porque o urbanismo é um dos principais eixos de todos os últimos prefeitos de São Paulo é realmente, então acabo tendo que acompanhar muito dia a dia do prefeito, da Câmara. Hoje em dia eu acompanho mais a distância porque é mais um monitoramento, não é uma coisa de agenda que nem eu fazia muitos anos atrás e que todo dia e tal.

Mas é isso, acho que desenvolvimento urbano e urbanismo na cidade.

André: e você faz pós na UnB, né? Qual o nome da pós?

Priscila: Eu diria a grosso modo que é Arquitetura e Urbanismo Sustentável, mas o nome não é esse não sei se tem que botar o nome é Reabilitação ambiental sustentável arquitetônica e urbanística.

André: Bom, agora ou entrar no eixo II, a cobertura de História. Como eu disse, eu analisei o veículo e identifiquei que você escreveu matérias que abordavam esses temas. Essas pautas costumam ser frequentes?

Priscila: Mas mais ou menos, sabe que quando você falou primeiro eu fiquei pensando em algumas pausas pontuais que eu falei com historiadores mesmo, acho que a pauta do aniversário de São Paulo do ano passado. Geralmente eu que faço algo especial do aniversário da cidade e o do ano passado envolveu historiadores porque envolveu o Bicentenário da independência do Centenário da Semana de Arte Moderna e como isso como esses dois eventos foram utilizados para consolidar imagem de São Paulo como protagonista no país, né? Então eu falei com historiadores basicamente e, mas essa é uma pauta bem do jeito que talvez você é só algumas outras pautas que eventualmente em alguns temas a gente tem que voltar, né para algum antecedente digamos né? Então assim muito Carnaval também, eu tenho algumas uns temas que eu cubro que são sazonais, né? Carnaval, eu sempre cubra também carnaval de escola de bloco e um pouco de escola de samba também, e no tempo a pandemia a gente fez matérias

trazendo dados históricos trazendo pesquisas delas das outras vezes que a pandemia parou o carnaval etc, lembro de uma outra parte de pandemia que a gente fez sobre que eu fiz sobre aulas ao ar livre que estava vindo porque era mais... mais saudável é mais saudável em geral o contato quando a natureza mas naquele contexto mais ainda e daí também teve uma parte histórica trazendo de como isso as escolas 100 Anos atrás começaram a despertar justamente para conter epidemia, mas no caso de patrimônio isso acaba vindo, porque é uma cobertura que entra em cidades. Acho que todas as editoriais acabam cobrindo um pouco isso. Acho que às vezes acaba se esparramando para cultura também, porque em grande parte Patrimônio Histórico, infelizmente acaba sendo visto restritamente como um potencial espaço cultural, fica uma coisa limitante bem datada, porque tem muito mais patrimônio do que demanda por isso ...e mas enquanto é uma matéria de cidade mesmo, de pensar e daí eventualmente, né? Daí isso envolve projeto, né do poder público para esses locais, demandas, as pessoas envolvidas com isso, né? Eu não lembro exatamente o que eu fiz em 2020.

Mas eu já fiz matéria envolvendo cobrança por né, prefeitura tá estudando e isenção de IPTU para Patrimônio Histórico, por exemplo, algumas coisas desse tipo, e eu acompanho assim mais ou menos o que acontece nos conselhos, né? Que são os dois conselhos e cuidam de patrimônio, né o IPHAN tanto mas já, já acompanhei mais, mas meu orientador é do IPHAN...(incompreensível)

Então, é porque essa é uma notícia da cidade, vários, eles têm o simbolismo cidade, então envolve isso, mas embora e daí acho que daí entra que do ponto de vista urbanístico arquitetônico, boa parte desses bens são patrimônio cultural entram dentro do meio de patrimônio como patrimônio cultural, não tanto como Patrimônio Histórico então, quando eu faço matérias tipo raramente eu falo com historiadores, em geral eu falo com arquiteto e pessoas envolvida para falar dessa base ou do imóvel em si ou do projeto. Acho que mais ainda do projeto a gente acaba trazendo das informações de levantamentos dos dados históricos, creio. Eventualmente quando é algo assim muito simbólico, daí tá levantar um pouco...eu acho, eu gosto de olhar o arquivo do Estadão para ver coisas curiosas na época e mas realmente Historiador eu falei entre pouquíssimas vezes com historiadores desses anos. Dessas matérias de patrimônio falamos com poder público, arquitetos envolvidos em projeto ou proprietários ou pessoas que tem alguma ligação com aquele bem, pesquisadores, mas em grande parte os pesquisadores são urbanistas e arquitetos, essa pauta Urbana em geral é tratada por eles, não só pelo veículo, mas acho que na discussão na cidade quando a gente vê quem protagoniza são eles né? Não entra.

Por algum motivo as grandes referências quando se discute cidade em São Paulo são arquitetos e urbanistas os grandes nomes, mais do que geógrafos ou outras pessoas em outras áreas também da Ciências Sociais e tudo mais, não sei se eu respondi.

André: Sim, respondeu até algumas perguntas à frente. Geralmente as pautas que você cobre assim, não encaixariam um Historiador? não caberia ali, ou caberia?

Priscila: Depende muito da pauta, mas por exemplo a última pauta que eu fiz que mais ou menos vou ver o patrimônio foi semana passada da Telesp, prédio da Telesp aqui no centro de São Paulo que é um prédio relativamente cônico e ele é tombado a 30 anos vai ser restaurado e retrofitado e a matéria era empate sobre esse projeto mas em partes sobre uma lei de retrofit

Nova. Porque ele é o segundo retrofit aprovado por essa lei que é uma lei bem recente. Então nessa matéria não tinha porque falar com o historiador a matéria não era para resgatar a história da telefonia no Brasil é uma matéria é o tipo de matéria muito mais de nicho do que o tipo de matéria que a gente cobra no dia de cidades. Então é uma matéria que eu entrevistei o secretário para fazer um balanço sobre esse um ano de regulação arquiteto que projetou esse retrofit, entrevistei uma incorporadora pra entender por que ele escolheu esse imóvel.

E entrevistei um arquiteta que entende de direitos públicas porque ele que vai entender direito então mas não vejo como entrar um Historiador aí. Agora eu vejo como entrar um Historiador numa matéria 2020... não 2020 teve carnaval na 2021 teve uma matéria sobre outros carnavais cancelados por causa de covid daí que você tem que falar com um Historiador, você tem que falar e não é um Historiador, e assim eu, particularmente no desespero ali para fechar o dia a gente entrevista pessoas para falar de uma forma mais geral, mas nessas matérias eu sempre busco pessoas que entendo mesmo do assunto, então vou procurar uma pessoa que estuda aquilo e num caso de uma história dos carnavais e da saúde pública quem vai estudar em geral são historiadores. Eu não lembro exatamente eu me lembro que eu tenho que ter duas pessoas.

Não.... eu lembro que entrevistei um cara da Fiocruz que eu acho que era Historiador e talvez...(Milton Cunha, outra pessoa⁶⁹) Ele tem um laboratório lá, tem um laboratório na UFRJ de carnaval e ele é um dos ele é um dos coordenadores, mas ele é um grande intelectual também além de comentarista da Globo, então eu falei com ele também ele por esse lado de do daí dos sentimentos do carnaval, do simbolismo, que daí muitas outras pessoas podem falar, né?

Mas de patrimônio, eu acho que só realmente situações muito específicas. Essa parte tão histórica, porque eu acho que envolva quando a gente fala de patrimônio muitas vezes, envolve dessas tecnicidades um pouco, mas acho que envolve muita essa questão de simbolismo, de afetos. E daí isso às vezes envolve outras áreas, sabe então acho que talvez faça em alguns momentos faz mais sentido entrevistar pessoas relacionadas àquele bem de alguma forma do que trazer essa base histórica, talvez de um bem que nem seja tão conhecida, mais como ele está dentro da cidade e tudo mais né? Mas não sei assim, acho que depende muito da falta que nem eu falei esses exemplos de carnaval e tudo mais porque daí é uma pauta Histórica de fato, agora uma pauta de patrimônio eu não costumo ver como uma pauta histórica. Até porque eu tô acostumada com essa denominação de patrimônio cultural. Então eu não, é um bem que que já tem certo tempo, mas não tem nenhuma diferença entre uma pauta sobre um patrimônio de 200 anos ou um patrimônio Modernista de 40 anos atrás ou 60 anos atrás agora também (inaudível) não vejo desse jeito tão tão de História sabe, mas a gente vai contar a história do espaço enfim, 100 anos do teatro municipal daí vai ter que falar, mas agora o restauro do Teatro Municipal provavelmente não falaria com um historiador, só se fosse uma enorme reportagem.

André: Vou passar por uma pergunta fechada e eu vou colar isso. Se você quiser me responder eu vou assinalando aqui tá? E só uma coisa, você não precisa ficar restrita a 2020 que é o meu recorte, tá? Pode ir para frente, para trás, só o meu corte eu te encontrei, mas pode falar de outros anos também. Pesquisa você já tá respondeu, mas é só que eu preciso colocar aqui.

⁶⁹ Nota: neste momento, houve um corte no áudio. A entrevistada se referia a outra pessoa, não ao historiador da Fiocruz.

Priscila: É difícil responder porque a gente produz tanto, né...Mas é envolve tudo que eu já fiz ou envolve alguma coisa específica? Porque de cada uma era uma coisa...

André: Se você já fez alguma sobre algum tema aqui, você pode falar se não se por algum outro como você já falou patrimônio, né? Então já coloquei aqui patrimônio cultural histórico, né? Coloquei aqui, mas se tiver mais algum você queira já fez você pode me falar que eu coloco aqui, tá bom?

Priscila: Mas por exemplo nessa matéria de carnaval, por exemplo que era da de outros carnavais que passar ... pandemia seria uma pesquisa histórica.

André: Um evento do passado, pesquisa estou considerando quando realmente é uma reportagem sobre uma pesquisa, por exemplo um pesquisador fez uma descoberta sobre Palmares ou ele fez uma descoberta sobre algum, sei lá.

Priscila: Ah, então acho que é evento do passado e daí esses outros que daí, é...do patrimônio, eu não vou assinalar...

André: Pode me falar que eu assinalo aqui senão eu acho você vai ter que copiar e colar de novo. Nesse último ano nos últimos seis meses você chegou entrevistar um Historiador?

Priscila: Nossa eu faço realmente muita matéria, teria que pesquisar aqui enquanto a gente tá falando. Pode ser? Eu literalmente quando eu vou escrever matéria em prêmio, eu tenho que jogar porque eu não tenho mais memória para isso.

André: Se você quiser me mandar depois.

Priscila: A minha memória é muito vaga para essas coisas.

André: E como que você busca um historiador? Qual caminho que você faz para lá? Vou pesquisar alguém buscar alguém que estuda carnaval, coisas da saúde pública. Como que você faz para buscar essa pessoa?

Priscila: Qualquer especialista, eu procuro pesquisar pessoas que entendam do tema mesmo. Então eu procuro na internet no Google em geral e às vezes no acadêmico também. Geralmente eu já deixo refinado para desde 2019 ou algo assim, depende um pouco.

Prefiro sempre escolher as pessoas e contatá-las diretamente, então eu "cato" o e-mail dela em algum lugar ou procuro a instituição em que ela trabalha, mas já explicando a pauta, falando que creio que fulano seria melhor pessoa para falar sobre isso. Então por exemplo nesse aniversário de São Paulo, daí enfim era um tema que eu não tinha tanto, que eu não costumo fazer tema de história de fato, né? Pesquisa os dois temas e encontrei algumas pessoas que pesquisam isso eu vi um deles eram pesquisadores do Museu do Ipiranga.

Então, eu procurei a assessoria de imprensa do Museu do Ipiranga, na verdade, eu não tenho certeza absoluta de tudo que eu vou te falar agora, eu acho que eu procurei Assessoria do Museu do Ipiranga e pedi o contato dele, mas eu não tenho certeza. Talvez eu tenha procurado. Ele

diretamente talvez eu já tivesse o telefone dele o tema dado e-mail para ele, mas talvez eu tenha feito assim, e vi também um cara da USP que também faz curadoria sobre o tema, pesquisa sobre o tema que eu não lembro o nome, é um cara super famoso que estuda o tema também daí eu procurei ele, não lembro se via USP ou via e-mail. Eu prefiro mandar um e-mail direto para pessoa, eu acho que é mais rápido que assessoria, só procuro assessoria quando é urgente ou não tenho telefone da pessoa.

Né assim daí porque algumas assessorias são ágeis, mas eu tenho tempo não é uma coisa, eu prefiro ficar direto. Acho que já facilita. Mas eu ainda mais em termos histórico, eu acho que eu nunca entrevistei um Historiador que estudasse, é uma matéria que sobre história do Brasil procurei uma pessoa de história do Brasil algo bem mais específico, alguém que realmente pesquisa aquele tema, que tenha livros, dê aula sobre isso, o artigo etc realmente que tem uma notoriedade naquele tema específico, não uma pessoa de coisa tão geral.

André: Esse seria um critério para determinar quem vai entrevistar?

Priscila: Com certeza sim, eu acho que daí já que daí traz muitos mais detalhes, uma visão muito mais especializada, eu acho que daí não fica uma matéria genérica, porque mais que a gente faça matérias que são digamos vistos como Jornalismo do dia a dia e tudo mais, enfim datado falar isso, não faz nem sentido hoje em dia. Dentro, eu vou ter que perder algumas horas do meu dia entrevistando pessoas, então por que que eu vou entrevistar uma pessoa que vai falar mais geral se eu posso tentar trazer um especialista. Porque todo jornalista quer trazer fatos novos e quem vai trazer isso são essas pessoas item especializadas. Então agora eu lembrei de outro caso, no caso de matéria de patrimônio que eu entrevistei Historiador, quer dizer, eu acho que é Historiador. Nossa, eu acho que é Historiador, mas ele pesquisa a parte histórica que era a matéria do restauro aqui da casa da calçada do Lorena e dos outros marcos do Centenário da Independência. E daí, entrevistei um pesquisador também do Museu do Ipiranga para falar sobre a o simbolismo, a história da calçada do Lorena, para falar sobre a calçada e tudo mais porque daí eu achei que nesse caso como é um patrimônio que tem um lado simbólico tinha que ter pessoas que entendessem do patrimônio, então eu falei com ele e eu falei com um jornalista que também, também tem livro sobre o Dom Pedro e daí o Paulo Rezzutti, né? Daí sempre já foi ele outras vezes em situações muito pontuais em que eu tinha que ter esse background de Brasil Império e etc ele como é o entendedor de Dom Pedro, eu procurei ele. Nesse caso, eu falei, conheci com esse cara do mundo da entrega, eu não vou saber te dizer, mas eu acho essas matérias depois posso te passar eu não tenho certeza...Historiador, mas eu sei que ele repete todo caminho, daí descobriu que o local da Independência do Brasil não é onde diziam que é, um pouquinho mais alguns metros ali sabe? Enfim, ele saiu bastante na imprensa (inaudível)

André: Para você, o historiador é uma pessoa que pesquisa a história, ou ele tem que ter a formação de historiador?

Priscila: Acho que eu não tenho preparo teórico para responder isso, no senso comum a gente associa como alguém que tem alguma formação na área, né? Mas é assim, eu vou falar eu como alguém que acompanha muito tema urbano, eu acho estranho quando falam que alguém urbanista e a pessoa não tem informação arquitetura urbanismo e às vezes se usa essa

denominação. A Jane Jacobs que é uma grande referência século passado nos temas de urbanismo contemporâneo, ela era jornalista, não tinha informação. Eu já vi gente se referir ao Juste Lores como urbanista também, mas ele é jornalista, porque ele pensa o urbano que ele escreveu sobre etc.

Mas eu, na minha associação só escreveria que alguém é Historiador se ele fosse formado história, se não eu colocaria algo como doutorando em história, pesquisador, alguma outra referência, mas o historiador só se tivesse uma formação ou algum reconhecimento profissional como isso não sei. André: Esse reconhecimento seria o quê? Algum livro publicado?

Priscila: Acho que essa pessoa se denominasse eu sou história, acho que eu colocaria.

André: Mesmo sem a formação?

Priscila: Acho que sim, não tenho certeza, acho que nunca passei por isso, mas é porque a gente também pergunta, né, para pessoa como que, eu sempre pergunto como você quer ser acreditada e daí às vezes que eu acho que não tá adequado para olha, mas eu posso falar também que você pesquisa o tema do doutorado, que você tem que autor do livro tal.

André: Universidade, ela influencia na escolha profissional nesse caso? Você consideraria a universidade que ele atua para ser entrevistado? Levaria em conta isso?

Priscila: Sim, a gente leva em conta qualquer instituição que alguém é ligado quando a gente entrevista, uma instituição que tem notoriedade.

André: Tem alguma universidade que você fala "não, nessa pode ir que vai achar alguém bom". Tem alguma que já vem à cabeça?

Priscila: Eu acho que quando a gente fala de notoriedades, universidades federais tem grande notoriedade algumas universidades públicas, estaduais também, e uma parte do setor privado mais consolidado, mas eu acho que é essa questão da instituição mesmo. É que nem quando a gente vai entrevistar um médico, a gente não vai, a gente vai procurar uma associação de obstetras ou de pediatra, a principal que já tem uma notoriedade, a gente vai buscar e se a gente não conhece a gente vai ver o que quer essa Associação. Porque também tem associação que é só o nome, né? Então a universidade traz esse respaldo,

Mas eu particularmente sempre pego aonde porque isso não significa que ele é para aquela pessoa adequada, tanto pelo conhecimento dele quanto porque a gente como jornalista a gente tem que ter avaliação também, porque a gente tem histórico de professor de grandes universidades que defende falso remédios, que não acredita em mudanças climáticas. Então a gente tem que, a gente tem essa responsabilidade de pesquisar quem está entrevistando dentro das possibilidades do dia a dia. Eu sempre busco fazer isso.

Então, vou sair daqui é isso?

André: Priscila, voltando com questionário. Em alguma dessas vezes que você tentou ou precisou entrevistar um Historiador, você teve algum problema para encontrar um, para falar com algum?

Priscila: Nossa, eu entrevisto tanta gente, são dezenas de pessoas por mês... sobre Historiador em específico acho que eu teria que dar uma olhadinha no meu e-mail, porque, mas em vários...Acho que assim, por Historiador não seu tipo de especialista que eu trato no dia a dia é mais difícil eu ter o contato direto dessa pessoa. Em geral, quando eu contato alguém eu sempre priorizo as pessoas que entendem do tema e o primeiro contato quando eu já conheço a pessoa é via WhatsApp, ou seja, se eu tenho o WhatsApp dela é via WhatsApp, eu já explico a pauta e já facilito o contato, já agiliza bastante em geral precisa dessa agilidade, porque a cobertura de jornalismo tipo que a gente faz exige isso, e nem sempre achar um e-mail também é fácil. Quando a pessoa trabalha em algumas instituições é mais fácil, algumas universidades colocam um e-mail ali da universidade e tudo mais, e quando é alguém que tem um vínculo, Lattes, eu tento via plataforma Lattes, mais porque às vezes dá um erro e daí quando vem a mensagem de erro, acho que quase sempre anda dando erro, mas quando vem um erro daí ele aparece o e-mail da pessoa e daí eu procuro pelo e-mail da pessoa direto.

Dependendo da Universidade acaba sendo burocrático também, porque a Universidade às vezes não está acostumada com esse fluxo e daí quer pedir autorização ou não tem um contato também, então tem algumas universidades que são extremamente fáceis, extremamente fáceis, daí quando você descobre isso que ela combina o tipo de especialista que você precisa e que tem essa facilidade, fica mais ágil, né? Assim, te dar um exemplo, ontem precisar falar com (inaudível) de mobilidade e eu sabia que trabalhava no Insper. Eu procurei no Insper e em 20 minutos, eu tinha o telefone do cara. Em algumas universidades levaria mais um dia só para me responder, a universidade. Então assim hoje em dia tão difícil saber se a pessoa tá no presente. Então assim tem isso, um pouco disso, mas como a maioria dos historiadores tem vínculo com alguma instituição, não é tão difícil ficar no ar esse contato, porque se não consegue direto com ele, você consegue com a instituição, mas vai dar um trabalho, não consegue com a universidade, vai conseguir direto com a Fiocruz, com o museu do Ipiranga.

André: Minha próxima pergunta: Quais são as razões que te leva a buscar o historiador pra uma matéria? Você já falou sobre isso, se você quiser acrescentar alguma coisa com que tenha lembrado...

Priscila: Eu busco o historiador quando eu acredito que é uma matéria em que esse arcabouço histórico é necessário para explicar aquele tema. Quando a gente faz uma matéria, a gente tem que trazer os dados essenciais sobre aquilo e quando, e as informações que a gente acha que são importantes para contar aquele fato. Quando eu avalio que é preciso trazer informações históricas que vão além de uma data ou de algo que a gente tenha estabelecido, eu acho que tem que buscar alguém que que tenha essa informação. E alguém que não tem só informação, mas que saiba falar sobre ela, dissertar sobre ela, é fazer comparações trazer uma visão a partir dessa desse preparo, dessa expertise, da formação que essa pessoa tem na área, que é algo que se eu procurar numa fonte oficial, eu vou saber quando foi construída a calçada do Lorena, mas eu não vou saber o simbolismo dela, por que manter ela de fato, né? Enfim, o que se sabe, o que está sendo descoberto sobre ela hoje ou fazer comparativos no caso da matéria do que eu falei, do aniversário de São Paulo, do bicentenário, fazer comparativos entre ambos.

Então Alguém que entenda de ambos ou consiga fazer comparações, ou trazer isso para, mas ao mesmo tempo, que não seja algo técnico e tudo mais, mas depende muito do tipo da pauta,

quando a história é algo que faz parte da matéria, como é uma matéria de fato de história, daí você tem que falar com alguém da área. Preferencialmente mais de uma pessoa.

André: A gente estava falando de universidade. Como é que você cita a instituição? Existe algum caso específico que você cita, por exemplo, um Historiador da Federal do Rio Grande do Sul, da UnB, existe algum caso específico para você citar esse vínculo ou não? Como que é isso?

Priscila: Geralmente sempre cita, né algum vínculo quando a pessoa tem quando ela é professor, porque quando você fala só que a pessoa é historiadora, é uma qualificação mais vaga. Quando você fala que ela é professora de história isso já traz um, universitário, já traz uma outra qualificação. E como eu te falei assim, às vezes você pergunta como uma pessoa quer ser creditada, e ela fala só isso "eu sou professor da FAU-USP, mas a minha matéria é sobre Ruy Ohtake, eu sei que você tem livro sobre o Ruy Ohtake, ou que você pesquisador de arquitetura modernista. Então a professora falou sobre a arquitetura Modernista, porque daí isso vai demonstrar que a pessoa é especialista nisso que eu acho que enfim, para mim é importante saber disso, mas eu acho que a gente está no momento que a gente tenta tá tentando e discutindo muito sobre como transparência, como se faz jornalismo, nesse momento de Fake News e tudo mais, então quando você qualifica mais ainda por que, quem é aquela pessoa, fica mais óbvio porque você entrevistou ela, não liguei para uma pessoa porque é só um historiador, eu liguei porque ele tem três livros sobre o tema, então assim ou porque o doutorado dele é sobre exatamente aquele tema. Porque daí eu mostro que eu procurei e não procurei uma pessoa genérica porque história ou qualquer outra área é uma área enorme. Então, não tem não tem por que eu procurar uma pessoa que é Historiador, mas no dia a dia ele estuda história estadunidense, ou pré-história, não tem por que, então, acho que a gente tem que procurar colocar isso também no material quando possível. E daí quando você fala que a pessoa é doutorando em tal tema, doutorando aonde? Acho que é o básico da informação. Agora se a pessoa não tem mais nenhum vínculo, não vou colocar, ele é Historiador formado pela Universidade de tal que ele tem o doutorado pela universidade tal.

A não ser que a gente cite né, uma pesquisa etc, a pesquisa tem um vínculo com a instituição também, né.

André: A gente "tá" falando dos aspectos que são levantados que você considera pra fazer uma pauta, era uma pergunta, mas você já falou.

E você já falou que geralmente as matérias que você escreve saem na diretoria de Metrópole, né, mas que algumas vão para Cultura.

Priscila: Mas é muito raro.

André: Certo, quando tem alguma de cultura, você tem ideia de qual dia da semana é publicada?

Priscila: Sempre tem um mínimo planejamento de qual é a urgência do tema. Então a gente tem o que a gente chama de matéria do dia e o especial. A gente tem projeções de quando vai sair, mas isso mudou muito nos últimos anos, muito extremamente, porque antes era: a gente tem um planejamento do jornal, depois que sair no jornal, no dia seguinte vai estar no site. Isso mudou um pouco aos poucos algumas matérias começaram a sair antes no site e depois no jornal e aos poucos isso foi sendo completamente vinculado, algumas matérias saindo enormes

no online e minúsculo do jornal ou nem sair no jornal e hoje em dia tá... Hoje, hoje se institucionalizou que absolutamente nada pensado por impresso absolutamente nada, então o pessoal passou de impresso...Eu nem sei todas as coisas são ainda (inaudível) pessoas do impresso vão fazer a curadoria de tudo que a gente produz, o que merece por impresso que enfim impresso etc, mas é então, a gente tem uma ideia mais ou menos de quando sai, mas quando é algo com gancho muito factual, a gente tem esse elemento que a gente tem que aproveitar esse momento porque se está falando sobre isso, as pessoas vão buscar mais, vai ter mais leitura não, digo questões só de audiência eu digo, porque não tem porque perder um momento em que as pessoas querem ler sobre aquilo.

Então alguns tipos de pauta que são muito ligados a esses ganchos ou tem algo extremamente factual tem que sair determinadas datas. Algumas matérias às vezes a gente tem uma projeção que vai sair no sábado e sai um mês depois, mas isso é cada vez menos comum, cada vez menos comum, por questão de tamanho de equipe por questão de planejamento e vários outros temas. Mas a gente nunca tem certeza absoluta de quando a matéria vai sair. Eu particularmente, sempre aviso sempre aviso as pessoas quando as matérias saem, eu sempre falo quando sair eu te aviso, eu te mando de manhã, porque daí se você quiser comprar o jornal dá tempo, mas eu não posso falar para pessoa que vai sair amanhã, porque às vezes a pessoa compra um jornal e não está lá, entendeu? Então a gente tem mais ou menos até porque algumas dessas matérias de história envolvem efeméride ou datas muito específicas, então elas têm não dá também para protelar muito a publicação porque tem aniversário de São Paulo, porque tem a época do carnaval porque tem alguma coisa atrelada isso funcionário da independência ou algo do tipo. Né, ou porque envolve um projeto público que só a gente tem informação, mas a gente sabe que o governo vai divulgar na outra semana, né? Ou porque acabou de ser divulgado pelo governo, então a gente está trazendo agora essa contextualização que não tinha, mas a gente tem que aproveitar enquanto está se falando disso.

André: Priscila, a gente está entrando agora no último eixo, percepção sobre História. Você entende que o veículo no qual você trabalha considera a história uma ciência?

Priscila: Sim.

André: Você considera?

Priscila: Claro, sim.

André: Pensando assim, O Estadão tinha editoria de ciências, né?

Priscila: O Estadão não tem.

André: Ah, sim, mas online tem uma página.

Priscila: Sim, isso, mas não é uma editoria, é uma subdivisão, mas é a minha editoria que faz ciência e há muitos anos era outra, Vida eu acho, que congregava outras coisas...

André: Geralmente esses assuntos saem em Metrópole, né, mas ali saem por exemplo, nessa subdivisão, assuntos sobre arqueologia, por exemplo, mas não sai sobre história. Você sabe me dizer porque que tem essa por que que não entra aí entra em Metrópoles?

Você já explicou né, porque tem muita coisa a ver com cotidiano de cidades, mas as mais gerais de história mesmo, saberia dizer? Por exemplo, temos uma reportagem sobre história, sobre um

assunto histórico, sei lá, uma pesquisa qualquer, por que ela sairia em Cultura ou em Metrópole ou não em ciência?

[Oscilação de conexão]

Priscila: Não fugi, não tá? Nossa, daí...

Assim, é muito abstrato o que está em cada editoria, como é em cada sessão do site, digamos assim. Acho que mais perto de um termo que é uma editoria que um congrega tudo e colocar isso... entre editoria entre as editorias, já é muito discutido que sai cada um porque às vezes muito tenho a linha e uma matéria que envolve verticalização e o que sai em Metrópoles que sai em eEconomia, por exemplo ou se vai sair em Metrópole, a gente tem que dar um viés mas vida na cidade muitas matérias que a gente então assim é muito tênue.

É muito da discussão ali entre todos nós.

Na pandemia foi meio complicado, porque daí algumas coisas envolvendo vacina a gente coloca em saúde, a gente coloca em ciência, e tratamentos etc e de percepção, algumas coisas são condicionadas que não fazem muito sentido como por exemplo tudo que envolve igreja católica em geral sai na editoria Metrópole. E daí como não tem nenhuma sessão no site que tem alguma relação com isso, sai em Brasil mesmo que seja sobre o Papa Francisco sai em Brasil, é porque todas estariam estranho então a menos estranha Brasil porque sustentabilidade de educação meio ambiente que é mais estranho ainda, mas é tá convencionado há muito tempo. Então eu vejo que depende da pauta de História.

Porque é muito tênue mesmo porque algumas matérias de sustentabilidade, envolve muita pesquisa também e sai em sustentabilidade, ou de educação pesquisadores que estudam no estudo...E tal coisa vai sair provavelmente educação porque a mais afunilado, eu acho que é mais afunilado. Talvez, mas daí assim eu não é uma é assim, não é nada oficial que eu nem sei se eu deveria entrar nisso porque é uma coisa muito institucional de verdade, é mas talvez pensando aqui com você e eu posso mudar de ideia daqui 15 minutos ciência seja mais geral.

É um nome muito generalista e daí se você coloca em meio ambiente, sustentabilidade, você já sabe que é Ciência e já está colocando um qualificador, coloca essa pesquisa em educação, você tá botando o outro qualificador, em saúde um outro qualificador e quando a gente coloca em Brasil que daí envolve, talvez alguns desses casos ou São Paulo, que é minha editoria, a maioria das minhas matérias são o Brasil ou São Paulo porque tem vínculo uma dessas duas histórias. É um aniversário de São Paulo, vai sair dentro de São Paulo, carnavais vai sair dentro de Brasil, eu acho que talvez tenha um maluco que programa a matéria e vai botar de saúde. Porque também tem essas coisas na verdade dia a dia você cria mil teoria sobre como funciona uma redação, mas não tem uma grande pensata, a pessoa que publicou a matéria, às vezes na hora tem que ter tentação diferente, entendeu?

Hoje em dia eu busco deixar mesmo publicar minha matéria para me garantir de ser cancelada internet, mas é porque olha bravo, mas enfim, vamos fugir do assunto, mas é isso as pessoas acham que a gente tem um domínio absurdo sobre o nosso conteúdo, mas ele envolve uma cadeia com várias outras pessoas então envolve a pessoa que edita, a pessoa que publica né? A pessoa que publica, que vai escolher a foto.

Entendeu, a pessoa que publica que vai colocar as tags, que vai colocar qual a seção do jornal e a pessoa pode estar assim e nem perceber, algo que já tá consolidado aquele link que não é

um grande problema tá nele e eu não vou mexer porque isso vai atrapalhar o ranqueamento do Google e várias outras coisas. Então mexer no link que a gente tá falando uma coisa estritamente de jornalismo digital, porque essa divisão em seções é algo que só existe no conteúdo que está no site. Mexer no link tá matando a matéria, ninguém vai ler.

Eu não vejo eu acho que, talvez em algumas pessoas. Talvez não tenha esse vínculo como o entendimento "Estou tratando de algo científico", então vou colocar como em outra seção. Mas é que é em geral na minha editoria, a gente tenta colocar o conteúdo mais próximo possível do dia a dia das pessoas porque é uma editoria de cidades.

Então, qualquer matéria que eu vou fazer eu tenho que tentar vincular o máximo possível um dia a dia daquela pessoa, eu fiz esses dias na pele do plano de metas. A gente não tenta a matéria. O Ricardo Nunes cumpriu 13 (inaudível) as metas a gente fez que a prefeitura tinha feito menos de um terço da manutenção de ruas buracos e viadutos, porque o que vem com quem vai ler o texto. Então é tem essa busca porque é o perfil desse tipo de jornalismo também, se aproximar da pessoa. Então como você vai falar...não é m tipo de matéria que eu fiz, mas (inaudível) pessoas que entendam monarquia, História da família real etc, e acho que isso sempre saiu em Brasil, creio eu. Mas porque daí sempre tinha um vínculo a essa questão da História do Brasil e daí sentiu o entendimento de sair em Brasil, eu acho que sim, até porque quando a gente traz pesquisas em geral, não é só sobre a matéria, não é só sobre a pesquisa é que a pesquisa explicitou um fato e daí muito comum que a gente não fale só com pesquisador, a gente vai falar com a pesquisa de saúde, a gente vai falar com pessoas que tem aquele problema de saúde, a gente vai falar com o poder público, a gente vai falar com instituições que tem alguma relação com aquilo, então instituições tanto do ponto de vista de organizações que lidam com aquele tema, quanto de empresas, nos hospitais, né algo do tipo então é difícil, né, na minha editoria a gente tratar a ciência pura é a partir da ciência, né? A gente extrai tema a gente vai falar, vai buscar falar com as pessoas que tiveram resultados tiveram. Esse estudo, mas a gente em geral para as outras coisas externas, é difícil ficar só pesquisador embora tem e tal, mas né, época de Nobel essas coisas e tal, mas não é o principal.

André: Você considera que o conhecimento histórico traz benefícios da sociedade?

Priscila: Sim...é resposta objetiva?

André: Se você quiser falar quais tipos de benefícios.

Priscila: Traz vários, né, traz referências, né? Para a gente ver olhar o hoje para a gente comparar para a gente entender os fenômenos. Eu acho que, eu creio que tudo é muito complexo, então a gente ter essas referências e entender como funcionou em outros momentos, ou entender o que explica por que a gente está em determinado momento.

Enfim, história é extremamente necessária e que todos nós jornalistas valorizamos muito isso. Acho que nem sempre talvez seja explicitado assim né? Mas é...enfim acho que que é um entendimento claro de que é um ponto, que é um uma ciência que precisa né, ser fortalecida, valorizada e que a gente se vale dela o tempo todo, mesmo que às vezes a gente não fale com o historiador a gente está trazendo às vezes o fruto de algo que foi descoberto ou que foi começou a ser tratado daquela forma por causa de pesquisa de historiadores.

Mas é, nossa agora falando com você, lembrei de uma matéria histórica que eu fiz que eu não falei com Historiador, que é da primeira arquiteta do Brasil. Daí eu falei com a pesquisadora, mas era a única pessoa que saberia falar porque até ela que descobriu que essa mulher existia

aí agora eu lembrei daí eu falei para mulher e falei com o escoteiro que faz evento lá na Capelinha que não sabia que a Capelinha foi feita pela arquiteta.

André: E essa mulher é o quê?

Priscila: É uma pesquisadora, uma arquiteta lá do UFRJ, UFRJ, UFF.

Nossa eu lembrei que ela me mandou um Zap esses dias ela tá pesquisando as primeiras turmas de formação de arquitetos, eu acho que é na época que era dentro de Belas Artes, porque teve uma mudança no entendimento as primeiras escolas de arquitetos brasileiros que esse entendimento de Belas Artes, tipo Niemeyer da vida tem uma formação Belas Artes, depois arquitetura foi vista para fora disso e daí ela tá olhando todas as estudantes dessa turma e tá buscando quem se formou. E daí, ela descobriu essa mulher e daí foi uma descoberta de uma arquiteta, numa pesquisa. Nossa quer dizer será que ela é historiadora? Mas a pós é em arquitetura, mas eu acho que não acho que ela dava. Ah, lembrei ela dá aula. Acho que ela dá aula numa Etec sobre história da arquitetura e os alunos perguntavam muito quem foi a primeira que ela não sabia responder como é que assim que começou a pesquisa dela? Daí mas é tem muita gente que dá aula de história arquitetura, história da arte história de não sei, que não é Historiador, né nas universidades.

É que a arquitetura envolve várias coisas altamente técnicas e coisas altamente Estéticas e etc, né muito.

André: Uma pergunta que você já falou mas eu preciso fazer de novo. É muito comum profissionais de outras áreas, a gente tá falando aqui, principalmente jornalistas que escrevem sobre temas históricos sejam creditados como historiadores e algumas matérias. Por que você acha que acontece isso?

Priscila: Olha, eu, em geral, colocaria a pessoa como jornalista autor do livro tal, masse pessoa se denominasse Historiador para mim, talvez eu colocasse historiador, porque daí ela se vê dessa forma, né? E daí a outra discussão sim, não sei acho que eu nunca passei por isso, tendo a achar, porque por exemplo o Paulo Rezzutti, ele nunca falou para mim que ele é Historiador, embora tenha vários livros de História.

E acho que outras pessoas com perfil semelhante também não devem se você perguntar não. Acho que não (inaudível) daí não sei não sei o que acontece assim.

É que eu acho que também às vezes são dos equívocos assim, tô tentando lembrar um exemplo porque assim de uma pessoa que uma vez entrevistei e ele falou. Olha eu não sou tal coisa, eu só falo sobre tal tema, mas não lembro o que que ele, não lembro, quem era, não lembro qual que era tão mas às vezes tem isso, né? Mas eu acho que uma coisa importante a gente discutir tanto como a gente quando fala com alguém, a gente tem que perguntar como essa pessoa quer ser denominada e como ela quer desacreditada e daí eu acho que cabe a gente discutir porque a gente encontrou ele tem uma visão de como pode ser melhor creditado como eu falei para você, eu acho que ia trazer informações a mais mas a gente tem tanta como a pessoa quer colocar o nome dela também, às vezes o nome dela que ela usa para tipo científico é diferente do nome que ela quer usar na entrevista ou é recentemente tem uma urbanista aqui que eu já falei várias vezes que ela adotou agora o nome do meio, por causa de uma reflexão que ela fez que ela tá apagando a mãe dela, então ela tem que ser o nome da mãe dela também histórico dos nomes das mães. Então acho que... Mas enfim, vai atrapalhar muito quando as pessoas procurarem ela

porque agora vai aparecer ela de dois jeitos. Às vezes a pessoa vai dar um Google procurando referências dela e não vai achar nenhuma entrevista recente dela, porque agora é (nome atual omitido), não é (nome omitido, seria o antigo nome), não é um nome diferente... pode visibilizar o trabalho dela, né de alguma forma e acho que não é só ela também, mas daí não sei explicar porque, daí eu acho que não é não algo que nem compele nunca acho que nunca passei por isso.

André: Priscila, vou fazer a última pergunta fechada e aí você vai me falando que vou colocando aqui...

Priscila: Nossa, que gritaria, já começou jogo do Corinthians?

André: Acho que sim, já está tarde. Você quer fazer aí ou me mandar?

Priscila: Vou te mandar vou te mandar.

André: O questionário ele foi feito em cima de análise de reportagem. Mesmo que alguma pergunta pareça estranha, ela tem pertinência.

Priscila: Depende não tem como responder nem verdadeiro ou falso, depende da matéria. Uma reportagem genérica sobre um novo vírus descoberto, x novos vírus são descobertas do tempo todo. Então nem tem relevância para o jornalismo diário, por exemplo. Acho que não se aplica. A história tem pouco espaço também acho que depende é que assim, tudo tem pouco espaço se por olhar no geral, porque tanta coisa tudo é uma pequena parcela, né? Também não sei, mas não é falso não é também né?

André: Ficar tranquila, fique à vontade.

Priscila: Eu não vou responder a E, porque realmente acho que depende. Acho que vou ter tudo certo.

André: Última pergunta: se você cobrisse mais temas de história, você faria uma mudança na forma de produzir com base o que você vê? Se sim, quais mudanças você faria?

Priscila: A forma de produzir não varia por causa do tema do conteúdo varia pelo fluxo de trabalho. Então independe do tema da matéria, e depende dos prazos que você tem e dentro do seu fluxo, porque geralmente não faz uma matéria só, a gente faz várias ao mesmo tempo. Então eu acho que não alteraria agora, já esqueci um pouco, desculpa aí realmente estou com problema de memória, mas é acho que ser de história ou seja, qualquer outro tema não altera esse fluxo.

André: Priscila, era isso, muitíssimo obrigado. Tem alguma coisa que você queira acrescentar?

Priscila: Acho que tá tudo certo! Qualquer coisa pode me contatar, aquela demora foi mais por causa daquela questão burocrática mesmo.

ANEXO V – Entrevista com Naief Haddad

Transcrição da entrevista realizada com Naif Haddad, jornalista e editor do jornal Folha de S.Paulo, em 16/10/2023.

O pesquisador, André Gobi, é referido apenas como “André”, enquanto o entrevistado é referido como “Naief”.

André Gobi: Não, fica tranquilo.

Só te explicar então como que funciona a entrevista aqui, eu tô com questionário, como eu falei ele passou por um comitê de ética, ele é dividido em três eixos, né? Que o primeiro é sobre informações do profissional. O segundo é sobre cobertura de história, e terceiro é sobre percepção de história tá deixar claro que aqui...

Toda coleta é para uso estritamente acadêmico é só para entender como é feito, como um profissional trabalha no dia a dia com essa pauta. Não tem nenhuma intenção de julgar, tipo tá errado. Então é mais para entender mesmo tá? A gente pode começar aqui?

Naief Haddad: Claro claro, vamos nessa.

André: Então tem algumas perguntas que você pode me responder e algumas elas são fechadas, o que que eu tenho feito com pessoal, as fechadas eu colo no chat e a pessoa responde para mim. E porque é de colocar "xiszinho" ou verdadeiro falso e me manda de volta tá, eu jogo aqui no questionário. Posteriormente eu vou te passar transcrição, tá, para você dar o seu parecer se você aprova ou não. tá joia?

Então vamos lá bom o nome né? Qual que é a tua idade?

Naief: 47.

André: Formação?

Naief: Eu me formei em jornalismo na Cásper Líbero e eu fiz um ano de Ciências Sociais na USP, mas acabei trancando no meio e não conclui o curso, fiz pós-graduação em jornalismo digital na ESPM.

André: Há quanto tempo você atua como jornalista?

Naief: Eu me formei em 96 e, enfim, eu fiz o trainee no meio de em agosto de 1996, o programa de treinos da folha e desde então eu tô na ativa, eu fui contratado em março de 97. E aí eu tô no jornal passando por funções muito diferentes desde esse período ou seja.

André: São 26 anos desde 96 que você tá na Folha, né?

André: quais são os assuntos que você costuma cobrir você que é muito tempo, né de carreira, mas se quiser falar ultimamente. Quais são os assuntos que você costuma cobrir ou que você já cobriu?

Naief: É então, eu já fui eu já a minha carreira é mais voltada a edição, eu fui editor do guia da Folha. Durante sete anos, aí depois eu fui para Ilustrada também em cargos de edição. Eu fiquei depois disso,

eu fiquei um tempo como editorialista da Folha. Em seguida eu virei editor de projetos especiais do jornal. Depois editor de do caderno de gastronomia depois turismo, ou seja, enfim, eu sempre gostei de experimentar áreas diferentes, assim, de conhecer coisas diferentes e formatos jornalísticos diferentes, aí depois eu em 2013, eu fui convidado para editar o caderno de esporte que aí acho que foi o período mais pedreira assim da minha carreira, porque eu era de Esporte durante a copa de 2014 e durante a olimpíada de 2016. E aí eu acabei no final de 2016, eu virei repórter especial.

E nesse e nessa fase enfim é a função na qual eu estou até hoje e eu fico eu continuo editando alguns projetos específicos e também faço reportagens. Então eu fico com o pé em cada canoa assim eu não eu não deixei a edição de lado eu consigo conciliar a edição e o e a reportagem.

E aí sobre sua pergunta é os assuntos que eu sobre os quais eu tenho um dedicado mais. Eu sempre fui muito inquieto assim, eu nunca, eu sempre tive dificuldade de me concentrar num único assunto, mas eu diria que nos últimos anos eu tenho escrito bastante sobre História do Brasil, um tema que me agrada muito, eu tenho escrito também sobre política não no sentido mais do factual. Mais, enfim, reflexões sobre política ou matérias que ligam a política brasileira da atualidade com eventos do passado e tal. E eu gosto muito de cinema também. Então, eu escrevo, tento escrever com alguma frequência sobre cinema, sobre literatura de não ficção. E aí história, também Ciência Política.

Eu não sou muito ligado a romances, a poesias, eu me sinto mais à vontade para escrever sobre não ficção, eu acho que é isso. E como eu te falei eu faço esses projetos de edição. Então eu fico, em alguns períodos, eu fico mais dedicado à escrita, apuração e outros mais a edição. Então varia bastante ao longo do ano.

André: Eu acho que aqui a gente já até entrou na minha próxima pergunta que seria uns assuntos com os quais você tem mais afinidade. Se faltou algum que você queira falar e não são esses.

Naief: É, eu acho que história do Brasil e cinema, teatro, são dois assuntos sobre os quais eu gosto de escrever familiaridade. E sobre política nesse sentido mais da reflexão. Assim menos a política do dia a dia enfim. Eu acho que são esses os temas principais, mas enfim, eu já escrevi para o caderno de Economia, já escrevi para o cotidiano que é o caderno de cidades da folha. Enfim, eu gosto de avançar em terrenos ou conhecidos assim. Mas eu acho que esses que eu te falei os que são os mais que eu tenho me dedicado mais nos últimos anos.

André: Vou passar para o segundo eixo que é sobre a cobertura mesmo de história, tá? Como eu te disse, o recorte que eu fiz de conteúdos onde eu analisei que eu cheguei até teu nome foi de 2020, tá? E que você escreveu bastante reportagem que abordava tema histórico e pelo jeito essas pautas são frequentes para você, né, como você já disse...

Eu vou te passar aqui no chat algumas alternativas, eu queria que você se pudesse assinalar pode ser mais de uma tá. E aí você só me manda de volta ou se você preferir eu posso falar e você me responde se corresponde ou não o que você preferir quer que eu te mande no chat? Quer que eu fale aqui, pode ser? Alguma dúvida? Eu posso ir te falando?

Naief: Eu acho que eu não consigo clicar aqui, né, teria que você fazer de novo pode me falar que é mais fácil. Então eu acho que pesquisa histórica é um eu escrevo com alguma frequência, lançamento de livros sobre história também, evento do passado também eu escrevi bastante agora sobre os 200 anos da Independência.

Temas políticos da história também acho que é, eu acho que são esses.

André: Perfeito, tem mais algum tema que você acha que você cobre e não está aqui, essa lista foi feita com base nos materiais que a gente analisou tá? Mas se tiver mais algum você acha que não está aqui.

Nos últimos seis meses o último ano você chegou a entrevistar algum Historiador para uma reportagem?

Naief: Cheguei. Eu fiz uma reportagem sobre o 13 de Maio, entrevistei alguns historiadores sobre a Princesa Isabel, sobre a relevância dela nessa época, que é uma questão muito controversa, né? Alguns acham que ela foi uma figura meramente decorativa e outros acham que ela teve uma relevância, tal, eu fiz esse texto discutindo essa questão, assim.

Deixa eu ver se depois disso...eu fiz, eu escrevi sobre a morte do Boris Fausto, que é um Historiador paulista muito importante, fiz uma entrevista longa com a Ângela de Castro Gomes que é uma historiadora do Rio que conhece muito bem a obra dele. É, dos mais recentes, eu destacaria essas duas.

André: Como que você faz a busca de um Historiador quando você precisa de um para compor uma reportagem?

Naief: Então, os caminhos variam muito, assim, tem alguns temas que eu conheço, que eu sei quem são os principais especialistas, eu já tenho isso registrado, de outras entrevistas, de outras matérias que eu fiz, eu sei quem são as referências. Em outros casos que eu tenho menos familiaridade, eu pesquiso as principais publicações, tento entrar em contato, com ajuda das editoras ou com ajuda de algum colega. E também pesquiso, eu checo as principais pesquisas de mestrado, doutorado. Às vezes tem textos ótimos, bons textos sobre um determinado assunto que não chegaram a ser publicados em livros... foram entregues como trabalhos acadêmicos, mas são, muitas vezes são pesquisadores de alto nível e que rendem entrevistas muito boas, então não tem o único caminho, assim, os caminhos variam. Mas o que eu tento fazer é, antes de entrar em contato com o historiador, ou com historiadora, é perceber a profundidade e a seriedade da pesquisa dele em torno daquele assunto.

E aí mesmo que existam tem alguns temas, como esse da Princesa Isabel que eu te falei, que existem divergências entre historiadores, mas isso não significa que o trabalho de um seja mais sério que o trabalho de outro, é enfim, são visões divergentes, mas de profissionais igualmente competentes. Enfim, eu não escolho uma linha. Eu não faço uma pré-seleção baseada numa determinada visão do Historiador, o que eu tento identificar é a seriedade do trabalho e tal, esse tipo de coisa, quanto tempo ele tá estudando um determinado assunto, enfim, o que se falou sobre o que ele publicou, esse tipo de coisa.

André: Eu acho que você já respondeu até minha próxima pergunta que seria qual que é o critério usado para qual Historiador vai ser entrevistado?

Naief: Eu acho que é isso é historiadores que tem um trabalho de fôlego sobre o tema a respeito do qual eu vou escrever, que tem uma pesquisa aprofundada, séria e que tenha publicado livros ou teses acadêmicas. A esse respeito assim e aí, sempre antes da entrevista, eu procuro ler o livro, ler a publicação acadêmica, enfim, para entender qual o caminho, qual a abordagem que o historiador faz a respeito daquele assunto, né.

André: Quando você faz essa busca o fato de um Historiador ter ou não vínculo com uma universidade, isso é considerado, levado em consideração para você escolher um Historiador ou não?

Naief: Eu nunca pensei nisso, mas eu acho que, eu acho que sim, porque o vínculo com a universidade ele é, em geral, ele impulsiona o historiador a estar em constante pesquisa e produção acadêmica, enfim, eu acho que vínculo com a universidade é um fator importante, mas por exemplo, a Ângela de Castro Gomes, ela foi professora da história do Brasil da Universidade Federal Fluminense e é uma referência importantíssima, e agora ela tá aposentada. Então ela mantém um vínculo com a universidade, mas é um vínculo mais superficial. O Boris Fausto que eu entrevistei algumas vezes também já estava

aposentado há alguns anos, enfim, mas teve uma longa carreira na universidade. Então, enfim, esse não é um critério indispensável, mas é, mas isso eu levo em conta também, mas não é, enfim. Eu tô lembrando agora uma reportagem que eu fiz sobre a família real portuguesa, entrevistei um Historiador que é também diretor de um museu, Diretor da rede de castelos que pertence, que foram os castelos onde a família portuguesa família real portuguesa morou. E é um cara que tem um conhecimento super vasto, abrangente e tal e pelo que eu pude pesquisar na época, ele não estava ligado a uma universidade, mas era uma referência. Enfim, entendia muito desse assunto.

Então, enfim, tentando responder de forma mais sucinta de e aqui a ligação quando a universidade é um critério que eu levo em conta, mas não é o único assim é eu acho que contribui, mas há bons historiadores que tem um trabalho mais distante da Universidade que merecem ser ouvidos também.

André: Legal, ainda pensando na universidade, a reputação de uma universidade seria levado em conta? Por exemplo, eu tenho uma pauta e tenho dois pesquisadores do mesmo tema que, por exemplo, um tá na USP e o outro tá numa universidade que é mais recente, uma universidade federal que tem menos tempo aí. Isso seria levado em conta?

Naief: Eu levo em conta, mas esse é um critério que não tá entre os critérios mais importantes dessa listinha informal que eu costumo fazer, porque o que eu tenho tentado nos últimos anos é aumentar cada vez mais o leque das minhas fontes. Então eu tenho procurado ouvir bons historiadores de diferentes regiões do país, assim isso acaba me levando a universidades com menos tradição, mas é um é um exercício que eu acho que é que cada vez mais importante para o jornalismo, ouvir pessoas com referências fora do desse mundo, São Paulo, Rio, Minas. Então depende da pauta, né? Às vezes quando é algo mais corrido que eu tenho menos tempo é mais difícil, mas o que eu procuro fazer sempre fugir das Universidades mais...Não fugir, mas não me restringir aos historiadores das Universidades mais consagradas então, enfim, nessas reportagens que eu fiz sobre o os 200 anos da Independência foram várias eu falei com uma historiadora, Lúcia Bastos, super importante da UFRJ, mas também falei com o Marcelo, eu esqueci o sobrenome dele é com um professor ótimo da Universidade Estadual do Maranhão, então foi muito bom, porque eles tinham visões diferentes e eu acho que isso enriqueceu a minha apuração assim, foi, positivo para o resultado final do texto. Esse é um caminho que eu tenho tentado buscar cada vez mais é procurar especialistas que possam enriquecer a discussão, uma abordagem, uma determinada abordagem histórica que estão em centros acadêmicos menos conhecidos, assim.

Então isso não significa que eu não leve em conta reputação da... que quando eu saio desse eixo, São Paulo, Rio Minas, e vou entrevistar alguém de um enfim quero entrevistar alguém do Nordeste, por exemplo, eu tento identificar as Universidades de melhor reputação em Pernambuco, na Bahia, Maranhão, como eu falei, então esse critério não deixa de ser válido mesmo nessa busca Fora do Eixo, entendeu?

André: Bom, eu acredito que você não tenha dificuldade para encontrar historiadores para uma pauta, mas você já encontrou dificuldades para conseguir entrevista? Por algum motivo os Historiador estar meio reticente de conceder entrevista, alguma coisa do tipo? E se você já encontrou alguma entrevista alguma dificuldade? Qual seria?

Naief: Não me lembro, às vezes a pessoa tá mais sobrecarregada demora mais para responder, mas eu acho que eu tive sorte nunca tive nunca ninguém. Eu tô lembrando agora, eu fiz uma matéria sobre a história do saneamento básico no Brasil, foi para o caderno de economia da Folha, inclusive. E aí tinha um...não era Historiador ele era se eu não me engano, ele é professor de engenharia, mas ele era também um estudioso do das questões históricas assim e aí ele acabou, ele achava que eu que eu daria um

determinado enfoque à reportagem e por isso acabou me enrolando tal e no final não falou, eu acho que ele, eu acho que ele não gosta, eu tive a impressão que ele não gosta da Folha, não achou que o jornal daria um enfoque com o qual ele concorda e ele não disse não diretamente, mas ele se comportou de uma maneira demonstrando que não queria falar e chegou um determinado momento que eu parei de insistir. Mas eu acho que foi o único assim, não me lembro de um outro caso que isso tenha acontecido.

André: e qual o motivo te leva a buscar um Historiador mesmo para uma reportagem?

Naief: Eu acho, é, enfim, são os especialistas em temas do passado que já se debruçaram sobre, já se debruçaram de uma forma muito muito atenta e muito demorada sobre determinado evento histórico um determinado tema, então... Enfim, eu como jornalista não posso me dar o luxo de me restringir a escrever sobre segunda metade do século 19.

Mas eu, eu posso eu tenho, o que eu posso fazer é para o seu se eu tiver que escrever sobre esse período eu posso procurar pessoas que sejam especialistas nessa fase da história do Brasil. Então, eu acho que um historiador é a pessoa mais preparada para falar sobre determinados períodos da história, né, da trajetória do país. Isso não significa que sociólogos, cientistas políticos não possam fazer esses estudos sobre temas do passado. Eu lembro que Angela Alonso tem um livro muito bom sobre os abolicionistas ao longo do século 19, especialmente nas primeiras décadas da segunda da segunda metade do século 19, e ela é socióloga, a formação dela é essa então, mas é uma exceção, em geral São historiadores que fazem esse tipo de trabalho.

André: Como você costuma acreditar um Historiador por matéria e você coloca historiador, pesquisador, professor da universidade? Há casos específicos onde você cita a instituição ou não? Como que é esse processo?

Naief: Eu sempre cito é eu sempre eu credito como Historiador e professor de história da Universidade x ou y, e quando a pessoa tem um livro importante a respeito daquele tema eu cito também o livro agora enfim, muitas vezes eu não faço isso de uma vez assim porque pode deixar o texto um pouco maçante então eu apresento, eu faço uma primeira apresentação do entrevistado e depois quando eu volto a ele eu cito o livro do qual ele é autor. Então acho que eu tento mostrar para o leitor que essa pessoa é sem dúvida uma referência relevante nesse assunto, entendeu? Então é, eu sempre cito a universidade, sempre cito não todos os livros, mas os livros que que fazem sentido naquela determinada discussão.

André: E quando você está pensando numa pauta assim que tem um tema histórico, quais aspectos você considera relevante pensar sobre?

Naief: Eu acho, o que eu tento sempre abordar são as novas pesquisas recentes sobre esse assunto, então é... Eu procuro mostrar para o leitor quais as novas, enfim, as novas tendências dentro da historiografia em relação a um determinado tema, mostrando que a história não é estante, ela tá sempre sendo reavaliada sendo novas descobertas são feitas novos documentos vem à tona. Então os mais diferentes assuntos, né? E uma coisa importante também é estabelecer pontes do passado com presente, então, a gente teve o Oito de Janeiro, agora de 2023, então o eu acho que é um acontecimento que suscita comparações com outras rupturas históricas ou tentativas de rupturas, eu acho que no caso do jornalismo é essa. Eu acho que essa conexão entre passado e presente, ela é fundamental, assim, o jornalismo ligado a questões históricas. Então o que eu faço muito também é escrever sobre um determinado tema a partir de efemérides, então no ano passado, por exemplo, eu escrevi algumas matérias sobre os 90 anos da

Revolução de 32, também conhecida como a Revolução Constitucionalista, então a efeméride eu acho que é sempre uma boa oportunidade de voltar um determinado assunto também.

André: Legal e quando você tem essas pautas que tem alguma abordagem histórica você consegue identificar assim, em quais editorias elas são publicadas e alguns se tem algum dia específico na semana sábado domingo, por exemplo?

Naief: Eu acho que um dia no caso das efemérides o ideal que saia no dia exato assim, né no caso do da Revolução Constitucionalista o conflito eclodiu Nove de Julho, né? Então se eu não me engano uma das matérias que eu fiz foi publicada no Nove de Julho. Agora quando não tem uma, quando não tem um vínculo, quando não tem uma efeméride, aí acho que indiferente, assim, tanto faz, é uma decisão mais do editor do que minha a minha, a minha função é entregar o texto da melhor forma possível com uma apuração bem feita, um texto bem escrito, tal, e aí cabe ao editor publicar na data que ele considerar mais conveniente, né.

André: Perfeito Naief, a gente tá indo para a última parte aqui da entrevista terceiro. Eixo, só que eu tô com tempo aqui do zoom e tá finalizando. Tá eu vou gerar um novo link, vou finalizar aqui te mando um novo link que a gente já finaliza aqui também para não tomar muito seu tempo, tá bom Claro, tá bom? Eu já tinha enviado.

André: Tá joia. Então a gente vai para o terceiro eixo que é sobre a percepção de história, tá? Aí é sobre a sua percepção, como você vê as coisas. Você entende que o veículo onde você trabalha, a Folha, considera que a história seja uma ciência?

Naief: Sim, eu confesso que eu nunca eu nunca tive uma discussão com a direção do jornal em relação a isso, mas eu acho que considero uma ciência no sentido de que é um campo de estudo fundamental para compreensão da nossa realidade, nesse sentido sim...

André: Você considera? Eu achei que você tinha terminado já a sua resposta.

Naief: Se eu considero? Eu acho que sim, eu acho que é... A história se vale de instrumentos para validar uma avaliação, uma para validar uma... um olhar sobre o passado e instrumentos são cientificamente importantes. Então acho que nesse sentido sim. Eu acho que a história ela tá, eu acho, que ela se transforma, o nosso olhar para a história. Acho que ele se transforma muito rapidamente. Nesse sentido eu diria que ela é um pouco diferente das ciências mais tradicionais, assim, mas eu acho que isso não inviabiliza o fato de a gente ver ela como uma ciência. Acho que ela pode ser enquadrada, dela ser classificada dessa maneira desde que o especialista use instrumentos legítimos e suficientemente fortes para escrever essa, enfim, para retomar a os sistemas do passado, eu acho que se a forma de abordagem for cientificamente válida, eu acho que sim.

André: A Folha tem editoria de ciência hoje, né?

Naief :Tem.

André: História geralmente não é publicada nessas editorias, temas históricos, geralmente sai na Ilustrada esse tipo de coisa esse tipo de editoria, mais voltada para temas culturais. Porque você acha que a história, então, não é publicada em ciência e sim mais em diretorias voltadas para cultura, Ilustrada na Folha, o antigo Caderno 2 no Estadão?

Naief: Na verdade, pelo menos as matérias que eu tenho escrito é Muitas delas saem na editoria de política por pela conexão essa da Revolta Constitucionalista, dos 90 anos, por exemplo foi publicada em Política em várias outras também, então como elas fazem essa, articulam essa ponte entre um momento político atual e um momento político de 50, 100 anos atrás, elas acabam saindo no caderno de política que é o primeiro caderno e outras por exemplo toda a nossa série dos 200 anos foi publicada, toda não, mas maior parte dela foi publicada na Ilustríssima que é um caderno que tem a versão impressa sai aos domingos e é um caderno que tem uma característica de ser um caderno mais reflexivo e de abordagem mais aprofundada sobre assuntos variados assim, inclusive a história. Eu acho que se a memória não me falha, eu acho que nos últimos anos eu tenho escrito sobre história mais para a política e para Ilustríssima do que propriamente para Ilustrada.

O que é que acontece às vezes é que livros de história são publicados na Ilustrada pelo suporte assim, pelo fato de ser um livro. E aí muitas vezes é associado ao caderno cultural, mas não tem essa vinculação imediata com caderno cultural, essa, por exemplo sobre a história do saneamento no Brasil e foi publicado no caderno de economia.

A gente, eu tô coordenado uma série agora chamada *Mater Brasil*, eu e uma professora da Universidade Federal da Bahia, Patrícia Valim, e ela tá sendo publicada em Cotidiano tanto na plataforma online quanto no impresso. Então eu acho que a História ela ela acaba espalhando pelas diferentes editorias. Eu acho que, eu acho que isso é bom. Acho que é melhor do que ela ficar concentrada numa editoria só.

André: Na sua opinião, quais são as contribuições que o conhecimento histórico e o trabalho né dos historiadores eles trazem para a sociedade?

Naief: Eu acho que enfim contribuição é fundamental, assim, contar os caminhos que o país percorreu ponto de vista política econômica e social e o que que a gente deve evitar aqui, para quais os bons exemplos que a gente deve seguir a partir do que aconteceu no passado e quais os maus exemplos que a gente deve evitar, então a história ajuda a entender os caminhos que a gente percorreu e isso tudo. Nos orienta nas decisões que a gente vai tomar daqui para frente. Acho que é, uma, história uma grande conselheira, assim, não significa que não significa que as coisas vão se desenrolar daqui para frente como aconteceu no passado, mas eu acho que os fatos históricos ajudam a gente como sociedade antigo ajudam a gente a tomar as melhores decisões daqui para frente assim. Acho que tem acho que eu acho que esse é um dos uma das...dos pontos mais nobres da história, do trabalho do historiador.

André: É comum que outros profissionais, de outras áreas na verdade, principalmente jornalistas, mas que escrevem sobre temas históricos, que escrevem livros, eles sejam citados como historiadores em alguns veículos, em diversas mídias, no jornal, seja na TV, em documentários, mas eles não são realmente de fato historiadores, mas são outros profissionais que se interessam pela História. Por que você acha que essas pessoas são citadas como historiadores?

Naief: Eu acho que eu acho que um Jornalista pode se tornar um Historiador desde que ele passe a se dedicar à pesquisa histórica. Se ele se baseia, eu acho que se eu, por exemplo, eu escrevo um livro baseado em outros livros de historiadores, eu acho que é avançar o sinal me considerar um Historiador, mas se eu sou um Jornalista e passo a me dedicar a pesquisa com rigor que a pesquisa exige, os métodos utilizados pelos historiadores, eu acho que é possível que que você faça essa transição do jornalismo, de jornalista para Historiador. Eu acho que isso é factível assim, eu acho que depende do nível da profundidade com que entra nesse mundo, assim, das ferramentas que você passa a usar. Eu acho que alguns jornalistas se tornaram bons historiadores e outros e outros acabam, acabaram usando essa, se auto considera um Historiador e na verdade não são. Acho que varia de caso pra caso.

Mas o que eu quero dizer é que você pode se tornar um bom Historiador uma boa historiadora sem que necessariamente tenha uma formação acadêmica assim você pode adquirir essa esses conhecimentos, essa metodologia de trabalho de outras maneiras, não é o caminho mais convencional, mas acho que é um caminho possível e existem jornalistas que fizeram esse caminho e se tornaram bons historiadores.

André: Ótimo a próxima pergunta, ela é fechada também, eu vou colocar no chat e você pode ir passando para mim que eu vou preenchendo aqui tá joia?

Naief: Você acha que a gente vai mais quanto tempo que eu tenho uma reunião ao meio-dia.

André: Não, mais 10 minutos, só tenho mais uma pergunta além dessa.

Naief: A, verdadeira com certeza

Historiadoras são mais resistentes para dar entrevista do que homens?

A minha experiência é que não, eu sempre fui bem recebido por homens e mulheres, né?

Eu tenho menos experiência com entrevistas e com cientistas naturais.

Foram poucas ocasiões, mas eu não acho que sejam mais resistentes não.

Aí falso sim, depende da questão histórica, depende do vírus. Acho que é difícil comparar uma coisa ou outra, né? São questões muito diferentes, né?

Eu acho que ainda tem pouco espaço sim respondendo a f. Acho que é verdade.

Acho que está melhorando um pouco, mas ainda um espaço a quem do que poderia.

André: Você faria alguma mudança na forma de produzir matérias jornalísticas sobre história? Se sim, quais você faria?

Naief: Enfim, eu não tenho nenhuma solução Milagrosa, o que eu acho que o jornalista precisa se preparar muito bem antes de ouvir os historiadores, independentemente do tema eu acho que...Eu acho que esse talvez seja o principal problema das pessoas, dos jornalistas que escrevem sobre questões históricas, eu acho que você não pode se basear na Wikipédia para fazer uma uma reportagem sobre, sei lá, qualquer que seja o tema de ver as histórico. Acho que você precisa de antes de começar a entrevistar e antes de começar a escrever, você precisa ter um mergulho em livros, em teses acadêmicas. Enfim, não pode ser uma visão superficial sobre esse tema porque, enfim, abordagem superficiais a gente pipoca um tempo inteiro na internet, né? O que mais tem eu acho que vale a pena.

Eu acho que esse encontro do jornalismo com a história, vale a pena se for para fazer uma reflexão mais...um pouco mais profunda, um pouco mais específica assim, né?

André: Maravilha, perfeito. Naief, essas eram as perguntas que eu tinha para fazer, tem alguma coisa que você acha que é importante falar sobre esse tema a gente não passou?

Naief: Eu tô pensando aqui. Acho que não acho que tá bom assim é sempre depois que você transcrever, se tiver alguma dúvida você me fala assim, eu vou te ajudando aí necessário.

André: E foi muito bom. Muito obrigado. Só uma coisa aqui uma curiosidade, você falou da Patrícia, Valim. Ela é ligada à ANPUH. Você já chegou a consulta quando precisou de alguma fonte assim para falar ou não?

Naief: Não, acho que não. Mas por uma, enfim o respeito, acho que é uma associação relevante, mas nunca precisei recorrer esse caminho, mas se precisar, faria com tranquilidade assim novamente.

André: Eu queria mais uma vez agradecer a sua contribuição foi muito boa muito boa mesmo e ficou à disposição. Se tiver alguma dúvida lembrar de alguma coisa quiser falar e assim que eu tiver a transcrição eu te envio, tá? Para você poder avaliar e validar.

ANEXO VI – Entrevista com Clara Balbi

Transcrição da entrevista realizada com Clara Balbi, jornalista do jornal Folha de S.Paulo, em 08/12/2023.

O pesquisador, André Gobi, é referido apenas como “André”, enquanto a entrevistada é referida como “Clara”.

André: Bom, Clara, então como estava te dizendo a gente começa pelo primeiro. Eixo tá que é a informações sobre o profissional tá? Então é teu nome, né? É Clara Balbi é isso, né?

André: Idade, Clara?

Clara: 30 anos.

Clara: Eu Sou formada em Jornalismo e cinema na Puc-rio.

André: Há quanto tempo você atua como jornalista?

Clara: desde então eu eu trabalhei durante com o cinema durante um tempo e aí eu trabalhei com produção de conteúdo a partir de 2016, não é jornalismo, mas tinha alguma relação ali e de fato em redação quando eu entrei na folha em 2018.

Na verdade eu trabalhei como assistente de produção e principalmente a assistente de direção, mas assim se eu tivesse seguido em cinema provavelmente teria sido pela área acadêmica e não pela e não pela prática de set, assim, embora, eu acho que é uma experiência todo mundo tem que ter na vida para lidar com pessoas eu acabei optando pela jornalismo no meio do caminho, mas cheguei a trabalhar em comercial essas coisas assim, porque eu me formei em duas habilitações a minha primeira pesquisa era sobre documentário. Eu não sei nem se você vai conhecer que eram. Você conhece (incompreensível)diretor cearense e ele fez um filme sobre estes a voz dele foi o primeiro filme dele é muito legal, chama cinza meio difícil de encontrar mas meu trabalho de conclusão de curso foi sobre documentários em primeira pessoa foi bem legal de fazer.

André: Legal, até anotei aqui para ver depois muito bom.

André: Você tá desde 2018 e quais assuntos você costuma cobrir geralmente? É bastante, né?

Clara: Pois é quando entrei em 2018, eu trabalhei numa sessão chamada Especiais, que era basicamente um guarda-chuva de que não tinha muito mais lugar na Folha, então Tinha turismo, tinha carreiras, tinha mercado imobiliário e eu escrevi para todos os assuntos. A única coisa que eu acho que eu não escrevi foi "Carros" que é, realmente em seguida em 2019, eu fui para o Guia da Folha, que eu não sei se você lembra como é que era aquele formato antigo, não tinha muita reportagem, era principalmente aqueles tijolinhos de serviço de programação então lá eu fui repórter de teatro e de artes plásticas.

Então eu vi as exposições das peças que estavam acontecendo, e aí selecionava por semana. Enfim era um trabalho um pouco mais até meio técnico assim de ficar caçando a agenda cultural Paulistana. E aí em seguida eu fui para Ilustrada e passei a cobrir artes plásticas, depois voltei para o Guia. Depois voltei para ilustrada aí como o cinema e artes Plásticas e até o fim da ilustrada até o meu fim no período na estrada como repórter eu ainda cobri política cultural como setorista, de teatro como setorista, e eu sempre fiz matéria de tendência, então a única coisa que eu não cobri basicamente dentro de Cultura foi

música, mas eu sempre fiz matéria, sei lá sobre Instagram, sobre umas coisas meio às vezes um pouco nada a ver.

E aí em eu virei Editora assistente na Ilustrada em 2021, até acho que é isso. Não sei, mas eu fiquei um ano e meio, eu acho, como editora da Ilustrada e depois eu fui para Internacional, onde eu tô há um ano e meio.

André: Clara. Quais são as pautas os temas que você tem mais afinidade, você gosta mais de descobrir?

Clara: Eu Sou formada em cinema, então acho que grande parte do meu da minha visão de mundo assim parte dessa lente de mídia, então tentar entender como os meios de comunicação. E aí hoje a gente tá falando muito de rede social, a gente tá falando muito da interação geral como a tecnologia molda a maneira como as pessoas são, e como as pessoas se comportam e como as pessoas se enxergam. Então acho que pautas principalmente na Ilustrada. Eu acho que isso era muito comum assim essas pautas, tipo de alguma maneira lidavam com tecnologia com rede social, eram minhas pautas favoritas, assim.

E além disso eu tenho essa, não sei, quase uma formação extra porque quando eu quando eu comecei a trabalhar com jornalismo, que eu trabalhei como produção de conteúdo e aí eu fui para o primeiro, eu fui para o Moreira Sales como estagiária e depois eu fui estagiar no Prêmio Pipa, que é um prêmio de arte contemporânea e lá eu era responsável por basicamente... o grande trabalho deles é ser uma base de dados sobre arte contemporânea brasileira. Então eu passei a ser a cuidar desse dessa base de dados entrando em contato com os artistas para atualizar o portfólio deles organizando os vídeos entrevistas. Enfim, tinha todo um trabalho de contato com essa produção contemporânea brasileira e como são muitos indicados por ano, no prêmio são mais de 50, você basicamente conhece quem é quem da arte contemporânea brasileira, eu acabei aprendendo muito sobre a arte nessas duas passagens assim então acabava que a única coisa que eu fiz durante todo meu período foram sempre matéria sobre artes plásticas, porque eu acabei conseguindo uma bagagem prática, né? Não tanto acadêmica, como é o caso do cinema, e aí hoje trabalhando na Internacional essa questão da tecnologia ainda é muito forte para mim, mas eu gosto muito, muito de coisas, questões geopolíticas que são muito influenciadas pela cultura de algum país então, por exemplo questões religiosas, questões, hoje a gente lida muito com ultra direita, né? Tipo porque tal país tem ascensão dessa pessoa. Enfim, acho que eu diria que, como esses paradigmas culturais de cada uma dessas sociedades permite que um certo movimento geopolítico internamente se conforme.

André: Tá legal, a próxima questão aqui, ela é fechada. Vou colocar no chat, já você pode responder para mim e depois eu vou acertando, tá?

Consegue ver bem aí? Pode ser mais de uma, tá?

Clara: Eu acho que são todas pesquisas históricas, né? Então, mas entrevista sobre assunto geral sim, com certeza de registro do lançamento de livros sim, com certeza sobre o tema cultural sim, com certeza evento passado sim, com certeza tem uma política sim, com certeza e patrimônio cultural histórico também sim, com certeza.

Eu acho que a única coisa que a gente não faz muito é de fato ficar lendo produção de academia, assim, para falar sobre pesquisas histórica embora, às vezes aconteça assim de até um cara que tem uma pesquisa super legal em tal coisa e aí ele vira a pauta lá.

André: No último ano nos últimos seis meses você chegou a entrevistar algum historiador?

Clara: Ultimamente eu tenho eu tenho assim.

Tem muita gente que é cientista político Historiador ou internacionalista Historiador. Tem algum tipo de Formação também em História? Então eu não sei muito apontar quem foram essas pessoas, mas pelo menos uma pessoa eu sei que é historiadora, foi a Monique, com quem eu falei alguma coisa sobre falta de mulheres diplomatas no Brasil. Mas sim, certamente, só não sei quantificar.

André: Quando você, se você pensar num Historiador assim, tem alguém que lhe vem à cabeça?

Clara: Não, como eu faço em geral em geral são muito, sincera, muitas vezes pautas que chegam na minha mão, eu não faço ideia sobre absolutamente nada assim eu tenho uma noção muito geral, então eu procuro dentro da plataforma do CAPES quem já escreveu sobre aquilo, e aí é super legal, de um lado porque eu acho que é um jeito de você encontrar pessoas que são fora das Universidades, né do sudeste, que a gente está acostumada a contatar, então muitas vezes. Sei lá entrevistei, por exemplo, eu tô fazendo um obituário falso do Papa Francisco que é uma coisa muito comum dentro de redação, e é sobre a diplomacia dele, e aí eu uma vez poucas pessoas que falou sobre a questão diplomática do Papa Francisco no Brasil é uma historiadora da Unipampa, uma historiadora não, ela é internacionalista da Unipampa, que eu nunca tinha entrevistado alguém da Unipampa, então não assim tipo conheço alguns historiadores, eu acho que mais por causa da vida escolar, lembra de alguém, lembro do Boris Fausto, alguma coisa assim, mas fora isso para o meu dia a dia isso não importa muito.

Hoje talvez assim, por exemplo, você falou da matéria do Zumbi dos Palmares, eu sei que a Inaê Lopes dos Santos é uma ótima fonte se eu quiser falar sobre esse assunto especificamente a gente tem essa coisa de Lilia Schwarcz muito entrevistada. Enfim também é um nome que vem que me vem à cabeça, mas isso não basila de nenhuma maneira o meu trabalho, mas se você pensar assim sem pensar em matéria.

André: Então se você pensar num historiador, em história, o Boris Fausto seria uma pessoa que vem na cabeça?

Clara: Sim.

André: Você já respondeu minha próxima pergunta que seria como você buscaria um Historiador, né pela CAPES. E qual é o critério que você usa para determinar qual o historiador você vai entrevistar se tiver mais de um?

Clara: Sendo muito sincera, primeiro tem afinidade, é, tipo quão especificamente aquele cara fala sobre aquela coisa, que é isso não adianta eu ter uma pessoa que fale sobre Papa Francisco e tem outra que escreveu duas projetos de Pesquisas especificamente sobre aquilo e escolher a pessoa que fala de uma maneira mais geral, sabe para mim isso não faz muito sentido, mas jornalismo tem a questão de tempo, né? Então muitas vezes é quem tiver disponível para falar naquele momento. Eu vou ter que entregar a matéria em 4 horas, então existe essa questão. E isso também acho que leva muitas vezes, quando a gente está com uma pressão muito intensa de tempo, por exemplo, quando fez alguma coisa você precisa repercutir.

Aquela, aquele ato de alguma maneira via análise, né? E aí você vai entrar em contato com várias pessoas não necessariamente historiadores, falo mais com internacionalistas mesmo ou cientistas políticos, mas para você entrar em contato com alguém via CAPES, a pessoa responder o e-mail. Às vezes acontece, mas não necessariamente, então a gente acaba apelando para assessoria de universidades. E aí a verdade que a universidades privadas, porque elas querem mais ter o nome delas na mídia, costumam ser mais eficientes na hora de falar. OK? Eu tenho uma pessoa para falar com você, daqui a 10 minutos, sabe,

então existe essa questão de tempo que também tá dentro do jogo jornalístico, embora, pelo menos eu pessoalmente eu acho que muitas pessoas que eu conheço tentamos o tempo inteiro, não sei até uma... Acho que uma grande... uma grande exemplificação assim, tipo se você tem mais de um dia, você vai procurar uma pessoa que, eu pelo menos, por exemplo quando eu escrevo sobre escrever sobre Israel. Eu tento sempre pegar uma pessoa que tem claramente um viés para Israel uma pessoa que tem claramente um viés pró Palestina e um Historiador pesquisador brasileiro, porque eu sempre acho importante que exista essa dentro da formação de Mundo, da visão de mundo dessa pessoa, uma noção de como se impacta a gente aqui que, não necessariamente é muito claro, eu acho para quem está acompanhando o noticiário internacional.

André: Você falou da Universidade e a sua percepção da universidade pública. Então, ela, a universidade privada, ela se comunica melhor do que a universidade pública, você acha isso?

Clara: Não necessariamente, depende da universidade pública, por exemplo a UERJ departamento de internacionais da UERJ. Eles são muito muito rápidos e ótimos a UFF tem uma plataforma só de pesquisador que você tipo é como se fosse um CAPES, um site do CAPES dele só e aí você consegue ver tipo tecnologia... que é especializada em tecnologia, mas muitas universidades são muito ruins, assim, e aí eu diria que é isso. Universidades privadas tendem a ter uma assessoria de comunicação, uma assessoria de imprensa mais acessível do que muitas universidades públicas, embora haja exceções dentro das Universidades públicas. A USP, por exemplo tem uma mega estrutura, né? Você vai lá coloca... Universidade de Brasília também tem uma boa estrutura, mas não sei, vai pegar a Universidade da Bahia, não é tão fácil, não, é melhor você tentar entrar em contato diretamente via CAPES com pesquisador do que pela assessoria de imprensa.

André: E você leva em consideração a reputação da Universidade quando você está escolhendo um pesquisador?

Clara: Então, meus editores em geral ficam meio... Porque você escolheu uma pessoa da Unipampa? Mas para mim assim é mais importante que a pessoa tenha uma pesquisa especificamente naquela área do que do que porque, assim, enfim, para mim tanto faz o cara ser da USP e saber muito de relações internacionais, ele provavelmente vai falar muito bem e tal, mas ele não pesquisou aquele assunto especificamente que eu tô falando sabe? Então isso para mim não, não entra muito em jogo, embora, às vezes os meus editores falem assim "Clara por que você escolheu essa pessoa?"... tem um exemplo de uma menina que é muito ela é ótima assim que é... pesquisa também Oriente Médio, mais especificamente Líbano.

E aí ela dá aula numa universidade meio desconhecida antes, só que ela é doutoranda na USP. Então na hora de apresentar ela meus editores pediram para eu colocar antes a USP e depois apresentar ela com o título de professora. Então eu acho que tem é assim existe esse, essa questão sim dentro de jornalismo, de você exibir credibilidade. E aí via título da pessoa, mas pessoalmente quando eu procuro as fontes eu tento priorizar a especificidade da pesquisa dela e não a reputação da Universidade, até porque em geral muitas vezes eu acabo lendo a pesquisa para conseguir conversar com ela. Então dá para ter uma noção, sabe, o quanto ele tá bem formado também formatado tá com uma bibliografia.

André: É mais importante do ponto de vista editorial do que para você então?

Clara: Acho que sim e assim. Aconteceu de fato. Sei lá, eu fiz uma reportagem sobre reality shows, como reality shows estavam tradicionalmente eram esse lugar em que você colocava uma câmera numa casa e esperava as pessoas começarem um barraco, como começou e foi bem junto com a pandemia ali, você teve vários exemplos de reality shows que seguiam só uma pessoa então ou então que ficavam

concentrada de um certo ambiente. Então teve casamento às cegas, teve um que a Netflix que é um negócio estranho isso para ficar todo mundo, cada um no apartamento e você finge ser uma outra pessoa se você quiser e você só interage virtualmente. E aí eu encontrei uma professora que era uma ex-bbb, mas era uma pesquisadora de reality show. E aí foi muito legal, porque ela realmente tinha tipo, mas assim também por ter passado por aquela experiência ela tinha um cabedal assim muito legal de análise e a outra pessoa que eu entrevistei que, assim eu sou uma fã muito, muito grande dela, que é a Paula alguma coisa, ela escreveu o Show do Eu não sei se você conhece, então o nome dela aqui é muito legal. Mas enfim a Paula Sibilia, além de ser pesquisadora, esse livro é muito legal, recomendo muito embora, seja um pouco datado que ele fala sobre blog, mas o Show do Eu.

Mas eu assim eu sou muito muito muito entusiasmada com esse livro, ele foi muito importante dentro da minha trajetória acadêmica e aí quando eu comecei quando eu sugerir a pauta a primeira coisa que me viu a cabeça foi foi legal sabe vou em tempo de conversar com ela e foi muito legal, porque ela ela trata disso de uma maneira mais geral, mas ela não conhecia os produtos sobre os quais eu tava falando então ela conseguiu dar uma análise generalizada a pesquisa dela mudou muito né ao longo do tempo hoje, ela pesquisa muito mais essa coisa de humano super humanos como você modificação sua própria biologia e tal do que o que ela pesquisava antigamente e essa pessoa Acho que era da Unisinos alguma coisa assim acabou sendo uma fonte mais importante para matéria assim de ter argumentos ali que faziam bastante sentido.

Por que que aquilo ali estava acontecendo do que a fala da Paula que assim é muito sofisticado intelectualmente, tipo foi muito legal. Ter comentado sobre isso com ela, mas enfim tá aí um exemplo de que para mim é mais importante você encontrar uma pessoa especializada do que uma pessoa com uma grande reputação porque E aí eu acho que tem isso, né?

A academia eu sinto pelo menos ela tá sempre um pouco, ela tá sempre avançada em algum sentido em relação a gente e ela tá sempre atrasada em algum sentido em relação a gente em relação a imprensa. Então você vai pesquisar, quem escreveu sobre O casamento às cegas, uma semana depois do negócio da saída na Netflix, ninguém, não deu tempo, o trabalho acadêmico, ele funciona um ritmo diferente do jornalismo, então ou ... sabe de uma maneira mais geral, alguma tendência que está surgindo muito que a gente está tentando mapear, a gente conversa com esses analistas para tentar entender da perspectiva deles que tem essa o entendimento maior de um fenômeno, como eles vêm aquilo, mas muitas vezes já aconteceu, de eu entrevistar a pessoa e a pessoa ter que ver o filme, a série, o produto que eu tava citando para ela conseguir comentar porque ela não tinha tido contato com aquilo antes, então para mim quanto mais contato ela tiver com aquela arte especificamente que eu tiver falando, melhor para mim, porque vai se adequar mais rapidamente mais facilmente aquilo que eu tô explorando, né?

André: Maravilha. Muito boa resposta você já teve dificuldade? (Incompreensível)

Clara: Tipo, eu adoro entrevistar professor. Então, para mim ir para a área de mundo, não sendo correspondente internacional a gente acaba trabalhando muito conversando com analista porque vira uma coisa meio de repercussão assim, então primeiro eu descobri que é muito mais acessível do que eu achava que era, muitas vezes você vai mandar uma mensagem para um cara de Harvard e o cara vai escrever na mesma hora e falar OK, vamos falar às 3 horas, a única coisa que eu acho que de fato dá trabalho, assim, é que você precisa se munir da pesquisa daquele cara para poder perguntar, né?

E isso a gente não tem muito tempo para fazer, eu tento fazer um pouco mais horas que eu não tô trabalhando, que é ler o que o cara já escreveu, tentar pesquisar um pouco pais foram os livros dele, quais são as posições dele. Enfim. Desculpa André, pode falar...

André: Não, eu gostaria de até perguntar sobre isso mesmo, você acha que isso prejudica o trabalho, o produto, o trabalho final que você vai entregar a falta de tempo?

Clara: Sim, com certeza, mas eu também, assim... No início, no início do meu trabalho como o jornalista, dentro da redação, isso me frustrava mais do que me frustra hoje, porque muitas vezes eu ficava pensando tipo, nossa, se eu tivesse conseguido ler o livro inteiro desse cara antes de entrevistá-lo, em vez de só ler um Capítulo especificamente. Nossa, se eu pudesse ter aprendido sobre aquele assunto muito mais do que eu consegui aprender para aquele momento, sabe isso teria impactado muito a complexidade mesmo. E aí não sei, eu tenho essa crítica assim que eu acho que muito principalmente dentro da Cultura, eu tendo a achar que muitas das reportagens são muito superficiais. Eu sempre quero ler coisas um pouco mais densas e eu queria que você refletisse no meu trabalho também, então quando eu não conseguia, tipo muita densidade eu ficava frustrada assim, por isso, eu tô aqui para aprender, mas acaba que eu aprendo um grãozinho de cada coisa a cada dia, mas hoje assim, cinco anos depois eu também entendo que é primeiro é acumulativo. Isso é muito... isso é muito, muito legal nesse período onde eu trabalho hoje que é Mundo que é um ano depois assim, eu não tenho formação em relações internacionais, é um assunto que me interessa evidentemente, mas assim a quantidade de leitura que eu tenho em relação a isso e em relação ao que eu tenho sobre cinema, é basicamente nula porque realmente eu estudei bastante, né? Mas em um ano, as pessoas são muito conectadas, você aprende muita coisa então o que pode assim, eu tinha no início da carreira muito essa ansiedade de não saber o suficiente e é um saber cumulativo.

Em Mundo isso é muito mais porque é uma coisa que acontece na China impacta nos Estados Unidos e aí as coisas se conectam de uma maneira mais fácil para você conseguir fazer a linha do tempo ali, quando alguma coisa acontece, por exemplo, em Taiwan, então você fala e isso vai dar uma repercussão aqui é bem mais simples e acumulativo, mas enfim é uma frustração num certo sentido até porque eu gosto muito de matérias que são meio "entenda", não sei o quanto o próprio jornal gosta disso, mas eu é uma coisa que me interessa muito tipo, eu fiz recentemente foi "por que que o Catar é um mediador ...o principal mediador dos acordos entre o Hamas e o Israel e aí sabe um país micro no golfo que é a gente conhece ele no Brasil por causa da Copa e por abuso de Direitos Humanos da onde que chegaram à conclusão de que ele ia ser um ótimo mediador, é, então e eu não sabia de muita coisa, embora eu já saiba alguma coisa sobre países do Golfo, etc. Eu não sabia de muita coisa sobre o Catar antes de escrever a reportagem. Então esse tipo de pergunta eu acho que são perguntas que eu tenho a impressão de que as outras pessoas também se fazem é uma coisa que me guia muito no trabalho, uma coisa que eu gosto muito de fazer assim. E é cada vez que você faz uma matéria dessas você aprende mais, né? Depois eu sei bastante, mas assim eu sei um pouco mais que o público geral sobre a autoridade Palestina, sobre Arábia Saudita, sobre o Catar, essas coisas assim.

André: Clara, estou com dois minutos para encerrar esse link, eu tenho uma pergunta não sei se a gente consegue fazer assim a gente encerra, a próxima pergunta é o seguinte. Você já teve alguma dificuldade para encontrar um Historiador para alguma matéria? Qual foi?

Clara: Sim, não necessariamente historiador, mas que especialistas assim... eu tive recentemente não foi muito grande dificuldade assim, mas demorou um pouco para pessoa responder eu fiz uma matéria sobre mugshots por causa da mugshot do Trump. E aí eu recebi uma discussão que estava acontecendo sobre os Estados Unidos muito naquela época do Black Lives Matter sobre acabar com mugshots, porque eles seriam úteis num mundo em que a gente está sendo filmado o tempo inteiro? E aí as pessoas que eu entrei em contato, inicialmente não responderam. E era uma matéria que tipo tinha que entregar mais rápido, mas assim depois de dois dias alguém me respondeu e deu tudo certo. Então acontece às vezes acontece uma matéria não sair porque eu não tenho aquela pessoa, mas em geral dá certo. Agora melhor a gente terminar um cafezinho a gente já volta. Você tá com tempo, né? Tem eu entro daqui a uma hora e 15 minutos no trabalho. E aí eu trabalho de casa, então, tá? Tudo bem.

André: Clara, quais são as razões que te levam a buscar um Historiador para compor uma matéria?

Clara: Mas é isso assim, basicamente quando eu tô lidando com uma ...eu preciso de um contexto histórico na reportagem, eu vou buscar o especialista naquilo, que é um Historiador. Para outras questões, seria a mesma coisa. Você tem uma dúvida sobre geografia, você tem uma dúvida sobre física, eu vou entrar em contato com o físico e tirar aquela dúvida.

Ou às vezes vai ser uma conversa um pouco mais ampla porque a reportagem inteira se baseia naquilo. Mas essa é a lógica.

André: E como que você costuma creditar a fonte? E a instituição? Se ela for ligada alguma você coloca a pessoa como Historiador, Professor, pesquisador?

Clara: Na verdade vai colocar os três, né? Para você não ficar repetindo a palavra, mas em geral a primeira menção, a não ser que meu editor queira mudar isso por algum motivo ou outro, eu tendo a colocar como a pessoa se identificou. Então a primeira coisa que eu pergunto numa entrevista, então, a última é "como você gostaria de ser creditado". E aí a pessoa responde em geral com título completo dela, né, professora associada do Instituto de... da universidade e tal e eu não tenho isso. A não ser que meu editor, às vezes eles tiram, às vezes não, às vezes... é uma questão de impresso, de tá muito grande o texto, eles tiram partes desse estilo, ele mantém só Universidade, associada, mas a primeira em geral é professor de tal, tal tal tal tal coisa.

André: Você costuma creditar a instituição também quando você tá falando de alguém?

Clara: Sim, então, acho que se fosse por exemplo, se eu estivesse não foi o caso tá, mas se eu tivesse entrevistando a Inaê Lopes dos Santos sobre o livro dela de racismo no Brasil, provavelmente eu não necessariamente precisaria creditar ela via instituição, porque ela é autora de um livro e eu tô falando do livro, então é, talvez sim, diria que sim, mas talvez não não é uma coisa absolutamente necessária, mas eu em geral não tô falando sobre livros, em geral eu tô falando sobre questões e eu entrei em contato com aquela pessoa via instituição, muitas vezes, eu vi a CAPES, para falar sobre aquele assunto então sim, eu sinto a instituição também é o título da pessoa. A primeira coisa quando fazendo pauta assim, você vai para rua, povo fala pergunta você quer participar da reportagem, sim, qual o seu nome? Qual a sua idade? Qual a sua profissão? E é assim que você é creditado, no caso de historiadores e outros especialistas, a gente não coloca idade porque ela não tá lá na posição dela, né? Ela tá lá representando um saber, acho que é nesse sentido então a gente não coloca idade, mas coloca todo o resto do título dela.

André: Quando você tá trabalhando uma pauta e trata de um tem algum tema histórico envolvido. Quais aspectos você acha que são importantes levantar?

Clara: Depende, assim, se for uma questão de alguma maneira disputada, eu tento primeiramente achar pessoas que sejam representantes de perspectivas diversas.

Mas não sei se você responder essa pergunta porque ela é um pouco ampla.

André: Não tem problema. Quando você a gente já falou sobre isso um pouco isso mencionou, mas só para entrar aqui na pesquisa. Quando você escreve alguma matéria e tem um tema histórico ou contém algum Historiador, em quais editorias, você consegue identificar em quais elas são publicadas? Existe algum dia da semana que tem uma tendência maior de publicar?

Clara: Eu acho que todas as editorias, para mim é difícil pensar assim, talvez Mercado tenha menos coisas de história de contato com historiadores, né, e Tecnologia também é uma parte de mercado, mas e talvez saúde, né todas essas que são meio mais para as áreas exatas do que para as áreas de humanas, talvez não tenham necessidade de ter muito contato com Historiador embora, eu imagino que também tenha de vez em quando, por exemplo, a cobertura toda do Museu do Rio de Janeiro que pegou fogo, do Museu Nacional. Ela ficou em ciência porque era um museu disso, né? Era natural e não ficou na Ilustrada, por exemplo, apesar de ser um museu. E aí nesse sentido é uma cobertura que é de ciência, mas que certamente vai precisar do auxílio de historiadores para explicar a função daquela instituição, como ela surgiu, eu confesso que eu acompanhei a cobertura na época, mas como eu não produzia, eu não lembro muito detalhes, mas eu imagino que tem alguma coisa disso ali.

As áreas em que eu atuei... Ó é verdade, essas coisas mais práticas também não, turismo só se tivesse um Historiador ali naquele lugar assim, mas se bem que já fiz matéria de turismo em que eu fui procurar livro de história, é mas mercado imobiliário não necessariamente, carreiras não, carreiras certamente não, você não usa historiadores, mas na Ilustrada usava bastante, hoje Internacional uso bastante.

André: Maravilha, a gente vai pro terceiro eixo agora que é sobre a história na sua percepção, enquanto jornalista.

Não apenas como jornalista, como profissional, como pessoa também. Você entende que o veículo considera a história uma ciência? O veículo que você trabalha?

Clara: Eu diria que não. Mas não sei se a resposta é muito ela quase meio intuitiva assim, sabe, mas é mais no sentido de entender que existem muitas perspectivas, assim o meu entendimento de história, eu acho que é parecido com da Folha no sentido de que a gente entende que existem muitas e muitas maneiras de você contar um fato, se você pensar que ciência é uma coisa que pode ser comprovada, né, via inúmeras experiências, e aí não sei sair um pouco da discussão sobre pós-modernidade nesse meio, eu acho que não, assim tipo não se encaixa naquela definição de ciência com experimentos que podem ser comprovados e repetidos e sempre vai ter o mesmo resultado.

André: E essa é a sua opinião também, né?

Clara: Sim, a minha opinião é de que história é assim, eu sou meio cria de teorias pós modernas, né? Então acho que eu tenho esse entendimento da história como uma coisa que depende muito de com quem você está falando, assim.

André: Continuando essa linha na sua opinião, quais contribuições, então, o historiador e a produção do conhecimento histórico podem trazer para a sociedade?

Clara: De um lado é evidentemente assim você, vocês trabalham, não sei mais tarde comunicação, né? Mas os historiadores trabalham o tempo inteiro com fontes primárias que é uma coisa que a gente enquanto jornalista só faz no dia a dia, a gente não tá trabalhando com o conteúdo histórico de fontes primárias. Então acho que existem descobertas de fato que são feitas dia a dia com bases em novos documentos, em novos depoimentos, novas associações de informação que essas pessoas são capazes de fazer, eu diria que é esse o uso da história, mas acho que para além disso existem tendências dentro da história, né? Você tem sei lá eu por exemplo, eu contei que eu no meu TCC fiz, meu primeiro TCC foi sobre documentário em primeira pessoa e uma das fontes que eu usei foi um livro da Beatriz Sarlo que é uma Historiadora, eu acho, acho que a Argentina, é que era justamente sobre o surgimento dessas micro histórias, de como você que era uma tendência que não era muito comum antes lá nos anos 80,

etc, você costumava ver o mundo né via movimentos, via categorias sociais, e aí a partir ali dos anos 80, 90 dois mil, você começa a ter muito essa perspectiva individual e como pessoas, indivíduos podiam representar muitas vezes forças de antagonismo, né, como é que uma pessoa só pode ser representante de uma maneira de resistência, por exemplo, e isso começou a ficar muito comum dentro do campo da história de você encontrar essas micro histórias e formas de resistência que você não que não são sei lá, a pessoa fazer parte do partido comunista, então eu também vejo um pouco da história como reflexo da nossa cultura.

Justamente a história que você escreve e reescreve a partir de novos documentos etc também segue um pouco pensamento dos tempos, o que que a gente está olhando, então hoje você tá olhando muito para a questão do racismo hoje, você está olhando muito para questão de gênero. E aí eu acho que isso guia o olhar dos historiadores no sentido de encontrar novas evidências para pensar a partir dessas novas lentes, né que não eram comuns antes.

André: É comum que na imprensa que, não apenas na Folha ou no Estadão que eu tenho analisado, mas é comum que profissionais de outras áreas que escrevem alguma coisa sobre temas históricos, livros muitas vezes, eles sejam creditados como historiadores em matérias...

Clara: Isso é equivocado, porque você vai pegar um jornalista que escreveu uma biografia para falar que ele é muito historiador? Eu sou contra, eu acho...(incompreensível), enfim, que a ideia é que você tá consultando uma pessoa porque ela é uma especialista numa área, a especialização mal ou bem não é uma coisa que né caiu do céu para ela, ela tem uma formação ali, então ela não ser que ela tem uma pós-graduação de alguma maneira em história, eu não não usaria esse termo e não vejo assim, não sei fora as editorias em que eu trabalhei, mas como editora assistente não deixei, como repórter dentro da Ilustrada e dentro de Internacional, nunca fiz isso, sempre chequei a formação da pessoa.

Um exemplo, a gente tinha dentro da equipe uma pessoa que era formada em filosofia e ela batia muito na tecla de que uma pessoa formada em filosofia não é um filósofo, então não era para chamar de Djamilia Ribeiro se filósofa, era para falar que ela era formada em filosofia e eu acho que isso é muito para mim, pelo menos me deu uma visão muito crítica também da própria maneira como a gente se refere as pessoas e como titula elas e enfim, aí é isso para mim um historiador é uma pessoa que tem formação na área.

André: Você consideraria uma pós-graduação na formação, como mestrado e doutorado também?

Clara: Acho que sim, mas a gente já vai com bacharelado, né, tipo a primeira formação da pessoa e aí você coloca, tipo... Mas eu acho que sim, por exemplo, não sei uma pessoa que ela tem uma formação original de bacharelado em história, mas depois ela passou a ser, ela fez mestrado doutorado em relação internacionais, eu acho que tudo bem acreditava como Historiador internacionalista, para mim faz sentido, porque as pesquisas dela giram em torno disso.

André: E um jornalista que depois se formou também em História?

Clara: É que não acontece isso, muito sendo muito sincera, em geral, você não se depara com essa grande questão assim em geral. É só a pessoa se formou naquilo a professora daquilo. Então é isso eu não sinceramente vou falar que ela é uma historiadora, mas professora de história das relações internacionais em tal lugar e aí eu vou creditar ela assim, não vai depois eu vou continuar usando professora, pesquisadora e ela para me referir a ela ao longo do texto, provavelmente vão ser uns quatro parágrafos. Então ela vai estar dando a opinião dela, então não vai ter muito esse espaço para esse tipo de questão assim em relação. Eu acho que assim se eu me deparasse com a questão, eu talvez ficar

pensando será que ela é historiadora. Mas sendo muito sincera, eu acho que muitas vezes em que eu entrevistei historiadores, eles eram bacharéis em história e tinham escrito livros na área e não era uma grande questão assim.

André: Dois exemplos muito comuns isso daí, porque que eu tô trazendo, tem dois exemplos que são muito comuns, que é um é o Eduardo Bueno, que é um jornalista que escreve livros com temas históricos e o outro é o Laurentino Gomes.

Clara: Como a gente credita o Laurentino Gomes na Folha?

André: Muitas vezes como historiador, mas não só na Folha. Já vi documentários em que o Laurentino e o Eduardo Bueno são creditados como historiadores. Então essa era uma curiosidade que eu tinha, uma pergunta pertinente.

Clara: Assim, a gente escreve muitas coisas. Eu não tenho certeza que eu jamais tinha escrito alguma coisa do Laurentino Gomes, mas eu diria que eu creditaria ele como pesquisador e acharia que as outras pessoas também usariam pesquisador, mais que jornalista né? Porque hoje o trabalho dele como é mais como... mas por exemplo Rui Castro, ninguém vai falar que ele é um historiador, eu espero, apesar dele escrever livros de história.

André: Clara, a gente tá indo para as duas últimas perguntas e essa próxima aqui, ela é fechada também, tá? Eu vou colocar ela no chat.

Clara: André, qual a sua amostra mesmo? Só de curiosidade.

André: Estou com quatro pessoas no momento, eu tinha seis, eu diminuí para quatro. Clara: risos eu achei que fosse tipo elas desistiram, ia falar que eu conheço esse sentimento, muitas vezes as fontes me deixam na mão.

André: risos Não, não fiquei na mão, não. Eu priorizei algumas, eu tinha mais, mas eu tive que diminuir por uma questão de trabalho mesmo. Então eu priorizei algumas que pareceram, ao meu ver, eram mais interessantes falar né? Acho que iam contribuir mais e acho que eu fiz a escolha certa. Mas eu fiz uma análise de conteúdo muito grande também. Analisei mais de dois mil conteúdos antes de partir entrevistas.

Clara: Eu acho que, a sensação que eu tenho aqui as pessoas não entendem por causa de representações midiáticas, por causa de uma certa romantização, por causa de jornalismo televisivo, as pessoas não entendem tipo a quantidade de texto que se escreve. Eu por exemplo, escrevo muito hoje texto baseado em agência, mas que é a gente chama de cozinhar, você pega informação base de agência, mas você sai atrás de apuração de outros veículos. Às vezes você consegue, sei lá, fonte primária, tipo posts das pessoas nas redes sociais. E aí esse texto sai eu escrevi ele, mas ele não é assinado, só que se você for ver a quantidade de texto que você escreveu ao longo do ano é um negócio completamente insano assim, tipo são mais de 300 textos por ano então eu fico às vezes meio preocupado assim que eu não posso. Tem coisa que eu não lembro mais de ter escrito. Não sei não sei avaliar a qualidade do negócio, se eu de fato escrevi Historiador Laurentino Gomes ou não porque é um realmente uma máquina de moer carne assim, tipo muitos textos.

André: Quantas matérias você faz por semana, você tem ideia assim?

Clara: É que hoje Mundo e o Mundo, é isso na Ilustrada fazia muito reportagem de fato, e aí eu escrevia uma média de três a quatro reportagem por semana, e notinha mais precisasse. E aí tem tanta parte de preparação de texto, tipo online, você tem que fazer galeria, tem que linkar que demanda sei lá uns 40 minutos alguma coisa nesse sentido que também no dia a dia, assim, ajustar o título para caber naquilo, tipo tem um certo trabalho assim que é um trabalho mais braçal, mas que também demanda. Hoje eu não escrevo tantas reportagens, tanto é que se você for procurar assim, a gente tem uma página cada um para um jornalista dentro da Folha e você vai ver só as minhas matérias assinadas e minhas matérias assinadas hoje tem um GAP de tempo entre elas relativamente grande, pareceria aqui eu não tô com uma produção muito ativa, mas por dia eu escrevo pelo menos no mínimo três textos e aí são três textos de no mínimo 4 mil toques cada um.

André: Acho que a última matéria assinada tua, acho que é do final do mês passado, né?

Clara: É do Catar, eu publiquei ela, eu acho, não tenho certeza, mas eu publiquei ela foi pouco depois da vitória do Miley, eu acho.

André: Eu acho que tem uma sobre atos na Paulista.
(Incompreensível)

Clara: Um foi ele que viu não fui eu que é da mulher gritando e tem uma foto ótima dele.
Ok vamos, lá o conhecimento histórico é importante para compreensão do mundo verdadeiro.
B a área de história precisa de investimento público com licenças naturais verdadeiro historiadores são mais resistentes para dar entrevistas.

Tem essa coisa muito dentro da academia também que eu lembro muito de um professor uma vez falando de quando a gente lê um texto e aí você ler só o sobrenome da pessoa na situação a nossa primeira primeiro ímpeto é achar que é um homem, né? Porque a gente tem esse preconceito dos homens como donos do conhecimento. A academia durante muito tempo foi muito masculina, então é uma estrutura social que a gente reproduz inconscientemente. Mas e aí eu acho que por isso não necessariamente eu encontro tantas historiadoras, eu encontro tantas analistas muitas vezes, porque elas não estão na mesma posição de poder né? Tipo elas não são é isso. Preciso encontrar uma pessoa que vai falar sobre BRICS eu vou e eu preciso disso para ontem, então eu vou entrar em contato com a assessoria de imprensa que vai me dar os contatos.

Eu acho que a maioria das pessoas vão ser homens e não mulheres. Mas é o mesmo tempo, acho que entrando em contato. eu nunca tive assim essa percepção de resistência, eu diria que a resistência hoje para a gente é muito mais política, tipo uma pessoa que fala "Ah não eu não vou dar entrevista para Folha porque a folha é contra o Bolsonaro. Ah não eu não vou dar entrevista pela Folha" isso rolou comigo assim porque a Folha apoia o Hamas

E a gente tinha publicado dois dias antes uma reportagem explicando porque a gente ia chamar o Hamas de terrorista, então tipo acho que a resistência vai muito mais dessa percepção, principalmente como polarização etc do que é uma questão de gênero. Então talvez também porque eu seja uma jornalista mulher, né? Não sei como é que acontece isso de jornalistas homens. Cientistas de humanidade são mais resistentes a dar entrevista que das naturais, falso, e entre uma reportagem sobre uma pesquisa histórica e uma sobre um vírus é melhor investir na segunda opção poucas vezes. Acho que é falso...

É uma pergunta um pouco estranha, eu diria que nem todos os repórteres dependendo da área em que eles tiverem vão ter que escrever sobre vírus, muitos repórteres como eu te falei. Acho que mais editorias estariam necessitarem entrar em contato com o conteúdo histórico do que com vírus faz sentido e aí por

causa disso, você não vai pegar um especialista simplesmente porque você não precisa e a história tem pouco espaço na grande imprensa, falso, eu tô escrevendo conteúdo sobre história o tempo inteiro.

André: Não, tá ótimo. A última pergunta aqui. Se você faria alguma mudança na forma de produzir matérias jornalística sobre história e se você faria, quais?

Clara: Assim, meu desejo utópico seria a possibilidade de ter mais tempo para tudo, né tempo para encontrar fontes mais perfeitas para falar sobre aquele assunto, tempo de fato conseguir ler aquilo com bastante dedicação, tempo em geral para partir de uma base para entrevistar a pessoa que não seja um dois, e sim cinco, sabe tipo de conhecimento mesmo, mas foi o que eu te disse assim. Acho que não.

Jornalismo, a importância dele é justamente a rapidez dele então, tipo é mais importante eu conseguir fazer uma reportagem sobre o Qatar que saia no momento em que os acordos de reféns de troca de refém de palestinos saia, porque a pessoa vai conseguir conectar aquilo ao que aconteceu naquele momento, né? Ela vai ter esse material de apoio para entender. Ela vai ter um contexto para entender o que tá acontecendo no mundo do que publicar a reportagem em duas semanas depois em que não vai fazer sentido para pessoa ela saber qual a importância do Qatar para mediar do Oriente Médio.

Então, por mais que eu quisesse enquanto indivíduo ter mais tempo sempre, mas assim é utópico dentro da minha própria profissão e dentro do dia a dia do jornalismo, mas também é utópico dentro da vida assim, eu queria ter lido todos os dias do mundo e isso não vai ser possível, nunca eu tenho tava lá não tem nada a ver tão bonito, eu tava relendo o Jogo da Amarelinha, não sei se você conhece do cortada é um livro muito divertido em que você Você pode ler ele do Capítulo 1 ao capítulo, sei lá 63 na ordem certa ou Você pode ler da maneira como eu indica que você vai aí tem capítulo um capítulo dois Capítulo dois você vai para 94, aí você volta para 83, ele tem lá uma lista que a gente indica. E aí a brincadeira do jogo da amarelinha dependendo como você lê, são dois livros diferentes, tem gente que brinca que se você lê de várias vai dar certo de qualquer maneira.

Eu gosto muito do Cortázar, mas eu tava lendo, relendo, agora e tem um capítulo que é um dos Capítulos extras que ele fala que cada um tem pseudópodes de conhecimento, então algumas coisas vão passar invisíveis para alguns com base nesses que você vai conseguir ter em relação ao mundo, e outras vão ser visíveis e é muito difícil para uma pessoa conseguir ter tudo isso, né? Tipo é um gênio e ele não tem essa limitação, mas para o resto dos humanos você tem essa limitação. Então acho que é isso assim também falo isso enquanto pessoa e enquanto jornalista, eu vou ter limitações de tempo e eu vou tentar ser de conhecimento, mas eu quero muito acreditar que por ser esforçada e por ter, por existir uma técnica dentro do jornalismo que permita né aferição de informações ou seja capaz e tem essa discussão sobre múltiplos ponto de vista, por mais que a gente saiba que é impossível e que muitas vezes não faz sentido essa coisa de um lado x e um lado y e eles vão se compensar e vai existir um fato total. Acho que isso já tá derrubado, assim, enquanto entendimento, é mesmo assim. Acho que tem uma pluralidade, sabendo que eu preciso ter uma pluralidade de opiniões e sendo minimamente capaz de ter uma pequena base para partir e conversar com essas pessoas e com esses especialistas e eu consegui sugar o máximo de conhecimento deles, né? Já é válido, pelo menos para o que a gente quer que a gente não faz sentido nessas matérias, entenda, o que é vulgarizar, assim, ajudar a pessoa entender o contexto que está acontecendo.

Se você quiser, André, eu te mando as reportagens que eu citei também que eu acho que são mesmo não sei se te ajudam não se faz diferença ou não.

André: Tudo ajuda, tudo é válido e eu tenho interesse também interesse pessoal de ler entender. (incompreensível)...

Clara: Inclusive eu tenho bastante orgulho dele tá? Mas eu não sei hoje assim não revejo, ele é bastante tempo. Eu não sei o pão acho que bem pesquisado.
(incompreensível)

André: Falta de tempo para você lapidar um trabalho muitas vezes é mas eu não é não, é eu gosto é por isso que eu resolvi falar contigo, eu falei com que as pessoas com que eu gostei dos materiais, né? Interessante são, já finalizei só queria fazer uma pergunta aqui, você conhece a ANPUH, a associação de pesquisadores histórias Associação Nacional pesquisa histórica?

Clara: Não, não conheço.

André: Tá, então ia perguntar se você já consultou eles alguma vez para...

Clara: Não, não, uma coisa que a gente usa em Mundo que eu acho muito legal que você falasse coisas dentro do questionário tem uma eu não sei de cabeça, mas tem um site que reúne pesquisadoras da América Latina pesquisadoras de temas da América Latina. Isso é uma quando eu descobri isso foi super legal assim, porque virou uma grande base de conhecimento, então sei lá no final do ano passado a gente foi entrevistar mais 50 pesquisadores, cada um para comentar um tema que tivesse sido tivesse marcado o ano. Kirchner na Argentina e aí, eu achei uma pesquisadora nesse site, e era uma pesquisadora e é um agregador e esse tipo de agregadora ajuda muito no nosso trabalho. Tipo a gente até tem dentro da Folha uma um sheets que é de fontes assim de fontes plurais. E aí tem pessoas que falam sobre tecnologia que são negras pessoas. Enfim que você reúne essa tentativa de pluralidade assim, mas muito legal saber que existe uma associação, não sabia, não.

André: Clara, queria agradecer por seu tempo aí, muito obrigado mesmo, muito boa a conversa, muito boa mesmo.

Clara: Pelo menos alguém pode ajudar, né?

André: Ajuda, demais e eu te mando depois a transcrição, tá?

Clara: Fico à disposição, qualquer dúvida, a vai falando.

André: Então eu te desejo um bom final de semana uma boa viagem, né? Você vai viajar e a gente se fala qualquer coisa.

Clara: Eu vou caçar aqui as coisas que eu lembrei de ter te falado e te mando pelo WhatsApp, tá bom? Boa pesquisa aí, boa sorte, tchau.